

Finalmente a verdade . . .

sobre Jesus e Maomé

Este livro provocador apresenta uma análise factual dos dois homens mais influentes de todos os tempos _ Jesus, o fundador do Cristianismo, com 2 bilhões de aderentes, e Maomé, o fundador do Islão, com 1,3 bilhões de seguidores.

O Dr. Mark A. Gabriel leva-nos a caminhar ao lado de Jesus e Maomé, desde o nascimento à morte de ambos. Iremos descobrir que ambos foram sujeitos a profecias em criança, recomendados pelos primos, rejeitados pelos concidadãos e ajudados por doze discípulos. Com uma compreensão das suas biografias, estaremos preparados para comparar os seus ensinamentos, incluindo:

- Como se descreveram a si próprios
- Como reagiram aos desafios dos Judeus
- As curas e milagres que realizaram
- Orientações para uma oração aceitável
- Quando combater o inimigo
- O que ensinaram sobre as mulheres

A equilibrada comparação histórica do Dr. Gabriel abalará falsas imagens e dá-nos uma nova perspectiva da influência de Jesus e de Maomé no mundo moderno.



Mark A. Gabriel, PhD., cresceu como um devoto muçulmano no Egipto, obtendo um doutoramento em Estudos Islâmicos e ensinou na Universidade de Al-Azhar, no Cairo, a mais prestigiosa universidade islâmica do mundo. Como Cristão, durante os últimos dez anos obteve uma licenciatura em Religiões do Mundo e um doutoramento em Educação Cristã. Os seus livros anteriores incluem Islam and the Jews [O Islão e os Judeus] e Islam and Terrorism [O Islão e o Terrorismo].

**Charisma
HOUSE**
A STRANG COMPANY

General Interest / Other Religions / Islam
1-59185-291-9
51399
9 781591 852919 \$13.99

JESUS

e Maomé

e Maomé

Diferenças Profundas e Semelhanças Surpreendentes

MARK A. GABRIEL, PhD

MARK A. GABRIEL, PhD

Charisma
HOUSE

Ex-professor de História Islâmica na Universidade de Al-Azhar, Cairo, Egipto

JESUS

^e
Maomé

MARK A. GABRIEL, PHD



A missão da Editora En Su Palabra é servir a igreja de línguas ibéricas, fornecendo-lhe materiais pedagógicos e de inspiração, escritos por nacionais e para nacionais.

A menos que haja indicação em contrário, as citações do Alcorão foram extraídas de O Sagrado Alcorão, Texto Árabe e Tradução Portuguesa, publicado sob os auspícios de Hadhrat Mirza Tahir Ahmad, Quarto Sucessor do Messias Prometido Chefe da Comunidade Ahmadiyya do Islão, publicado por Islam International Publications Limited, “Islamabad”, Sheephatch Lane, Tilford, Farnham , Surrey GU10 2AQ, Reino Unido.

As citações do Alcorão assinaladas TRADUÇÃO DE ALI são de The Quran Translation, 7ª edição, de Abdullah Yusef Ali (Elmhurst, NY: Tahrike Tarsile Quran, Inc., 2001).

A menos que haja indicação em contrário, as citações da Escritura são da Bíblia Sagrada, Tradução Interconfessional do Hebraico, do Aramaico e do Grego em Português corrente, Edição da Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, 1998.

As citações bíblicas assinaladas JFA são da tradução João Ferreira de Almeida.

Nota do Autor: Tendo pesquisado cuidadosamente a informação, creio que a cronologia da vida de Jesus é mais bem representada como surge em Life Application Bible, versão árabe (Países Baixos: Tyndale House Publishers, 1999). Por essa razão, quaisquer referências ao nascimento, vida e morte de Jesus são citadas dessa fonte.

N. do T. — Para a designação do fundador do Islamismo, optou-se pela versão francesa do seu nome — Maomé — mais conhecida entre os Portugueses.

ISBN 0-9769966-3-4

© 2006 Editora En Su Palabra

Reservados todos os direitos. Proibida a reprodução parcial ou total, excepto breve citação, sem a autorização prévia da Editora En Su Palabra.

Para encomendas, consultar www.ensupalabra.com.

Tradutor: Jorge Pinheiro

Capa: Karen Grindley

Printed in Miami, FL., USA

Dedicado aos
Estados Unidos da América
e ao povo americano
que me abriu o seu país
e me recebeu com amor.
Que este livro os leve
a uma perfeita compreensão
da vida e ensinamentos
de Jesus e Maomé.

Vosso servo,
Mark A. Gabriel

Índice

Introdução	vii
------------------	-----

SECÇÃO 1

OS MEUS ANTECEDENTES

1. Educado no Islão	1
2. Deixando a Universidade	5
3. O Dia em que Vi Jesus e Maomé Lado a Lado	16

SECÇÃO 2

A VIDA DE JESUS E DE MAOMÉ

4. Destinos da Infância	23
5. O Início das Revelações	30
6. A Reacção das Pessoas às Mensagens	39
7. Difundindo a Mensagem	48
8. Os Últimos Dias	59
9. Cronologias	69

SECÇÃO 3

O LEGADO DE AMBOS EM PALAVRAS E ACÇÕES

10. As Suas Mensagens ao Mundo	77
11. Os Seus Ensinos Um Sobre o Outro	93
12. Curas e Milagres	104
13. O Significado de Guerra Santa	121
14. Ensinos Sobre o Amor	142

15. Ensinos Sobre a Oração	153
16. Atitudes para com as Mulheres	166
17. Coincidências Interessantes	186
18. Uma Comparação de Ensinos Práticos	191

SECÇÃO 4

CONCLUSÃO

19. Resumo dos Pontos Principais	201
20. A Minha Decisão Pessoal	210
Epílogo	216
Apêndice A: As Fontes de Informação	
Sobre Jesus e Maomé	219
Apêndice B: Os Ensinos Islâmicos Respeitantes às	
Profecias Bíblicas Sobre Maomé	231
Apêndice C: Profecias do Velho Testamento	
Sobre Jesus	235
Apêndice D: Jesus no Alcorão e na Bíblia	238
Notas	240
Bibliografia	253
Credenciais Académicas do Autor	255

Introdução

Inquestionavelmente, Jesus e Maomé são as duas pessoas mais influentes que jamais existiram. Hoje, podemos ver a sua influência nas duas maiores religiões do mundo: o Cristianismo, com mais de dois biliões de seguidores, e o Islão, com 1,3 biliões.

Um grande abismo interpõe-se entre estes dois grupos. Muitos Cristãos reconhecem terem muito pouco conhecimento do que Maomé fez e ensinou. Por outro lado, os Muçulmanos acreditam que compreendem quem Jesus era e o que ensinou, mas as suas crenças entram em conflito com os ensinamentos do Novo Testamento.

E esta é a questão: como podemos ter ao mesmo tempo um retrato verdadeiro destes dois homens?

Primeiro, temos de reconhecer um importante princípio: devemos distinguir o líder dos seguidores.

Não podemos olhar para os Cristãos para saber o que Jesus ensinou, nem para os muçulmanos para determinar o ensino de Maomé. Não nos devemos concentrar nas acções dos que se chamam Muçulmanos ou Cristãos. Não importa quantos terroristas se chamam a si mesmos muçulmanos, nem interessa quantos nazis ou cruzados se afirmavam cristãos.

Em vez disso, devemos analisar directamente os ensinamentos e acções de Jesus e Maomé, conforme estão registados nas fontes mais fidedignas.

Há uma grande diferença entre uma análise pessoal das fontes e confiar na análise dos outros dessas mesmas fontes. Creio que essa é a razão de os Muçulmanos não compreenderem Jesus e de os Cristãos não entenderem Maomé.

A minha intenção com este livro é ser vosso guia e levar-vos às fontes originais para poderem conhecer pessoalmente estes dois homens.

Poderão perguntar quais as minhas qualificações para esta tarefa. Respondo que já conheci estes dois homens. Embora tenha agora um nome cristão, nasci com nome muçulmano. Embora tenha um doutoramento em Educação Cristã, tenho também um outro em história e cultura islâmicas atribuído pela Universidade Al-Azhar, no Cairo. Embora este livro tenha sido escrito em inglês, a minha língua-mãe é o Árabe. Vivi em ambos os mundos.

No mundo ocidental, há muita gente com conhecimento da vida de Jesus. E no mundo islâmico, podemos encontrar muitos Muçulmanos peritos na vida de Maomé. Mas é difícil encontrar quem fale ao mundo ocidental sobre Maomé a

VIII *Jesus E Maomé*

partir das fontes originais. É por essa razão que penso ter algo de especial a oferecer.

Em relação à informação das fontes, recomendo vivamente a leitura do Apêndice A deste livro, que descreve as fontes que utilizei para dar informação sobre Maomé e Jesus. Para um ocidental, é quase impossível compreender as citações das fontes islâmicas sem ler esse Apêndice.

O restante livro está logicamente organizado para vos orientar através dos seguintes tópicos:

- ♦ Na Secção 1, apresento os meus antecedentes e de que modo cotejei a vida de Jesus e de Maomé. Quando escrevo ou falo, raramente descrevo a minha formação em pormenor, mas faço-o neste livro porque quero que o meu leitor saiba que a informação sobre Maomé vem de uma fonte qualificada. Se não estiver interessado em ler a minha história, passe à Secção 2.
- ♦ Na Secção 2, falo do que Jesus e Maomé fizeram com as suas vidas. É aqui que encontramos alguns paralelos espantosos, como o facto de ambos terem sido alvo de profecia em criança, ambos terem primos que os apresentaram a público, ambos foram rejeitados pela sua cidade-natal e ambos foram ajudados por doze discípulos. Esta secção coloca Jesus e Maomé lado a lado, do nascimento à sua morte.
- ♦ A Secção 3 concentra-se no legado que deixaram com os seus ensinamentos e exemplo. Tornam-se evidentes profundas diferenças. Primeiro, ficamos a saber o que cada um reivindicou ser e qual a sua mensagem ao mundo. Segue-se uma informação sobre o que Maomé disse sobre Jesus e o que Jesus poderia ter dito sobre Maomé. Depois, examinaremos as actividades que lhes dominaram a vida — Jesus, com curas e milagres; Maomé, com a guerra santa. Os capítulos catorze, quinze e dezasseis comparam os seus ensinamentos sobre amor, oração e mulheres. Esta secção termina com dois capítulos que focam citações que mostram (1) uma comparação da reacção de Jesus e Maomé a quatro situações espantosamente semelhantes e (2) os seus ensinamentos sobre oito assuntos fundamentais, comparados versículo por versículo.

- ♦ Na Secção 4, resumo os factos importantes sobre Jesus e Maomé e descrevo o que me aconteceu pessoalmente, depois de ver Jesus e Maomé lado a lado.

Se estiver a ler este livro num país livre, é um privilegiado. Goza do direito de explorar ideias à sua vontade. Muitos dos que vivem no mundo muçulmano nunca obterão a informação contida neste livro. Os seus líderes irão impedir que isso aconteça. Contudo, tanto a Bíblia como o Alcorão dizem que a verdade se revelará por si só (Actos 5:33-40; Sura 2:256). Então, examinemos os factos sobre Jesus e Maomé.

SECÇÃO 1
OS MEUS ANTECEDENTES

Educado no Islão

Estava um belo dia de Inverno no Egipto. O ar apresentava-se frio e o sol brilhava com intensidade. Acabara de tomar o pequeno-almoço em casa, onde vivia com minha mãe, meu pai, irmãos, irmã, avô e um tio. Tinha então cinco anos, mas recordo-me perfeitamente desse dia.

O meu tio disse-me: “Vamos ler juntos o Alcorão. Tens o teu exemplar?” Fui buscar um livro fino que ele me dera dias antes. Não era todo o Alcorão, mas uma das suas trinta partes.

O meu tio acabara de se graduar pela mais prestigiosa universidade islâmica do mundo, Al-Azhar, no Cairo. Ainda na casa dos trinta anos, era agora o imã da maior mesquita da nossa área e um homem reverenciado por todos os Muçulmanos devotos.

Atravessámos de mãos dadas a rua até ao pomar da nossa família, plantado com videiras, figueiras e laranjeiras. O pomar situava-se perto de um canal e quando nos sentámos na sua margem, pudemos ver pescadores, barcos a remos e lavradores que levavam os seus búfalos a beber e a banhar-se nas águas.

O meu tio começou a ler. As palavras eram familiares porque as ouvira durante toda a minha vida — na mesquita, na rádio e do recitador do Alcorão a quem pagávamos para vir até nossa casa. O meu tio leu o primeiro versículo do último capítulo do Alcorão. Depois, pediu que o repetisse. Assim o fiz. Depois, corrigiu-me a pronúncia do árabe clássico e disse-me que repetisse. Assim o fiz. Procedemos deste modo até eu ter decorado na perfeição este versículo. Depois, passámos ao versículo 2.

Procedemos deste modo com três ou quatro versículos. A dada altura, fomos interrompidos. Havia sempre pessoas a querer colocar perguntas ao meu tio sobre problemas da fé e leis islâmicas, porque ele era um dos

poucos eruditos que viviam na nossa zona. Enquanto esperava por ele, pus-me a brincar à beira da água. Depois, ele chamou-me: “Vai ter com a mamã e diz-lhe que te prepare para irmos até à mesquita”.

Voltei para casa e quando entrei, ouvi o meu avô a chamar-me do quarto: “Anda cá”. O meu avô tinha cerca de oitenta anos e cegara. Eu gostava muito dele e corri para o seu quarto onde se encontrava deitado e beijei-lhe a mão. Depois, pulei para a cama e dei-lhe um grande abraço. Ele perguntou: “Leste o Alcorão?”

Respondi-lhe que sim.

“Então, recita”, pediu-me, o que fiz.

Ficou muito contente por me ouvir. “Rapaz”, disse ele, “louvo a Alá por ti. Vais decorar todo o Alcorão, vais ser a candeia do nosso lar.

Acenei com a cabeça e depois saí do quarto para me preparar para ir à mesquita. Era sexta-feira, o dia santo do Islão, quando o sermão é pregado na mesquita. A minha mãe ajudou-me a vestir a capa branca com o capuz — a nossa vestimenta tradicional para ir à mesquita. Depois de o meu tio se arranjar, percorremos a meia milha que separava a minha casa da mesquita. O meu tio pregou o sermão e o meu pai, irmãos e eu sentámo-nos na fila da frente dos homens. A minha mãe, irmã e outras familiares sentaram-se na retaguarda, na zona das mulheres.

É assim que me recordo do dia em que comecei a decorar o Alcorão.

UMA FORMA DE VIDA

A partir desse dia, o meu tio tornou-se o meu mentor. Ensinava-me numa base quase diária.

Quando completei seis anos, inscreveu-me na escola primária Al-Azhar. Na nossa província, havia cinquenta escolas primárias seculares, mas apenas uma Al-Azhar. Esta escola da elite especializara-se em educação religiosa islâmica. Nenhum dos meus irmãos a frequentara, mas da parte deles não houve inveja nem raiva. Ficaram orgulhosos e deram-me os parabéns. As pessoas começaram a chamar-me “Pequeno xequê”.

Fiz mais do que a escola exigia. O meu tio ajudava-me constantemente para conseguir decorar todo o Alcorão (tem quase a extensão do Novo Testamento) com uma idade muito precoce.

Quase todas as manhãs, ia com o meu pai e o meu tio às orações matutinas na mesquita, que começavam por volta das 3 e meia da manhã e terminavam cerca de uma hora depois (dependendo da época do ano). Depois das orações, o meu pai e o meu tio costumavam ir para casa dormir mais duas horas antes de partirem para o trabalho. Habitualmente eu ficava na mesquita com o meu exemplar do Alcorão. Antes de começar a decorar os novos versículos, testava os que eu estudara nos dois dias anteriores. Depois de me certificar que os decorara bem, passava aos seguintes.

Lia o primeiro versículo da passagem. Depois, fechava o Alcorão e repetia-o, andando de um lado para o outro na mesquita. Depois de fixado o primeiro versículo, abria o meu Alcorão e lia o segundo. Prosseguia deste modo até ter decorado tudo.

Tinha muito cuidado em reter o que aprendera, pelo que gastava dois ou três dias por mês a fazer revisões. Se me perguntassem alguma coisa que eu memorizara meses antes, estava tudo muito nítido na minha memória.

SETE ANOS DEPOIS...

O meu tio não só me ajudava a decorar como se certificava de que eu também compreendia o Árabe clássico — a língua do Alcorão. O falante árabe vulgar não lê nem entende muito bem este tipo de Árabe e aprendê-lo era uma parte fundamental de uma educação religiosa.

Durante sete anos, o meu tio ajudou-me, versículo por versículo, capítulo por capítulo. Quando atingi os doze anos de idade, acabara de decorar o Alcorão. Segundo o sistema educativo Al-Azhar, só era exigido que acabasse de o memorizar apenas depois de concluir o grau de bacharel na universidade.

É escusado dizer que a minha família ficou encantada. Prepararam uma grande festa para todo o clã, numa enorme sala construída para acontecimentos especiais do nosso clã. Nunca me esquecerei do meu avô cego a chamar-me: “Meu filho, onde está o meu filho?” Corri para ele e dei-lhe um grande abraço, sentindo-lhe as lágrimas a correr-lhe pelo rosto.

A aprendizagem do Alcorão colocou-me numa posição que me

granjeou um enorme respeito como criança. As pessoas tratavam-me como um santo, porque trazia o livro santo na cabeça.

A partir daquele momento, lia e revia sistematicamente o Alcorão para me certificar de que não me esquecera do que aprendera.

SUCESSO NOS ESTUDOS

Quando entrei no liceu Al-Azhar, uma das principais tarefa era decorar as passagens mais importantes dos hadith.

Muitos ocidentais desconhecem o que são os hadiths, pelo que vou explicar em que consistem. Os hadith são os relatos dos ensinamentos e acções de Maomé. Esses relatos foram registados pelos seus seguidores mais íntimos, pelos seus servos e mesmo pelas esposas. Por exemplo, um hadith pode descrever como Maomé orava, como resolveu uma disputa entre dois muçulmanos ou um evento ocorrido durante uma batalha. Alguns hadith contêm apenas uma única frase, enquanto outros ocupam uma a duas páginas. A extensão habitual é de cerca de três parágrafos.

Os seguidores de Maomé foram muito dedicados a registar tudo quanto ele fez e disse. Há mais de meio milhão de hadith! (Para mais informação, consultar o Apêndice A).

Claro que nenhum de nós iria decorar todos os hadith. Mas a escola fizera uma certa selecção deles para decorarmos em cada semestre. No primeiro dia das aulas de hadith, o professor distribuía o livro com os hadith que deveríamos decorar durante esse semestre. Cada livro continha várias centenas.

Decorávamos um a três hadith por dia durante o ano escolar. O meu tio também me ajudava a memorizar hadith adicionais e tomei a iniciativa de decorar alguns extra. O meu tio estava a preparar-me para pregar na mesquita, o que comecei a fazer ocasionalmente, quando ainda frequentava o liceu, após cuja conclusão calculo que tenha decorado entre cinco mil e seis mil.

É escusado dizer que a educação religiosa no liceu era muito meticulosa. Quando os alunos terminavam o liceu Al-Azhar, aos dezoito anos de idade, estavam qualificados para dirigir orações e ensinar nas mesquitas sem mais qualquer formação.

Nessa altura, eu era um Muçulmano devoto. O meu coração estava decidido a seguir o exemplo de Maomé em tudo quanto eu fazia.

NA UNIVERSIDADE

Depois de concluir o liceu, um dos meus irmãos sugeriu-me que frequentasse a Escola de Farmácia, mas a restante família incitou-me a continuar os estudos religiosos. Por isso, inscrevi-me na Universidade Al-Azhar no Cairo e optei por estudar no Instituto de Língua Árabe, tal como o meu tio, que era meu mentor, fizera antes de mim.

Qualquer pessoa de formação islâmica está familiarizada com a Universidade Azhar porque é a escola mais importante do mundo muçulmano. É difícil descrever aos ocidentais a sua influência porque no Ocidente não há universidade com um estatuto equivalente. É espantosamente grande — cerca de noventa mil alunos em instalações por todo o Egito. É extremamente antiga — a Grande Mesquita em Al-Azhar foi concluída no ano 972 a.C. e as palestras académicas começaram três anos e meio depois.¹ É unanimemente respeitada — descrita nos média islâmicos como a “mais alta autoridade do Islão sunita”.

Sempre gostei de estudar história, pelo que escolhi história e cultura islâmicas. Queria aprender mais sobre a paciência, coragem e consagração de Maomé e dos seus companheiros que tanto admirava.

No meu primeiro dia de aulas, foi com surpresa que percebi o tipo de educação que estava prestes a receber. O xequé que deu a primeira aula do dia era um indivíduo baixo de pele escura, um pequeno bigode e óculos com lentes muito grossas, que nos disse: “O que vos disser deve ser aceite como verdade. Não tolero qualquer forma de discussão na aula. O que eu não disser não merece ser conhecido. Ouçam e obedeçam e não façam quaisquer perguntas”.

Fiquei perturbado com esta filosofia e levantei-me para falar. O xequé deu logo por mim, porque eu estava sentado na segunda fila. Perguntei-lhe: “Mestre xequé, como pode haver ensino sem perguntas?”

“De onde és, rapaz?”, perguntou.

“Do Egito”, respondi, esquecendo-me que era óbvio ser Egípcio.

“Eu sei... mas de que parte do Egito?”

Disse-lhe o nome da minha região, ao que ele retorquiu: “Então, não passas de um burro ignorante!” Disse isso porque as pessoas da minha região eram desprezadas,

Repliquei: “Sim, devo ser um burro para deixar a minha casa e vir para aqui ser insultado”.

A turma estava em silêncio. Saí do meu lugar e dirigi-me para a porta. O xeque gritou-me “Pára aí, seu animal! Como te chamas?”

“Não é honra nenhum dizer-lhe o meu nome”, respondi com frieza.

Perante isto, o xeque ficou irritado e começou a ameaçar-me riscar o meu nome da lista de alunos da universidade e mandar-me para a rua. Deixei a sala e dirigi-me ao deão da faculdade, a quem contei o que se passara. No fim da aula, o xeque foi chamado ao seu gabinete.

Habilidosamente, o deão convenceu-o a perdoar-me e também me convenceu a ser mais tolerante. “Considera-o como uma figura paterna”, disse ele, “que só deseja corrigir-te e não insultar-te”.

Este incidente introduziu-me no mundo do silêncio e da submissão exigido na universidade. O nosso método de estudo consistia em ler os livros escritos pelos maiores eruditos do Islão, tanto modernos como antigos. Depois, tínhamos de elaborar uma lista dos pontos principais de cada livro e decorar a lista. Havia testes escritos em cada disciplina e alguns professores pediam relatórios. Também estudava adicionalmente literatura e poesia árabe para meu prazer pessoal.

Apesar de tudo, muitas vezes colocava aos meus professores perguntas que eles não apreciavam.

DEMASIADAS PERGUNTAS

Por exemplo, certa vez perguntei a um professor: “Porque é que Maomé nos disse primeiro para nos darmos bem com os Cristãos e depois disse para os matarmos?”

O professor replicou: “O que o profeta te diz para fazer, faz. O que ele proíbe, está proibido. O que ele autoriza, respeita. Não és um verdadeiro muçulmano se não te sujeitares às palavras de Maomé”.

Perguntei a um outro professor: “Porque é que o profeta Maomé pôde casar-se com treze mulheres e é-nos ordenado que não nos casemos com

mais do que quatro? O Alcorão diz que Maomé era um ser humano. Então, porque é que tinha direitos extra?”

O meu professor replicou: “Não. Se analisares com cuidado, verás que Alá te deu mais direitos que ao próprio profeta. Alá exige que não te cases com mais do que quatro. Mas tens a possibilidade de te divorciar. Então, podes casar-te com quatro hoje e divorciaries-te delas amanhã e casares-te com outras quatro. Assim, podes ter um número ilimitado de esposas”.

Para mim, esta não era uma resposta lógica, em especial porque a história islâmica indica que Maomé teve também o direito de se divorciar. Maomé enfrentou tantas dificuldades com as suas mulheres que certa vez ameaçou divorciar-se delas todas.

Cheguei mesmo a questionar o Xequê Omar Abdel Rahman, bem conhecido por ser considerado o cérebro do ataque bombista contra os World Trade Centers em 1993. Quando frequentei Al-Azhar, ele era professor da minha turma em interpretação corânica.

Deu-nos oportunidade de lhe colocar perguntas, pelo que levantei-me à frente de quinhentos alunos e perguntei: “Porque é que só nos ensina a jihad? Porque é que não aborda os outros versículos do Alcorão que falam de paz, amor e perdão?”

Ficou logo vermelho. Podia ver a sua raiva. Mas pude ver também que conseguiu controlar-se. Em vez de gritar, aproveitou a oportunidade para reforçar a sua posição: “Meu irmão”, disse ele, “há uma sura [capítulo do Alcorão] completa chamada “Despojos da Guerra”. Não há nenhuma sura chamada “Paz”. A Jihad e a morte estão à cabeça do Islão. Se as tirares, cortas a cabeça do Islão”. As respostas que recebi dele e de outros professores não me satisfizeram.

Alguns classificaram-me de perturbador, mas outros foram tolerantes, crendo que eu queria sinceramente aprender.

Ao mesmo tempo, excedia-me nos estudos. Ao fim de quatro anos, graduei-me, sendo o segundo num conjunto de seis mil alunos. Esta classificação baseava-se nas pontuações dos exames escritos e orais realizados no final de cada ano de estudo. O exame oral concentrava-se na memorização do Alcorão e dos hadith e as provas escritas abarcavam temas que estudávamos nas aulas. Em cada ano, podia-se atingir um máximo de mil e quinhentos pontos.

LICENCIATURA E ENSINO

Antes de concluir a licenciatura, cumpri um ano de instrução militar obrigatória nas forças armadas. Após a conclusão, regressei a Al-Azhar. Nesta altura, decidira que nenhum professor ou xeque iria ajudar-me a responder às minhas dúvidas. Teria de ser eu a encontrar as respostas. A preparação da minha tese de licenciatura foi uma oportunidade perfeita.

Não havia ninguém que me dissesse o que deveria ler, pelo que analisei uma grande diversidade de material sobre a história islâmica. Contudo, em vez de encontrar respostas, comecei a ficar cada vez mais desiludido com o Islão. Sem exagero de qualquer tipo, posso dizer que a história islâmica é uma história de violência e de derramamento de sangue desde os tempos de Maomé aos nossos dias. Quando analisava os ensinamentos do Alcorão e de Maomé, podia ver a razão de a história islâmica ter seguido o rumo que tomou. E interrogava-me: Que Deus concordaria com tal destruição da vida humana? Mas reservei para mim este tipo de pergunta.

A minha tese de licenciatura causou grande agitação. Evitei questionar o Islão, mas toquei na questão controversa do tipo de governo que deveria ter uma nação islâmica. O governo egípcio gostou das minhas ideias e preparou uma difusão directa da defesa da minha tese pela estação radiofónica Santo Alcorão.

Exteriormente, parecia ter muito sucesso. A universidade pediu-me que comesse a ensinar na minha área de conhecimentos — história e cultura islâmicas. Aos vinte e oito anos de idade, era um dos mais jovens professores que ali leccionaram. Também dirigia orações e pregava numa mesquita nos arredores do Cairo. Contudo, interiormente, continuava ainda à procura da verdade.

Neste ponto, já não controlava de facto a minha vida. Não podia parar e pus-me à procura de um outro emprego. A universidade, a minha família, a minha comunidade interrogava-se sobre as razões de eu agir assim. Não era lógico abandonar toda esta formação. Não tive outra saída senão continuar este percurso. Comecei a trabalhar no meu doutoramento.

Deixando a Universidade

Passei dois anos em pesquisas para o meu doutoramento. Durante esse tempo, assumi duas grandes responsabilidades. Leccionava para a Al-Azhar, tanto na universidade do Cairo como em outras universidades islâmicas por todo o Médio Oriente. Era também líder de uma pequena mesquita. Dirigia a primeira, a quarta e a quinta orações do dia e às sextas-feiras, pregava o sermão e dirigia as orações desse dia.

Gostava de ensinar e de falar aos alunos. Ao fim de algum tempo, comecei uma nova forma de ensino: permitia o debate e deixava que os alunos colocassem perguntas, o que era uma coisa perigosa. Por exemplo, quando estava a ensinar sobre os primeiros líderes do império islâmico, chegámos à história de Muwawiya e do seu filho, o tema da minha tese. Muwawiya foi um dos homens que transcreveu as revelações corânicas para Maomé que não sabia ler nem escrever. Tornou-se o quinto governante do mundo islâmico depois de Maomé. Antes de morrer, aconselhou o filho a perseguir e a matar quatro homens específicos que ameaçavam a possibilidade de o seu filho se tornar o líder seguinte do Islão. O filho seguiu o seu conselho; excedeu mesmo as recomendações do pai e matou o neto de Maomé a fim de garantir a sua posição. Disse aos alunos: “Procuremos Deus nesta situação. Precisamos de procurar a misericórdia e o amor nesta situação”.

Queria estabelecer um novo espírito na turma. Quando fui aluno, isso não me foi permitido. Queria que eles pensassem livremente e usassem o cérebro sem recearem as repercussões.

Muitos dos alunos estavam dispostos a pensar criticamente. Um perguntou: “Este hadith é verdadeiro? Talvez tenha sido inventado pelos Judeus”. Levei-o até às origens e respondi: “É verdadeiro. Não foi forjado”. Então começaram a pensar apenas na questão. Mas os alunos

radicais achavam que eu estava a acusar o Islão. “Alá, perdoa-nos!”, gritaram. “És o nosso professor. Fala-nos do Islão. Estás a confundir-nos”.

Estes alunos dirigiram-se aos líderes da universidade e disseram. “Este professor é perigoso. Não sabemos se ele ainda é um muçulmano ou se é um convertido”.

Al-Azhar tem um grande receio de ser invadida pelo interior por uma força estranha. O chefe do meu departamento convocou-me para uma reunião. Pensei que a universidade poderia arruinar-me, mas também pensava: Estes professores conhecem-me. Conhecem o meu coração e o meu desejo de aprender. Também sabem que as minhas perguntas não são coisa nova.

Na nossa reunião, o chefe do meu departamento descobriu o desenvolvimento dos meus pensamentos. Ficou assustado. “Meu filho”, disse ele, “não podemos tratar este assunto deste modo. Há orientações a que temos de nos sujeitar. Não podemos pensar mais do que o próprio profeta ou mais do que Alá. Quando estiveres confuso, limita-te a dizer: “Alá e o seu profeta conhecem a verdade”. Deixa essas coisas nas suas mãos e avança”. Mas ele percebeu que era preciso tomar cuidado comigo.

Fui convocado para uma outra reunião com o comité da universidade para a aplicação da lei. A princípio, tudo decorreu bem. Não queriam que eu sáísse da universidade e criticasse o Islão.

A princípio, foram comedidos. Interrogaram-me sobre a minha vida, o meu lar e a minha família. Depois, falaram das minhas aulas e dos alunos. Por fim, desafiaram-me: “Porque fazes perguntas destas? Não sabes que deves tratar este assunto da forma como todos aprendemos a fazer? Sabes muito, mas por muito que aprendamos, estaremos longe da verdade. Tem disciplina. Fala do que compreendes. Onde tiveres dúvidas, diz “Alá e o seu profeta é que sabem”.”

Perguntaram-me: “Estudaste A Espada no Pescoço do Incrédulo, como te mandámos?” Este livro convoca os Muçulmanos a aceitarem os ensinamentos de Maomé sem qualquer discussão.

Respondi-lhes: “Li-o tantas vezes que decorei-o quase todo, como ao Alcorão”.

Neste ponto, tinha uma opção. Podia negar qualquer desvio, concordar em ensinar da forma tradicional e tudo ficaria bem. Em vez disso, disse-lhes

o que de facto eu pensava e respondi: “Escutem. O que vou dizer-vos não significa que queira acusar o Islão ou o profeta. Creio nisto de todo o meu coração. Vocês conhecem-me. Vocês amam-me. Por favor, não me acusem. Encontrem uma forma de me ajudar e de responder às minhas questões.

“Dizemos que o Alcorão vem directamente de Alá, mas eu duvido. Vejo nele os pensamentos de um homem, não as palavras de um Deus verdadeiro”.

O ambiente da reunião alterou-se. Um dos homens ficou furioso. Levantou-se, pôs-se à minha frente e cuspiu-me no rosto. “Seu blasfemo!”, gritou. “A tua mãe é uma bastarda”. Percebi pelo seu rosto que se não estivéssemos numa reunião com outras pessoas, ele me teria morto nesse preciso instante. “Sai daqui”, ordenou.

Levantei-me para sair. Nesse momento, todo o corpo me tremia e eu suava. Percebi que as palavras que pronunciara eram a minha sentença de morte. E pensei: Vão matar-me? Como? Quando? Quem? Será a minha família? As pessoas da minha mesquita? Os meus alunos?

Esse foi o momento mais terrível da minha vida.

Deixei a reunião e fui para casa. Não contei à minha família nada do que se passou, mas puderam perceber que alguma coisa me preocupava. Nessa noite, deitei-me cedo.

UMA VIAGEM ATÉ À PRISÃO

Às três da manhã desse mesmo dia, o meu pai ouviu baterem à porta de nossa casa. Quando abriu, quinze a vinte homens passaram por ele, com armas de assalto russas Kalashnikov. Subiram as escadas e entraram todos em casa, acordando as pessoas à minha procura.

Um deles deu comigo a dormir na minha cama. Toda a família estava acordada, chorosa e assustada, quando os homens me arrastaram à sua frente para fora de casa. Atiraram-me para as traseiras de um carro e afastaram-se. Eu estava em choque, mas sabia que tudo era resultado do que acontecera na universidade no dia anterior. Fui levado para um local que se assemelhava a uma prisão, onde me colocaram numa cela de cimento com outro preso.

Pela manhã, os meus pais procuraram ansiosamente saber o que me

acontecera. Foram de imediato à esquadra a perguntar: “Onde está o nosso filho?” Mas nada souberam de mim.

Eu estava nas mãos da polícia secreta egípcia.

ACUSADO DE SER CRISTÃO

Durante três dias, os guardas não me deram comida nem água.

Ao quarto dia, começou o interrogatório. Nos quatro dias que se seguiram, a intenção da polícia secreta era obrigar-me a confessar que eu abandonara o Islão e lhe explicasse como tudo acontecera. O seu padrão era deixar-me sozinho durante o dia e tirar-me da cela à noite para me interrogarem.

A primeira noite de interrogatório começou numa sala com uma grande secretária, atrás da qual se encontrava o meu interrogador. Mandaram-me sentar no outro lado. Ele tinha a certeza de que me convertera ao Cristianismo, pelo que as perguntas batiam sempre no mesmo: “Que pastor falou contigo? Que igreja frequentas? Porque traíste o Islão?”

Ele fez mais do que apenas falar. Tenho cicatrizes das marcas de queimadura nas minhas mãos, braços e rosto provocadas pelo seu cigarro e por um ferro quente.

Queria que eu confessasse que me convertera, mas respondi-lhe: “Não traí o Islão. Apenas disse o que acredito. Sou um académico, um pensador. Tenho o direito de discutir qualquer tema do Islão. Isso faz parte do meu trabalho e da minha vida académica. Nunca pensei abandonar o Islão — é o meu sangue, a minha cultura, a minha língua, a minha família, a minha vida. Mas se me acusam de ter abandonado o Islão por causa daquilo que eu vos digo, então tirem-me do Islão. Não me importo de estar fora do Islão”.

O guarda agarrou-me e levou-me de volta à minha cela. O meu companheiro de prisão, pensando que eu estava a ser castigado por ser um islamicista, deu-me um pouco da sua comida e água.

Na noite seguinte, fui levado para uma sala com uma cama de aço. Os guardas não deixavam de praguejar e de me insultar, procurando obter uma confissão. Amarraram-me à cama e chicotearam-me os pés até perder a consciência.

Quando acordei, levaram-me para um pequeno tanque cheio de água gelada. Obrigaram-me a entrar e pouco depois voltei a desmaiar. Quando acordei, estava deitado de costas na cama, onde me bateram, ainda com as roupas molhadas.

Passsei um outro dia na cela e na noite seguinte levaram-me para fora do edifício. Vi o que me parecia uma pequena sala de cimento, sem janelas nem portas. A única abertura era uma clarabóia no telhado. Os guardas obrigaram-me a subir uma escada até ao tecto e ordenaram: “Entra”.

Escorreguei pela abertura e senti a água a subir-me pelo corpo. Mas depois, para minha surpresa, senti solo firme debaixo dos pés. A água chegava-me apenas aos ombros. Depois, vi qualquer coisa a nadar na água — ratos. “Este tipo é um pensador muçulmano”, disseram. “Os ratos que lhe comam a cabeça”.

Fecharam a clarabóia e eu não conseguia ver nada. Mantive-me de pé na água e esperei no escuro. Os minutos passaram. Depois horas. Na manhã seguinte, os guardas apareceram para ver se eu estava vivo. Nunca me esquecerei da visão do sol quando a clarabóia se abriu. Ao longo de toda a noite, os ratos subiam-me para a cabeça e ombros, mas nenhum me mordeu. Os guardas levaram-me para a minha cela.

Na última noite, os guardas conduziram-me até à porta de uma pequena sala e disseram: “Há alguém que gosta muito de ti e quer falar contigo”.

Estava à espera que fosse um dos membros da minha família ou um amigo que me ia visitar ou tirar-me da prisão.

Abriram a porta da sala e no seu interior vi um grande cão. Não havia mais nada na sala. Atiraram-me para dentro e fecharam a porta.

No meu coração, clamei ao meu Criador: “És o meu Deus. Vais cuidar de mim. Como podes deixar-me nestas mãos ímpias? Não sei o que esta gente está a tentar fazer-me, mas sei que estás comigo e um dia ver-Te-ei e encontrar-me-ei contigo”.

Dirigi-me para o meio da sala vazia e lentamente sentei-me no chão, de pernas cruzadas. O cão aproximou-se e sentou-se à minha frente. Os minutos passaram-se, com ele a fitar-me.

O cão levantou-se e começou a andar à minha volta, como um animal prestes a atirar-se à presa. Depois, aproximou-se do meu lado, lambeu-me

a orelha e sentou-se. Eu estava muito cansado. Pouco depois de ele se sentar a meu lado, adormeci.

Quando acordei, o cão estava num dos cantos da sala. Correu para mim e voltou a sentar-se ao meu lado direito.

Quando os guardas abriram a porta, viram-me a orar, com o cão sentado a meu lado. Ficaram a olhar para mim, muito confusos.

Este foi o último dia de interrogatório. Fui então transferido para uma prisão permanente. Nesta altura, no meu coração, eu já havia rejeitado por completo o Islão.

Durante todo este tempo, a minha família estava a tentar saber onde eu me encontrava. Não tiveram sucesso até que o irmão de minha mãe, membro superior do Parlamento egípcio, regressou ao país depois de uma viagem ao estrangeiro. A minha mãe telefonou-lhe, a soluçar. “Há duas semanas que não sabemos onde está o nosso filho. Desapareceu”. O meu tio tinha os contactos certos. Quinze dias depois de eu ter sido raptado, ele dirigiu-se em pessoa à prisão, com a ordem de libertação e levou-me para casa.

UMA CALMA MUDANÇA

Alguém poderá dizer: “Não admira que este homem tenha abandonado o Islão. Ficou irritado por ter sido torturado por Muçulmanos”. Sim, é verdade: quando fui torturado no nome do Islão protector, não fiz distinção entre Muçulmanos e os ensinamentos do Islão. Por isso, a tortura foi o empurrão final que me separou do Islão.

Mas a verdade é que eu já andava a questionar o Islão anos antes de ter ido parar à prisão. As minhas questões não se baseavam nas acções dos Muçulmanos, mas nas acções de Maomé e dos seus seguidores e nos ensinamentos do Alcorão. A ida para a prisão foi apenas mais um empurrão para a direcção que eu seguia.

Voltei para casa dos meus pais a pensar no que faria a seguir.

Mais tarde, a polícia apresentou ao meu pai este relatório:

Recebemos um fax da Universidade Al-Azhar acusando o seu filho de abandonar o Islão, mas depois de um interrogatório de quinze dias, não descobrimos provas disso.

O meu pai ficou aliviado ao saber disto. Nunca imaginou que eu um dia abandonaria o Islão e não lhe revelei os meus verdadeiros sentimentos. Ele atribuiu todo o incidente a uma má atitude para com a minha formação por parte das pessoas da Universidade. Encorajei-o a acreditar nisso.

“Não precisamos deles”—, disse ele, pedindo-me que começasse a trabalhar de imediato como director de vendas na sua fábrica. Ele não compreendera a minha luta interior.

O Dia em que Vi Jesus e Maomé Lado a Lado

Era altura das orações da manhã (cerca das 3.30) e ouvia o som das pessoas a levantarem-se em casa. Estava acordado, mas não fazia intenções de deixar o meu quarto.

Isto aconteceu poucos meses depois de ter sido libertado da prisão e nunca mais orei na mesquita. Em vez de ir até à mesquita cinco vezes por dia, sentava-me na minha cama ou à secretária, a orar ao verdadeiro Deus, pedindo-Lhe que se me revelasse, o Deus que me manteve vivo na prisão. Por vezes, não tinha quaisquer palavras para orar e limitava-me a ficar sentado a chorar. As lembranças da prisão não me largavam.

A minha mãe bateu suavemente à porta. “Não vais hoje à mesquita?”, perguntou.

“Não”, respondi. “Não quero ver ninguém”.

Segundo a cultura islâmica, se orarmos no nosso quarto, a nossa fé não será posta em causa, porque continuamos a orar a Alá, o que significa que ainda somos Muçulmanos. A minha família pensava que eu só precisava de tempo para melhorar. Pensava que eu não queria estar ao pé das pessoas.

A MINHA LUTA INTERIOR

Saí da prisão irritado com o Islão, mas convencido de que havia um poder superior que me manteve vivo. Todos os dias, aumentava a minha fome por conhecer este Deus. Durante todo este tempo, interrogava-me: Que Deus será este? Nunca pensei no Deus dos Cristãos ou dos Judeus.

Porquê? Ainda estava influenciado pelos ensinamentos do Alcorão e de Maomé. O Alcorão diz que os Cristãos adoram três deuses — Deus Pai, Jesus, o Filho e Maria, a mãe de Jesus. Eu andava à procura do único Deus verdadeiro, não de três. E o Alcorão dizia que os Judeus eram gente ímpia que corrompera as suas Escrituras. Por isso, eu não queria nada com o seu Deus.

Isso levou-me a sondar as religiões do Extremo Oriente — Hinduísmo e Budismo. Estudara estas religiões quando trabalhava para o meu bacharelato e agora descobria mais livros de estudo sobre elas. Interrogava-me se seria o deus do Hinduísmo. Seria o deus do Budismo? Depois dos meus estudos, concluí que não.

Quando queria pensar, sentava-me à beira do canal e olhava para a água. Água, plantas verdes, céu, natureza — tudo me dava esperança de haver alguma resposta às minhas questões.

Todos os dias, depois de trabalhar com o meu pai, voltava para casa e jantava com os meus pais e dois irmãos que ainda não se tinham casado. Depois do jantar de quinta-feira, tornara-se tradição contar histórias dos hadith, que os meus irmãos mais novos muito apreciavam. Deixei de o fazer depois de vir da prisão. O meu irmão mais novo estava sempre a perguntar: “Porque é que já não nos contas mais histórias?”

Depois do jantar, ia passar algum tempo com os meus amigos. Por vezes, íamos para o café jogar dominó ou xadrez. Outras vezes, via o desporto na televisão. Outras, caminhávamos pela rua principal ao longo das margens do rio Nilo.

Voltava para casa bastante cansado, por volta das 11 da noite ou meia-noite. Quando me encontrava sozinho, sentia-me a pessoa mais desesperada do mundo, porque ainda não havia descoberto quem Deus poderia ser. Todas as noites, passava uma ou duas horas a tentar dormir. Depois, acordava cedo como era hábito. Sentia o corpo cansado. Comecei a sofrer de grandes dores de cabeça.

Consultei muitas vezes o médico por causa da cabeça. Durante o dia, as cefaleias não me deixavam trabalhar nem viver. Se estava ocupado, esquecia-me delas. mas quando me encontrava sozinho à noite, a tentar dormir, então a dor tornava-se mais forte. O médico receitou-me analgésicos para tomar todas as noites.

UMA NOVA RECEITA

Vivi assim durante cerca de um ano. Um dia, a dor de cabeça foi tão intensa que me dirigi à farmácia para pedir mais comprimidos. Como a maioria dos farmacêuticos no Egito, ela era cristã. Já era seu cliente habitual, pelo que me sentia à vontade a falar com ela. Comecei por me queixar. “Aqueles comprimidos não estão a fazer o mesmo efeito”.

Ela respondeu: “Você está num ponto perigoso. Começa a ficar viciado nos comprimidos. Já não está a tomá-los por causa das dores. Toma-os porque já não consegue passar sem eles”.

E perguntou-me: “Como vai a sua vida?” Ela sabia que a minha família era muito respeitada e que me graduara na Al-Azhar. Disse-lhe que andava à procura de Deus. Ela ficou surpreendida: “Então e o seu deus e a sua religião?” perguntou. E contei-lhe a minha história.

Ela tirou um livro de debaixo do balcão e disse calmamente. “Vou dar-lhe este livro. Antes de tomar os seus comprimidos esta noite, procure ler um pouco. Vai ver como se sente”.

Segurei nos comprimidos com uma das mãos e no livro com a outra. Era um livro de capa de cabedal preto, com as palavras “Bíblia Sagrada” em árabe, escritas na frente. “Está bem”, respondi-lhe. “Vou experimentar”. Saí da loja e virei o livro para mim de modo a esconder o título. Depois, voltei para casa e dirigi-me ao meu quarto. Era a primeira vez na vida que pegava numa Bíblia. Tinha trinta e cinco anos.

LENDO A BÍBLIA

Era uma noite de Verão, por volta das 10 da noite. A minha dor de cabeça era intensa, mas não tomei os comprimidos. Pousei-os na secretária e olhei para a Bíblia. Não sabia onde começar a ler, pelo que a abri ao calhas em Mateus 5. Era a Bíblia pessoal da farmacêutica e reparei nos seus apontamentos nas páginas.

Comecei a ler o Sermão do Monte. Imaginei o quadro — Jesus no monte a ensinar as multidões que O rodeavam. Ao continuar a ler, esqueci-me que estava em casa. Não dava por nada à minha volta. Perdi a

noção do tempo. Ao longo do livro de Mateus, a Bíblia foi-me cativando com as suas histórias.

O meu cérebro começou a funcionar como um computador. No livro em cima da secretária à minha frente, via a imagem de Jesus. No meu cérebro, via a figura de Maomé. O meu cérebro era incapaz de deixar de fazer comparações. Estava tão cheio do Alcorão e da vida de Maomé que era sem esforço que essas coisas me vinham à lembrança. Limitavam-se a estar presentes.

Li a Bíblia sem me aperceber do tempo, até ao momento em que ouvi o chamamento para a oração da manhã.

LEIAM COMIGO

Caro leitor, chegámos ao momento da minha vida que lhe quero mostrar. Se quiser saber o que me aconteceu depois dessa noite, poderá ler o resto no final do livro. Mas gostaria de parar aqui por agora e rever consigo a situação.

Aqui estava eu, um erudito que gastara trinta anos a estudar o Islão e a vida de Maomé. Não só praticava o Islão como tinha-o memorizado. Agora, tinha uma Bíblia à minha frente, que me apresentava Jesus.

Nas páginas que está prestes a ler, quero que experimente o que vi nessa noite no meu quarto no Egipto e o que continuei a descobrir nos últimos onze anos. Sem teologia, sem comentários, sem palavras bonitas. Não tive ninguém a meu lado a dizer-me: “Isto é o que a Bíblia quer dizer”. Limitei-me a ler o que ela me dizia. Não precisei que alguém me dissesse: “Foi isto que Maomé disse ou fez”. Eu decorara tudo a partir das fontes originais.

Deixe-me apresentar-lhe Jesus e Maomé.

SECÇÃO 2
A VIDA DE JESUS E DE MAOMÉ

Destinos da Infância

Maomé: Nasceu em 570 a.D.

Jesus: Nasceu em 6 ou 5 a.C.

À medida que lia pela primeira vez a vida de Jesus na Bíblia, fiquei espantado com os imensos paralelos entre a vida de Jesus e a de Maomé. Neste capítulo, iremos analisar a infância de ambos e descobrir diversas dessas semelhanças surpreendentes. Começemos com o facto de serem ambos primogénitos.

NASCIMENTOS

Maomé nasceu em Meca, Arábia, a 2 de Agosto de 570 a.D. (o décimo segundo dia do mês de Rabiya do calendário lunar). O pai de Maomé morrera antes dele nascer e Maomé foi o primogénito e único filho de sua mãe. A história islâmica não regista muitos mais pormenores, mas há uma história sobre a noite do seu nascimento. Esta história foi contada por um dos primeiros seguidores de Maomé, que disse:

Minha mãe contou-me que testemunhou Amenah Bint Wahab, a mãe do mensageiro de Alá, a dar à luz na noite em que Maomé nasceu e que ela [a mãe de Maomé] disse: “Tudo quanto via nessa noite era luz. Vi as estrelas a fecharem-se sobre mim, a ponto de dizer que estavam a cair sobre mim”.¹

Por outras palavras, quando Maomé nasceu, sua mãe declarou que a noite estava tão cheia de luz que lhe parecia que as estrelas haviam descido à terra.

Vejam agora a história do nascimento de Jesus. Quase seiscentos anos antes, uma jovem virgem judia chamada Maria disse que o anjo Gabriel a visitara com a notícia de que iria dar à luz uma criança a quem chamaria o “Filho de Deus” (Lucas 1:35). Ante essa declaração do anjo, Maria ficou grávida, apesar de ser virgem. A sua gravidez foi um escândalo, porque estava noiva mas ainda não se casara. O noivo, José, pensou que seria melhor terminar aquela relação sem levantar escândalo, mas um anjo disse-lhe em sonhos que Maria engravidara pelo Espírito Santo. Durante a sua gravidez, Maria visitou sua prima Isabel a quem contou o sucedido. A Bíblia regista o seu cântico de louvor:

Maria disse então:

“O meu coração louva o Senhor
e alegra-se em Deus, meu Salvador,
porque Ele olhou com amor para esta Sua humilde serva!
Daqui em diante, toda a gente me vai chamar ditosa,
pois grandes coisas me fez o Deus poderoso.
Ele é Santo!”

—LUCAS 1:46-49

Isabel estava também grávida e esperava um menino — João Baptista — que iria desempenhar um papel fundamental na vida do filho de Maria. Esta ficou com Isabel durante cerca de três meses, findos os quais regressou à sua cidade natal e a José.

No final da gravidez, Maria e José tiveram de se dirigir da sua casa em Nazaré para a cidade de Belém a fim de se registarem no recenseamento romano. Foi em Belém que Maria deu à luz o seu primogénito, Jesus. A Bíblia conta muitos pormenores das circunstâncias do nascimento.

PROFECIAS EM RELAÇÃO AO MENINO JESUS

As histórias de Jesus e Maomé incluem profecias sobre eles enquanto

crianças. As profecias de Jesus ocorreram quando ele ainda era bebê. O livro de Lucas diz-nos que “chegado o tempo da cerimônia da sua purificação, conforme a Lei de Moisés, levaram o menino ao templo de Jerusalém para o apresentarem ao Senhor... e ofereceram também um sacrifício” (Lucas 2:22, 24).

Um profeta chamado Simeão viu Jesus no templo. Segurou-o nos braços e exclamou: “Agora, Senhor, já podes deixar-me morrer em paz, pois cumpriste a Tua palavra! Já vi com os meus olhos o Salvador que enviaste para todos os povos. Ele é luz que iluminará os pagãos e glória de Israel, Teu povo” (Lucas 2:29-32).

Uma mulher chamada Ana aproximou-se deles nesse momento, deu graças a Deus e “começou também a louvar a Deus. E falava do menino a todos os que esperavam que Deus salvasse Jerusalém” (Lucas 2:38).

Mais tarde, falaremos de uma profecia semelhante que foi dada a Maomé adolescente.

A FAMOSA HISTÓRIA DA PURIFICAÇÃO INTERIOR DE MAOMÉ

Embora não haja histórias de Maomé bebê, há um relato muito famoso sobre a sua infância. Quem é Muçulmano e viva no Médio Oriente ouvirá constantemente essa história. Calculo que seja mencionada em cerca de 25 por cento de todos os sermões!

Gabriel dirigiu-se ao Mensageiro de Alá quando estava a brincar com os amigos. Pegou nele e deitando-o prostrado no chão, abriu-lhe o peito, tirou-lhe o coração de onde extraiu coágulo, dizendo: Essa era a parte de Satanás em ti. Depois, lavou-o com a água de Zamzam numa bacia dourada e recolocou-o no seu lugar. Os rapazes foram a correr para junto da mãe a quem disseram: Maomé foi morto. Todos correram para perto dele (e encontraram-no bem). A sua cor tinha-se alterado, disse Anas. ²

Conta-se esta história para assinalar a posição especial de Maomé na fé islâmica.

A INFÂNCIA DE MAOMÉ À VOLTA DA CAABA

Ao enviuvar, a mãe de Maomé foi viver com o bebê para junto da família. Ali permaneceram durante seis anos até que ela contraiu uma febre altíssima e morreu. Assim, Maomé foi viver com o avô materno. A família do pai fazia parte da tribo Quraysh, a mais poderosa de Meca. Esta tribo controlava o principal local de adoração de toda a Arábia, um templo recheado de ídolos, conhecido como Caaba. O avô de Maomé tinha a honra de servir como guardião da Caaba. Era o responsável pelas reparações e limpeza.

O templo era constituído por um pátio murado com uma grande estrutura em bloco no centro. (A palavra Caaba significa literalmente “o cubo”). O monumento tinha a forma de um rectângulo e estava revestido com os tecidos mais finos da época. Antes mesmo do advento do Islão, o povo acreditava que fora Abraão que o construía. Este monumento era também chamado a Pedra Negra, em referência a uma pequena pedra que se pensava ter caído do céu, escondida dentro da estrutura. Uma vez por ano, o avô de Maomé retirava a cobertura, lavava a estrutura e colocava novas coberturas.

Todas as tribos criam num deus supremo, mas não sabiam bem quem era este deus. Por isso, faziam diferentes tipos de ídolos. O Alcorão diz a respeito desses ídolos:

Mas aos que tomam por protectores outros além de Alá
(diz): “Só os servimos a fim de nos poderem trazer para
mais perto de Alá”

—SURA 39:4, TRADUÇÃO DE ALI

Apesar de cada tribo adorar o seu próprio ídolo, todos rodeavam também a Pedra Negra como parte dos seus rituais de adoração. Contudo, não criam que a Pedra Negra representasse o deus supremo.

Cada tribo tinha também as suas tradições para as peregrinações anuais. Por isso, havia sempre tribos diferentes de visita à Caaba. Quando elas apareciam, davam voluntariamente ofertas em dinheiro, comida ou

animais, que ficavam ao cuidado dos guardiães e da tribo de Quraysh.

Em rapaz, Maomé teria frequentado várias vezes a Caaba com o avô ou outros membros da família. Cuidar do templo era há gerações obrigação da família. Sendo Maomé ainda um menino, o avô morreu e a guarda do templo passou para um dos seus filhos, Abu Talib, a cargo de quem ficou, pelo que Maomé foi viver com o tio e os primos.

Durante todo o seu desenvolvimento, Maomé continuou a passar tempo envolvido com a Caaba, onde via as pessoas a prostrarem-se perante os ídolos e os comerciantes que viviam à custa do fabrico e venda de estátuas. Estas experiências exerceram um grande efeito em Maomé quando era ainda um rapazinho.

Jurou que quando fosse adulto nunca se curvaria perante os ídolos que existiam em toda a Meca e a Arábia daquele tempo.³ Vemos assim a influência de religião da época sobre Maomé. Vejamos agora como a religião do Seu povo afectou Jesus.

JESUS VISITA O TEMPLO EM CRIANÇA

José e Maria não puderam regressar à sua cidade-natal de Nazaré depois de se terem registado para o recenseamento. E isso porque alguns sábios do Oriente viram uma nova estrela que interpretaram como sinal de que nascera o rei dos Judeus por quem esperavam há muito. Dirigiram-se ao rei Herodes em Jerusalém e perguntaram-lhe onde poderiam encontrar este rei. O rei Herodes, que não era Judeu e fora nomeado governador por Roma, não gostou da ideia do nascimento de um outro rei. Chamou os mestres judeus da lei e perguntou-lhes qual a Escritura que profetizava a vinda deste rei. Responderam-lhe que nasceria em Belém (Mateus 2:5). O rei Herodes pediu aos sábios que descobrissem a criança e depois o informassem do seu paradeiro. Os sábios encontraram Jesus, mas não contaram nada a Herodes.

Quando Herodes percebeu que fora enganado pelos sábios, ficou furioso e ordenou que matassem todos os meninos de Belém com menos de dois anos de idade. Jesus teria sido morto nessa altura; contudo, um anjo disse a José que partisse com a família para o Egipto. Depois da morte de Herodes, José, Maria e Jesus regressaram a Nazaré.

Todos os anos, José, Maria e os filhos viajavam até Jerusalém para a festa da Páscoa. (A Bíblia diz que Jesus tinha irmãos mais novos). Ali, teriam visitado o templo magnífico, construído por Herodes, numa tentativa de ganhar os favores do povo judeu. Era uma estrutura imponente feita de blocos de pedra branca rodeada por um pátio maciço rodeado por colunatas.

Todos os anos, Jesus regressava a Nazaré com o seu grupo. Mas aos doze anos de idade, ficou a ouvir os mestres. A família e os amigos partiram na data combinada, mas Jesus não foi. Ficou, bebendo as palavras dos mestres e colocando-lhes perguntas que os deixavam atónitos.

Após um dia de viagem, a mãe e o pai perceberam que Jesus não estava presente. Ficaram preocupados e na manhã seguinte regressaram a Jerusalém. Durante mais dois dias, procuraram por toda a cidade, perguntando se alguém havia visto o filho. Quando o encontraram no templo, a mãe disse-lhe: “Porque nos fizeste isto?”. Jesus respondeu: “Não sabiam que tinha de estar na casa de meu Pai?” (Ver Lucas 2:48-49).

Assim, Jesus foi atraído para o templo, enquanto Maomé ficou desiludido com a Caaba. Agora, vejamos o que um sacerdote cristão profetizou acerca de Maomé.

UM SACERDOTE CRISTÃO PROFETIZOU SOBRE MAOMÉ

O tio de Maomé, Abu Talib, costumava viajar com uma das caravanas dos mercadores de Meca. Aos doze anos de idade, Maomé acompanhou o tio numa viagem até à Síria. Quando a caravana lá chegou, passaram pela “cela” de um monge chamado Bahira que fazia parte da seita dos Nestorianos, o que significava que se considerava cristão, mas negava que Jesus fosse o Filho de Deus. Muitas das pessoas na Arábia que se diziam cristãos ou eram Nestorianos ou Ebionitas, negando ambos que Jesus fosse o Filho de Deus.

Assim, a história islâmica diz que a caravana chegou a este sacerdote que lhes pediu que parassem e comessem consigo. O sacerdote mostrou-se muito interessado em Maomé e fez-lhe algumas perguntas. Disse que as respostas de Maomé coincidiam exactamente com o que os seus livros

diziam de um profeta que viria um dia. Depois, procurou-lhe um sinal entre os ombros. Quando o descobriu, disse ao tio de Maomé: “Olha, esta criança vai ser o profeta final para o nosso mundo. Esta é a marca de profeta”. Depois avisou-o: “Não deixes que os Judeus saibam isto ou vejam o seu sinal de nascença nos ombros. Se o descobrirem, tentarão matá-lo”.

O que apresentei é um registo fiel do que a história islâmica diz sobre este evento. Contudo, do ponto de vista histórico, há aqui um problema. Há registos daquilo em que os Nestorianos e Ebionitas acreditavam. Mas não temos qualquer prova de que estivessem à espera de um outro profeta.

CONCLUSÃO

O que podemos ver da infância de Jesus e de Maomé? Foram ambos influenciados pela religião dos seus dias e passaram tempo nos centros de adoração das suas regiões. Ambos foram alvo de profecias em criança. Enquanto Jesus abraçou as crenças, do seu povo, Maomé começou a questionar a adoração dos ídolos dos seus dias. Está montado o palco para o início das suas vidas públicas.

O Início das Revelações

Maomé: Nasceu em 570 a.D.

Jesus: Nasceu em 6 ou 5 a.C.

Neste capítulo, iremos ver o que Jesus e Maomé fizeram quando eram jovens e o que aconteceu quando começaram a ensinar uma nova forma de compreender Deus.

MAOMÉ TRABALHA E CASA-SE

Tal como hoje, a Arábia era um deserto no tempo de Maomé. Isso significa que, para sobreviverem, as pessoas precisavam de comerciar com outros lugares para obterem comida, porque não conseguiam produzir o suficiente. A tribo de Maomé, os Quraysh, caracterizava-se por ser um “povo dado ao comércio”.¹ Os líderes de Meca enviavam caravanas de camelos até à Síria ou Iémen, carregados com artigos para venderem. Quando chegavam ao seu destino, os líderes caravaneiros vendiam os seus produtos, usavam o dinheiro para comprar comida e outras coisas que desejavam, carregavam os camelos e regressavam a Meca.

Uma das maiores caravanas de camelos pertencia à mais rica e mais poderosa mulher de Meca, uma senhora chamada Khadija. A história islâmica diz que, quando ela viu o carácter honesto e fiel de Maomé, o contratou para conduzir uma caravana até à Síria. No seu regresso, os produtos foram vendidos pelo dobro do investimento feito, o que deixou Khadija impressionada. Embora ela tivesse mais de quarenta anos, fosse divorciada por quatro vezes e tivesse filhos, ofereceu-se em casamento a Maomé, então com vinte e cinco anos de idade. Em geral, as pessoas

duvidam quando ouvem o relato de Khadija se ter oferecido para casar com Maomé. Contudo, é exactamente assim que está registado na história islâmica. As famílias de Maomé e de Khadija também se opuseram à situação.

O tio de Maomé, que o educara (Abu Talib), e o pai de Khadija opuseram-se ao casamento. É aqui que vemos a primeira referência histórica a uma figura-chave na vida de Maomé — o primo de Khadija. Este primo era conhecido como Waraqa bin Neufel. Era um dos mais importantes líderes religiosos de Meca, como pastor da maior igreja local.

Talvez se surpreendam por saber da existência de uma igreja na Arábia durante a vida de Maomé. Todos os escritos históricos islâmicos, em especial os relevantes para o estatuto religioso de Meca da época falam da chegada do Cristianismo vindo do Ocidente (Síria, Egipto, Etiópia, Iémen). Muitas tribos árabes aceitaram-no como sua religião. Contudo, esta forma de Cristianismo era muito diferente do tipo descrito no Novo Testamento. Os dois maiores ramos eram os Ebionitas e os Nestorianos. Ambas as tribos negavam que Jesus fosse divino ou Filho de Deus.

Uma grande igreja ebionita fora fundada em Meca por Othman Bin Al-Huweirith. O pastor seguinte desta igreja era o primo de Khadija, Waraqa bin Neufel.

Quando Khadija e Maomé se quiseram casar, Waraqa apoiou-os. Convenceu ambas as famílias a deixarem-nos casar e ele próprio realizou a cerimónia.²

Assim, é possível que Maomé tivesse de facto algum tipo de casamento cristão e sua esposa provavelmente também praticaria a fé dos Ebionitas.

Maomé continuou a dirigir as caravanas de Khadija. Apesar de ela ter quarenta anos de idade, a história islâmica diz que tiveram seis filhos — dois filhos que morreram na infância e quatro filhas.

JESUS LEVA UMA VIDA SOSSEGADA

Não temos muitos pormenores específicos de Jesus adolescente ou jovem. Se recebeu a educação típica de um rapaz judeu, teria começado por aprender a ler e escrever aos cinco anos. Com dez, teria iniciado a

aprendizagem da lei judaica ou Torá. A sua educação formal estaria concluída aos dezoito anos. Como José era carpinteiro, provavelmente Jesus aprendeu esse ofício, passando a praticá-lo.³ Em Marcos 6:31, é referido como o filho do carpinteiro.

Pouco tempo antes de Jesus começar a pregar em público, José deve ter morrido, porque a mãe e os irmãos de Jesus são mencionados várias vezes nos Evangelhos, mas não José. Jesus sentiu a responsabilidade de cuidar da mãe (João 19:26-27).

Não temos qualquer registo de Jesus se ter casado.

Podemos fazer algumas inferências sobre a sua vida religiosa. Por exemplo, quando foi à sinagoga de Nazaré, foi-lhe dada oportunidade de ler as Escrituras. Era uma visita habitual da sinagoga, participando na adoração com os Judeus da sua zona (Lucas 4:16).

Depois de começar a pregar em público, dizem os Evangelhos que Jesus se afastava para orar, pelo que podemos assumir que também o fazia antes da sua pregação pública.

Este é um quadro geral da vida religiosa de Jesus. Maomé também participava na vida religiosa do seu tempo na Caaba em Meca, além de passar tempo em meditação. Analisemos mais de perto esse desenvolvimento nas primeiras revelações do Islão.

CHEGA A REVELAÇÃO A MAOMÉ

Ainda jovem, na casa dos vinte e poucos anos, Maomé começou a refugiar-se com regularidade numa pequena caverna numa das montanhas circundantes à cidade de Meca onde passava tempo a orar ao deus invisível, procurando ver a face do Deus criador. Passaria também um, dois ou três dias em oração. Sua esposa, Khadija, levava-lhe água e alimentos.⁴

Maomé procurava discutir com as pessoas as suas ideias sobre Deus. Foi grandemente influenciado pelos Ebionitas através de sua esposa, Khadija e seu primo Waraqa bin Neufal.⁵ Waraqa tornou-se o mentor de Maomé, ensinando-lhe o Cristianismo. Um hadith diz que Waraqa costumava escrever porções dos Evangelhos em árabe.⁶

Alguns relatos históricos dizem que apenas o livro de Mateus foi

traduzido nesta época em Árabe, pelo que é possível que Maomé apenas recebesse ensino de Mateus. Provavelmente, também teve conhecimento da fé dos Judeus. O ensino do Velho Testamento devia limitar-se à Torá (os cinco primeiros livros do Velho Testamento, escritos por Moisés) e aos Salmos, chamados os Cânticos de David.

Ao mesmo tempo, talvez Maomé continuasse a ir à Caaba. Podemos inferir esta hipótese porque um historiador menciona que Maomé se encontrou uma vez com Waraqa quando andava à volta da Pedra Negra no centro da Caaba.⁷

Assim, neste período da sua vida, Maomé era casado, conduzia caravanas, aprendia com o seu primo ebionita e praticava as suas meditações pessoais nas cavernas à volta de Meca. Continuou esta prática durante mais de quinze anos.

Então, aos quarenta anos de idade (610 a.D.), teve uma experiência que o deixou atterrado.

Maomé estivera a meditar durante o santo mês do Ramadão na Caverna de Hira quando, como afirmou mais tarde, “a verdade desceu sobre ele”.

O anjo Gabriel apareceu-lhe e disse-lhe: “Lê!”

Ao que Maomé respondeu: “Não sei ler”.

O anjo agarrou nele e pressionou-o com tanta força que Maomé pensou não poder aguentar mais. E o anjo voltou a ordenar: “Lê!”

Maomé respondeu: “Não sei ler”.

Uma vez mais, o anjo apertou-o e libertou-o, dizendo-lhe o que devia ler: “Lê! No Nome do teu Senhor que criou (tudo quanto existe). Ele criou o homem de um coágulo (um pedaço espesso de sangue coagulado). Lê! O teu Senhor é Muito Generoso”.

Estes foram os primeiros versículos do Alcorão a serem revelados. Estão registados na Sura 96:1-3.

De que modo reagiu Maomé a esta experiência? Disse que o coração começou a bater com muita força ou “o seu coração estava a tremer”. Os músculos do pescoço retorciam-se de terror”. Correu aos gritos para junto da esposa: “Tapa-me! Tapa-me!” Taparam-no “até o seu medo desaparecer”.

Depois, contou à esposa: “Oh Khadija, que se passa de errado comigo?

Que me aconteceu? Tenho medo”. Contou-lhe tudo o que se passara. A esposa percebeu que ele precisava de conselho.⁸

UM SACERDOTE CRISTÃO ENDOSSA A REVELAÇÃO DE MAOMÉ

Aqui, entra de novo em acção o primo de Khadija, que foi ter com ele a contar o que Maomé ouvira e vira. Nessa altura, o primo era já um ancião e perdera a vista. Waraqa respondeu: “Santo, santo, santo — juro pelo nome de Deus em cujas mãos está a minha vida, juro, Khadija, que este é o grande sinal que veio a Moisés e Maomé é o profeta desta nação árabe. Levanta-te e sê forte.” Khadija regressou para junto de Maomé e contou-lhe o que Waraqa lhe afirmara.⁹

No dia seguinte, Maomé encontrou-se na Caaba com Waraqa que lhe disse: “No nome do Deus que controla a minha vida, és o profeta desta nação árabe e recebeste os grandes sinais de Deus que vieram a Moisés no passado. As pessoas negar-te-ão e perseguir-te-ão e te expulsarão da tua cidade e te moverão guerra e se eu for vivo quando esse tempo chegar [a perseguição], defenderei Alá da forma que ninguém sabe a não ser o próprio Alá”. E curvou-se perante Maomé a quem beijou no rosto, regressando Maomé a sua casa.¹⁰

Embora Waraqa afirmasse que defenderia Maomé, não foi capaz de cumprir a sua palavra. “Poucos dias depois” ou “um curto tempo mais tarde”, morreu.¹¹

Assim, temos aqui um quadro de Maomé com uma experiência na caverna, sem ter a certeza do seu significado, mas com a esposa e o primo a defenderem a ideia de que ele fora escolhido como profeta do verdadeiro Deus. Vejamos o que aconteceu quando Jesus se apresentou pela primeira vez como profeta.

Jesus e João Baptista

Jesus e João Baptista já estavam relacionados ainda antes de nascerem. Quando a mãe de Jesus engravidou, foi visitar a mãe de João (sua prima) para lhe contar o que lhe acontecera (Lucas 1:39-45).

Quando tinham ambos cerca de trinta anos de idade, João foi o primeiro a apresentar-se em público. Foi para o deserto da Judeia e começou a pregar que o povo devia arrepender-se dos seus pecados. O povo vinha de Jerusalém e de toda a região da Judeia para o ver. Quando confessavam os seus pecados, ele baptizava-os no rio Jordão.

Os Judeus pensavam que João talvez fosse o Cristo por quem esperavam. Mas João disse-lhes: “Eu baptizo-vos com água, mas um mais poderoso do que eu virá, de quem não sou digno de desatar as alparcas dos pés. Ele vos baptizará com o Espírito Santo e com fogo” (Lucas 3:16).

Então, Jesus deixou Nazaré e foi ter com João para ser baptizado. Os Evangelhos registam:

No momento em que saía da água, Jesus viu abrir-se o céu e o Espírito Santo a descer sobre ele, como uma pomba, e ouviu uma voz do céu: “Tu és o meu Filho querido; tenho em ti a maior satisfação”.

—MARCOS 1:10-11

A partir desse momento, João reconheceu Jesus como o profeta (Messias) profetizado pelas Escrituras judaicas.

João declarou ainda acerca de Jesus: “Eu vi o Espírito de Deus descer do céu como uma pomba e ficar sobre ele. Eu não o conhecia. Mas Deus, que me enviou a baptizar com água, tinha-me anunciado: Tu hás-de ver o Espírito Santo descer e ficar sobre um homem. Esse é o que baptiza com o Espírito Santo. Eu vi-o e asseguro-vos que este é o Filho de Deus.

—JOÃO 1:32-34

João continuou a pregar e a baptizar, mas as pessoas começaram a abandoná-lo para irem ouvir Jesus. Quando um dos discípulos de João se queixou disto, João disse-lhe:

Não sou o Messias. Apenas fui enviado adiante dele. Na festa de casamento, o noivo é aquele a quem pertence a

noiva. O amigo do noivo apenas o acompanha e escuta e alegra-se em ouvi-lo. Assim também a minha alegria está agora completa. Ele é que deve crescer em importância e eu diminuir.

—João 3:28-30

A mensagem joanina de arrependimento não se limitava às pessoas vulgares. Ele criticou abertamente o rei Herodes por se ter casado com a esposa do irmão. Como resultado, Herodes lançou João na prisão, onde acabou decapitado (Marcos 6:145-29).

Assim, vemos aqui várias semelhanças fascinantes. Tanto Jesus como Maomé foram reconhecidos como profetas pelos primos que morreram pouco depois.

A PAUSA NA REVELAÇÃO

Na mesma altura em que Waraqa morreu, as revelações de Maomé pararam. Deixou de ser visitado pelo anjo Gabriel.

Mais tarde, Maomé disse que ficara...

tão triste... que por várias vezes procurou lançar-se dos picos das altas montanhas e sempre que subia ao monte para se matar, Gabriel aparecia-lhe e dizia-lhe: “Oh Maomé, és na realidade o verdadeiro apóstolo de Alá”. Com isso, o seu coração voltava a aquietar-se, acalmava e regressava a casa.¹²

Maomé passou um mês na caverna de Hira, à procura de mais revelações e depois regressou ao vale. Enquanto caminhava, afirmou ter ouvido alguém chamá-lo em voz alta:

Olhei para a frente, para trás, para a direita e para a esquerda, mas não vi ninguém. Chamaram-me de novo, voltei a olhar à volta, mas não vi ninguém. Chamaram-me outra vez e ergui a cabeça e ali no Trono em pleno ar, ele, i.e., Gabriel, estava sentado. Comecei a tremer cheio de

medo. Aproximei-me de Khadija e disse-lhe: Enfaixa-me. Enfaixaram-me e deitaram-me água e Alá, o Exaltado e Glorioso, clamou: Tu que estás enfaixado! Levanta-te e anuncia, magnifica o teu Senhor, limpa as tuas roupas.¹³

Estes versículos estão registados no Alcorão, na sura 74:1-5. Depois disto, a revelação começou a surgir “com força, frequência e regularidade”.¹⁴

Este pode ser considerado o primeiro teste de Maomé como profeta, Jesus também experimentou um teste imediatamente depois de João Baptista tê-lo apresentado como profeta e “Cordeiro de Deus”. Vejamos agora esse episódio.

A TENTAÇÃO DE JESUS NO DESERTO

Depois de ser baptizado por João, Jesus foi para o deserto e jejuou durante quarenta dias. Ao fim desse tempo, diz o evangelho de Mateus que Satanás tentou-O por três vezes. Primeiro, Satanás disse-lhe:

“Se és o filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”.

Jesus respondeu: “A Sagrada Escritura diz: Não se vive só de pão mas também de toda a palavra que vem de Deus.”

Então o Diabo levou-O à cidade santa, ao ponto mais alto do templo e disse-Lhe: “Se és o Filho de Deus, atira-te daqui abaixo, porque lá diz a Escritura: Deus dará ordens aos Seus anjos a teu respeito: eles hão-de levar-te nas mãos para evitar que magoes os pés contra as pedras.”

Jesus respondeu: “Mas a Escritura também diz: Não tentarás o Senhor teu Deus”.

O Diabo levou ainda Jesus a um monte muito alto e mostrou-lhe dali todos os países do mundo e as suas grandezas e disse: “Tudo isto te darei se me adorares de joelhos”. Jesus respondeu: “Vai-te, Satanás! A Escritura diz: Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele prestarás culto”.

—MATEUS 4:3-10

Depois de João Baptista ser preso, Jesus voltou para a Galileia e pregava assim a Boa Nova de Deus: Chegou a hora! O Reino de Deus está próximo, Arrependam-se dos pecados e creiam na Boa Nova.

—MARCOS 1:14-15

Aqui, podemos ver que desde o início Jesus estava confiante no seu propósito e identidade. Não ficou perturbado com este período de teste. Em contraste, Maomé teve ideias suicidárias quando as suas revelações deixaram de surgir. Agora, vejamos como as pessoas reagiram às novas mensagens que Maomé e Jesus apresentavam.

A Reacção das Pessoas às Mensagens

Maomé: Os treze primeiros anos em Meca.

Idade: 40 a 53 anos

**Jesus: um a dois anos de ministério até ao momento em
que enviou discípulos a pregarem sozinhos**

Idade: cerca de 30 anos

Neste ponto da história, tanto Maomé como Jesus tinham já declarado que haviam sido chamados para apresentar uma mensagem de Deus para o mundo. Analisemos os seus primeiros dias de pregação. Veremos surpreendentes semelhanças nas reacções das suas cidades-natal mas diferenças distintas na forma como Jesus e Maomé reagiram.

OS CALMOS INÍCIOS DE MAOMÉ

A esposa de Maomé, Khadija, foi a sua primeira conversão ao Islão, a que se seguiu o seu primo de dez anos de idade (Ali ibn Abu Talib) que vivia com eles.¹ O mais importante convertido que se seguiu foi um ex-idólatra chamado Abu Bakr que se tornou um evangelista de sucesso do Islão, convertendo vinte e cinco pessoas, incluindo um homem chamado Al-Arqam cuja casa se tornou um importante centro onde Maomé ensinava.²

Maomé falou das suas experiências a seu tio, Abu Talib, que o educara, o qual, comprometendo-se a protegê-lo, não seguiu, porém, os seus ensinamentos.

E o que estava Maomé a ensinar nesta altura? Contou ao sobrinho que,

para se tornar muçulmano, deveria “dar testemunho de que não há outro deus senão apenas Alá sem qualquer associação e abjurar a al-Lat e al-Uzza [ídolos] e renunciar a eles”.³ Maomé também dizia que Gabriel lhe ensinara uma oração especial que revelou aos seus seguidores.⁴ Mais tarde, Maomé acrescentaria novas orientações que deveriam ser seguidas para se ser um muçulmano.

No princípio, Maomé e os Muçulmanos não deram nas vistas. Iam orar para os vales desertos nos arredores da cidade para não serem vistos pelos outros.⁵ Maomé viveu assim calmamente durante três anos em Meca.

O INÍCIO DRAMÁTICO DE JESUS

A história de Jesus nos Evangelhos apresenta-nos um quadro bastante diferente do início da sua obra. Poucos dias depois do baptismo, cinco homens já O acompanhavam por onde quer que Ele fosse (João 1:35-40). Dirigiram-se juntos a Jerusalém para a festa judaica da Páscoa. Quando entraram nos pátios do templo, Jesus fez algo que o marcaria para sempre aos olhos dos líderes religiosos judeus. Quando Jesus viu os homens a venderem gado, ovelhas e pombas e a cambiar dinheiro, irritou-se. Fez um chicote e expulsou homens e animais do pátio do templo, gritando “Tirem tudo isto daqui! Não façam da casa de meu Pai uma casa de negócios” (João 2:16).

Os líderes religiosos questionaram a sua autoridade, mas não conseguiram impedi-Lo. Permaneceu em Jerusalém para a festa da Páscoa e realizou “sinais miraculosos” que levaram muitos a crer n'Ele (João 2:23). Os líderes religiosos (os Fariseus) começaram a prestar atenção às suas actividades (João 4:1).

Jesus começou a falar nas sinagogas judaicas e “a sua fama espalhou-se por toda aquela região... e todos o elogiavam” (Lucas 4:14-15). Depois de ensinar em várias cidades diferentes, regressou para ensinar na sua terra natal, Nazaré, uma pequena aldeia de lavradores, com cerca de duzentas pessoas.

E o que ensinava Jesus nessa altura? Quando se ergueu para ensinar na sinagoga em Nazaré, foi-lhe entregue o rolo de Isaías de onde leu ao povo:

O Espírito do Senhor tomou posse de mim, por isso me escolheu para levar a Boa Nova aos pobres. Enviou-me para anunciar a libertação aos prisioneiros, para dar vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para anunciar o tempo em que o Senhor quer salvar o Seu povo.

—LUCAS 4:18-19

Com o povo a olhar para si, começou a ensiná-los: “Esta parte da Escritura que acabaram de ouvir, cumpriu-se hoje mesmo” (Lucas 4:21).

Alguns dias antes em Jerusalém, Jesus dissera a um líder religioso que Deus “deu o Seu único Filho para que quem crer nele não morra, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Uma mulher, num poço de Samaria, disse a Jesus que estava à espera do Messias vindouro dos Judeus, ao que Jesus respondeu: “Tu estás a falar com ele. Sou eu mesmo” (João 4:26). Em suma, Jesus disse que era o Filho de Deus e que detinha as chaves para um correcto relacionamento com Deus, que resultaria em vida eterna. Esta foi a mensagem de Jesus desde agora até ao fim da sua vida. (No capítulo 10, iremos comparar com mais pormenor as mensagens de Jesus e de Maomé.

MAOMÉ REJEITADO PELOS SEUS CONCIDADÃOS E PELOS LÍDERES RELIGIOSOS

Maomé difundiu a sua mensagem calmamente durante três anos até afirmar que Gabriel lhe ordenava que anunciasse publicamente a mensagem (aos quarenta e três anos de idade). Maomé decidiu convocar os líderes da tribo de Quraysh e falou-lhes dos seus ensinamentos. Há algumas coisas a recordar dos Quraysh: 1. a família de Maomé pertencia a esta tribo, a um clã chamado Beni Hashim (Beni é a palavra árabe para tribo). 2. Esta tribo produzia rendimentos que mantinha a Caaba, o centro da adoração dos ídolos dos Árabes.

Quando Maomé lhes anunciou a sua mensagem, ficaram ofendidos. Disseram ao tio de Maomé: “Oh Abu Talib, o teu sobrinho amaldiçoou os nossos deuses, insultou a nossa religião, troçou da nossa forma de vida e acusou os nossos pais de erro; ou mandas calá-lo ou nós tratamos dele.”⁶

Como o tio de Maomé era seu protector, as pessoas de Meca não puderam matá-lo, pelo que perseguiram-no. Por exemplo, avisaram as pessoas que visitavam Meca que o ignorassem. Insultavam-no quando caminhava em círculos à volta da Pedra Negra na Caaba.⁷

Os convertidos ao Islão estavam mais ameaçados que Maomé. Os Quraysh pressionavam-nos para abandonarem a sua fé. Se o convertido era uma pessoa de elevada posição social, troçavam dele. Se era um mercador, ameaçavam-no com o boicote. E se era da classe baixa, espancavam-no.⁸

Muitos dos convertidos eram de classe baixa ou escravos. Contudo, com o tempo, dois homens poderosos juntaram-se a Maomé — Umar e Hamza (um dos seus tios). Estes homens eram fisicamente fortes e agressivos, o que intimidou os Quraysh. Para enfraquecer os Muçulmanos, os Quraysh decidiram boicotá-los e todo o clã de Maomé (Beni Hashim).

Assinaram um acordo que impunha à restante tribo que não se casassem com as mulheres de Beni Hashim nem lhes dessem as suas em casamento. Também não deviam vender-lhes nem comprar-lhes fosse o que fosse.

O líder do boicote era um homem chamado Abu Lahab, outro dos tios de Maomé. Dirigiu-se ao mercado e disse ao povo: “Oh comerciantes, aumentai os vossos preços para que a gente de Maomé não vos possa comprar nada. Se alguém se preocupar com os prejuízos que tiver eu tenho dinheiro suficiente para o compensar”.

Maomé anunciou revelações do anjo Gabriel a renunciar a este homem (Sura 111).

Ao fim de algum tempo, Maomé e os muçulmanos abandonaram a cidade para irem viver no vale desértico vizinho. Ali entraram em desespero. Quando um deles foi à cidade comprar comida para a família, pediram-lhe duas, três ou quatro vezes mais do que o normal. Não conseguiu comprar e regressou sem nada para a família.

A história islâmica diz que os seguidores de Maomé tinham tanta fome que comeram os excrementos dos animais e as folhas das árvores. Ficou conhecido como o Ano da Fome.

Pensemos nisto: Maomé e sua esposa Khadija, dantes a mulher mais rica e respeitada de Meca, estavam refugiados no deserto, sem possibi-

lidades de comprar comida. Provavelmente teriam consigo alguns dos seus filhos menores. Sobreviveram de víveres trazidos secretamente por simpatizantes e amigos.⁹

Durante todo este tempo, Maomé falou de revelações do anjo Gabriel. Estes versículos seriam reunidos e fariam parte do livro conhecido como Alcorão. As revelações costumavam conter repreensões contra os que o perseguiam.

JESUS REJEITADO PELOS SEUS CONCIDADÃOS E PELOS LÍDERES RELIGIOSOS

Já vimos como os concidadãos de Maomé o rejeitaram. Agora, vejamos Nazaré, a pequena aldeia onde Jesus foi educado. Lemos anteriormente como Jesus se apresentou na sinagoga de Nazaré para ler as Escrituras. Vejamos agora como é que as pessoas reagiram.

Depois de ler a passagem de Isaías, Jesus continuou a ensinar. Referiu como os Seus concidadãos de Nazaré queriam que realizasse milagres, como sucedera em Cafarnaum. “Digo-vos a verdade”, continuou, “nenhum profeta é bem aceite na sua terra natal”. Depois, recordou-lhes os profetas do Velho Testamento que saíram de Israel para ajudarem os não-Judeus. Estas palavras enfureceram as pessoas da sinagoga. Levaram-No até um penhasco fora da aldeia para O matar, mas Jesus passou por entre a multidão e seguiu o Seu caminho (Lucas 4:14-30).

Além da Sua terra natal, Jesus foi rejeitado por outras cidades e grupos de pessoas. Realizou muitos milagres noutras cidades da Galileia, mas rejeitaram a Sua mensagem (Cafarnaum, Mateus 11:23; Corazim e Betsaida, Lucas 10:13). A mensagem de Jesus tornou-se particularmente ofensiva para os líderes religiosos dos Judeus, tal como a mensagem de Maomé foi particularmente ofensiva para os líderes idólatras de Meca.

Os líderes religiosos dos dias de Jesus também tentaram matá-Lo, mas de um modo diferente dos Quraysh em Meca. Em vez de O matarem directamente, procuraram uma forma de O levar a infringir uma lei para poderem matá-Lo “legalmente”. Por exemplo, se ele cometesse blasfémia, a lei judaica dizia que poderia ser condenado à morte. Se cometesse traição contra o governo romano, também poderia ser executado (Mateus 22:15).

Face à rejeição, o padrão de Jesus foi afirmar os Seus pontos de vista e mudar-se (Lucas 9:51-56). À medida que fomos analisando a vida de Jesus e de Maomé, veremos que a reacção de Maomé à rejeição foi bastante diferente. Vejamos como Maomé enfrentou o boicote da sua tribo.

O BOICOTE É REPELIDO / MAOMÉ PROCURA PROTECÇÃO

Após dois ou três anos sem qualquer intervenção directa de Maomé, os líderes dos Quraysh decidiram levantar o boicote. Considerando que estava errado tratarem tão mal um dos seus parentes, desfizeram o acordo. Maomé e os seus regressaram a Meca onde continuaram a praticar o Islão, embora ainda sujeitos a alguma perseguição.¹⁰

Maomé apresentou a sua mensagem, dizendo às pessoas que deviam abandonar os ídolos, aceitar Alá como o único Deus verdadeiro e Maomé como profeta de Alá. Também citava versículos do Alcorão. Quando lhe era pedido um sinal, respondia: “O Alcorão é o sinal para vós” (Sura 29:50-51).

Os eventos dos anos seguintes mostram que Maomé estava a desenvolver uma nova estratégia para estabelecer o Islão e proteger-se.

Um ou dois anos depois, morreram duas pessoas muito importantes na vida de Maomé — seu tio Abu Talib, que o protegia dos inimigos, e sua esposa Khadija, que lhe fornecia apoio moral (620 a.D.) Maomé tinha cinquenta anos. A história islâmica diz que os Quraysh começaram a tratá-lo “de uma forma mais ofensiva do que anteriormente”. É citado um exemplo de “um jovem grosseiro” que “lhe atirou poeira para a cabeça”.¹¹ Contudo, não são mencionados quaisquer ataques físicos directos — como espancamento, homicídio tentado ou algo de semelhante. Apesar de tudo, podemos dizer com segurança que Maomé se sentiu ameaçado porque procurou a protecção de outras pessoas ou tribos. (Os seus seguidores também procuraram protectores pessoais). A história islâmica diz que viajou para fora de Meca até ao povo de Thaqif, às tendas de Kinda e às tendas de Kalb, tendo sido rejeitado por todos.¹²

Quando os líderes tribais vinham visitar Meca, Maomé encontrava-se com eles. Dizia-lhes que era profeta e pedia-lhes que “cressem nele e o protegessem até Alá lhes mostrar a mensagem com a qual ele comissionara o seu profeta”.¹³

À excepção de alguns crentes de classe mais baixa de Meca, os esforços de Maomé tiveram pouco sucesso. Por fim, encontrou a sua oportunidade na longa guerra entre as duas tribos principais da cidade vizinha de Medina-Aous e Kahzraj. Estas tribos dirigiram-se à Caaba em Meca para a peregrinação anual a fim de adorarem os seus ídolos. Depois dos seus actos de adoração, alguns representantes reuniram-se de noite na Caaba com Maomé, que lhes disse: “Aceito a vossa fidelidade desde que me protejam como o fazem com as vossas mulheres e filhos”. Um dos líderes respondeu:

Juro no nome de quem te enviou com a verdade que te defenderemos como defendemos as nossas famílias. Firma este acordo connosco, oh apóstolo de Alá. Somos os filhos da guerra [i.e., sabemos como defender-te]. Essa foi a nossa herança de geração em geração.¹⁴

Vemos assim um povo dedicado durante muitos anos à guerra a jurar fidelidade a Maomé, que estava claramente a estabelecer um acordo militar com estas tribos. Disse-lhes: “Guerrearei contra os que guerrearem contra vós e estarei em paz com os que estiverem em paz convosco”.¹⁵

Neste ponto, vemos uma semelhança irónica com Jesus. Maomé disse às pessoas com quem estava reunido: “Tragam-me doze líderes para poderem cuidar dos negócios da sua tente”. Apresentaram-lhe nove de uma tribo e três de outra. Assim, Maomé escolheu doze pessoas para trabalharem consigo, tal como Jesus chamou doze discípulos para andarem consigo.

Nesta altura, Maomé já havia passado treze anos a pregar o Islão. Agora, começava os preparativos para uma grande mudança.

Comparemos este quadro da vida de Maomé com o modo como Jesus apresentou a Sua mensagem.

JESUS BASEIA-SE NA PREGAÇÃO E NA CURA

Historiámos a primeira metade da vida de Maomé como profeta e vamos agora concentrar-nos na primeira metade do ministério de Jesus. Por

ministério, consideramos o período de um a dois anos que Ele passou a ensinar o povo e a preparar os Seus discípulos antes de os enviar sozinhos.

Então, como é que Jesus apresentou a Sua mensagem? Viajava de cidade em cidade à volta da Galileia e da Judeia e pregava. Como convencia as pessoas a crerem em si? Curava doenças, obrigava os demónios a abandonar o corpo das pessoas e realizava milagres naturais.

Por exemplo, logo no início do seu ministério, expulsou um demónio de um homem que interrompia o Seu sermão na sinagoga, de Cafarnaum (Lucas 4:33). Depois Jesus dirigiu-se a casa de Pedro, onde lhe curou a sogra que padecia de uma febre altíssima. Ao cair da noite, uma multidão reuniu-se em casa. Trouxeram-Lhe todo o tipo de pessoas com as mais diversas doenças e Ele curou-as, “impondo as mãos em cada” (Lucas 4:40).

Este tipo de actividade granjeou-lhe reacções entusiastas das pessoas por onde quer que fosse. Traziam-Lhe “os que sofriam de várias doenças e males, os que tinham espíritos maus, os doentes de nervos e os paralíticos. E Jesus curava-os a todos” (Mateus 4:24). Um homem a quem curou de lepra espalhou com tanta eficácia a notícia, que Jesus já não podia entrar abertamente nas cidades por causa das multidões. Ficava no seu exterior em “locais solitários”. Mesmo assim, as pessoas iam ter com Ele (Marcos 1:45).

Depois de um milagre em que multiplicou a comida, as pessoas começaram a dizer: “Este é na verdade o profeta que havia de vir ao mundo”. Estavam prontos a “proclamarem-no rei à força”, pelo que Jesus se retirou sozinho para os montes (João 6:14-15).

Também se tornou conhecido pela Sua forma de ensino. Mateus disse: “A multidão estava admirada com os seus ensinamentos. É que ele ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei” (Mateus 13:34; ver também Lucas 4; Mateus 13:54). Jesus costumava ensinar as pessoas contando-lhes histórias com significado espiritual (parábolas; Mateus 13:34). Por exemplo, para ensinar o perdão às pessoas, contou a história de um servo a quem o dono perdoou uma grande dívida (Mateus 18:21-35).

Quase no final do primeiro ano, Jesus escolheu doze homens entre os que O seguiam (Mateus 10:1; Marcos 3:13; Lucas 6:12). Estes doze

tornaram-se os Seus companheiros mais íntimos. Em breve Jesus iria instruí-los quanto ao modo de espalharem a Sua mensagem.

Maomé também começou por trabalhar com os seus doze novos líderes para os preparar para espalhar o Islão por toda a Arábia. Vejamos como o conseguiu.

Difundindo a Mensagem

Maomé: Os sete primeiros anos em Medina.

Idade: 53 a 60 anos

**Jesus: um a dois anos de ministério até à
viagem final até Jerusalém**

Idade: 34 a 35 anos

Jesus exerceu o Seu ministério sempre da mesma maneira desde o princípio até ao fim. Mas na vida de Maomé, há um acontecimento que marcou uma mudança fundamental. Foi a fuga de Meca para Medina, conhecida como hijra. Neste capítulo, veremos o que aconteceu depois da mudança de Maomé e como ele agiu com os seus doze líderes para espalhar o Islão. Veremos também como Jesus trabalhou com os Seus doze discípulos para difundir a Sua mensagem.

Também analisaremos um outro grande acontecimento na vida de ambos — a oposição que enfrentaram da parte das comunidades ou líderes religiosos judaicos dos seus dias.

O EXÉRCITO DE MAOMÉ ESPALHA O ISLÃO

No último capítulo, deixámos Maomé logo depois de ter concluído o seu pacto com as duas mais fortes tribos de Medina. Neste ponto, ele começou a enviar os seus seguidores em pequenos grupos de Meca para viverem em Medina, o que levou vários meses.

MAOMÉ CHORA SOBRE MECA

Quando Maomé se preparava para emigrar de Meca para Medina, foi para o topo da montanha sobranceiro a Meca e disse: “Oh Meca, juro que és a cidade do meu coração e se os teus habitantes não me forçassem a abandonar-te, nunca te deixaria”.¹

Por outras palavras, Maomé estava a revelar quanto amava Meca. Recordamos as suas palavras porque voltaremos a elas quando ele regressar a Meca oito anos mais tarde.

Depois disto, Maomé e um dos seus mais leais seguidores, Abu Bakr, deixaram Meca de noite e partiram em segurança para Medina. É a chamada segunda hijra ou peregrinação.² O calendário islâmico assinala as datas d. H. ou depois de hijra. Portanto, uma data como 5 d. H. refere-se ao quinto ano depois de Maomé ter emigrado para Medina.

Após anos em que procurou protecção, Maomé estava agora numa posição segura. Que fez ele?

Autorização para lutar

Em Meca, Maomé passara treze anos a mostrar-se cooperante e tolerante, nada inclinado à violência. Perdoava com frequência os que o magoavam e não procurava cobrar qualquer vingança. Depois de se mudar para Medina, este meigo cordeiro transformou-se num feroz leão.

Antes do final do seu primeiro ano em Medina, Maomé anunciou que Alá lhe dera autorização para lutar. A história islâmica regista:

Então, o apóstolo preparou-se para a guerra, obedecendo ao mandamento de Deus para combater os seus inimigos e enfrentar esses politeístas que Deus mandou combater. Isto ocorreu treze anos depois da sua chamada.³

Nos dois primeiros anos em Medina, Maomé levou a cabo alguns raides pessoais, mas também enviou ao ataque os seus parentes e seguidores leais. Entre esses ataques conta-se um conduzido pelo seu tio Hamza com trinta soldados que emboscaram uma caravana que vinha de

Meca. Também enviou um primo para atacar alguns membros da tribo dos Quraysh quando viajavam nos arredores de Meca.⁴

O povo de Meca não organizou qualquer retaliação em grande escala contra Maomé depois de este ter abandonado Meca. Contudo, Maomé ordenou um ataque contra uma grande caravana de Meca que regressava da sua viagem à Síria. Este foi um grande ponto de viragem na história do Islão.

Este ataque foi mais do que apenas económico; foi um ataque contra a sobrevivência de Meca. As caravanas partiam apenas duas vezes por ano. Regressavam com comida, açúcar, sal e vestuário de que as pessoas necessitavam para sobreviver. Meca situava-se num deserto onde as pessoas não conseguiam produzir muitos alimentos, pelo que dependiam de facto do comércio. Se Maomé fosse bem sucedido nos seus ataques contra a caravana, Meca teria sofrido graves carências.

O líder da caravana, Abu Sufyan, soube das intenções de Maomé e evitou o lugar onde deveria ocorrer a emboscada. (Recordemos este homem, porque ele vai desempenhar um papel importante na vida de Maomé). Contudo, o povo de Meca decidiu que Maomé devia ser castigado pelas suas intenções. Maomé tinha apenas cerca de trezentos homens, mas obtiveram uma vitória surpreendente, tendo morto e capturado muitos dos habitantes da cidade (batalha de Badr, a. D. 624, d. H. 2).⁵ Isto fez dele o líder mais forte da Arábia (Embora tivesse derrotado o seu exército, a cidade de Meca continuava sob o controlo dos Quraysh).

A batalha de Badr levou a guerra santa a um novo nível. Maomé disse que o anjo Gabriel lhe aparecera com novas revelações sobre o modo de lidarem com o seu sucesso. É a sura 8 do Alcorão, intitulada “Despojos de Guerra”. Este capítulo fala da batalha e oferece algumas instruções práticas. Analisemos quatro dos pontos principais:

1. A revelação dizia aos Muçulmanos como dividir o saque capturado ao exército derrotado.

E saibas que de todo o saque que obtiverdes (na guerra), um quinto destina-se a Alá e ao Mensageiro e aos parentes próximos, órfãos, necessitados e ao combatente.

Por outras palavras, Maomé ficou com 20 por cento (parte do qual podia distribuir pelos necessitados) e os restantes 80 por cento foram divididos entre os que lutaram com ele. Isto parece bastante razoável quando o exército tem trezentas pessoas, mas mais tarde o seu exército subiu a dez mil homens. Com um exército desse tamanho, cada combatente recebia apenas 0,008 por cento, comparado com os 20 por cento de Maomé. Isto provocou algumas queixas entre os soldados.

2. A revelação ordenava aos Muçulmanos que continuassem a combater todo o que rejeitasse o Islão.

E combatei-os até que não haja nenhuma perseguição e religião que não seja inteiramente por Alá. Mas se eles desistirem, então por certo Alá está vigilante ao que eles fazem.

—SURA 8:40

Oh Profeta, insta com os crentes para que combatam. Se houver vinte de vós que sejam constantes, eles vencerão duzentos e se houver uma centena de vós que sejam constantes, eles vencerão um milhar dos que descrêem, porque eles são um povo que não compreende.

—SURA 8:66

A única forma de se ficar a salvo do exército de Maomé era aceitar o Islão.

Dizei aos que descrêem se eles desistirem, que o que é passado lhes será perdoado; e se eles a isso voltarem, então em boa verdade o exemplo dos povos anteriores já se passou antes deles.

—Sura 8:39

3. A revelação dizia aos Muçulmanos que se preparassem para missões futuras.

E prepara contra eles tudo o que vós possuiais de força e de piquetes montados na fronteira, por meio do que vós podeis atemorizar o inimigo de Alá e os vossos inimigos.

—SURA 8:61

4. A revelação ordena-lhes que combatem “com denodo”

Oh vós, que credes, quando encontrardes um exército, mantende-vos firmes e lembrai-vos muito de Alá para que possais prosperar.

—SURA 8:46

Maomé ensinava que a sua missão consistia em difundir o Islão com o recurso ao uso da guerra santa. Deu aos seus seguidores autoridade para atacar os descrentes e capturar-lhes os bens.

MECA TENTA DETER MAOMÉ

Toda a Arábia sentiu-se ameaçada por Maomé. Em 5 d. H., alguns idólatras de Meca aliaram-se a alguns Judeus de Medina para atacarem Maomé. Os Muçulmanos cavaram trincheiras à volta da cidade de Medina e conseguiram repelir com sucesso os habitantes de Meca que bateram em retirada. Praticamente não houve luta. Conhecida como a batalha da Trincheira, este acontecimento é muito importante para a história islâmica porque se Maomé tivesse sofrido uma derrota decisiva, o futuro do Islão teria ficado ameaçado.

Deste modo, Maomé continuou a espalhar o Islão pelas suas forças militares. Acompanhou pessoalmente os combatentes em vinte e sete ataques e, em nove deles, esteve mesmo no campo de batalha a combater a seu lado. Os Muçulmanos realizaram um total de trinta e oito raides e expedições, enquanto Maomé vivia em Medina.⁶

Durante este tempo, Maomé continuou a transmitir revelações do anjo Gabriel. Estas mensagens foram reunidas e acrescentadas ao Alcorão, como dantes. As novas revelações apelavam a uma difusão do Islão pela força.

Agora, voltemo-nos para Jesus perto do final da vida para perceber como é que Ele instruiu os Seus discípulos a espalhar a Sua mensagem.

JESUS ENVIA OS SEUS DISCÍPULOS A ESPALHAR O EVANGELHO

Ao contrário de Maomé, que mudou imenso depois de se transferir para Medina. Jesus não alterou a Sua mensagem ou método de a difundir. Ao entrar no seu terceiro ano de ministério, continuou a viajar, a falar nas sinagogas ou em lugares públicos, a curar os doentes, a expulsar os demónios e a realizar muitos outros milagres. As pessoas vulgares eram atraídas a Ele e muitos líderes religiosos sentiam-se ameaçados. Neste ambiente, deu aos Seus doze discípulos instruções para irem sem Ele anunciar o evangelho. Mais tarde, convocou um grupo maior de setenta e dois para realizarem as mesmas coisas. Vejamos em pormenor o que lhes disse.

Instruções de viagem

Ao apresentar as instruções de Jesus aos Seus discípulos, irei pô-las em paralelo com as instruções de Maomé aos seus.

1. Maomé deu autoridade aos seus para praticarem a guerra, mas Jesus deu aos Seus discípulos um tipo diferente de autoridade. O livro de Mateus diz:

Deu-lhes poder para expulsarem espíritos maus e curarem toda a espécie de doenças e achaques.

—MATEUS 10:1

Depois de lhes dar autoridade, Jesus ordenou aos Seus seguidores:

Curem os que têm lepra e os que têm outras doenças, ressuscitem, os mortos e expulsem os espíritos maus.

—MATEUS 10:8

2. Maomé deu aos seus seguidores instruções sobre o modo de dividir os bens capturados aos descrentes. Jesus proibiu os discípulos de pedirem dinheiro às pessoas ou de levarem dinheiro consigo.

Receberam de graça, dêem de graça. Não andem com ouro, prata ou cobre nos bolsos.

—MATEUS 10:8-9

Mas Jesus permitiu aos Seus seguidores que ficassem em casa das pessoas e comessem com elas:

Fiquem numa só casa e comam e bebam do que vos oferecerem, pois todo o trabalhador merece ser pago.

—LUCAS 10:7

3. Se uma cidade rejeitasse o Islão, Maomé ordenou aos muçulmanos que a atacassem. Jesus disse:

Se alguma casa ou cidade não der ouvidos ao que vocês disserem, quando saírem dali sacudam o pó dos vossos pés. Garanto-vos que, no Dia do Juízo, a gente de Sodoma e Gomorra será tratada com menos dureza do que o povo daquela cidade.

—MATEUS 10:14-15

Por outras palavras, Jesus disse que as cidades que rejeitassem a Sua mensagem seriam castigadas por Deus no Dia do Juízo, não pelos discípulos na presente vida.

Tal como fez em vida, Jesus disse aos Seus seguidores que se afastassem dos que fossem contra eles.

Quando vos perseguirem numa cidade, fujam para outra.

—MATEUS 10:23

Maomé disse aos seus que retaliassem contra os descrentes. Jesus disse aos Seus seguidores que se preparassem porque os descrentes lhes dariam luta. Disse-lhes que seriam chicoteados, presos e levados a julgamento (Mateus 10:16-19).

Os discípulos seguiram as instruções de Jesus

Então os discípulos partiram e foram pregar para que as pessoas se arrependessem e mudassem de vida. Expulsavam muitos espíritos maus e curavam muitos doentes, aplicando-lhes azeite.

—MARCOS 6:12-13

CONFLITOS COM O POVO JUDEU

Há um grande confronto nas histórias tanto de Jesus como de Maomé — os seus conflitos com Judeus ou com líderes religiosos judeus. Muita da interação de Maomé com o povo judeu ocorreu quando esteve em Medina, porque Meca tinha poucos Judeus. Jesus, Ele próprio judeu, interagiu com o povo judeu durante toda a sua vida. Mas os principais conflitos que experimentou foram com os líderes religiosos judeus. Vejamos primeiro o que aconteceu com Maomé.

Os conflitos entre Maomé e os Judeus

A maior comunidade judaica na Arábia situava-se em Medina. Depois de Maomé se mudar para lá, lidava todos os dias com Judeus. Comerciaava com eles, visitava os seus lares e comia com eles.

Maomé esperava que os Judeus aceitassem o Islão, porque ensinava que havia um único Deus, tal como era a fé dos Judeus. Contudo, os Judeus não se deixaram impressionar com os seus ensinamentos. Queriam que lhes mostrasse um sinal de ser um verdadeiro profeta. O Alcorão regista:

E eles dizem: “Porque lhe não são enviados Sinais da parte do seu Senhor?”

—SURA 29:51

A resposta de Maomé foi que ele era apenas um homem, um arauto e que o Alcorão era o único sinal de que as pessoas necessitavam.

Dizei: “Os Sinais estão apenas com Alá e eu sou apenas um simples Avisador”. Não lhes basta que Nós te tivéssemos enviado o Livro [o Alcorão] que lhes é recitado?

—SURA 29: 51-52

Durante três anos, Maomé debateu com os Judeus. Depois, para espanto de todos, ordenou o assassinio de um judeu bem conhecido que o criticara com poesia (3 d. H.). Eis como tudo aconteceu.

Numa reunião com alguns dos seus seguidores, Maomé perguntou: “Quem matará este homem por mim?” Alguns Muçulmanos ofereceram-se. Certa noite, foram até à casa do homem e convidaram-no a ir dar um passeio. Depois de terem caminhado e falado um pouco, um Muçulmano fez sinal e atacaram-no com espadas e uma adaga, ferindo-o até à morte.⁷

A atitude de Maomé para com o povo judeu alterara-se. Ordenou outro assassinio e como se recusassem a aceitar o Islão e representassem uma ameaça para si, expulsou-os sistematicamente da Arábia.

Primeiro, atacou os Beni Nadir (tribo de Nadir, 4 d. H.) Destruiu as suas palmeiras e obrigou o povo a abandonar a aldeia. Dois anos mais tarde, convocou um ataque contra a aldeia de Beni Qurayzah, montando-lhe cerco. Depois da rendição, matou todos os homens (cerca de seiscentos) e levou as mulheres e crianças como escravos (5 d. H.).⁸ Por fim, expulsou os Judeus de Khaybar (7 d. H.), uma aldeia judaica perto de Medina.

Maomé sustentou-se a si e à família com os bens que confiscou aos Judeus de Kahybar.

Isto foi narrado com a autoridade de Umar, que disse: “As propriedades abandonadas por Banu Nadir foram aquelas que Alá concedeu ao Seu Apóstolo para quem não foi levado a cabo nenhuma expedição quer a cavalo quer de camelo. Essas propriedades destinavam-se particularmente ao Santo Profeta. Satisfaz os gastos anuais da sua família com os seus

rendimentos e gastou o remanescente na compra de cavalos e armas como preparação para a Jihad.”⁹

Maomé não tolerava críticas dos Judeus e não lhes permitia que vivessem em paz, com receio que se juntassem aos seus inimigos para o combater.

Os encontros de Jesus com os líderes religiosos judeus

Seiscentos anos antes de Maomé, os Judeus dos dias de Jesus foram também críticos em relação a uma nova mensagem. “Os doutores da Lei e os Fariseus puseram-se a criticá-lo com dureza e a incomodá-lo com muitas perguntas traiçoeiras.” (Lucas 11:53)

Tal como faziam com Maomé, os Judeus pediram um sinal a Jesus.

Então alguns e doutores da Lei e fariseus fizeram este pedido a Jesus: “Mestre, queremos ver-te fazer um milagre”. Jesus respondeu-lhes: “Esta gente má e infiel anda à procura de um sinal de Deus! Pois bem, não lhe será dado outro sinal senão o do profeta Jonas. Assim como Jonas esteve três dias e três noites dentro da baleia, assim o Filho do Homem há-de estar três dias e três noites dentro da terra.”

—Mateus 12:38-40

Jesus usou o “sinal de Jonas” para dizer que morreria e permaneceria no túmulo durante três dias antes de voltar de novo à vida.

Jesus também ofereceu o seu poder sarador e os milagres como sinal do Seu poder divino. Quando Jesus estava a ensinar os seus discípulos, disse: “Acreditem que eu estou com o Pai e o Pai está comigo. Mas se não querem acreditar em mim pelas minhas palavras, acreditem em mim ao menos pelas minhas acções”. (João 14:11; ver também Mateus 9:2-7).

Jesus mostrou frustração e ira contra os líderes religiosos. Os Evangelhos registam várias ocasiões em que Ele os verberou (Mateus 23; Marcos 7:1-23; João 8:42-59). Também usou parábolas para protestar contra as suas acções (Mateus 21:28-46; 22:1-14). Contudo, não procurou causar dano físico a nenhum deles.

Agora que vimos o que Jesus e Maomé fizeram na sua vida pública durante a segunda metade dos seus ministérios, analisemos um pouco a sua vida pessoal.

VIDA PESSOAL

Depois de se mudar para Medina, a vida pessoal de Maomé alterou-se significativamente. Enquanto esteve em Meca, manteve-se casado com uma única mulher, Khadija, que morreu após vinte e cinco anos de casamento. Durante o seu primeiro ano em Medina, Maomé assinou um contrato de casamento com a filha de um dos seus mais leais seguidores, Abu Bakr. Isso nada teria de invulgar se a rapariga não tivesse apenas seis anos de idade.¹⁰

A história islâmica diz que ele só consumou o casamento com a rapariga, chamada Aisha, quando ela atingiu os nove anos, mas esta disposição era extremamente invulgar, mesmo na sociedade árabe. Permaneceram casados até à morte de Maomé, tinha ela dezoito anos. Contudo, não foi a sua única esposa. Maomé casou-se com outras onze mulheres durante os anos em que permaneceu em Medina. Gastou muita da sua energia a lidar com as suas esposas. (No Capítulo 16, explico com mais pormenor o impacte das suas esposas).

Em contraste, não temos qualquer registo de Jesus se ter casado. Passou o tempo com os seus discípulos e foi particularmente íntimo de três deles — Pedro, Tiago e João (Mateus 17:1; Marcos 5:37; 14:33). Manteve o seu relacionamento com a mãe e os irmãos e teve também uma relação mais próxima com Maria, Marta e seu irmão, Lázaro. Um pequeno grupo de mulheres viajava com Jesus e dava-lhe assistência. (Ver Capítulo 16 para mais informação).

CONCLUSÃO

Estamos a chegar agora ao fim da vida tanto de Jesus como de Maomé. O capítulo seguinte deste livro analisará os três últimos anos de Maomé (61 a 63 anos de idade) e os últimos meses de Jesus (entre os 35 e os 36 anos).

Os Últimos Dias

Maomé: Os três últimos dias da sua vida.

Idade: 60 a 63 anos

Jesus: Os meses finais da sua vida.

Idade: 35 a 36 anos

Com a aproximação do fim da vida, tanto Jesus como Maomé estavam no pico da sua influência. Neste capítulo, iremos ver:

- ♦ A sua entrada triunfante nas cidades que os rejeitaram.
- ♦ As instruções finais aos seus seguidores.
- ♦ Como cada um morreu.

MAOMÉ REGRESSA A MECA

Oito anos depois de emigrar para Medina, Maomé alcançou um novo patamar de poder. Nessa altura, tinha ao seu dispor dez mil soldados, comandados por quatro líderes de divisão e ele próprio.¹ Anos antes, quando as pessoas o perseguiram no mercado de Meca, ele avisara-as: “Oh povo de Meca, juro-vos no nome de Alá que voltarei como vingador”.² Estava agora preparado para dar conteúdo a essas palavras.

Com o avanço do exército de Maomé, o deserto ficou coberto de cavalos e homens. A cidade de Meca enviou espias, incluindo Abu Sufyan, o líder da caravana que Maomé tentara atacar na primeira vez que abandonou Meca. Foi capturado e, na presença de Maomé, optou por se converter a fim de salvar a vida. Para resgatar a dignidade deste líder, Maomé disse durante o ataque que os Muçulmanos deveriam proteger

todos quantos se refugiassem em casa deste homem. Enviou o homem para Meca, com esta mensagem: “Aquele que entrar na casa de Abu Sufyan estará salvo. E quem se fechar em sua casa será salvo, bem como quem estiver na mesquita”. Quando as pessoas de Meca ouviram isto, correram para suas casas e para a mesquita.³

Quando estava prestes a entrar na cidade, Maomé chamou à sua presença os combatentes Ansar, que eram convertidos de Medina e não de Meca. Quando o rodearam, Maomé disse-lhes: “Estão a ver os soldados de Quraysh (de Meca)?” Fez um gesto com o braço e ordenou-lhes: “Ide e ceifai-os”. A palavra árabe para ceifar apresenta a ideia de um agricultor a colher a sua seara com uma foice. Por outras palavras, Maomé estava a dizer-lhes: “Cortem-lhes o pescoço como quem corta o fruto do ramo de uma árvore”.⁴

A razão de Maomé ter escolhido os Ansar para a tarefa deve-se provavelmente ao facto de os Muçulmanos de Meca poderem ter mostrado relutância em matar gente da sua tribo e antigos vizinhos.

Quando os soldados entraram a cavalo na cidade, algumas mulheres saíram de casa e histericamente começaram a bater com os punhos no focinho dos cavalos a suplicar-lhes que não as matassem nem aos seus filhos. Choravam e tentavam empurrar os cavalos para trás. Imagine-se esta cena! O povo estava aterrorizado e desesperado.⁵ Meca ofereceu pouca resistência armada e Maomé assumiu o seu controlo com toda a facilidade.

A divisão de Maomé transportava uma bandeira especial. Era preta com uma única palavra nela escrita em árabe: castigo.⁶

Maomé assume o controlo da Caaba

Maomé percorreu a cavalo as ruas de Meca, com as pessoas da cidade fechadas em casa. Entrou na Caaba, beijou a Pedra Negra e começou a andar em círculo à sua volta. Ao chegar ao ídolo que estava perto da Pedra Negra, furou-lhe os olhos com o seu arco que trazia na mão. Nesse mesmo dia, depois das orações da tarde, Maomé ordenou que juntassem todos os ídolos que se encontravam à volta da Caaba, os queimassem e os despedaçassem.⁷ Os Muçulmanos ficariam agora responsáveis pela Caaba (Sura 9:19).

Vejamos agora o que aconteceu quando Jesus regressou a Jerusalém, o

lar dos chefes dos sacerdotes e dos mestres da Lei que estavam a procurar matá-Lo.

JESUS REGRESSA A JERUSALÉM

Durante os meses finais do Seu terceiro ano de ministério, Jesus estava também no pico de influência e popularidade. Ao mesmo tempo, avisou os discípulos de que seria morto quando fosse a Jerusalém:

Daí em diante, Jesus começou a explicar aos seus discípulos que era preciso ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da Lei, que haviam de matá-lo, mas ao terceiro dia havia de voltar a viver.

—MATEUS 16:21; VER TAMBÉM LUCAS 13:31-35.

Com isto, os discípulos ficaram muito tristes.

—MATEUS 17:23

Apesar dos protestos dos discípulos, Jesus continuou a dirigir-se para Jerusalém, a fim de aí estar para a festa da Páscoa. Quando chegou, a sua entrada na cidade foi surpreendente.

Pediu aos discípulos que lhe arranjassem um pequeno jumento, montado no qual Jesus entrou na cidade. À Sua passagem, as multidões amontoavam-se junto à estrada. Alguns lançavam as capas à sua frente, enquanto outros cortavam ramos e os colocavam no chão. Louvavam a Deus ruidosamente e toda a cidade de Jerusalém se alvoroçou (Lucas 19:28-44; Mateus 21:1-11).

Jesus chora por Jerusalém

Ao aproximar-se de Jerusalém e ao vê-la, Jesus sofreu porque sabia qual o futuro da cidade. Lamentou-se:

Quando chegou perto de Jerusalém, ao ver a cidade, Jesus chorou por ela e disse: “Se tu também compreendesses, ao menos hoje, aquilo que te pode dar a paz! Mas por agora não

conseguirás entender! Lá virá o tempo em que os teus inimigos farão uma muralha em volta de ti e te cercarão por todos os lados. Hão-de deitar-te por terra e matar os teus habitantes e não deixarão em ti uma pedra sobre outra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te veio salvar”.

—LUCAS 19:41-44; VER TAMBÉM
MATEUS 23:37-39; LUCAS 13:34-35

As palavras proféticas de Jesus cumpriram-se em menos de quarenta anos. No ano 70 a.D., o general romano Tito conquistou e destruiu Jerusalém e queimou-lhe o templo.

Então, agora temos Jesus e Maomé no final das respectivas vidas de regresso às cidades que eram o centro da vida espiritual dos seus povos. Maomé regressou como conquistador. Como veremos, Jesus regressou como um sacrifício. Na última secção deste capítulo, veremos como estes dois líderes morreram e quais as instruções finais que deram aos seus seguidores.

A ARÁBIA SUBMETE-SE

Depois da conquista de Meca, o povo de toda a Arábia que ainda não fora atacado enviou mensageiros a Maomé dizendo; “Sujeitamo-nos a ti”. A história islâmica regista quarenta e oito grupos diferentes que se renderam a Maomé nesse ano (9 d.H.) Ficaram apenas algumas bolsas de resistência na Arábia, que Maomé subjugou com sucesso.⁸

Os povos conquistados pagaram o zakat, um imposto que consistia em 2,5 por cento do rendimento de uma pessoa.

Maomé envia cartas a governantes estrangeiros

Agora que conquistara a Arábia, Maomé contactou os governantes dos países ao redor da Arábia a convidá-los a aceitar o Islão e o domínio islâmico. Enviou cartas oficiais com o seu selo pessoal ao (1) imperador de Roma, (2) rei do Irão, (3) rei da Etiópia, (4) governador romano do Egipto, (5) rei de Omã, (6) rei do Bahrein, (7) rei da Síria, (8) rei do

Iémen.⁹ Estas cartas avisavam os governantes que ou se sujeitavam ao Islão ou sofreriam as consequências. Um bom exemplo é a carta ao imperador de Roma, que dizia:

De Maomé, o apóstolo de Alá,

A Herocles, o grande de Roma,

Converte-te ao Islão e serás salvo. E se rejeitares o meu desafio, serás responsável pelo que te acontecerá e ao teu povo.¹⁰

Maomé usou a palavra salvo referindo-se a ser salvo do seu exército, não significando que seria poupado à ira de Deus no Dia do Juízo.

Recordam-se dos doze líderes anteriormente escolhidos por Maomé? Muitos deles estavam agora a liderar ataques contra os que se recusavam sujeitar-se à autoridade islâmica.

Novas revelações sobre a Jihad

Neste quadro, Maomé relatou novas revelações relativas ao tratamento dos não crentes. Elas estão registadas na Sura 9. Vejamos dois desses versículos:

Em referência aos Mushrikun, ou adoradores de ídolos, a revelação foi:

Matai os Mushrikun [idólatras] onde quer que os encontreis e fazei-os prisioneiros e sitiai-os e ponde-vos à espera deles em toda o lugar de emboscada. Mas se eles se arrependerem e observarem As-Salat [a oração] e pagarem o Zakat [imposto de caridade], então deixai livre o seu caminho.

—SURA 9:5

Assim, esta revelação dizia aos Muçulmanos que combatessem os idólatras até aceitarem o Islão. Há também uma revelação semelhante relativa aos Judeus e aos Cristãos, com uma importante diferença.

Combatei aqueles dentre o povo do Livro [Judeus e Cristãos] que [1] não crêem em Alá, [2] nem no Último Dia, [3] nem consideram como ilegítimo o que Alá e o Seu Mensageiro [Maomé] declararam ser ilegítimo [4] nem seguem a verdadeira religião [i.e. o Islão], até que eles paguem a Jizyah [imposto] com a sua própria mão e reconheçam o seu estado de sujeição.

—SURA 9:29

Os Muçulmanos ofereciam três opções aos Judeus e aos Cristãos:

1. Aceitarem a mensagem do Islão.
2. Permanecerem Judeus ou Cristãos, mas pagarem um imposto especial (jizyah), tradicionalmente recolhida uma vez por ano.
3. Prepararem-se para serem atacados.

Maomé nomeou governadores (chamados amirs, emires) para governarem todos os povos, tribos e zonas que aceitassem a autoridade islâmica (9 d.H.).

O ÚLTIMO SERMÃO DE MAOMÉ NO MONTE ARAFAT

Agora que controlava Meca, Maomé convocou todos os Muçulmanos para participarem numa grande hajj, uma peregrinação anual à Caaba para adorarem Alá (Sura 3:98). Passou um ano a fazer os preparativos para um grande evento, enviando mensageiros a todas as partes da Arábia, convidando as pessoas a aparecerem. O culminar desta maciça concentração ocorreu quando Maomé pregou no monte Arafat o seu último sermão registado, rodeado por mais de cem mil Muçulmanos.¹¹ Este sermão é mais conhecido como o Sermão do Monte Arafat.

Eis o texto do que Maomé disse, conforme vem registado na história islâmica.

Hoje, a vossa religião está concluída e a graça de Deus realizada na vossa vida. E dou testemunho de que o Islão é a vossa religião. Oh povo muçulmano, estais proibidos de derramar sangue entre vós ou de vos roubardes uns aos outros ou de vos aproveitardes uns dos outros ou de roubardes as mulheres ou as esposas de outros Muçulmanos.

A partir de hoje, não haverá duas religiões na Arábia. Eu descí em nome de Alá com a espada na minha mão e a minha riqueza surgirá da sombra da minha espada. E quem discordar de mim será humilhado e perseguido.¹²

Este sermão possui duas partes: a primeira ensina aos Muçulmanos como lidarem uns com os outros, por exemplo, a não se atacarem nem roubarem as esposas dos outros. A segunda ensina-os a lidar com os não-muçulmanos. Maomé declarou que Alá o enviara com uma espada e que o seu rendimento provinha desta. Prometeu humilhação e perseguição aos que discordassem de si. (Este sermão contrasta grandemente com o Sermão do Monte, em que Jesus disse: “Tenham amor aos vossos inimigos e peçam a Deus por aqueles que vos perseguem” [Mateus 5:44])

A MORTE DE MAOMÉ

No undécimo ano depois de se mudar de Meca para Medina, Maomé adoeceu com febre que contraía anualmente. Desta vez, porém, a doença foi mais séria.

Segundo a história islâmica, Maomé atribuiu as suas febres a uma tentativa de envenenamento ocorrida pouco depois de ter conquistado a aldeia judaica de Khaybar quatro anos antes. Concordou em poupar a vida dos que se rendessem desde que lhe entregassem todas as suas propriedades. Neste ambiente, uma das judias chamada Zainab, preparou-lhe uma refeição. (Recordemos que os Judeus se relacionavam com Maomé durante anos, antes de ele decidir subjugar-los.)

Zainab preparou um cordeiro (ou uma cabra) no churrasco. Ela descobriu que Maomé preferia a carne da pá, pelo que, embora

envenenasse todo o animal, colocou veneno extra nessa parte. Preparou a refeição e serviu-a a Maomé e a um dos seus amigos. Maomé comeu alguma carne mas soube-lhe mal. Tirou-a da boca e lançou-a fora, mas o seu amigo gostou da carne e comeu, morrendo poucos dias depois.

Maomé perguntou a Zainab o que ela fizera, ao que esta respondeu: “Sabes o que fizeste ao meu povo e pensei: “Se ele for rei, estarei à vontade com ele e se for profeta, será informado (do que eu fiz)”.” Por causa desta resposta, Maomé poupou-lhe a vida.

Contudo, Maomé acreditava que a quantidade de veneno que ingerira o atormentou para o resto da vida. Na parte final da sua doença, antes de morrer, a irmã do homem que morrera envenenado veio visitá-lo. Maomé disse-lhe: “Oh Umm Bishr, o que vês em mim agora [a minha doença] é o resultado de ter comido o cordeiro que comi com o teu irmão”.¹³

Durante a sua doença final, Maomé experimentou febre e dores durante vinte dias e foi tratado na casa de sua esposa Aisha, agora com dezoito anos de idade. Quando ficou demasiado doente para dirigir a oração, ordenou que os seus seguidores mais fiéis levassem a cabo essa tarefa. Quando soltava os derradeiros suspiros pousou a cabeça no regaço de Aisha e morreu.¹⁴

Maomé foi sepultado em Medina e os peregrinos ainda hoje visitam o seu túmulo.

A MORTE DE JESUS

A história da morte de Jesus é muito diferente da de Maomé. Vejamos o que aconteceu...

Jesus fora a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa. Os chefes dos sacerdotes e os mestres da Lei andavam à procura de uma forma de se livrarem dele, mas receavam confrontá-lo directamente porque o povo O amava. A sua oportunidade surgiu através de um dos discípulos de Jesus, Judas, que se ofereceu para os levar até Jesus por uma soma de dinheiro.

Depois de tomar a refeição da Páscoa com os discípulos, Jesus dirigiu-se ao monte das Oliveiras para orar, como era Seu costume. Judas levou consigo uma multidão de homens para O prenderem. Levaram-no até à

casa do sumo-sacerdote e durante a noite, os líderes religiosos interrogaram-No: “És o Filho de Deus?” perguntaram.

“Tendes o direito de dizer que o sou”, respondeu Ele. Era uma clara blasfêmia de acordo com a lei judaica. Levaram-No a Pilatos, o governador nomeado por Roma. Pilatos considerou que Jesus não cometera crime digno de morte, mas os líderes religiosos incitaram a multidão a exigir a morte de Jesus. Então, Pilatos entregou-lhes Jesus. Levaram-no pelas ruas da cidade até um monte chamado Caveira. Ali, Jesus foi pregado numa cruz de madeira. Enfiaram a cruz num orifício cavado no chão e o povo esperou que Jesus morresse. Muitas mulheres que O tinham seguido estavam também a observar.

Estava-se a meio do dia, mas o céu escureceu durante três horas. Então, Jesus soltou um grande grito: “Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito” e morreu (Lucas 23-24).

O alicerce da fé cristã é o que aconteceu com Jesus depois da Sua morte. Um membro do conselho judeu que se opusera à crucificação de Jesus recebeu autorização de tirar o corpo da cruz. Envolveu-o em panos de linho e colocou-o num túmulo novo. As mulheres que seguiram Jesus viram onde era colocado o corpo. Foram preparar especiarias e perfumes para ungir o cadáver, mas não puderam voltar no dia seguinte por ser Sábado e, de acordo com a lei judaica, descansaram.

No dia a seguir ao Sábado, logo pela manhã, as mulheres regressaram ao túmulo e encontraram-no com a pedra afastada da entrada, mas sem o corpo. Apareceram-lhes dois anjos dizendo: “Porque procuram entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui, mas ressuscitou” (Lucas 24:5-6). As mulheres correram para junto dos discípulos a contar o que haviam visto.

Os Evangelhos descrevem várias outras aparições de Jesus aos Seus discípulos e seguidores depois da Sua ressurreição.

A MENSAGEM FINAL DE JESUS AOS SEUS SEGUIDORES

Os ensinamentos finais de Jesus centravam-se em explicar a sua ressurreição e em encorajar os discípulos a espalhar a mensagem. Disse-lhes:

“É assim que está escrito: que o Messias tinha de morrer e

que ao terceiro dia havia de ressuscitar dos mortos e que em seu nome se havia de pregar a mensagem sobre o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando em Jerusalém”

—LUCAS 24:46-47

Depois, Jesus prometeu ajudar os Seus seguidores, enviando-lhes uma visitação de poder. Os Cristãos crêem que é o Espírito Santo, descrito em Actos 2.

Depois disto, Jesus foi levado ao céu e não voltou a aparecer aos Seus seguidores.

CONCLUSÃO

Em cinco capítulos, colocámos em paralelo a vida de Jesus e de Maomé. Verificámos como passaram o seu tempo e atingiram os seus alvos. Isto dá-nos o quadro de que necessitamos para compreender o que ensinaram. O seu ensino será o tema da segunda metade deste livro.

Teremos a oportunidade de comparar os seus ensinamentos nos seguintes aspectos fundamentais:

- ♦ A sua mensagem ao mundo
- ♦ Os seus ensinamentos um sobre o outro
- ♦ Curas e milagres
- ♦ O significado de guerra santa
- ♦ Amor
- ♦ Oração
- ♦ Mulheres

Antes desses capítulos topicais, coloquei uma cronologia que indica os principais eventos da vida de Jesus e de Maomé. Essa cronologia irá ajudar-nos a rever as biografias que acabámos de ler e compreender os ensinamentos que se seguem.

Cronologias¹

CRONOLOGIA DE MAOMÉ

570 a.D., nascimento

Maomé nasceu em Meca (a história islâmica diz que o dia específico foi segunda-feira, o duodécimo dia do primeiro mês [Rabir]. No calendário cristão, seria 2 de Agosto).

576.D., 6 anos de idade

A mãe de Maomé morre; o avô paterno assume a sua educação.

578 a.D., 8 anos de idade

O avô de Maomé morre; o irmão do pai, Abu Talib, passa a cuidar dele.

582 a.D., 12 anos de idade

O tio de Maomé, Abu Talib, leva-o até à Síria, onde Bahira, um monge cristão nestoriano, profetiza a seu respeito.

595 a.D., 25 anos de idade

Casa-se com a primeira esposa, Khadija, numa cerimónia levada a cabo pelo primo, Waraqa, um sacerdote cristão ebionita.

610 a.D., 40 anos de idade

Primeira revelação do anjo Gabriel.

613 a.D., 43 anos de idade

Começa a pregar abertamente em Meca sobre as suas revelações

615 a.D., 45 anos de idade

Maomé envia onze muçulmanos à Abissínia (moderna Etiópia) em busca de refúgio por causa da perseguição de que eram alvo em Meca. É conhecida como a primeira hijra (hégira, ou peregrinação).

Os líderes da tribo Quraysh boicotam os muçulmanos e o clã de Maomé, recusando-lhes casamentos e venda de alimentos. Levantam o boicote dois ou três anos mais tarde.

620 a.D., 50 anos de idade

Contada a história da Viagem Nocturna de Meca para Jerusalém. No mesmo ano, tanto a sua primeira esposa, Khadija, como o seu tio e protector, Abu Talib, morrem.

623 a.D., 1 d.H., 53 anos de idade

Estabelecido um contrato em que as duas mais fortes tribos de Medina se tornam suas protectoras.

Emigra de Meca para Medina (a segunda hijra). Assinala o primeiro ano do calendário islâmico. d.H. significa “depois de hijra”.

Casa-se com a segunda mulher, Aisha. (Nos dez anos que se seguem, casa-se com outras onze mulheres).

Recebe uma revelação apelando pela primeira vez à jihad, ou guerra santa, contra os não-crentes.

Ordena ao seu tio Hamza que vá com trinta soldados muçulmanos emboscar uma caravana dos Quraysh. É a primeira vez que ordena um ataque.

Envia um dos primos a atacar os idólatras de Meca.

Envia um primo (Saad ibn Abu Waqqas) a atacar os idólatras em Al-Kharrar.

624 a.D., 54 anos de idade

É o ano de um grande aumento da jihad.

Muitos Judeus de Medina convocados a converterem-se ao Islão.

Ataque contra Al-Abuwaa.

Batalha de Badr. Maomé conduz pessoalmente os Muçulmanos num ataque contra o exército de Meca no Vale de Badr. Os Muçulmanos obtêm uma surpreendente vitória.

Ataque contra Beni Salib (idólatras.)

Ataque contra al-Sawiq (idólatras).

Dá sua filha Fatima em casamento ao seu primo Ali ibn abi Talib

Nesse ano, ordena mais sete outros ataques (suriya). (Eram pequenos raids de trinta a cem soldados).

625 a.D., 3 d.H., 55 anos de idade

Batalha de Uhud. Os Muçulmanos sofrem uma derrota frente aos Mequenses. (Hamza, tio de Maomé, é morto).

Assassinado um líder judeu chamado Kaab Ibn al-Ashraf, por falar contra ele. Isto chocou tanto os Judeus de Medina como os idólatras de Meca. Foi a primeira vez que Maomé recorreu ao assassinio.

Neste ano, ordena três outros ataques (suriya).

626 a.D., 4 d.H., 56 anos de idade

Ataque contra Beni-Nadir (tribo judaica).

Ordena outros dois ataques (suriya).

627 a.D., 5 d.H., 57 anos de idade

Ataque contra Dumatul-Jandel.

Batalha da Trincheira. As pessoas de Meca e alguns Judeus de Medina procuram atacar os Muçulmanos em Medina. Os Muçulmanos cavam trincheiras à volta da cidade e os Mequenses optam por retirar sem muita luta.

Ataque contra a tribo judaica de Beni-Quarayzah, em que Maomé mata todos os homens e leva mulheres e crianças como cativos. Foi o castigo pelo seu alegado envolvimento na Batalha da Trincheira.

Assassinio de um outro líder judeu, Abni-Rafa.

Ataque contra Beni-Lihyan (tribo árabe).

Ataque contra Zi-kerd.

Ataque contra Beni al-Mustaliq (tribo judaica). A segunda esposa de Maomé, Aisha, é acusada de envolvimento amoroso durante o ataque.

628 a.D., 6 d.H., 58 anos de idade

Maomé não leva a cabo qualquer batalha este ano, mas ordena alguns raids (suriya).

629 a.D., 7 d.H., 59 anos de idade

Ordena cinco raides (suriya).

Ataca Khaybar (aldeia judaica).

630 a.D., 8 d.H., 56 anos de idade

Raide contra Mu'ta.

Batalha de Zat-al-Salasil.

Invasão e conquista de Meca.

Batalha de Hunan.

Raide contra Utas.

Raide contra al-Ta-if.

631 a.D., 9 d.H., 61 anos de idade

É o chamado Ano da Submissão. Povos de toda a zona que ainda não haviam sido atacados enviam mensageiros a Maomé, dizendo: “Sujeitamo-nos a ti”. A história islâmica refere quarenta e oito grupos diferentes que enviaram esta mensagem a Maomé, que começou a enviar cartas a líderes e reis das cidades e países vizinhos a desafiá-los a converterem-se ao Islão.

Raide contra Ta-buk.

632 a.D., 9 d.H., 62 anos de idade

Envia governadores (amirs, emires) para zonas cujos povos e tribos concordaram em aceitá-lo como profeta.

633 a.D., 10 d.H., 63 anos de idade

Criada a prática de hajj.

Prega o sermão final, conhecido como o Sermão do Monte Arafat.

634 a.D., 11 d.H., 64 anos de idade

Adoece com febre.

Morre.

CRONOLOGIA DE JESUS

6/5 a.C.

Nasce em Belém.

5/4 a.C.

Maria e José partem com Jesus para o Egito para fugirem à ordem de Herodes de matar todas os meninos com menos de dois anos.

4/3 a.C., 2 anos de idade

Maria e José regressam a sua casa em Nazaré.

6/7 a.D., 12 anos de idade

Fica no templo de Jerusalém depois de a família encetar a viagem de regresso a casa.

26 a.D., 32 anos de idade

João Baptista começa a ensinar em público.

Início do Seu ministério

26/27 a.D., 32 ou 33 anos de idade

Jesus é baptizado por João Baptista e começa a ensinar em público.

Realiza o Seu primeiro milagre — transforma água em vinho.

Expulsa os cambistas do templo de Jerusalém.

Fala à samaritana junto do poço.

Cura o filho de um oficial.

Prega na sinagoga da sua aldeia natal de Nazaré e é rejeitado.

Segundo ano de ministério

Cura um endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum.

Cura um leproso.

Cura um paralítico.

Cura um coxo no tanque de Betesda.

Cura um homem com a mão mirrada.

Escolhe os seus doze apóstolos e prega o Sermão do Monte.
Cura o servo de um centurião romano.
Ressuscita o filho de uma viúva.
Acalma uma tempestade o mar da Galileia.
Cura um endemoninhado que vivia no cemitério.
Ressuscita uma menina e cura uma mulher com uma hemorragia.

Terceiro ano de ministério

Envia os doze apóstolos a pregar a Sua mensagem.
Alimenta cinco mil com cinco pães e dois peixes.
Cura a filha de uma gentia.
Cura um surdo-mudo.
Alimenta quatro mil pessoas.
Cura um cego.
Cura um rapaz com sintomas de epilepsia.
Cura dez leprosos.
Perdoa uma mulher apanhada em adultério.
Cura um outro cego.
Ressuscita Lázaro.

A viagem final até Jerusalém

30 a.D., 35 ou 36 anos de idade

Cura um ou dois cegos em Jericó.
Janta com Lázaro, Marta e Maria.
Entra em Jerusalém rodeado por uma multidão entusiasta (domingo anterior à Sua morte).
Come a Última Ceia com os discípulos (quinta-feira anterior à Sua morte).
Preso, é julgado e crucificado (sexta-feira).
Ressuscita dos mortos e aparece aos discípulos (domingo depois da Sua morte).

SECÇÃO 3
O LEGADO DE AMBOS EM
PALAVRAS E ACÇÕES

As Suas Mensagens ao Mundo

Já vimos como Jesus e Maomé espalharam a sua mensagem. Agora, precisamos de ver com rigor o que eram essas mensagens. Neste capítulo, iremos descobrir:

- ♦ o que eles ensinaram sobre a sua identidade e propósito
- ♦ como ensinaram o povo a agradar a Deus.
- ♦ como as pessoas podiam ser perdoadas por ofensas contra Deus.
- ♦ o que ensinaram sobre o seu destino depois da morte.

QUEM AFIRMARAM SER MAOMÉ: O ÚLTIMO PROFETA

Identidade

Maomé declarou ser o último profeta que Alá enviava ao mundo. Explicou ele:

A minha semelhança na comparação com os outros Profetas que me antecederam é a de um homem que construiu uma casa muito bonita, mas a que falta um tijolo num canto. As pessoas andam à sua volta e admiram a sua beleza, mas dizem: “Era bom que aquele tijolo fosse colocado no seu lugar!” Eu sou esse tijolo e sou o último dos Profetas.¹

Maomé disse ser o cumprimento das profecias tanto do Velho como do

Novo Testamento em relação a um profeta que haveria de vir. Por outras palavras, reivindicou ser um profeta por quem tanto Judeus como Cristãos esperavam.

Alguns dos amigos do apóstolo de Alá disseram-lhe:
Oh apóstolo de Alá, fala-nos de ti.

Ele disse: “Eu sou a mensagem de meu pai Abraão
E as boas novas de meu irmão Jesus.”²

Maomé também ensinou que Judeus e Cristãos haviam corrompido as suas Escrituras, pelo que as referências à vinda de Maomé foram delas retiradas. Os actuais eruditos islâmicos afirmam terem descoberto referências a Maomé que ainda permanecem na Bíblia. Podemos ler mais sobre este assunto no Apêndice B.

Embora dissesse ser o último e o maior dos profetas, Maomé também declarou claramente que era humano, não divino. Dizia ele às pessoas: “Sou um homem como vós” (Sura 18:111). Morreu como qualquer outro ser humano. O Alcorão diz: “Na verdade, tu [oh Maomé] morrerás e na verdade eles [também] morrerão.” (Sura 39:31)

Quanto à sua relação com Alá, o Alcorão descreve-o como um “escravo” de Alá (Sura 2:23). Os convertidos ao Islão são também descritos como “servo” de Alá (Sura 50:9).

Propósito

No início, Maomé dizia que o propósito de Alá para si consistia em ser um “avisador” [arauto] (Sura 71:3).

Mas Nós te enviámos como uma mercê da parte do teu Senhor, para que pudesses avisar um povo a quem nenhum Avisador tinha vindo antes de ti, para que eles possam reflectir.

—SURA 28:47

Contudo, depois de Maomé se ter mudado para Medina, tornou-se mais do que um arauto: transformou-se num conquistador. Disse no seu último sermão no monte de Arafat:

A partir de hoje, não haverá duas religiões na Arábia. Eu descí em nome de Alá com a espada na minha mão e a minha riqueza surgirá da sombra da minha espada. E quem discordar de mim será humilhado e perseguido.³

Maomé convocou os idólatras a deixarem os seus ídolos e os Judeus e Cristãos a abandonarem a sua fé “corrompida” e a aceitarem o Islão.

JESUS: O FILHO DE DEUS

Identidade

Jesus declarou muitas vezes nos relatos do Evangelho que era o Filho de Deus ou que Deus era Seu pai. Por exemplo:

[Jesus] perguntou [a Pedro]: “Quem acham que eu sou?”
Simão Pedro respondeu: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo”. Jesus exclamou: “Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foi o entendimento humano que te fez descobrir isso, por ti mesmo, mas meu Pai que está nos céus”.

—MATEUS 16:15-17

[Jesus disse] “Como podem dizer que ofendi gravemente a Deus por ter afirmado que sou o Filho de Deus? Se aquilo que eu faço não são as obras de meu Pai, então está bem que não acreditem em mim. Mas se são, devem acreditar pelo menos nessas obras, já que não querem acreditar em mim. Têm de compreender, e de uma vez para sempre, que o Pai está em mim e eu estou no Pai”

—JOÃO 10:36-38

[O sumo-sacerdote disse a Jesus] Ordeno-te, em nome do Deus vivo, que nos declares se és o Messias, o Filho de Deus!” Jesus respondeu: “Tu o disseste”.

—MATEUS 26:63-64

(Outros versículos em que Jesus se referiu a si próprio como o Filho de Deus incluem Mateus 4:6; 8:29; 10:32; 11:27; 16:15-17, 27; 27:43; 28:19; Marcos 1:11; Lucas 2:49; 10:22; João 3:16-18; 5:17-18, 25; 10:36; 11:4).

Jesus disse que era o cumprimento da profecia judaica sobre um Messias vindouro.

Não pensem que eu vim para acabar com a Lei de Moisés ou com o ensino dos profetas. Não foi para isso que eu vim, mas para lhes dar cumprimento.

—MATEUS 5:17

O que eu vos tinha dito, quando andávamos juntos, é que tudo o que estava escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos livros dos profetas e nos Salmos, tinha de se cumprir.

—LUCAS 24:44

As palavras de Jesus são suportadas por muitas profecias do Velho Testamento que se cumpriram na Sua vida, como nascer em Belém, viver em Nazaré, passar tempo no Egito e pormenores sobre os Seus últimos dias. Veja o Apêndice C para uma lista mais completa, incluindo referências.

Propósito

As Escrituras do Velho Testamento ensinavam que Deus exigia o sacrifício de um animal para perdoar as ofensas. Jesus disse que o Seu propósito era oferecer-se como o sacrifício final pelas ofensas de cada pessoa.

O Filho do Homem veio dar a sua vida para resgatar a humanidade.

—MARCOS 10:45 (VER TAMBÉM JOÃO 3:14)

Jesus pediu às pessoas que cressem na Sua mensagem para poderem ter a vida eterna.

Deus amou de tal modo a humanidade que lhe entregou o Seu Filho único, para que todo aquele que acreditar no Filho de Deus não se perca mas tenha a vida eterna. Não foi para condenar o mundo que Deus lhe enviou o Seu Filho, mas sim para o salvar.

—João 3:16-17

COMO AGRADAR A DEUS

A essência de qualquer religião é a indicação do modo como a humanidade pode manter uma boa relação com Deus. Os ensinamentos de Jesus e de Maomé foram muito diferentes a este respeito.

Exigências para se ser Muçulmano

A mensagem de Maomé desenvolveu-se e tornou-se mais clara com o tempo. Por outras palavras, os deveres exigidos a um Muçulmano no início da revelação não eram os mesmos que vinte e três anos mais tarde. Por exemplo, em Meca, durante os primeiros anos, não era exigido que os Muçulmanos orassem um número específico de vezes por dia. Depois da Viagem Nocturna de Maomé, ocorrida dez anos depois da sua primeira revelação, exigia-se que a oração se realizasse cinco vezes por dia. Um outro exemplo é a peregrinação a Meca (hajj) que só se tornou uma exigência após o nono ano de Maomé em Medina.

Analisaremos a sua mensagem no seu desenvolvimento final. As exigências para se ser um Muçulmano eram:

1. Adorar apenas Alá, aceitar Maomé como profeta de Alá e crer no Alcorão.
2. Praticar a oração ritual islâmica nas cinco vezes diárias prescritas. (No capítulo 15, descrevemos em pormenor a oração islâmica).
3. Pagar o zakat (caridade) à “casa do dinheiro”, que Maomé administrava. Exigia-se que todos dessem 2 por cento de todo e

qualquer rendimento. O zakat não era uma doação opcional. Maomé utilizou o dinheiro em parte para financiar o exército muçulmano, sustentar os pobres e pagar a realização de projectos. Nesse tempo, não havia palavra para “imposto”, mas na realidade, era assim que o dinheiro funcionava. Não havia governo secular, pelo que o Estado islâmico era o único a cobrar impostos. Nos dias de hoje, os Muçulmanos vivem sob governos seculares e devem pagar-lhes impostos. Por isso, o zakat é independente dos impostos seculares. Como não há Estado islâmico central, cada pessoa deve escolher o destino do seu dinheiro.

4. Jejum entre a primeira e a quarta orações durante o mês de Ramadão.
5. Fazer uma peregrinação à Caaba em Meca (Sura 22:28).

A par destas coisas, Maomé em Medina exortou o povo que Alá “amava” os que se esforçassem por ele nos raides e batalhas levados a cabo pelos muçulmanos contra os não-crentes na Arábia (Suras 8 e 9).

Exigências para agradar a Deus

A mensagem de Jesus permaneceu a mesma do princípio ao fim. Disse que ele era o caminho para se ter uma correcta relação com Deus. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode chegar ao Pai senão por mim” (João 14:6)

Jesus não apresentou uma lista de exigências aos Seus seguidores. Pelo contrário, limitou-se a convidá-los:

“Venham comigo”

—MARCOS 1:17

E eles seguiram-No.

“Seguia-o uma grande multidão”

—JOÃO 6:2

Contudo, Jesus não disse que segui-Lo seria fácil. Avisou-os que as suas vidas estariam em perigo:

Depois, chamou a multidão, juntamente com os discípulos e disse: “Se alguém quiser acompanhar-me, tem de se esquecer de si próprio e levar a sua cruz para vir comigo. Toda a pessoa que quiser salvar a sua vida perde-a, mas aquele que perder a vida por causa de mim e da minha doutrina, esse salva-a

—MARCOS 8:34-35

Mas Jesus também prometeu que não sobrecarregaria os Seus seguidores.

Venham ter comigo todos os que andam cansados e oprimidos e eu vos darei descanso. Juntem-se a mim e aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração. Assim o vosso coração encontrará descanso, pois os deveres que eu vos imponho são agradáveis e os meus fardos são leves.

—MATEUS 11:28-30

Pediu-lhes que obedecessem aos dois “maiores” mandamentos:

Um certo doutor da Lei, que queria experimentar Jesus, levantou-se e fez-lhe esta pergunta: “Mestre, que devo eu fazer para ter direito à vida eterna?” Jesus respondeu: “Que diz a Escritura acerca disto e como a entendes tu?” E ele disse: “Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a alma, com todas as forças e com todo o entendimento. E ama o próximo como a ti mesmo” Jesus comentou: “Respondeste bem. Faz isso e terás direito à vida”.

—LUCAS 10:25-28

Em suma, as exigências para se ser Cristão eram seguir Jesus, amar a Deus e amar os outros. Em contraste com Maomé, Jesus não ordenou aos

Seus discípulos que seguissem leis sobre quando orar, quanto dinheiro deveriam pagar, quantas vezes deveriam jejuar ou que teriam de realizar alguma peregrinação.

PERDÃO PELAS OFENSAS

Ao ensinar como se agrada a Deus, também é preciso explicar o que acontece quando se cometem os erros inevitáveis. Por outras palavras, quais as exigências de Deus para conceder o perdão? Vejamos o que Jesus e Maomé disseram.

Alá decide que pecados perdoar

Há um bem conhecido episódio da história islâmica sobre a morte do tio de Maomé, Abu Talib, que durante muitos anos o protegera dos inimigos de Meca. Quando o tio estava a morrer, Maomé pediu-lhe que confessasse o Islão, mas o tio não aceitou. Mais tarde, Maomé declarou ter tido uma revelação de Alá que dizia:

Pede tu [oh Maomé] perdão para eles [hipócritas], ou não peças tu perdão para eles; mesmo se tu pedires perdão para eles setenta vezes; Alá nunca lhes perdoará. Isto é porque eles descreram de Alá e do Seu Mensageiro [Maomé]. E Alá não guia a gente pérfida [Fâsiqûn, rebeldes, desobedientes a Alá].

—SURA 9:80

Por outras palavras, Maomé disse que não tinha capacidade para perdoar os erros de alguém ou de convencer Alá a perdoar. Maomé apenas disse que conseguiria que o castigo do tio fosse reduzido:

Entre os habitantes do Fogo Abu Talib teria o menor dos sofrimentos e calçaria dois sapatos (de Fogo) que lhe ferveriam o cérebro.⁴

Numa outra ocasião, Maomé disse que pedira a Alá que perdoasse a

mãe, que morrera quando Maomé tinha apenas seis anos de idade. Um dos seus servos contou assim a história:

Abu Hariara narrou: “O profeta Maomé visitou o túmulo da mãe e chorou e pranteou e fez com que todos quantos o rodeávamos também chorássemos. Maomé disse: “Pedi a Alá se podia pedir-lhe que perdoasse a minha mãe e ele nada me disse a não ser dar-me autorização para visitar o túmulo dela”. ”⁵

Mais uma vez, Maomé declarou que não conseguia influenciar Alá a perdoar os pecados. Ao longo do Alcorão e dos hadith, Maomé ensinou que apenas Alá tinha autoridade para perdoar pecados.

Na teologia islâmica, nem todas as ofensas eram iguais. Havia pecados graves e pecados pequenos. Exemplos de pecados grandes eram a adoração de outro deus além de Alá, negar qualquer das crenças básicas do Islão, em especial os cinco pilares, insultar Maomé; matar pessoas fora das orientações da lei islâmica; e ofender algum Muçulmano ausente. O transgressor deve arrepender-se perante Alá, que decide se o perdoa ou não. No Dia do Juízo, a pessoa irá descobrir se Alá a perdoou ou não.

Por outro lado, os pecados pequenos podem ser perdoados, praticando boas ações, como oração, jejum ou caridade extra. Exemplos de pecados pequenos são falhar a oração durante um dia, mentir, comer durante o jejum do Ramadão ou recusar ajudar o próximo necessitado.

Em suma, apenas Alá decide se a pessoa é perdoada. Quem comete um grande pecado fica entregue à misericórdia de Alá. Se pratica um pecado pequeno, pode obter o perdão através das boas obras ou participando na hajj (peregrinação a Meca).

O perdão de Alá em favor dos que combatem

Depois de Maomé começar a enviar expedições militares a partir de Medina recebeu revelações sobre uma forma especial de os Muçulmanos obterem o perdão de Alá — lutando e morrendo pela causa do Islão. Uma revelação descreveu o combate em favor de Alá como um “transacção” Se dermos a Alá “as nossas riquezas e as nossas vidas”, ele perdoar-nos-á os

pecados, admitir-nos-á no paraíso e ajudar-nos-á a ganhar a batalha. Eis a passagem do Alcorão:

Oh vós que credes, dir-vos-ei de uma transacção que vos salvará de um penoso castigo? Vós deveríeis crer em Alá e no Seu Mensageiro e deveríeis esforçar-vos na causa de Alá com os vossos bens e as vossas pessoas. Isso é melhor para vós, se vós ao menos soubésseis. *Ele vos perdoará os vossos pecados* e vos admitirá em Jardins através dos quais correm rios e em deliciosas moradias em Jardins de Eternidade. Esse é o supremo triunfo. E Ele concederá um outro favor que vós amais: ajuda da parte de Alá e uma rápida vitória. De modo que dá tu alegres novas aos crentes.

—SURA 61:11-14 (ÊNFASE NOSSA)

Os Muçulmanos interpretam esta passagem como significando que uma pessoa que morre na Jihad vai directa para o paraíso e não precisa de esperar no túmulo pelo Dia do Juízo.

O que Jesus ensinou sobre o perdão

Enquanto Maomé disse que não tinha capacidade para perdoar pecados, Jesus proclamou abertamente que tinha autoridade plena nessa área.

Trouxeram-lhe então um paralítico deitado numa enxerga. Quando Jesus viu a fé daqueles homens, disse ao paralítico: “Coragem, meu filho! Os teus pecados estão perdoados”. Nisto, alguns doutores da Lei começaram a dizer para Consigo: “Este homem está a ofender a Deus!” Jesus percebeu-lhes os pensamentos e disse: “Porque é que estão a pensar mal lá no vosso íntimo? Que será mais fácil? Dizer: “Os teus pecados estão perdoados”, ou dizer: “Levanta-te e anda”? Pois fiquem sabendo que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar os pecados”. Então disse ao

paralítico: “Levanta-te, pega na tua enxerga e vai para casa”.

O homem levantou-se e foi para casa.

—MATEUS 9:2-7; VER TAMBÉM LUCAS 7:36-50

Quando João Baptista viu Jesus caminhar em sua direcção, exclamou: “Este é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Quando Jesus estava a falar da Sua morte por crucifixão, disse: “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança de Deus, derramado em favor da humanidade para o perdão dos pecados” (Mateus 26:28).

Por outras palavras, Jesus não só reivindicou ter a capacidade de perdoar pecados em nome de Deus enquanto esteve no mundo, como também afirmou que a Sua morte funcionaria como um sacrifício vicário, garantindo o perdão a toda a humanidade para todo o sempre. Uma das Suas afirmações finais aos discípulos foi:

“É assim que está escrito: que o Messias tinha de morrer e que ao terceiro dia havia de ressuscitar dos mortos e que em seu nome se havia de pregar a mensagem sobre o arrependimento e o *perdão dos pecados* a todas as nações, começando em Jerusalém”

—LUCAS 24:46-47, ÊNFASE NOSSA

DESTINO DEPOIS DA MORTE

Sabemos o que Jesus e Maomé ensinaram sobre si mesmos e o que exigiram aos seus seguidores. Agora, comparemos os seus ensinamentos sobre o modo como Deus ou Alá trata as pessoas quando estas morrem.

O destino após a morte para um Muçulmano

Maomé ensinou que depois da morte, a pessoa permanece no seu túmulo até ao Dia do Juízo. Se a pessoa foi boa, o seu túmulo será um pequeno paraíso. Se foi má, será um lugar de tormento (Sura 55:46-60). Contudo, em lado algum Maomé revelou como é que uma pessoa poderia ter a certeza se teria prazer ou tormento no túmulo.

Como Muçulmano, sentia-me pessoalmente frustrado com esta falta de

informação e interrogava-me: “Porque é que o deus do Alcorão revela tantas orientações sobre questões terrenas, como o que fazer durante o período da mulher, mas não revela como posso eu saber se serei atormentado ou confortado quando morrer?”

O próprio Maomé expressou preocupação sobre o que lhe aconteceria no túmulo. Sua esposa Aisha reportou:

Duas velhas judias visitaram-me em casa e disseram-me: “Os mortos nos seus sepulcros são punidos.” Não acreditei nelas. Depois de se irem embora, fui ter com o profeta Maomé a contar-lhe o sucedido e ele respondeu: “Sim, elas contaram-te a verdade; uns mortos serão punidos e até os animais conseguem ouvir os seus gritos no túmulo”. A partir desse dia, sempre que via o profeta a orar, ele pedia a Alá que o salvasse do castigo do túmulo”.

6

Maomé ensinou que o Dia do Juízo seria anunciado ao som da trombeta. Tanto os mortos como os vivos se juntariam, levados pelos anjos para a praça do julgamento para serem julgados pelo próprio Alá que pesaria as suas boas e más acções e decidiria quem iria para o paraíso e quem iria para o inferno. Até ao Dia do Juízo, a pessoa não poderia saber se tinha agradado a Alá (Ver Sura 6:73-; 18:99-; 20:102-; 23:101-; 27:87-; 36:48-; 39:68-; 50:20-; 78:18-.)

O próprio Maomé disse que não sabia o que lhe aconteceria no Dia do Juízo. Analisemos o momento em que ele fez esta declaração. Maomé estava a visitar uma casa onde um Muçulmano morrera, estando o cadáver ainda ali. Uma mulher disse ao morto: “Que Alá tenha misericórdia de ti. Testifico que Alá te honrou”.

Maomé respondeu à mulher: “Como sabes que Alá honrou este homem?”

A resposta dela foi: “Por Alá, não sei.”

Maomé replicou: “Quanto a ele, a morte sobreveio-lhe e desejo-lhe todo o bem de Alá. Digo-te, em nome de Alá, que embora eu seja seu apóstolo, tão pouco sei o que me acontecerá nem a ti”⁷

O leal discípulo de Maomé, Abu Bakr, também falou do medo do julgamento de Alá. Disse ele: “Se um dos meus pés estivesse dentro do paraíso e o outro ainda fora, mesmo assim não estaria confiante”⁸ Bakr queria com isso dizer que o seu destino eterno era um mistério até ter ambos os pés no paraíso.

Abu Bakr foi alcunhado de “o chorão” porque chorava de contínuo sempre que orava.⁹ Quando interrogado certa vez sobre a razão, respondeu: “Sempre que começo a orar, imagino Alá à minha frente e o rei da morte atrás de mim, o paraíso à minha direita e o inferno à esquerda e não sei o que o meu Deus me irá fazer.”¹⁰

O ensino de Maomé deu aos Muçulmanos pouco consolo por ocasião da morte de um ente querido.

Maomé viu uma mulher a chorar junto ao túmulo do filho e disse-lhe: “Sê uma boa crente e sê paciente.” A mulher respondeu: “Vai-te embora, porque não perdeste um ente querido como eu.” Ela não o reconheceria.¹¹

Examinemos as palavras de conforto de Maomé a esta mulher. Ele disse-lhe que fosse uma boa muçulmana e que tivesse paciência. No ensino islâmico, o filho da mulher estava sob a vontade de Alá. Ninguém sabe se ele irá para o paraíso ou para o inferno; é Alá quem decide. Assim, Maomé estava a dizer à mulher que aceitasse a decisão de Alá, fosse ela qual fosse, o que não era nada reconfortante para ela.

Destino

O ensino de Maomé sobre o Dia do Juízo combina com o seu ensino sobre o destino. O resultado é uma grande incerteza na mente dos muçulmanos em relação ao seu destino depois da morte.

O Apóstolo de Alá, o verdadeiro e verdadeiramente inspirado disse: “(Em relação à tua criação), cada um de vós é reunido no ventre de sua mãe nos primeiros quarenta dias e depois torna-se um coágulo durante outros quarenta dias e

a seguir um pedaço de carne durante mais quarenta dias. Então, Alá envia um anjo para escrever quatro palavras. Ele escreve as suas obras, o tempo da sua morte, os meios da sua sobrevivência e se ele será ímpio ou bem-aventurado (na religião). Depois, a alma é-lhe soprada no corpo. Assim, um homem pode ter obras características do povo do (Inferno) Fogo, a tal ponto que há apenas a distância de um cúbito entre ambos e depois o que foi escrito (pelo anjo) passa a existir e assim ele começa a fazer as obras características do povo do Paraíso e entra no Paraíso. De modo semelhante, uma pessoa pode fazer obras características do povo do Paraíso, a ponto de haver apenas a distância de um cúbito entre ambos e depois o que foi escrito (pelo anjo) entra em existência e ele começa a fazer as obras do povo do (Inferno) Fogo e entra no (Inferno) Fogo.”¹²

Resumamos o que este hadith diz, para podermos entendê-lo como deve ser. Maomé ensinou que quando uma pessoa ainda se encontra no ventre da mãe, Alá envia um anjo que escreve quatro factos sobre a vida dessa pessoa: (1) as suas obras, (2) a hora da sua morte, (3) os seus meios de sobrevivência e (4) se ela será condenada ou abençoada (significando com isso se irá para o inferno ou para o paraíso).

Portanto, uma pessoa pode praticar más acções durante toda a sua vida, mas se enquanto esteve no ventre da mãe, o anjo escreveu que ela seria “bem-aventurada”, então no fim da sua vida este destino impor-se-á e ela começará a fazer boas obras e acaba no paraíso. O inverso é também verdade: uma pessoa pode fazer boas obras durante toda a sua vida, mas se o anjo escreveu que ela será “condenada”, então no fim da vida esse destino impõe-se e a pessoa começa a fazer más obras e acaba no inferno.

Como é que isto se aplica à vida diária? O muçulmano espera que Alá aceite as suas boas obras e o admita no paraíso. Mas como ele é ensinado que o seu destino final se baseia numa palavra que um anjo escreveu antes de nascer, a sua esperança ficará sempre ensombrada pela dúvida. E se eu for um dos destinados às boas obras durante a minha vida mas em última análise sentenciado ao inferno?

O ensino de Jesus sobre o destino depois da morte

O Dia do Juízo fez também parte dos ensinamentos de Jesus (Mateus 10:15; 11:22-24; 12:36, 41-42; 24:31; Lucas 10:14; 11:31-32). Relativamente ao Dia do Juízo, Jesus disse:

- ♦ Ninguém a não ser Deus sabe o dia (Mateus 24:36)
- ♦ A trombeta soará (Mateus 24:31).
- ♦ Os anjos reunirão as pessoas (Mateus 13:41).

Conforme lemos, Maomé escreveu estes mesmos pormenores seiscentos anos depois (ver Sura 6:73-; 18:99-; 20:102-; 23:101-; 27:87-; 36:48-; 39:68-; 50:20-; 78:18-). Contudo, o ensino de Jesus sobre o Dia do Juízo diferiu do de Maomé em aspectos importantes. Por exemplo, Jesus disse que voltaria e faria ele o julgamento (Mateus 13:24-30, 36-41, 47-50; 25:31-33; João 5:22), Maomé disse que Alá seria o juiz.

Em Mateus 24 e 25, Jesus contou quatro parábolas sobre o Dia do Juízo, descrevendo os critérios segundo os quais as pessoas seriam julgadas. Cada parábola convida-nos a amar Deus e o próximo a fim de recebermos a vida eterna.

Isso significa que Jesus exige boas obras para entrarmos no céu? Esta é uma questão importante a que podemos responder através dos ensinamentos do próprio Jesus, que disse ser necessário a fé n'Ele para se ter vida eterna: “Deus entregou o Seu Filho único, para que todo aquele que acreditar no Filho de Deus não se perca mas tenha a vida eterna.” (João 3:16). E Jesus também disse: “Se me têm amor, cumpram a minha doutrina” (João 14:15). Isto significa que se verdadeiramente cremos que Jesus é o Filho de Deus, obedecemos aos Seus mandamentos. E se não obedecermos aos Seus mandamentos, então não cremos n'Ele.

Esta compreensão é apoiada pelos escritos dos seguidores de Jesus. Tiago, um dos três discípulos íntimos de Jesus, escreveu: “A fé sem obras está morta” (Tiago 2:26). O livro aos Efésios declara: “Foi por amor que foram salvos, mediante a fé. Não foram vocês que conquistaram a salvação. Ela é um dom de Deus. Não foi obra vossa; portanto, ninguém se pode gabar disso” (Efésios 2:8-9).

Portanto, no Dia do Juízo, Jesus encarará as boas obras como prova de fé n'Ele.

Relativamente ao que acontece aos mortos enquanto aguardam pelo Dia do Juízo, Jesus pouco ensinou. Contudo, descreveu uma cena em que um rico morreu e foi para o Hades, enquanto o pobre que morreu foi para o “seio de Abraão”, que era um local de consolo (Lucas 16:19-31). Isto dá-nos uma indicação do local onde aguardarão o Dia do Juízo as pessoas que morreram. Outros pormenores sobre o julgamento de crentes e descrentes são descritos noutra parte do Novo Testamento, em especial o Livro de Apocalipse.

CONCLUSÃO

Jesus e Maomé tinham ideias profundamente diferentes em relação ao modo de agradar a Deus, ao perdão e ao Dia do Juízo. Também viam de maneira diferente o seu papel de mensageiros de Deus. No capítulo seguinte, analisaremos o que Maomé disse sobre Jesus e o que Jesus poderá ter dito em relação a Maomé.

Os Seus Ensinos Um Sobre o Outro

Muitos Ocidentais ficariam surpreendidos por saber que Maomé e o Alcorão expressaram grande respeito por Jesus. A primeira metade deste capítulo analisará os muitos ensinos de Maomé sobre Jesus. Contudo, Jesus nunca falou directamente de Maomé porque viveu quase seiscentos anos antes. Mesmo assim, creio que podemos elaborar algumas hipóteses sobre o que Jesus poderia ter dito sobre Maomé, baseados nos Seus ensinos que já conhecemos. A segunda metade deste capítulo apresentará estas ideias.

O RESPEITO DE MAOMÉ POR JESUS

Maomé descreve-se a si e a Jesus como “irmãos na fé”.

O Mensageiro de Alá disse: sou o mais íntimo de Jesus, filho de Maria, entre toda a humanidade nesta vida e na outra. Disseram: Mensageiro de Alá, como é isso? Ao que ele respondeu: os profetas são irmãos na fé, tendo diferentes mães. A sua religião, contudo, é uma e não há Apóstolo entre nós (entre mim e Jesus Cristo)¹

Assim, Maomé declarou que ele e Jesus praticaram a mesma religião. Como pode ser? A fim de compreender esta afirmação e outros ensinos de Maomé sobre Jesus, precisamos de perceber como Maomé descreveu a relação entre o Islão, o Cristianismo e o Judaísmo.

Islão, Judaísmo e Cristianismo

Lembremos que Maomé viveu numa sociedade que incluía Judeus, Cristãos e idólatras. Como ele proclamou um único Deus, como faziam Judeus e Cristãos, precisava de explicar se este Deus que as três religiões proclamavam era o mesmo.

A sua explicação foi que o Islão apareceu primeiro e que Abraão praticava o Islão antes da fundação do Cristianismo ou do Judaísmo.

Abraão não era nem um Judeu nem um Cristão; mas ele foi sempre inclinado para Deus [um verdadeiro Muçulmano] ... Por certo os homens mais perto de Abraão são os que o seguem e este profeta [Maomé] e os que crêem; e Alá é o amigo dos crentes [Muçulmanos].

—SURA 3:68-69

Segundo Maomé, como Abraão praticava o Islão e adorava Alá, todos os profetas que dele descenderam também o praticaram. O Alcorão indica pelo nome muitos destes profetas bíblicos, incluindo Isaque, Ismael, Jacob, José, Noé, David, Salomão e Moisés. De facto, o Alcorão chega mesmo a dizer que João (Baptista) e Jesus foram também profetas de Alá (Sura 4:164; 6:85-87; ver também 2:131, 136; 3:96; 4:126; 6:162). Maomé refere-se a todos os profetas como seus “irmãos”, mas chama pai a Abraão.

A questão é: se todos estes profetas seguiam o Islão, de onde vieram o Judaísmo e o Cristianismo? O Alcorão ensina que Judeus e Cristãos distorceram as mensagens dos profetas e o resultado foi o Judaísmo e o Cristianismo (Sura 2:76; cf. versículos 77-80; Sura 5:1314). Portanto, as Escrituras judaicas e cristãs são inválidas.

Maomé disse que as suas revelações cancelavam o Cristianismo e o Judaísmo e devolviam as pessoas à única religião verdadeira que Abraão compreendia e praticava (Islão).

Portanto, quando Maomé falava de Jesus, referia-se-lhe como um profeta de Alá que ensinou o Islão.

Analiseemos alguns dos ensinamentos específicos de Maomé sobre Jesus. Veremos que ele concordou com a Bíblia relativamente a alguns

acontecimentos na vida de Jesus. Mas Maomé também contradisse os ensinamentos mais significativos da Bíblia.

OS ENSINOS DE MAOMÉ SOBRE JESUS

Maomé fez muitas declarações positivas sobre Jesus em particular através da revelação corânica. Preparei uma lista completa de versículos do Alcorão que descrevem atributos de Jesus que são mencionados na Bíblia. Pode consultá-la no Apêndice D.

Uma das passagens mais significativas é Sura 3:33-64. Os eruditos islâmicos dizem que Maomé apresentou estes versículos quando visitou em 9 d.H. dez bispos cristãos de Najran, uma zona perto da fronteira norte do moderno Iémen. Os bispos vieram falar com ele sobre o Islão.

Maomé disse-lhes: “Sede muçulmanos”.

Eles responderam: “Nós somos Muçulmanos”, querendo significar “Antes mesmo de falarmos contigo, já adorávamos apenas um único Deus”. Depois Maomé passa a descrever-lhes as diferenças entre o Islão e o Cristianismo. Primeiro, apresentou histórias sobre o nascimento de Maria, a mãe de Jesus, e o nascimento de João Baptista. (Estas histórias incluíam pormenores bíblicos, mas também muita informação que não se encontra na Bíblia). Depois, descreveu-lhes assim Jesus:

Jesus nasceu de uma virgem.

Quando os anjos disseram: “Oh Maria, Alá dá-te boas novas de uma palavra vinda de Si; o seu nome será o Messias, Jesus, filho de Maria, venerado neste mundo e no próximo e daqueles a quem é concedida proximidade a Deus”. Ela disse: “Meu Senhor, como poderei eu ter um filho quando não fui tocada por nenhum homem?” Ele disse: “Tal é a maneira de Alá. Ele cria o que Lhe apraz. Quando Ele decreta uma coisa, Ele diz-lhe: “Sê” e isso começa a ser”.

—SURA 3:46, 48; VER TAMBÉM 4:172

Maomé não só afirmou perante os cristãos de Najran que Maria engravidou sendo virgem como também disse que Jesus era o Messias.

Maomé continuou a afirmar que Jesus realizou milagres.

Jesus realizou milagres

E fá-lo-á um Mensageiro para os filhos de Israel (para dizer; “Eu venho a vós com um Sinal da parte do vosso Senhor, o qual é que eu para vós moldarei uma criação tirada do barro à maneira de uma ave, então eu soprarei nela um novo espírito e ela se tornará num ser voando muito alto por mandado de Alá; e eu curarei os cegos e os leprosos e eu darei vida aos mortos, por mandado de Alá; e eu vos anunciarei o que vós comereis e o que vós armazenareis em vossas casas, Por certo, nisso está um Sinal para vós, se fordes crentes.

—SURA 3:50

Embora a história dos pássaros de barro não se encontre nos Evangelhos, o fim do versículo assume uma surpreendente semelhança com as palavras de Jesus registadas no livro de Mateus:

Jesus deu-lhes esta resposta: “Vão contar a João aquilo que vêem e ouvem; os cegos vêem, os coxos andam, os que têm lepra são curados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres é anunciada a Boa Nova.”

—MATEUS 11:4-5

Por outras palavras, Maomé concordava com os Cristãos que Jesus realizou grandes milagres, chegando mesmo a ressuscitar pessoas (Esta é apenas uma pequena parte das muitas referências positivas do Alcorão a Jesus. Leia o Apêndice D para uma lista completa). Contudo, Maomé diferiu em muitos aspectos do registo bíblico. Por exemplo, disse a este grupo de bispos cristãos que Jesus adorou Alá.

Jesus adorou Alá.

Por certo Alá é o meu Senhor e o vosso Senhor; de modo que adorai-O; este é o caminho direito²

—SURA 3:52

Maomé disse que os discípulos de Jesus declararam: Somos Muçulmanos (v. 53) e recusavam adorar outro que não fosse Alá (v. 54). Por outras palavras, Maomé disse que os discípulos se recusavam a adorar Jesus como Deus. Contudo, os Evangelhos mencionam vários exemplos dos discípulos a adorarem Jesus (Mateus 14:33; 28:9; Lucas 24:51-52).

Maomé concluiu, dizendo aos seus visitantes cristãos: “Esta é a narrativa verdadeira...” (Sura 3:63). Contudo, a delegação rejeitou a mensagem de Maomé.

Embora o discurso de Maomé aos bispos dê uma boa panorâmica, analisemos diversas outras afirmações no Alcorão que mostram a perspectiva que Maomé tinha de Jesus...

Maomé disse que Jesus profetizou a sua vinda

E lembrai-vos de quando Jesus, filho de Maria, disse: “Oh, filhos de Israel, eu sou o Mensageiro de Alá junto de vós, cumprindo o que fui mencionado na Torá antes de mim e dando alegres novas de um Mensageiro que virá depois de mim. O seu nome será Ahmad”. E quando ele vier a eles com claras provas, eles dirão: “Isto é uma fraude evidente”.

—SURA 61:7

Ahmad é um dos nomes de Maomé, pelo que este ensinou que Jesus profetizou a sua vinda. Contudo, Maomé também disse que os Cristãos haviam retirado das Escrituras muitas dessas referências. Os modernos estudiosos muçulmanos têm defendido que alguns dos ditos de Jesus no Livro de João falam de Maomé, embora os Cristãos interpretem consistentemente que esses versículos se referem ao Espírito Santo (João 14:16-17, 24; 16:7; e também Apêndice D).

Deus não tem filho.

Um Cristão que leia o Alcorão ficará surpreendido ao ver quão frequente e especificamente o Alcorão nega que Deus possa ter um filho. Por exemplo:

Alá não há tomado nenhum filho nem há nenhum deus a par com Ele

—SURA 23:92

Diz [oh Maomé]: Se (Alá) Clemente tivesse um filho, eu seria o primeiro a adorar”

—SURA 43:82, TRADUÇÃO DE ALI

Não digais: “Eles são três”. Desistam será melhor para vós. Na verdade, Alá é o único Deus. Longe está da Sua Santidade que Ele tivesse um filho.³

—SURA 4:172

Jesus não deve ser adorado.

Segundo o Alcorão, Alá perguntará a Jesus no Dia da Ressurreição: “Disseste aos homens: “Adorem-me e à minha mãe, como dois deuses a par de Alá”?”.

Jesus responderá: “Nada lhes disse excepto o que Tu [Alá] me ordenaste: “Adorai Alá, meu Senhor e vosso Senhor”.” (Sura 5:118; ver também v. 73).

Maomé disse que os Cristãos estavam errados ao adorarem Jesus.

Ouvi o Profeta dizer: “Não exagerem a louvar-me como os Cristãos louvaram o filho de Maria, porque eu sou apenas um Escravo. Assim, chamem-me o Escravo de Alá e Seu Apóstolo”⁴

Jesus não ressuscitou dos mortos.

Falando aos que disseram que crucificaram Jesus, Maomé declarou:

De facto, eles não o mataram, não puderam matá-lo por crucifixão, mas fizeram com que ele lhes aparecesse como um crucificado ... certamente não o mataram. Pelo contrário, Alá exaltou-o até Si Próprio.

—SURA 4:158-159

Por outras palavras, Maomé disse que em vez de ser crucificado, Jesus foi levado directamente a Alá.

CONCLUSÃO

Os ensinamentos de Maomé sobre Jesus, em especial os que se encontram no Alcorão, eram constantemente positivos e afirmavam alguns dos ensinamentos registados na Bíblia. Contudo, a revelação corânica também negou repetidamente uma das mais importantes reivindicações que Jesus fez de ser o Filho de Deus. Os cultos nestoriano e ebionita na Arábia durante o tempo de Maomé também afirmavam o carácter profético de Jesus, enquanto Lhe negavam a divindade. O Islão considerou Jesus como uma dos seus profetas e Maomé declarou que Jesus profetizou a sua vinda.

Agora, pensemos no que Jesus poderia ter dito sobre Maomé.

O ENSINO DE JESUS SOBRE MAOMÉ

Afirmemos à partida que esta secção sobre Jesus só pode ser considerada uma opinião pessoal. Jesus não ensinou directamente sobre Maomé porque viveu seiscentos anos antes deste. Portanto, temos de aplicar o que conhecemos dos ensinamentos de Jesus ao que sabemos de Maomé. É minha opinião que Jesus teria desafiado o carácter profético de Maomé em três áreas: (1) o tratamento das outras pessoas por Maomé, (2) a descrição feita por Maomé das exigências para agradar a Deus, (3) a descrição da natureza de Deus por Maomé.

O tratamento dos outros

Jesus ensinou às multidões: “Cuidado com os falsos profetas... Pelos seus frutos é que os hão-de reconhecer... A árvore boa dá bons frutos e a árvore má dá maus frutos” (Mateus 7:15-17).

Os frutos da vida de uma pessoa são as suas acções. Por isso, consideremos os frutos de Maomé. Através de uma hábil movimentação em termos de guerra, debate e intimidação, Maomé submeteu toda a Arábia à autoridade islâmica. Neste processo, os seus militares mataram

milhares de pessoas. Maomé e o seu exército apoderaram-se das suas riquezas e venderam as suas mulheres e crianças como escravos.

Podemos argumentar que Maomé estava a lutar pela sua sobrevivência e pela do Islão. Contudo, esse argumento não tem grande consistência. À medida que ia ganhando poder, Maomé começou a perseguir agressivamente todos quantos constituíam ameaça para si.

Como alguém que estudou a história islâmica em profundidade, não posso evitar os factos da vida de Maomé que me recordam a descrição feita por Jesus do ladrão que entra no redil: “O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir”? (João 10:10). Esse foi o fruto da vida de Maomé.

A julgar por este padrão, creio que se Jesus se tivesse encontrado com Maomé, tê-lo-ia chamado falso profeta.

Exigências para agradar a Deus

Tanto o evangelho de Mateus como o de Lucas registam as fortes palavras de repreensão de Jesus contra os mestres da Lei e os chefes dos sacerdotes. Uma das queixas de Jesus foi que eles sobrecarregavam as pessoas com a Lei, sem as levarem mais perto de Deus.

Jesus chamou-os “guias cegos”. Porque eram guias cegos?

Ai de vocês também, doutores da lei, que põem sobre os outros cargas insuportáveis e vocês nem sequer com um dedo lhes tocam.

—LUCAS 11:46

Os doutores ou peritos da Lei exigiam que as pessoas seguissem regras difíceis na sua vida diária e na adoração. De igual modo, Maomé exigiu que as pessoas seguissem leis islâmicas rigorosas (jejum, pagamento de impostos para esmolas, oração cinco vezes por dia, realização de uma peregrinação a Meca, respeitar outras leis islâmicas) a fim de agradarem a Alá.

As leis colocam um pesado fardo sobre as pessoas e centram-se nas acções exteriores. Jesus desafiou os que se concentravam na lei: “Vocês, os fariseus, limpam os copos e os pratos por fora, mas lá por dentro estão

cheios de roubos e de maldade.” (Lucas 11:39). Jesus clamou contra líderes judeus piedosos que davam espectáculo com as suas longas orações enquanto despojavam as casas das viúvas.

Creio que Jesus lançaria o mesmo desafio a Maomé, que ensinou os Muçulmanos a lavarem-se por fora, cinco vezes por dia antes das orações, mas ao mesmo tempo convocou-os a combater todos os povos da Arábia e usassem a sua ganância pelos despojos da guerra para os motivar a arriscarem as suas vidas (ver também Mateus 15).

Jesus disse que a misericórdia de Deus era mais poderosa que as leis. Repreendeu os líderes religiosos por seguirem a lei e esquecerem a misericórdia de Deus. Por exemplo, Jesus infringiu a lei judaica ao “trabalhar” no Sábado para curar uma mulher aleijada (Lucas 13:10-17)

Creio que Jesus teria repreendido Maomé por se concentrar em falsas exigências para se agradar a Deus.

A natureza de Deus

Creio que Jesus diria a Maomé: “Quem é o teu Alá? O deus que descreves é totalmente diferente do que eu conheço”. O Alcorão diz que o deus do Islão coopera com Satanás e os demónios para perder as pessoas (Sura 6:40, 126; 43:37-38). A Bíblia diz que Deus ama o mundo e não quer que ninguém se perca (João 3:16-17).

Jesus descreveu um Deus de amor; Maomé (através da revelação corânica) descreveu um Deus de punição. Se procurarmos no Novo Testamento as palavras castigo/castigar/castigado, encontraremos cerca de 15 exemplos relativos a incrédulos serem punidos com o inferno (O Velho Testamento tem 159 exemplos destas palavras).

Contudo, se procurarmos essas palavras no Alcorão (que é um pouco menor que o Novo Testamento), encontramos 379 exemplos.⁵ Esses versículos descrevem como é que Alá castiga diferentes tipos de pessoas e pecados.

Podemos também procurar a palavra amor no Alcorão e descobrimos 82 exemplos. É um número bastante elevado. Mas se verificarmos aleatoriamente o contexto, encontramos descrições repetidas do que Alá NÃO ama. (O Capítulo 14 explica mais sobre os ensinamentos do Alcorão relativamente ao amor).

Se fizemos uma busca por computador da palavra amor no Novo Testamento, encontramos 260 versículos. Cerca de um terço fala do amor de Deus pelo seu Filho ou pelo povo. Cerca de metade descreve as pessoas a amarem Deus ou o próximo. E os restantes versículos usam a palavra amor no contexto de ensinar, por exemplo, que “o amor do dinheiro é a raiz de todos os males” (1 Timóteo 6:10 - JFA). Apenas um versículo fala de Deus não amar alguém ou alguma coisa (Romanos 9:13).

Claro que podemos limitar-nos a concluir que o conceito de amor era mais usado na sociedade de Jesus que na de Maomé. Mas, além disso, estas estatísticas apontam para uma diferença surpreendente entre a natureza do Deus descrito por Maomé e o Deus descrito por Jesus.

Creio que Jesus teria desafiado a descrição maometana de Deus.

A resposta de Jesus aos demónios

Finalmente, analisemos uma história pouco conhecida da vida de Maomé que demonstra a sua humanidade. No Cristianismo, é um insulto tremendo dizer que uma pessoa de fé experimentou a influência demoníaca. Mas o ponto de vista islâmico é diferente. Não é considerado uma falha de fé o facto de um Muçulmano experimentar a influência demoníaca. De facto, de acordo com uma história nos hadith, Maomé disse a Aisha que estava perturbado com um “sortilégio”

A'isha contou que um Judeu entre os Judeus de Banu Zuraiq, chamado Labid b. al-A'sam lançou um sortilégio sobre o Mensageiro de Alá, daí resultando que ele (sob a influência desse encantamento) sentisse que esteve a fazer alguma coisa quando de facto isso não acontecera. (Este estado de coisas durou) até um dia ou durante uma noite o Mensageiro de Alá fez súplicas (para desfazer os seus efeitos). Tornou por mais de uma vez a fazer súplicas.⁶

Isto desencadeou a revelação de Sura 7:201.

E se uma má sugestão de Satã te incitar, então busca refúgio em Alá.

Se Maomé foi verdadeiramente perturbado por demónios e viesse pedir ajuda a Jesus, podemos imaginar que Jesus teria expulso os demónios, como fez com muitos outros.

CONCLUSÃO

Jesus avisou que apareceriam falsos profetas e disse aos Seus seguidores que os identificariam pelas suas boas ou más acções. Quando Jesus encontrava líderes religiosos que oprimiam o povo, repreendia-os. Creio que esta informação nos dá uma ideia do modo como Jesus teria respondido directamente a Maomé.

Já vimos o que Jesus e Maomé ensinaram, o que cada um defendeu ser e o que teriam dito um sobre o outro. Vejamos agora um tema específico de ensino, em particular curas e milagres.

Curas e Milagres

Em adolescente, fui muito respeitado na minha comunidade por ter memorizado o Alcorão e ter frequentado o liceu Al-Azhar. Como resultado, as pessoas costumavam chamar-me para orar por amigos ou parentes que estavam doentes,

Quando visitava alguém doente, a primeira coisa que sempre fazia era sentar-me ao lado do paciente e recitar o Alcorão. Recitava sempre o versículo mais conhecido relativo à cura:

E se Alá te tocar com dano, não há ninguém senão Ele que o possa remover; e se Ele desejar o bem para ti, não há ninguém que possa repelir a Sua graça. Ele faz com que isso alcance a qualquer coisa que seja dos seus servos que Ele queira.

—SURA 10:108

Ao recitar o Alcorão, esperava conseguir a atenção de Alá. Depois, Orava:”Oh Alá, o teu servo está doente. A doença vem de ti, mas a cura também. Assim, pedimos-te a tua misericórdia “.

Ficava sempre perturbado e pouco à vontade. Sentia que Alá estava muito distante e não sabia se ele me prestaria atenção ou não. Afinal, o Alcorão diz que ninguém pode alterar as intenções de Alá:

Dize-lhes: “Quem vos pode servir de coisa alguma contra Alá, se Ele tencionar algum dano para vós, ou se Ele tencionar algum proveito para vós? Não, Alá está bem ao corrente do que vós fazeis.

—SURA 48:12

O próprio Maomé disse que era incapaz de influenciar Alá em seu favor:

Diz: “Eu, por mim, não tenho poder algum sobre qualquer prejuízo ou benefício, salvo o que Alá quer”.

—SURA 10:50 (VER TAMBÉM SURA 7:189)

Assim, deixava o paciente sem saber se Alá aceitaria a minha oração. Mas fizera o que Alá me permitia fazer.

As curas e os milagres são uma área em que as diferenças entre Jesus e Maomé são mais evidentes. Antes de começar a comparação entre Jesus e Maomé, gostaria de explicar a razão de este tópico ser uma área de grande discussão entre os Muçulmanos.

O DEBATE SOBRE MAOMÉ E OS MILAGRES

Se Maomé realizava curas e milagres é um tema controverso entre os Muçulmanos que aceitam que Jesus realizou milagres (defendido pelo Alcorão), mas ninguém concorda se Maomé os realizou. E isso por causa das contradições entre o Alcorão e os hadith (o registo dos ensinamentos e acções de Maomé). Recordemos que Maomé tinha conhecimento directo do que estava no Alcorão, porque este é constituído estritamente pelas revelações que ele transmitiu do anjo Gabriel. Contudo, Maomé não tinha controlo sobre os hadith. Os seus seguidores podiam contar qualquer história que quisessem, fosse ou não verdadeira e Maomé não tinha controlo sobre isso.

O Alcorão diz que Maomé não tinha obrigações de produzir um sinal para mostrar que era um profeta. Pelo contrário, o Alcorão é apresentado como o maior sinal da qualidade profética de Maomé que dizia ao povo:

“Os Sinais estão apenas com Alá e eu sou apenas um simples Avisador.” Não lhes basta que Nós (1) te tivéssemos enviado o Livro que lhes é recitado.

—SURA 29:51-52

Por outras palavras, Maomé estava a dizer: “Eu sou o profeta. Não me peçam sinais. Alá é quem produz sinais”. A revelação concluía. “O Alcorão é o sinal suficiente para vós”.

Todos os Muçulmanos concordam que o Alcorão é o maior milagre dado à humanidade. O Alcorão declara que nenhum outro humano ou espírito poderia criar um livro igual a ele.

Diz: “Se a humanidade e os jinn se reunissem para produzir o semelhante a este Alcorão, eles não poderiam produzir o semelhante a ele, mesmo que se ajudassem uns aos outros”.

—SURA 17:89

Se Nós (*) tivéssemos feito descer este Alcorão sobre uma montanha, tu tê-la-ias visto humilhar-se e fender-se de meio a meio por temor de Alá

—SURA 59:22

É por isso que os relatos de milagres nos hadith levantam suspeitas relativas à sua autenticidade. Alguns eruditos muçulmanos crêem que muitas dessas histórias de milagres foram inventadas pelos seguidores de Maomé depois da sua morte para ajudar a convencer as pessoas de que Maomé era um profeta verdadeiro. Outros Muçulmanos, porém, defendem convictamente que os relatos de milagres são rigorosos. Quando era criança, acreditava nas histórias que me contavam. Mas de facto, não nos era ensinado muito sobre Maomé a realizar milagres. Este tema não é enfatizado no ensino islâmico.

Com esta compreensão, comparemos o registo relativo aos milagres feitos por Jesus e por Maomé. Por uma questão de clareza, iremos dividir os milagres em três categorias: cura de doenças físicas, expulsão de demónios e milagres no mundo natural. Por fim, analisaremos se Jesus ou Maomé revestiram os seus seguidores com poder para realizarem curas ou milagres.

CURA DE DOENÇAS FÍSICAS

Maomé

Mesmo nos hadith quase não há referências a Maomé a orar pela cura física de pessoas. Só tenho conhecimento dos dois relatos seguintes.

Maomé e Abu Bakr esconderam-se numa gruta quando fugiam de Meca para Medina (a segunda hijra). Um historiador diz que Abu Bakr foi mordido por uma serpente venenosa. Maomé disse-lhe: “Não estejas preocupado, Abu Bakr, porque Alá está connosco”. Depois, Abu Bakr recuperou. (2) Esta é uma história muito popular entre os Muçulmanos e costuma ser usada em sermões, em especial na celebração anual da hijra. Diz-se que a história foi contada por Umar ibn al-Khattib, baseado no que disse Abu Bakr. O próprio historiador Ibn Kathir disse que este hadith não lhe era familiar e que suspeitava da sua autenticidade.

Ibn Kathir também mencionou uma versão diferente da história. Neste relato, Abu Bakr estava com o apóstolo de Alá numa gruta e uma pedra feriu-lhe a mão. Maomé não tentou orar por ele nem tocar-lhe na mão para ser curado, mas Abu Bakr criou um poema de uma linha dirigido ao seu dedo: “És apenas um dedo, és apenas um dedo que sangra e esta hemorragia deve-se a Alá”. Ibn Kathir negou a história com a serpente, mas disse que o episódio do dedo magoado de Abu Bakr era provavelmente verdadeiro. Apesar das palavras do historiador, muitos Muçulmanos ainda acreditam na história da serpente.

O segundo exemplo de cura vem de um hadith contado por Aisha, a segunda esposa de Maomé. Ela disse que Maomé costumava orar pela cura das suas esposas e de outros Muçulmanos doentes, tocando-lhes com a mão direita enquanto orava. (3) Contudo, Aisha é a única pessoa que jamais apresentou este relato sobre Maomé. Se este costumava orar por Muçulmanos doentes, então outros seguidores também o deveriam ter relatado. Não há registo de pessoas a serem curadas em consequência das orações de Maomé.

Mesmo que encontrássemos um relato de cura nos hadith, estaria em directa oposição ao ensino do Alcorão que diz que Maomé não realizava sinais. Todo o hadith que contradiz o Alcorão deve ser rejeitado.

Estes comentários de Aisha em geral não são pregados porque a cura

não é um tema que os imãs costumem discutir. Não é sequer um grande elemento do Islão.

Mais do que os exemplos presentes de Alá conceder cura, a história islâmica mostra alguns exemplos de momentos em que, apesar de necessária, a cura não ocorreu.

Quando os Muçulmanos chegaram pela primeira vez a Medina, muitos deles adoeceram e ficaram com delírios por causa de uma febre intensa embora Maomé não tivesse caído doente. Não há relato de ele ter orado pela cura, mas quando viu uns Muçulmanos a orarem sentados disse-lhes: “Saibam que a oração feita sentada tem metade do valor da oração realizada em pé.” O historiador conclui “Com isto, os Muçulmanos puseram-se a custo de pé apesar da sua fraqueza e doença, procurando uma bênção.”⁴

Maomé teve apenas dois filhos (Al-Kasim e Ibrahim), tendo ambos morrido ainda crianças. Os hadith registam assim a morte de Ibrahim:

Fomos com o Apóstolo de Alá até ao ferreiro Abu Saif, marido da ama de leite de Ibrahim (o filho do Profeta). O Apóstolo de Alá pegou em Ibrahim e beijou-o e cheirou-o e depois entrámos em casa de Abu Saif. Nessa altura, Ibrahim exalava os últimos suspiros e os olhos do Apóstolo de Alá começaram, a encher-se de lágrimas. “Abdur Rahman bin 'Auf disse: “Oh Apóstolo de Alá, até tu estás a chorar!” Ele disse: “Oh Ibn 'Auf, isto é misericórdia”. Depois, chorou ainda mais e disse: “Os olhos estão a verter lágrimas e o coração está magoado e nada diremos a não ser o que agrada ao nosso Senhor, oh Ibrahim! Na verdade, ficamos magoados com a tua separação”.”⁵

Se Maomé pudesse orar por cura, creio que tê-lo-ia feito aqui para evitar que o filho morresse.

Assim, o relato é muito simples: a oração pelos doentes não era uma parte significativa da vida de Maomé. É possível que nunca orasse por cura.

Jesus

Quem já leu os Evangelhos, deu conta de que os relatos de cura física constituem uma parte significativa da sequência histórica. Exemplos de cura incluem:

- ♦ O filho de um régulo que estava moribundo (João 4:48-52).
- ♦ Febre da sogra de Pedro (Mateus 8:14-15; Marcos 21:29-31; Lucas 4:38-39).
- ♦ Leprosos (esta doença deformante costumava ser fatal) (Mateus 8:1-4; Marcos 1:40-45; Lucas 5:12-19; 17:11-19).
- ♦ Homem parálítico (Mateus 9:1-8; Marcos 2:1-12; Lucas 5:18-26).
- ♦ Inválido na tanque de Betesda (João 5:1-15).
- ♦ Um homem com a mão mirrada (Mateus 12:9-13; Marcos 3:1-6; Lucas 6:6-11).
- ♦ O servo doente do centurião romano (Mateus 8:5-13; Lucas 7:2-10).
- ♦ O filho da viúva ressuscitado dos mortos (Lucas 7:11-17).
- ♦ Ressurreição da filha de um régulo (Mateus 9:18-26i; Marcos 5:21-43; Lucas 8:40-56).
- ♦ Mulher com problemas menstruais (Mateus 9:20-22; Marcos 5:24-34; Lucas 8:43-48).
- ♦ Cego recupera a vista (Mateus 9:32-34; 20:29-34; Marcos 8:22-25; 10:46-52; João 9:1-38; 18:35-43).
- ♦ Um homem que era surdo e incapaz de falar (Marcos 7:31-37).
- ♦ Uma mulher parálítica que andava curvada (Lucas 13:10-17).

- ♦ Um homem com um edema (Lucas 14:1-6).
- ♦ Ressuscita o seu amigo Lázaro que já se encontrava sepultado (João 11:1-44).
- ♦ Restaurada a orelha do servo do sumo-sacerdote depois de Pedro a ter cortado com uma espada (Lucas 22:49-51).

Em relação à cura, podemos ver algumas comparações irónicas entre Jesus e Maomé. Por exemplo, Maomé não ajudou os seus seguidores que estavam a sofrer com a febre, mas os Evangelhos mencionaram especificamente que Jesus curou de febre duas pessoas — a sogra de Pedro (Marcos 1:29-31) e o filho do régulo (João 4:48-52). Também, embora Maomé não pudesse salvar os seus dois filhos da morte, Jesus ressuscitou duas crianças — a filha de um régulo e o filho de uma viúva. Jesus também curou em Cafarnaum um rapaz que estava prestes a morrer, limitando-se a falar com o pai: “O teu filho vive” (João 4:50).

Neste ponto, já estabelecemos que a cura desempenhou um papel importante na vida de Jesus e foi menor ou inexistente na de Maomé. Agora, vejamos o que Jesus e Maomé ensinaram sobre o propósito da cura e as causas da doença.

FINALIDADE DA CURA E AS CAUSAS DA DOENÇA

Maomé

Não conheço ensino de Maomé relativo ao propósito da cura. Contudo, ensinou sobre a origem da doença. Consultemos de novo o versículo que eu citava às pessoas que estavam doentes:

E se Alá te tocar com dano, não há ninguém senão Ele que o possa remover; e se Ele desejar o bem para ti, não há ninguém que possa repelir a Sua graça, Ele faz com que isso alcance a qualquer que seja dos seus servos que Ele queira.

—SURA 10:108

Maomé ensinou que a doença vinha de Alá, pelo que os Muçulmanos crêem que quando alguém é afectado pela doença, há uma razão subjacente. Talvez o doente tenha feito algo de errado ou pecado contra Alá, pelo que Alá deu-lhe uma doença para o purificar pela sua maldade. Os Muçulmanos crêem que esta purificação deixará essa pessoa em melhor posição para se apresentar perante Alá no Dia do Juízo.

Este versículo também diz que Alá é o único que pode remover a doença. Este ensino frustrava-me como Muçulmano. Interrogava-me: “Se estou doente e oro a Alá a pedir ajuda, que devo eu esperar? Se é Alá quem envia a doença, como posso convencê-lo a retirá-la?”

Jesus

Jesus disse que as Suas curas e milagres eram um sinal que mostrava às pessoas que de facto viera de Deus.

Quando João Baptista, que estava na prisão, ouviu falar das obras de Cristo, enviou-lhe alguns dos seus discípulos com esta pergunta: “És tu aquele que há-de vir ou devemos esperar outro?” Jesus deu-lhes esta resposta: “Vão contar a João aquilo que vêem e ouvem: os cegos vêem, os coxos andam, os que têm lepra são curados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres é anunciada a Boa Nova

—MATEUS 11:2-5

De modo semelhante, Jesus disse aos Judeus:

Os judeus rodearam-no e perguntaram-lhe: “Até quando nos trazes na dúvida? Diz-nos claramente se és ou não o Messias.” Jesus respondeu-lhes: “Já o disse, mas vocês não querem acreditar. As coisas que eu faço por ordem de meu Pai falam por mim”.

—JOÃO 10:24-25

Os Evangelhos também dizem que Jesus foi motivado pela compaixão para curar as pessoas dos seus sofrimentos.

Assim, quando Jesus desembarcou, viu uma multidão enorme. Sentiu-se comovido com aquela gente e curou todos os doentes que lá havia.

—MATEUS 14:14;

VER TAMBÉM MATEUS 20:34; MARCOS 1:41

A compaixão de Jesus pelas pessoas doentes está em consonância com o Seu ensino relativo à origem das enfermidades. Podemos ver o ponto de vista de Jesus através de vários comentários que ele fez quando curava as pessoas. Disse Ele:

1. A doença pode ser resultado de pecado.

Mais tarde, Jesus encontrou o homem no templo e disse-lhe: “Repara bem. Foste curado. Não tornes a pecar, para que não te aconteça ainda pior”.

—JOÃO 5:14

2. A doença pode ocorrer sem culpa.

Um dia, Jesus encontrou no seu caminho um homem cego de nascença. Os discípulos perguntaram a Jesus: “Quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele ou os pais?” Jesus respondeu: “O facto de ele ter nascido cego não tem nada a ver com os pecados dele ou dos pais. Mas é para que o poder de Deus se possa manifestar nele”.

—JOÃO 9:1-3

3. A doença pode ser provocada por demónios

Trouxeram então a Jesus um possesso cego e mudo. Jesus curou-o e o homem ficou a ver e a falar

—MATEUS 12:22;

VER TAMBÉM MATEUS 9:32-34;; MARCOS 7:31-37

Agora que analisámos as curas física, vejamos um tipo espiritual de cura — a expulsão de demónios.

EXPULSÃO DE DEMÓNIOS

Tanto Maomé como Jesus falaram de demónios nos seus ensinamentos. A questão que quero abordar aqui é o que cada um fez em relação aos que os abordaram a pedir ajuda.

Maomé

Por outro lado, Maomé não foi conhecido por expulsar demónios. De facto, o Alcorão diz que os jinn (ou demónios) vinham ouvir Maomé recitar o Alcorão:

Dize-lhes: “É-me revelado que uma companhia dos Génios escutou e eles disseram: “Na realidade, nós temos ouvido um maravilhoso Alcorão”.”

—SURA 72:2

Esta sura continua a dizer que alguns dos jinn aceitaram o Islão e se tornaram Muçulmanos (Sura 72:15). Quando Maomé orava, amontoavam-se à sua volta para o escutar (Sura 72:20).

Assim, a relação de Maomé com os demónios era muito diferente da de Jesus!

Contudo, temos um exemplo de uma mulher que se aproximou de Maomé a pedir ajuda porque sentia que estava a ser atacada por demónios.

Uma Muçulmana veio ter com ele e pediu-lhe: “Estes impuros — os demónios — possuem-me e atormentam-me e torturam-me”. Maomé respondeu: “Se fores paciente naquilo por que estás a passar, chegarás ao Dia da Ressurreição perante Alá limpa de qualquer pecado e não haverá julgamento contra ti”. Ela disse: “Juro-te pelo nome de quem te enviou que terei paciência até me encontrar com Alá, mas receio que este demónio venha e me faça tirar as roupas em público” (que eu estarei a pecar). Depois, Maomé disse-lhe: “Sempre que sentires o demónio em ti, debes ir à

Caaba e envolver-te no tecido que cobre a Pedra Negra”.
Depois, Maomé orou por ela.⁶

Pensemos no que Maomé ofereceu a esta mulher. Ele não expulsou dela o demónio. Pelo contrário, disse-lhe que suportasse o ataque de que era alvo e que obteria alívio se fosse até à Pedra Negra na Caaba.

O conselho de Maomé contradiz de facto o ensino do Alcorão que diz:

E se uma má sugestão de Satã te incitar, então busca refúgio
em Alá; por certo Ele é o Que Tudo Ouve, Omnisciente.

—SURA 7:201

Podemos concluir facilmente que Maomé não se apresentou como capaz de expulsar demónios.

Jesus

Quando Jesus encontrava alguém atacado por demónios, ordenava-lhes que abandonassem o corpo da pessoa. Um bom exemplo é a história dos dois loucos que Jesus encontrou a vaguear pelos sepulcros na região de Gadara. Eram tão violentos que as pessoas tinham medo de viajar por aquele caminho. Os demónios nestes homens suplicaram a Jesus: “Se nos vais expulsar, manda-nos para aqueles porcos” Jesus disse-lhes: “Vão!” E eles saíram e foram para os porcos” (Mateus 8:28-34).

Outros exemplos de Jesus a expulsar demónios incluem:

- ♦ O homem na sinagoga (Marcos 1:23-28; Lucas 4:33-37).
- ♦ Um cego e um mudo (Mateus 12:22).
- ♦ Um mudo (Mateus 9:32-34).
- ♦ A filha de uma cananita (Mateus 15:21-28; Marcos 7:24-30).
- ♦ Um rapaz que sofria de convulsões (Mateus 17:14-21; Marcos 9:14-30; Lucas 9:37-43).

A par destas histórias específicas, os Evangelhos costumam mencionar em geral que Jesus expulsava demónios quando as pessoas Lhe iam pedir ajuda (Mateus 4:24; 8:16; Marcos 1:34, 39). Jesus disse que expulsava os demónios pelo poder de Deus (Lucas 11:14-28).

Vejamos agora uma área em que a figura de Maomé é fortemente debatida — milagres.

MILAGRES

Maomé

Já sabemos que Maomé não era conhecido por orar por cura física ou por expulsar demónios. Era conhecido por praticar milagres?

Como mencionei no início deste capítulo, esta é uma área de debate entre os Muçulmanos que consideram o Alcorão o maior milagre. À parte disso, os milagres não desempenham um papel fundamental na vida de Maomé. Por outras palavras, não se menciona que Maomé atraísse multidões por realizar milagres. Não tinham um grande efeito na forma como as pessoas o tratavam ou como ele espalhava a sua mensagem.

Com esta contextualização, vejamos as referências a possíveis milagres realizados por Maomé.

Uma história bem conhecida é a “divisão da Lua”, descrita assim num hadith:

As pessoas de Meca pediram ao Profeta que lhes mostrasse um sinal (milagre). Então, ele mostrou-lhes o sinal (milagre) da separação da Lua.⁷

O Alcorão faz referência a este episódio na Sura 54:2:

A Hora está perto e a Lua está rasgada em pedaços.

Muitos Muçulmanos acreditam que a Lua literalmente se dividiu ao meio e surgiu em dois pedaços no céu. Pensa-se que o evento terá ocorrido em Meca cerca de cinco anos antes da hijra. Contudo, não há qualquer

referência a este milagre quando Maomé é desafiado a apresentar um sinal. Este é um problema por resolver.

Todos os outros exemplos de milagres surgem apenas nos hadith e não são mencionados no Alcorão. Incluem:

- ♦ Multiplicou tâmaras para pagar uma dívida⁸
- ♦ Multiplicou a água
 - ♦ depois de beber de um utensílio⁹
 - ♦ de um poço¹⁰
 - ♦ e de dois sacos de água pedidos emprestados a uma mulher num camelo¹¹
- ♦ Produziu chuva depois de uma seca em Medina¹²
- ♦ Luzes acompanharam dois dos companheiros de Maomé através da escuridão¹³
- ♦ Uma palmeira chorou com a partida de Maomé¹⁴
- ♦ O solo vomitou o cadáver de um Cristão que mentira¹⁵
- ♦ Um lobo falou e convidou um homem a seguir o Islão¹⁶
- ♦ A Viagem Nocturna de Maomé em que ele afirmou ter voado de Meca até Jerusalém e visto o paraíso e o inferno¹⁷

Jesus

Tal como Jesus foi popular por causa das Suas curas, também O procuraram por causa dos milagres que realizou. Um bom exemplo é aquele em que cinco mil pessoas vão até ao deserto ouvi-lo ensinar, ficando tanto tempo com ele que ficam famintas. Os discípulos querem enviá-las embora, mas quando lhe levam cinco pães e dois peixes, Jesus instruiu os discípulos a servirem uma refeição à multidão. O milagre é que esta pequena quantidade de pão e de peixe alimentou toda a gente. Mais

tarde, Jesus foi assediado por pessoas que lhe recordaram ter multiplicado a comida (João 6:1-27)

Outros exemplos dos milagres de Jesus incluem:

- ♦ Transformou água em vinho num casamento (João 2:1-11)
- ♦ Grande pescaria (Lucas 5:1-11; João 21:1-14).
- ♦ Acalmou a tempestade quando Ele e os discípulos atravessavam um lago (Mateus 8:23-27; Marcos 4:35-41; Lucas 8:22-25).
- ♦ Caminhou sobre as águas durante um temporal (Mateus 14:22-33; Marcos 6:45-52; João 6:16-21).
- ♦ Encontrou uma moeda na boca de um peixe (Mateus 17:24-28).
- ♦ Fez com que uma figueira mirrasse (Mateus 21:18-22; Marcos 11:20-25).

Embora alguns dos milagres tenham sido realizados na presença de multidões (o milagre nas bodas e a multiplicação dos pães), os outros foram vistos apenas pelos Seus seguidores mais próximos.

Assim, há relatos de milagres realizados tanto por Maomé como por Jesus. Qual o seu propósito?

O propósito dos milagres para Maomé

Há quem diga que os seus milagres foram um sinal do carácter profético de Maomé, mas o Alcorão declarou que as revelações de Maomé eram o único sinal que seria dado. É uma questão de debate.

O propósito dos milagres para Jesus

Jesus usou os Seus milagres como sinal de que era Deus, em particular junto dos Seus seguidores. Por exemplo, no seu primeiro milagre, Jesus transformou água em vinho. Esta foi uma demonstração eficaz de poder junto do Seus novos seguidores.

Jesus também realizou milagres movido pela compaixão, em particular quando multiplicou os pães em favor da multidão:

Então, Jesus chamou os discípulos para junto de si e disse-lhes: “Estou com pena desta gente que anda comigo há três dias e não tem nada para comer. Não os quero mandar embora com fome, senão são capazes de cair de fraqueza pelo caminho”.

—MATEUS 15:32

CURAS E MILAGRES REALIZADOS PELOS SEGUIDORES

Na última secção deste capítulo, veremos se Jesus ou Maomé ensinou os seus seguidores a praticarem curas e milagres.

Maomé

Maomé não ensinou os seus seguidores a orarem por cura ou milagres. Não há hadith em que Maomé tenha dito: “Se um dos vossos familiares ou filhos estiver doente, orem e peçam cura a Alá”. Não há registo na história islâmica de qualquer dos companheiros de Maomé ter realizado curas ou milagres. Esse não era o seu método de difundir a mensagem do Islão. Pelo contrário, depois da morte de Maomé, permaneceram organizados à maneira militar e continuaram a espalhar o Islão através da jihad.

Jesus

Jesus esperava que os Seus seguidores fizessem as mesmas curas e milagre que Ele realizou e muito mais ainda.

Digo-vos com toda a verdade que aquele que acreditar em mim faz tudo aquilo que eu faço e há-de fazer coisas maiores ainda, porque eu vou para o Pai.

—JOÃO 14:12

Quando Jesus enviou os Seus discípulos a pregar, disse-lhes:

Curem os que têm lepra e os que têm outras doenças,
ressuscitem os mortos e expulsem os espíritos maus.
Receberam de graça, dêem de graça.

—MATEUS 10:8; VER TAMBÉM MARCOS 3:15; LUCAS 10:9

A questão é: Os discípulos conseguiram curar e expulsar demónios como Jesus fez? A resposta é sim:

Então os discípulos partiram e foram pregar para que as
pessoas se arrependessem e mudassem de vida. Expulsavam
muitos espíritos maus e curavam muitos doentes, aplicando-
lhes azeite.

—MARCOS 6:12-13

Os setenta e dois discípulos voltaram muito contentes e
diziam: “Senhor, até os espíritos maus nos obedecem
quando falamos em teu nome”.

—LUCAS 10:17

O relato do Novo Testamento depois da morte e ressurreição de Jesus
descreve os Seus seguidores a realizarem “muitas maravilhas e sinais
miraculosos” (Actos 2:43; ver também Romanos 15:19). Por exemplo:

- ♦ Parálítico curado (Actos 3:1-10;14:8-10)
- ♦ Marido e esposa caem mortos por mentirem (Actos 5:12-11)
- ♦ Os discípulos são libertos da prisão por um anjo (Actos 5:19-20).
- ♦ Espíritos maus expulsos; coxos e parálíticos curados (Actos 8:6-13).
- ♦ Parálítico curado (Actos 9:32-34)
- ♦ Mulher ressuscitada dos mortos (Actos 9:36-41)
- ♦ Falso profeta cegou (Actos 13:8-11)
- ♦ Jovem ressuscitado após uma queda (Actos 20:9-12)
- ♦ A mordedura de uma serpente venenosa não causa nenhum mal (Actos 28:3-5).

As pessoas eram atraídas aos discípulos e à sua mensagem por causa dos milagres e das curas, tal como sucedia com Jesus.

CONCLUSÃO

A cura e os milagres ajudam-nos a ver mais diferenças entre Jesus e Maomé. A actividade pública de Jesus foi impulsionada pelas curas, expulsão de demónios e realização de milagres. Depois da Sua morte e ressurreição, os Seus seguidores também atraíram as pessoas à sua mensagem através da cura, expulsão de demónios e milagres.

Em contraste, a história islâmica regista apenas algumas histórias de milagres associados a Maomé e a quase ausência de registos relativos a curas ou expulsão de demónios.

Como as curas eram a forma de Jesus difundir com eficiência a Sua mensagem, vejamos agora a forma mais eficaz de Maomé espalhar a sua —através da Jihad ou guerra santa.

Notas:

(*) Este pronome Nós no Alcorão refere-se a Alá. É sinal não de pluralidade mas de grandeza.

O Significado de Guerra Santa

Como já lemos a biografia de Jesus e de Maomé, é-nos agora mais fácil compreender o que ensinaram sobre a guerra e o uso da espada. Este capítulo divide-se em três secções:

Primeiro, analisaremos o que Maomé ensinou sobre o que entendia por tolerar as outras religiões e a razão de os Muçulmanos moderados crerem que a jihad não é uma batalha física, mas espiritual. Depois, explicarei os dois versículos nos Evangelhos em que Jesus falou de “espadas”. Os Muçulmanos citam esses versículos para concluir que Jesus ensinou os Seus seguidores a combaterem a jihad. Interpretaremos esses versículos usando outros relatos dos Evangelhos.

Segundo, analisaremos se Maomé considerava a jihad uma responsabilidade temporária ou permanente para os Muçulmanos. Em contraste, iremos rever como Jesus ensinou os Seus discípulos a reagir aos seus inimigos.

Terceiro, compararemos as recompensas que Maomé oferecia aos seus seguidores por combaterem a jihad com as recompensas que Jesus ofereceu aos seus seguidores por optarem não combater.

A conclusão abordará uma questão que costuma ser levantada por Cristãos e Muçulmanos: a história islâmica é sangrenta, mas os Cristãos também têm as mãos manchadas de sangue. Então, qual a diferença entre as guerras travadas por Muçulmanos e as guerras travadas por Cristãos?

MAOMÉ E A ESPADA

Tolerância vs. jihad

Há versículos no Alcorão que apelam claramente à tolerância:

Não haja compulsão na religião: A verdade sobrepõe-se ao Erro: quem rejeita o Mal e crê em Alá seguiu-se ao apoio de maior confiança que nunca cede. E Alá ouve e sabe todas as coisas.

—SURA 2:257; TRADUÇÃO DE ALI

Este versículo diz: “Não podes obrigar ninguém a mudar a sua religião. O caminho recto deve ser óbvio”. Maomé afirmou-o durante o início do período que passou em Medina, antes da Batalha de Badr.

Eis um outro versículo de tolerância:

E não disputeis com o povo do Livro [Judeus e Cristãos], excepto por aquilo que é melhor; mas não disputeis de todo com os que de entre eles sejam injustos. E dizei: “Nós cremos no que foi revelado e no que vos foi revelado e o nosso Deus e o vosso Deus é Um; e a Ele nos submetemos”.

—SURA 29:47

Crê-se que esta sura foi revelada em Meca quando os Muçulmanos estavam a ser perseguidos. O versículo diz que os Muçulmanos não deviam discutir com Judeus e Cristãos; pelo contrário, deveriam convidá-los a seguir o Islão. Nesta altura, Maomé ainda acreditava que a maioria dos Judeus e Cristãos abraçariam o Islão por causa da sua fé num único Deus.

Contudo, no mesmo Alcorão encontramos versículos que se referem claramente a combater os descrentes no sentido de uma luta física e literal, em que as pessoas são mortas ou feitas prisioneiras. Como reconciliar estes dois mandamentos opostos? A chave é prestar atenção ao momento em que estes versículos foram revelados. Por exemplo:

E combatei-os até que não haja nenhuma perseguição e religião que não seja inteiramente por Alá. Mas se eles desistirem, então por certo Alá está vigilante ao que eles fazem.

—SURA 8:40

Oh Profeta, insta com os crentes para que combatam. Se houver vinte de vós que sejam constantes, eles vencerão duzentos; e se houver uma centena de vós que sejam constantes, eles vencerão um milhar dos que descreem porque eles são um povo que não compreende.

—SURA 8:66

Estes versículos foram revelados em Medina depois da Batalha de Badr (2 d.H), a primeira e surpreendente vitória dos Muçulmanos contra o exército de Meca. A sura 2:256, o versículo sobre tolerância, foi revelada em Medina antes da Batalha de Badr.

Então, qual dos mandamentos se deve seguir? Nos dias de Maomé, a resposta era clara: o novo cancelava o antigo. As pessoas compreendiam que quando Maomé dissesse que era tempo de lutar, isso significava que o tempo de tolerância acabara. Este princípio é expresso no Alcorão na Sura 2:107:

Seja qual for o Sinal que Nós anularmos ou fizermos esquecer, Nós trazemos uma melhor do que essa ou a ela semelhante. Não sabes tu que Alá tem o poder de fazer tudo o que Ele quer?

Os estudiosos muçulmanos referem-se a este como o princípio de naskh. A ideia é que as revelações de Maomé eram progressivas. Uma nova revelação cancelava uma mais antiga. Este princípio não só é aplicado à jihad mas também a muitas outras questões incluindo a ingestão de álcool, a validade de adopção e a direcção que a pessoa deve tomar ao orar.

Maomé não considerava contraditórias estas alterações. Via-as como um desenvolvimento das revelações. O Alcorão explica:

E quando Nós trazemos um Sinal em lugar de outro — e Alá sabe melhor o que Ele revela — eles dizem: “Tu nada mais és que um embusteiro”. De modo nenhum mas a maior parte deles não sabe.

—SURA 16:102

A jihad é uma luta espiritual?

Os Muçulmanos modernos moderados dizem que a jihad é uma luta espiritual travada por quem pretende seguir os ensinamentos do Islão. Aonde vão buscar esta ideia? Alguns Muçulmanos apontam para uma história registada nos hadith:

Ao regressar de uma batalha, Maomé disse a um dos seus amigos: “Viemos de uma pequena jihad para a grande jihad”.

O amigo perguntou-lhe: “Oh profeta de Alá, que queres dizer com a pequena batalha e a grande batalha?”

Maomé respondeu: “A pequena batalha é a batalha que acabámos de travar, em que combatemos os inimigos do Islão. A grande batalha é a luta espiritual da vida do Muçulmano¹

Por outras palavras, no registo de uma batalha física, é referido que Maomé disse que a “jihad maior” era a batalha espiritual interior. A expressão “jihad maior” é usada com frequência pelos Muçulmanos liberais.

Há, contudo, algumas objecções a este hadith que devemos referir:

1. É inconsistente com os outros ensinamentos de Maomé e do Alcorão. O Alcorão dá aos Muçulmanos muitas orientações de vida, mas nunca descreve como “jihad” a luta travada para seguir essas orientações.
2. A documentação que liga esta história à vida de Maomé é deficiente. Os eruditos muçulmanos ortodoxos crêem que Maomé nunca pronunciou essas palavras. O xeque al-Elbeni, o mais respeitado conhecedor mundial dos hadith considera-o um hadith pouco credível, apesar de endossado por alguns historiadores de confiança.

Mesmo que o hadith seja fidedigno, de facto, o que nos diz? Cancela a convocação feita aos Muçulmanos para travarem batalhas físicas? Não

explicitamente. Explica aos Muçulmanos quando devem terminar as suas batalhas físicas? Não! Vejamos se Maomé colocou alguma vez um ponto final à jihad.

O fim da jihad física

Analisemos de novo o Alcorão e vejamos se diz alguma vez aos Muçulmanos quando devem deixar de travar a guerra santa contra os descrentes.

Nove anos depois de emigrar para Medina (e menos de dois antes de morrer), Maomé anunciou uma importante revelação relativa à atitude islâmica face aos descrentes. Maomé deu disposições para estas instruções serem lidas aos Muçulmanos que tivessem ido a Meca em peregrinação²

Matai os idólatras [Mushrikun], onde quer que os encontréis e fazei-os prisioneiros e sitiai-os e ponde-vos à espera deles em todo o lugar de emboscada.

—SURA 9:5

Combatei aqueles de entre o povo do Livro [Judeus e Cristãos] que [1] não crêem em Alá, [2] nem no Último Dia, [3] nem consideram como ilegítimo o que Alá e o Seu Mensageiro [Maomé] declararam ser ilegítimo, [4] nem seguem a verdadeira religião [i.e., o Islão], até que eles paguem a taxa [Jizyah] com a sua própria mão e reconheçam o seu estado de sujeição.

—SURA 9:29

Como podemos ver, Maomé continuava a convocar para uma jihad literal, física que terminasse apenas na subjugação dos descrentes.

Os hadith também contêm esta exortação de Maomé:

Ouvi o apóstolo de Alá dizer: Ordeno por Alá que combatas todos os povos até eles dizerem que não há outro deus senão Alá e que eu sou seu apóstolo. E quem disser isso salvar-se-á e ao seu dinheiro.³

Os Muçulmanos levaram à prática as palavras de Maomé. Levaram a jihad a todos os povos, atacando muitos países da Ásia, África e Europa.

Por isso, é difícil dizer que Maomé colocou um ponto final à jihad. Contudo, os Muçulmanos modernos desenvolveram a ideia de que Maomé apenas travou batalhas justificadas. Vejamos este ponto de vista.

Guerra justificada

Ao falar nos Estados Unidos, costumo ser desafiado: “Maomé teve de lutar porque estava a defender a sua revelação e a sua gente. As suas batalhas justificavam-se”.

Analisemos o versículo de onde as pessoas derivam a expressão “guerra justa” ou “guerra justificada”.

E não mateis a alma que Alá tenha proibido, a não ser por causa justa, E quem quer que seja morto injustamente, Nós sem dúvida temos dado autoridade ao herdeiro de demandar retaliação mas que ele não exceda os limites em matar; pois ele é ajudado por lei.

—SURA 17:34

Este versículo não está a falar de guerra. Refere-se a um assassinio cometido em sociedade. O versículo termina descrevendo os direitos da família da vítima. Faz parte de uma passagem no Alcorão que dá orientações para a vida diária, como honrar os pais, dar esmolas aos pobres, moralidade sexual e o tratamento de órfãos, entre outras coisas. Este versículo, contudo, constitui uma base para o termo “guerra justa”.

Vejamos agora outros versículos que falam mais directamente da questão da guerra.

Dizem que Maomé apenas sancionou a guerra quando havia uma causa justa, por outras palavras, quando os Muçulmanos eram perseguidos ou atacados primeiro. Eis alguns dos versículos usados para sustentar esta ideia:

Àqueles contra quem a guerra é feita, é dada autorização (para lutar), porque eles estão enganados.

—SURA 22:40 TRADUÇÃO DE ALI

Combate na causa de Alá aqueles que te combatem, mas não ultrapasses os limites, porque Alá não ama os Transgressores. E mata-os onde quer que os apanhaves e expulsa-os de onde te expulsaram. Combate-os até não haver mais tumulto ou opressão e que prevaleça a justiça e a fé em Alá; mas se eles pararem, não haja hostilidade a não ser contra os que praticam a opressão.

—SURA 2:191-194, TRADUÇÃO DE ALI

Se eles se inclinarem para a paz, inclina-te Tu também para ela e põe a tua confiança em Alá. Sem dúvida Ele é o que Tudo Ouve, o Omnisciente.

—SURA 8:62

Maomé praticou guerra justificada — atacando apenas quando fora atacado primeiro (tendo uma “causa justa”)? Pode considerar-se haver algo de verdade no que respeita aos seus ataques contra Meca porque os Mequenses causaram-lhe e aos seus grandes problemas quando ali viviam. Contudo, os Mequenses não seguiram Maomé até Medina nem o atacaram ali. Deixaram-no em paz. Foi Maomé quem atacou primeiro, assaltando uma caravana que regressava da Síria para Meca.

Outros dizem que os ataques de Maomé contra as comunidades judaicas se justificaram porque os Judeus tentaram colaborar com os Mequenses para atacar Maomé durante a batalha da Trincheira. Contudo, os Judeus e os Mequenses não tiveram qualquer sucesso durante a batalha e não prejudicaram Maomé. Os Judeus não constituíam uma ameaça para o Islão.

Mas depois de ter conquistado todos os povos que eram uma ameaça para o Islão, Maomé continuou a expandir a jihad até àqueles que não constituíam qualquer ameaça para ele. Começou a enviar cartas a reis e governantes fora da Arábia, convidando-os a sujeitarem-se ao Islão.

Também, depois de morrer, os seus seguidores continuaram a introduzir a jihad nos países que não se mostravam agressivos para com o Estado islâmico. Por exemplo, o Egipto nunca atacou os Muçulmanos, mas o exército islâmico atacou e matou mais de quatro milhões de Egípcios durante o primeiro século do Islão.

Os Muçulmanos não pararam no Egipto: seguiram para sul para o Sudão e oeste, conquistando todo o Norte de África. Que fizeram esses países para provocarem Maomé ou os seus sucessores? Nada.

Que perigo representavam a Espanha, Portugal e o Sul da Europa para o Islão e os sucessores de Maomé? O Islão atacou-os também.

A minha conclusão é que nem Maomé nem os seus seguidores se limitaram a “guerras justificadas”. A única forma de evitar a espada do Islão era a submissão.

Agora, vejamos o que Jesus disse sobre a guerra.

JESUS E A ESPADA

Porque é que os Muçulmanos pensam que Jesus convocou a jihad?

Muitos Muçulmanos acreditam que o próprio Jesus convocou a guerra santa. Apontam Mateus 10:34-36, em que Jesus estava a instruir os discípulos que iriam pregar sozinhos

Não pensem que vim trazer a paz à terra. Não vim trazer a paz, mas a [espada] guerra. Vim, de facto, trazer a divisão entre o filho e o seu pai, a filha e a sua mãe, a nora e a sua sogra: os inimigos de uma pessoa serão os da sua própria família.

Os Muçulmanos dizem: “Vejam: Jesus disse que veio trazer a espada à terra”. Contudo, o que Jesus quis dizer nesta passagem torna-se claro quando vemos o mesmo ensino registado num outro evangelho. Lucas relatou assim o que Jesus disse:

Julgam que vi trazer a paz ao mundo? De modo nenhum: o que vim trazer foi a divisão. Pois daqui em diante, se houver cinco pessoas numa família, três estarão contra as outras duas e as duas contra as três.

—LUCAS 12:51-52

Por outras palavras, Jesus declarou que a Sua mensagem levaria as

pessoas a puxarem da espada para atacar os que optarem por segui-Lo.

Como Cristão convertido de um país muçulmano, posso dizer que o aviso de Jesus se aplica hoje. Para minha grande mágoa, quando disse ao meu pai que decidira seguir Jesus, ele tentou matar-me com uma pistola. Contudo, experimentei apenas uma ligeira tribulação comparado com o destino de alguns Muçulmanos que escolheram o Cristianismo.

Se analisarmos outras partes da mensagem de Jesus aos Seus discípulos dos Seus dias, veremos mais evidências de que a espada não deve estar nas mãos dos crentes, mas nos seus pescoços. Em vez de usarem a espada, seriam vítimas dela.

Tenham muito cuidado! Haverá homens que vos levarão aos tribunais e vos hão-de espancar nas suas casas de oração.

—MATEUS 10:17

Também não devem ter medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temam antes a Deus, que pode fazer perder tanto o corpo como a alma no inferno.

—MATEUS 10:28

Aquele que pensa que tem a sua vida segura, perde-a, mas aquele que perder a sua vida por minha causa, é que a tem segura.

—MATEUS 10:39

Jesus disse aos Seus discípulos que comprassem espadas.

Alguns Muçulmanos também indicam um outro dito de Jesus sobre espadas. Este ocorreu depois de Jesus ter tomado a Sua última refeição com os discípulos antes de ser preso e condenado à morte. Jesus recordou-lhes as suas anteriores jornadas de pregação.

Mas Jesus disse-lhes: “Os reis do mundo consideram-se senhores dos povos e os que têm poder passam por benfeitores públicos.”

—LUCAS 22:25

Depois, Jesus deu-lhes novas instruções:

Jesus disse: “Pois agora, aquele que tiver bolsa, leve-a consigo, bem como o saco. E o que não tiver espada venda a capa e compre uma.” Eles então disseram-lhe: “Senhor, temos aqui duas espadas.” E Jesus respondeu: “Chegam”.

—LUCAS 22:36, 38

Neste versículo, a palavra espada refere-se a uma adaga ou espada pequena que os viajantes usavam para se protegerem dos ladrões ou das feras.

Lucas não registra qualquer outra explicação para estas instruções. Contudo, mais tarde, nessa mesma noite, Pedro usou uma das duas espadas dos discípulos. Vejamos como Jesus reagiu.

Jesus dirigiu-se como era habitual ao Monte das Oliveiras para orar e levou consigo os discípulos. Uma grande multidão armada com espadas e varapaus enfrentaram-nos. Quando se aproximaram de Jesus para O prender, Pedro pegou numa das espadas e atingiu o servo do sumo-sacerdote, cortando-lhe a orelha. Jesus disse a Pedro

“Torna a pôr a tua espada no seu lugar porque todos os que se servem da espada, à espada morrerão. Julgas que eu não podia pedir auxílio a meu Pai? Se Lho pedisse, Ele mandava-me, agora mesmo, mais de doze divisões de anjos. Mas, nesse caso, como é que se havia de cumprir a Escritura? Não diz ela que é assim mesmo que deve acontecer?”

—MATEUS 26:52-54

Depois de Jesus repreender Pedro, curou a orelha do servo e Pedro guardou a espada. O grupo armado levou Jesus à presença do sumo-sacerdote que acabou por pedir a sua crucificação. Assim, quando olhamos para os eventos da noite da prisão de Jesus, podemos dizer que não era intenção de Jesus que os discípulos usassem as suas espadas para O defenderem.

Mas qual era a intenção de Jesus? Eis a minha interpretação: Jesus queria que os Seus discípulos soubessem que depois da Sua morte, não

estariam tão seguros como agora. Durante as suas viagens, precisariam de transportar dinheiro para comprar comida e espadas para se protegerem.

Há alguma possibilidade de Jesus estar a pedir-lhes que organizassem uma milícia a fim de protegerem ou promoverem os Seus ensinamentos? Não. Isso seria demasiado inconsistente com os ensinamentos da vida inteira de Jesus. Como prova adicional, depois da morte de Jesus, não há qualquer evidência de os discípulos terem começado a reunir armas. De facto, a única espada mencionada no relato bíblico da primitiva igreja pertenceu a um carcereiro que estava a vigiar Paulo e Silas (Actos 16:27).

A RESPOSTA DE JESUS AOS SEUS INIMIGOS

Jesus afastou-se das ameaças.

Na sua vida, Jesus foi ameaçado, mas não ripostou. Afastou-se.

Depois disto, Jesus passou para a região da Galileia. Não quis ir para a Judeia, porque as autoridades judaicas tinham decidido matá-Lo.

—JOÃO 7:1

Então, os fariseus saíram dali e foram fazer planos para ver como haviam de dar cabo de Jesus. Quando Jesus teve conhecimento disso, afastou-se dali.

—MATEUS 12:14-15

Ficaram todos muitos zangados na casa de oração quando ouviram Jesus dizer aquilo. Levantaram-se e puseram-no fora da cidade. Levaram-no então ao alto do monte, onde a cidade estava edificada para o atirarem dali abaixo, mas Jesus passou pelo meio deles e foi-se embora.

—LUCAS 4:28-30

Então pegaram em pedras para lhe atirar, mas Jesus escondeu-se e saiu do templo.

—JOÃO 8:59

Esta é a mesma resposta com que Jesus instruiu os Seus doze discípulos quando fossem ameaçados:

Quando vos perseguirem numa cidade, fujam para outra.

—MATEUS 10:23

Se alguma casa ou cidade não vos receber, nem der ouvidos ao que disserem, quando saírem dali sacudam o pó dos vossos pés, como aviso para eles.

—MATEUS 10:14

Eis o que os Seus seguidores praticarem, conforme vem registado em Actos dos Apóstolos.

[Depois do martírio de Estêvão] teve início uma grande perseguição contra a igreja de Jerusalém. Todos os crentes, menos os apóstolos, se espalharam pelas povoações da Judeia e da Samaria... Aqueles que tinham sido espalhados pregavam a Boa Nova por toda a parte.

—ACTOS 8:1-4

Depois disso, Saulo ficou em Jerusalém, andava com eles e falava de Jesus com toda a coragem. Conversava e discutia com os Judeus que falavam grego, mas eles andavam a ver se o matavam. Quando os crentes perceberam isso, levaram Saulo para Cesareia e dali mandaram-no para Tarso.

—ACTOS 9:28-30

Mas os Judeus falaram com algumas mulheres mais religiosas e respeitadas e com os homens importantes da cidade e convenceram-nos a perseguirem Paulo e Barnabé, até os expulsarem da região. Então, os apóstolos sacudiram a poeira dos seus pés em sinal de protesto contra eles e foram para a cidade de Icónio. [Jesus instruía os discípulos

a “sacudirem, a poeira dos pés” quando rejeitados.]

—ACTOS 13:50-51

Então Judeus e não-judeus, juntamente com os seus chefes, resolveram maltratar e apedrejar os apóstolos. Quando Paulo e Barnabé se aperceberam disso, fugiram para Listra e Derbe, cidades da região da Licaónia e para os arredores. E ali pregavam a Boa Nova.

—ACTOS 14:5-7

Jesus recusou punir as pessoas por O rejeitarem

Com a aproximação da hora da sua morte, Jesus partiu para Jerusalém com os discípulos. Ao chegarem a uma aldeia dos Samaritanos, enviou alguns mensageiros à frente do grupo para fazerem os preparativos para a sua chegada. Mas os Samaritanos rejeitaram os mensageiros porque estavam irritados com a forma como os Judeus os tratavam.

Quando os discípulos Tiago e João viram isto, perguntaram: “Senhor, queres que chame fogo do céu para os destruir?”

Se Jesus tivesse dito: “Esta é uma magnífica ideia, meu discípulo. Vou pedir a meu Pai que envie um fogo que destrua a aldeia”, então teríamos a prova para dizer que Jesus ordenou aos Seus discípulos que usassem a guerra santa contra os outros. Vejamos, contudo, o que Jesus fez.

Mas Jesus voltou-se para eles e repreendeu-os. E foram para outra aldeia.

—Lucas 9:55-56

Jesus recusou lutar contra Roma

Nos dias de Jesus, os Judeus detestavam viver sob a autoridade de Roma e muitos deles aguardavam um Messias que derrubasse Roma e estabelecesse um reino terreno. Contudo, Jesus submeteu-se à autoridade romana:

Então os fariseus tiveram uma reunião e combinaram um plano para ver se apanhavam Jesus em falso nalguma

coisa... “Diz-nos lá a tua opinião. Devemos ou não pagar impostos ao Imperador romano?” Jesus percebeu-lhes a manha e disse: “Porque é que me andam a experimentar, seus fingidos? Mostrem-me cá a moeda do imposto”. Eles trouxeram-lhe a moeda e Jesus perguntou-lhes: “De quem é esta figura e esta inscrição?” “É do Imperador”, responderam eles. E Jesus disse-lhes: “Então, dêem ao Imperador o que é do Imperador e a Deus o que é de Deus”.

—MATEUS 22:15, 17-21

Ele recusou permitir que as pessoas O aclamassem como um rei terreno. Depois de Jesus ter alimentado cinco mil com cinco pães e dois peixes, as pessoas começaram a dizer:

“Este é, na verdade, o Profeta que havia de vir ao mundo!”
Jesus percebeu que queriam levá-lo à força para o proclamarem rei e retirou-se de novo sozinho para o monte.

—JOÃO 6:14-15

Enquanto Jesus recusava estabelecer um reino político na terra, Maomé fez grandes esforços para fundar um reino físico para o Islão na terra. Declarou que Alá ficaria muito satisfeito com os que o ajudassem, em especial os que combatessem no campo de batalha pela causa de Alá.

AS RECOMPENSAS DO ISLÃO PARA A GUERRA SANTA

A todos os que combatessem, Maomé prometeu muitas recompensas tanto no mundo presente como na vida depois da morte. As recompensas no mundo presente incluem:

Riquezas

Tudo o que vós despenderes no caminho de Alá vos será repago por completo e vós não sereis lesados.

—SURA 8:61

Maomé conservava um quinto dos despojos de guerra e dividia o restante pelos seus soldados (Sura 8:42).

Amor de Alá

Em boa verdade, Alá ama os que combatem na Sua causa dispostos em fileiras, como se eles fossem uma sólida estrutura soldada com, chumbo.

—SURA 61:5

Alá exaltou em posição os que se esforçam com a sua riqueza e as suas pessoas acima dos que se deixam ficar quietos. E a cada um Alá prometeu o bem. E Alá exaltou os que se esforçam acima dos que se deixam ficar quietos por meio de uma grande recompensa.

—SURA 4:96

Perdão dos pecados

Deveríeis esforçar-vos na causa de Alá com os vossos bens e as vossas pessoas... Ele vos perdoará os vossos pecados e vos admitirá em Jardins através dos quais correm rios.

—SURA 61:12-13

Evitam a ira de Alá

Alá não ama os que se recusam a combater

Se alguém lhes virar as costas nesse dia — a não ser como estratégia de guerra, ou como retirada para um exército (seu) — atraí sobre si a ira de Alá e a sua morada é o Inferno — um mau refúgio na verdade)!

—SURA 8:17, TRADUÇÃO DE ALI

As recompensas na outra vida incluem:

Paraíso

Maomé estimulou as pessoas a entrarem na batalha para ganharem o paraíso.

Ao enfrentar o inimigo... o Mensageiro de Alá disse: Certamente que as portas do Paraíso estão sob a sombra das espadas. Um homem numa condição desgastada levantou-se e disse: Abu Musa, ouviste o Mensageiro de Alá dizer isso? Ele respondeu: Sim (exclamou o narrador): Ele regressou para junto dos amigos e disse: Saúdo-vos (uma saudação de despedida). Depois, quebrou a bainha da sua espada, atirou-a para longe, avançou com a sua espada (nua) contra o inimigo e combateu(-os) até ser morto.⁴

Virgens

Maomé disse que os jardins do paraíso forneceriam aos homens lindas virgens para usarem para seu deleite.

Neles estarão (Donzelas) castas, restringindo os seus olhares, a quem nenhum homem ou jinn jamais tocou.

—SURA 55:57, TRADUÇÃO DE ALI

Neles [nos Jardins] haverá (companhias) boas e belas.

—SURA 55:71, TRADUÇÃO DE ALI

AS RECOMPENSAS DE JESUS PARA A PAZ, A MISERICÓRDIA E O PERDÃO

Jesus nunca falou em combater o nome de Deus, pelo que naturalmente não prometeu qualquer recompensa nesse sentido. Contudo, Jesus falou de recompensas para todos quantos se recusassem a combater

Este ensino vem resumido no famoso Sermão do Monte. Jesus começou por indicar o tipo de pessoas que são “bem-aventuradas”. Eis algumas delas:

Felizes os que tratam os outros com misericórdia
porque Deus os tratará com misericórdia também!
Felizes os que procuram a paz entre os homens,
porque Deus os chamará Seus filhos
Felizes os que são perseguidos por cumprirem a vontade
de Deus porque é deles o Reino dos céus!
Considerem-se felizes quando vos insultarem e
perseguirem e vos caluniarem por serem meus
discípulos!

—MATEUS 5:7, 9-11

Depois, explicou a exigência de Deus para se entrar no reino dos céus: era a rectidão que ultrapassava a rectidão da lei. Era uma rectidão que ultrapassava as acções exteriores e, na verdade, ia mais fundo até à atitude do coração.

No Seu sermão, Jesus aplicou este conceito a muitos temas, mas vejamos o que Ele disse sobre a guerra e a vingança.

Ouviram o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Mas eu digo-vos mais: não resistam a quem vos fizer mal. Se alguém te bater na face direita, apresenta-lhe também a outra. Se alguém te quiser levar a tribunal para te tirar a camisa, dá-lhe também o casaco. Se alguém te obrigar a levar alguma coisa até a um quilómetro de distância, acompanha-o dois quilómetros. Se alguém te pedir qualquer coisa, dá-lha; e a quem te pedir emprestado, não lhe voltes as costas.

Ouviram o que foi dito: Amarás o teu próximo e desprezarás o teu inimigo. Mas eu digo-vos mais: tenham amor aos vossos inimigos e peçam a Deus por aqueles que vos perseguem. É desse modo que se tornarão filhos do vosso Pai que está nos céus, porque Ele faz brilhar o Sol tanto sobre os bons como sobre os maus e faz cair a chuva tanto para os bons como para os maus.

Se amarem apenas aqueles que vos amam, que recompensa poderão esperar de Deus? Não fazem também isso os cobradores de impostos?

—MATEUS 5:38-46

Façam aos outros tudo o que desejariam que eles vos fizessem. Aqui está o essencial da Lei e do ensino dos profetas.

—MATEUS 7:12

QUE DIZER DAS CRUZADAS?

Neste capítulo, analisámos uma importante área em que Jesus e Maomé eram bastante diferentes. Tal como Jesus ficou conhecido pelas curas e milagres, assim também Maomé ficou conhecido por combater a jihad. Contudo, há uma questão sobre a guerra que ainda não abordámos.

Esteja a falar com Muçulmanos ou com Cristãos, se tocamos no tópico da guerra santa, sou sempre confrontado com a questão: que dizer das Cruzadas? As pessoas querem dizer que apesar de o Islão ter uma história sangrenta, o mesmo sucede com o Cristianismo. Eis como respondi a essa questão há alguns anos durante um debate com o presidente do departamento de estudos islâmicos na Universidade Rau, em Joanesburgo, África do Sul. A audiência contava com cerca de duzentos estudantes.

Quando este professor quis saber por que deixara o Islão, disse-lhe: “Estudei a fundo a história do Islão e ela é um autêntico oceano de sangue. Quando os Muçulmanos pararam de matar os não-Muçulmanos, começaram a matar-se uns aos outros. Depois, dei-lhe exemplos: a Guerra da Conversão que custou a vida a quase noventa mil pessoas que procuraram deixar de pagar o zakat, ou taxa de caridade, após a morte de Maomé; a Guerra de Sufyan, em que dez mil Muçulmanos morreram a disputar quem ficaria responsável pelo Estado islâmico após a morte de Maomé; a guerra Irão-Iraque, em que um milhão de pessoas foram mortas e dois milhões ficaram feridas ao longo de nove anos; a guerra civil na Argélia, em que 150.000 pessoas morreram nos últimos sete anos.

Ele respondeu: “Os Cristãos também recorreram à guerra santa. Estão

a cumprir os ensinamentos bíblicos de usar a espada. Jesus disse em Mateus 10:34: “Não vim trazer a paz mas a espada”. Recordou-me: “Veja o caso das Cruzadas. Temos a Irlanda. Olhe a Jugoslávia e o que os Sérvios cristãos fizeram aos Muçulmanos”.

Nessa altura, não abordei o verdadeiro significado de Mateus 10:34, mas disse-lhe: “Muito bem. Isso aconteceu e continuará a acontecer tanto no Islão como no Cristianismo. Mas o facto é que quando os Muçulmanos usaram a espada, estavam a pôr em prática os ensinamentos corânicos da guerra santa apresentada por muitos versículos e capítulos e praticada pelo próprio fundador do Islão. Mas desafio-o a encontrar uma Escritura em que Jesus tenha ordenado aos Seus discípulos que pegassem em armas e matassem em Seu nome”

“E o que me conta dos males praticados por Cristãos — essa gente era cristã apenas de nome. Desobedeceram à palavra de Cristo e foram levados pelos desejos dos seus corações. A Bíblia diz: “O coração do homem é enganoso”. Por causa disso, não há diferença entre as acções de Muçulmanos que matam e destroem e as acções de Cristãos que matam e destroem. A diferença é se estão ou não a seguir o exemplo do seu líder”.

O professor ficou sem palavras com esta resposta e passou para outro tema.

A verdade é que todos os que participaram nas Cruzadas iam contra os ensinamentos de Jesus. Essas pessoas podiam transportar cruces, mas não estavam a seguir Cristo. Contudo, quando os Muçulmanos derrubam um governo pela força estão a seguir tanto os ensinamentos como o exemplo de Maomé.

UMA COMPARAÇÃO INTERESSANTE

Há dois episódios interessantes sobre Jesus e Maomé que resumem as suas diferenças sobre a guerra santa.

Um dia, depois da batalha, Maomé regressou a casa e chamou sua filha Fatima a quem disse: “Lava o sangue desta espada e garanto-te no nome de Alá que ela

obedeceu-me sempre”. Depois, ele pegou nas espadas do seu amigo Ali ibn Abu Talib e lavou-as por ele.⁵

Assim, Maomé pediu à filha que lhe lavasse a espada, o que ele normalmente teria feito sozinho e depois, por seu turno, honrou seu primo Ali, lavando-lhe a dele.

Vejamos como é que Jesus honrou os Seus seguidores.

Levantou-se então da mesa, tirou a capa e pegou numa toalha que pôs à cintura. Depois, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha.

Depois de lhes lavar os pés, Jesus pôs a capa pelas costas e sentou-se de novo à mesa. Então, perguntou-lhes: “Compreendem o que eu acabo de vos fazer? Vocês chamam-me Mestre e Senhor. E têm toda a razão, porque o sou. Se eu, que sou Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vocês, de agora em diante, devem lavar os pés uns aos outros. Deixo-vos o exemplo, para que, assim como eu fiz, o façam vocês também uns aos outros. Fixem bem o que vos digo: o servo não é maior que o seu senhor, nem o enviado é maior que aquele que o enviou. Já sabem o que é preciso fazer. Felizes de vocês se o puserem em prática.”

—JOÃO 13:4-5, 12-17

Maomé lavou as espadas dos seus seguidores; Jesus lavou os pés dos seus discípulos. Não há forma mais simples de resumir as suas diferenças.

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Quanto mais conhecemos sobre Jesus e Maomé, tanto mais vemos as suas diferenças fundamentais. Contudo, muitos ocidentais continuam à procura de semelhanças. Alguns escritores esforçam-se por encontrar versículos da Bíblia e do Alcorão que se assemelhem e colocam-nos lado a lado.⁶ O seu alvo é reduzir a animosidade entre Muçulmanos, Judeus e Cristãos e juntar as pessoas. É um nobre alvo.

Contudo, ao procurar agrupar passagens, é fácil perder de vista a perspectiva. No capítulo seguinte, analisaremos um tópico que é facilmente distorcido — o amor. Em vez de compararmos versículos isolados, analisaremos o quadro geral apresentado por Jesus e por Maomé — e descobriremos diferenças mais significativas.

Ensinos Sobre o Amor

Quando vivia como Muçulmano no Egito, ficava sempre intrigado com uma pequena inscrição que os Cristãos costumavam colocar nos seus carros ou nas lojas. A frase era Allah Mahabe, ou Deus é amor. Estas duas palavras nunca estão juntas no Alcorão. Pensava sempre: que estará esta gente a tentar dizer?

Neste capítulo, o meu alvo é apresentar uma boa caracterização do que Jesus e Maomé ensinaram em relação ao amor.

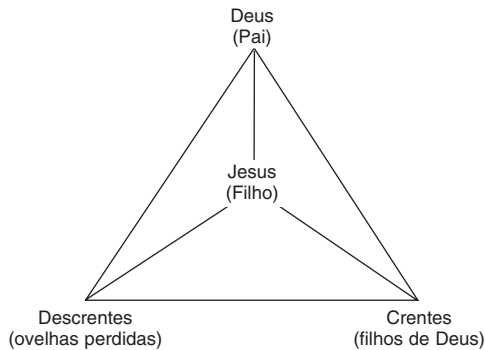
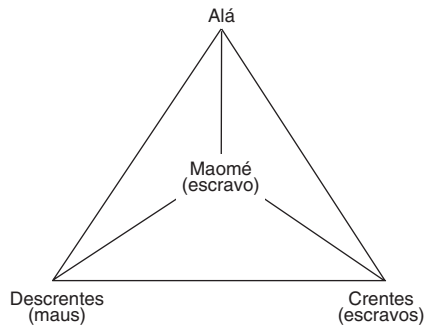
O amor deve ser sempre compreendido no contexto de uma relação. Assim, ao analisarmos os ensinamentos sobre amor, vamos descobrir a natureza das relações importantes na vida de Jesus e de Maomé. Estes relacionamentos envolvem quatro pontos:

- ♦ Deus
- ♦ O Seu Mensageiro
- ♦ Os Crentes
- ♦ Os Descrentes

Consulte o gráfico da página seguinte. Há algumas palavras descritivas de orientação; contudo, o alvo do resto deste capítulo é explicar esses relacionamentos. Dá-se uma atenção especial à procura do amor entre estes diferentes pontos.

Começamos por analisar o relacionamento que orienta todos os outros —a relação entre Deus e o Seu mensageiro.

Jesus e Maomé: As Suas Relações Fundamentais



A RELAÇÃO ENTRE DEUS E O SEU MENSAGEIRO

Maomé

Maomé descreve-se como escravo de Alá (Ver Sura 2:23). O Alcorão ou os hadith não falam de Maomé amar Alá ou de Alá amar Maomé. A posição deste era de um escravo revestido com a autoridade do seu senhor.

Quem, quer que obedeça ao Mensageiro, a Alá na verdade obedece.

—SURA 4:81

E seja o que for que o Mensageiro [Maomé] vos dê, tomai-o; e seja o que for que Ele vos proíba, abstevedes disso.

—SURA 59:8

E quanto ao que se opõe ao Mensageiro [Maomé] depois da guia se lhe ter tornado clara e segue por outro caminho que não o dos crentes, Nós o deixaremos seguir o caminho pelo qual ele vai seguindo e lançá-lo-emos no inferno; e um mau destino esse é.

—SURA 4:116

Jesus

Jesus descreve a Sua relação com Deus como a existente entre um filho e um pai. Esta era uma relação de amor mútuo.

Quando Jesus estava a ser baptizado, os evangelistas registam que se ouviu uma voz do céu a dizer: “Este é o meu Filho querido, em quem tenho toda a satisfação” (Mateus 17:5; ver também Mateus 12:18).

Jesus falou em obedecer e amar Deus, não em receá-Lo.

Mas o mundo tem de saber que eu amo o Pai e que tenho feito aquilo que o Pai me mandou.

—JOÃO 14:31

Jesus procurava consolo em Deus Pai. Na noite da véspera da crucificação, orou assim:

“Oh Pai, tudo Te é possível. Afasta de mim este cálice de amargura. No entanto, não se faça a minha vontade, mas sim a Tua”.

—MARCOS 14:36

Ao procurar consolo em Deus, Jesus chamou-Lhe “Abba”, a palavra aramaica que uma criança usaria ao falar com o seu pai. Era como se dissesse “Paizinho”. Assim, vemos um quadro de relação pessoal, amorosa entre Jesus e Deus.

A RELAÇÃO ENTRE O MENSAGEIRO E O POVO

Maomé

Tal como Maomé se chamou escravo de Alá, disse que os outros Muçulmanos eram também escravos (Sura 50:9).

O Alcorão dá pouca ênfase a amar-se Alá, embora ocasionalmente mencione amor por ele (Sura 2:166). Pelo contrário, apela a uma obediência a Alá. O que acontece se um escravo não obedece? É punido.

E quem quer que se oponha a Alá e ao Seu Mensageiro
[Maomé], então Alá por certo é severo em punição.

—SURA 8:14

As revelações diziam que os que desobedecessem seriam punidos e Maomé aplicou a sentença. Por exemplo, as revelações proibiam aos Muçulmanos a ingestão de álcool. Assim, Maomé puniu os que desobedeceram a esta lei.

Abu Huraira disse: “Um homem que bebeu vinho foi levado à presença do Profeta que ordenou: “Espanquem-no!” Abu Huraira acrescentou: “Assim, alguns de nós espancaram-no com as nossas mãos, outros com os sapatos e ainda outros com os seus vestidos (enrolados) como um chicote”¹

O castigo por roubo era o corte da mão direita. Um grupo de pessoas pediu a Maomé que abrisse uma excepção para uma certa mulher que fora apanhada a roubar. Eis a resposta de Maomé:

Usama aproximou-se do Profeta rogando pela mulher (que cometera o roubo). O Profeta disse: “As pessoas antes de ti

foram destruídas porque costumavam aplicar o castigo legal aos pobres e perdoar os ricos. Por Ele, em cuja Mão está a minha alma! Se Fatima (a filha do Profeta) fizesse isso (roubasse), eu cortar-lhe-ia a mão”²

Se perguntarmos a um Muçulmano se ele sabe quanto é que Deus o ama, responderá: “Não sei quanto é que me ama. Apenas Alá sabe”. Os Muçulmanos têm de esperar pelo Dia do Juízo para ficarem a saber se Alá os ama e se os convida a entrar no paraíso.

Vemos que Alá tem uma relação severa com os crentes. Que pensa Alá dos descrentes?

Alá de certo não guia os que fazem com que outros se extraviem. E para tais não há auxiliadores alguns.

—SURA 16:38

Alá propõe-se desviar algumas pessoas para popular o inferno que ele criou.

Se assim o quiséssemos, poderíamos certamente ter levado cada alma à verdadeira orientação; mas a Palavra de Mim tornar-se-á verdadeira, “Eu enchei o Inferno de Jinns e de homens em conjunto”.

—SURA 32:14, TRADUÇÃO DE ALI

Alá não ama os descrentes.

Jesus

A relação de amor entre Jesus e Deus Pai reflectiu-se na relação entre Jesus e os Seus seguidores. Jesus disse aos discípulos que Deus os amava:

O Pai ama-vos a todos, porque vocês me amam e acreditam que eu vim de Deus.

—JOÃO 16:27

Jesus também disse que amava os Seus seguidores:

Eu tenho-vos amor como o Pai me tem amor a mim.
Continuem sempre unidos ao meu amor!

—JOÃO 15:9

Jesus disse que amava os crentes como um pastor ama as suas ovelhas:

Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e elas conhecem-me a mim. Conheço-as tão bem como o Pai me conhece a mim e eu o Pai. Por isso, estou disposto a dar a vida por elas.

—JOÃO 10:14-15

Jesus amava os Seus seguidores, mas amaria ele os descrentes? Segundo as suas acções, a resposta é sim.

- ♦ Comeu com os cobradores de impostos e pecadores (Lucas 15:1-2).
- ♦ Partilhou pessoalmente a Sua mensagem com uma Samaritana que vivia com um homem que não era seu marido (João 4:1-26).
- ♦ Permitiu que uma mulher, reputada pecadora, Lhe lavasse os pés quando estava a jantar com líderes religiosos (Lucas 7:36-50).
- ♦ Aceitou o arrependimento do “criminoso” pendurado a Seu lado na cruz durante a Sua crucifixão (Lucas 23:39-43).

Jesus teve a atitude de que viera ajudar os pecadores.

Jesus ouviu-os e respondeu-lhes: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ora, eu não vim chamar os justos, mas os pecadores”.

—MARCOS 2:17

Jesus disse que Deus O enviara ao mundo porque Deus amava o mundo — os que ainda não haviam crido n'Ele. (Ver Romanos 5:8).

Jesus disse que o Altíssimo é “bom até para as pessoas ingratas e más” (Lucas 6:35)

A RELAÇÃO ENTRE CRENTES E DESCRENTES

Até agora, analisámos a relação primária — Deus e o Seu mensageiro — e de que modo isso se reflectiu na relação entre o mensageiro e os seus seguidores. Concentrámo-nos na evidência do amor. Agora, vejamos as instruções que Maomé e Jesus deram aos seus seguidores quanto a amarem-se uns aos outros e aos descrentes.

Maomé

Tal como Jesus, Maomé ensinou que os Muçulmanos devem manter um elevado padrão no seu comportamento uns para com os outros.

E mantende-vos firmes, todos unidos, pela corda de Alá [i.e., este Alcorão] e não vos deixeis dividir; e recordai o favor de Alá, que Ele vos concedeu quando vós éreis inimigos e Ele uniu os vossos corações em amor para que pela Sua graça vós vos tornásseis como irmãos [na fé islâmica].

—SURA 3:104

Maomé é o Mensageiro de Alá, E os que estão com ele são rigorosos contra os descrentes e afectuosos entre si próprios.

—SURA 48:30

Os crentes nada mais são que irmãos [na religião islâmica]. Por isso fazei paz entre os vossos irmãos e temei Alá para que misericórdia vos possa ser mostrada.

—SURA 49:11

Contudo, Maomé convocou os Muçulmanos a terem uma atitude completamente diferente para com os não-crentes.

Antes da instituição da jihad, ele incitou os Muçulmanos a rejeitarem os não-Muçulmanos como amigos:

Oh vós, que credes, não tomeis o Meu inimigo e o vosso inimigo [i.e., descrentes e politeístas] como amigos, estendendo-lhe afeição, ainda que ele descreia da verdade que a vós tem vindo, fazendo sair o Mensageiro e vós próprios de vossas casas meramente porque vós credes em Alá vosso Senhor.

—SURA 60:2

Depois de a jihad começar, convocou os Muçulmanos a participarem na guerra santa contra os descrentes, matando-os, se necessário, a fim de os levar a sujeitarem-se ao Islão.

Jesus

Nas palavras finais aos Seus discípulos, antes da Sua morte, Jesus disse-lhes:

Deixo-vos agora um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu vos amei, é preciso que vocês se amem também uns aos outros. Se tiverem amor uns aos outros, toda a gente reconhecerá que vocês são meus discípulos

—João 13:34-35

Estarão os Cristãos a seguir muito bem este mandamento? Por vezes, acho que não. Mas este é o padrão que Jesus estabeleceu. Jesus disse que para herdar a vida eterna, temos de “amar o Senhor nosso Deus... e o nosso próximo como a nós mesmos” (Lucas 10:27). Um lidere religioso, querendo justificar a sua atitude para com as pessoas de quem não gostava, perguntou a Jesus: “Quem é o meu próximo?” Jesus respondeu:

Ia um homem a descer de Jerusalém para Jericó. Caíram sobre ele uns ladrões que lhe roubaram roupa e tudo,

espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. Por casualidade, descia um sacerdote por aquele caminho. Quando viu o homem., afastou-se para o outro lado. Também por lá passou igualmente um levita que, ao vê-lo, se afastou também. Entretanto, um samaritano que ia de viagem, passou junto dele e, ao vê-lo, teve pena. Aproximou-se e pôs-lhe ligaduras. Depois, colocou-o em cima do seu jumento, levou-o para uma pensão e tratou dele. No outro dia, deu duas moedas de prata ao dono da pensão e disse-lhe: “Cuida deste homem e quando eu voltar, pagote tudo o que gastares a mais com ele”. Jesus perguntou então ao doutor da Lei: “Qual dos três te parece que foi o próximo do homem assaltado pelos ladrões?” E ele respondeu: “O que foi bom para ele”. Jesus concluiu: “Então, vai e faz o mesmo”.

—LUCAS 10:30-37

Com esta parábola, Jesus ensinou: o nosso próximo não é apenas alguém do nosso país ou que partilha as nossas crenças. O nosso próximo pode ser qualquer que viva à nossa volta.

Segundo Jesus, que mais deveriam fazer os Seus seguidores que mostrasse amor pelos descrentes? Disse-lhes que fossem e lhes pregassem as boas novas, curassem os doentes, expulsassem demónios e ressuscitassem os mortos.

CONCLUSÃO

O ponto mais importante deste capítulo é que Jesus e Maomé descrevem a natureza de Deus de forma muito diferente — para Jesus, Deus é um pai amoroso; para Maomé, Alá é um senhor exigente. Esta descrição marca o tom relativamente ao amor face a todos os outros relacionamentos. Para reforçar este ponto, imaginemos que um crente abandonou a fé. Segundo Maomé, que faria Alá? Segundo Jesus, que faria Deus?

O Alcorão diz:

Oh vós que credes, quem quer que de entre vós se afaste da sua religião [Islão], então que se fique sabendo que em seu lugar Alá em breve trará um povo a quem Ele amará e que O amará e que será bondoso e humilde para com os crentes, duro e firme contra os incrédulos. Eles se esforçarão na causa de Alá e não recearão a censura de um descobridor de faltas, Isso é mercê de Alá; Ele concede-a a quem quer que seja que lhe apraz; e Alá é Generoso, Omnisciente.

—SURA 5:55

Este versículo explica que se alguém abandona o Islão, então Alá trará outros que são melhores. Alá não lamenta os que o abandonam nem procura recuperá-los. Arranja gente melhor.

A Sura 39:8 também diz: “Se rejeitares (Alá), verdadeiramente Alá não tem precisão de ti” (TRADUÇÃO DE ALI).

Vejamos agora a história de Jesus sobre um pastor que tinha cem ovelhas e perdeu uma:

Suponham que um de vocês tem cem ovelhas e perde uma delas. Não deixará logo as noventa e nove para ir à procura da ovelha perdida até a encontrar? Quando a encontra, põe-na aos ombros, todo satisfeito e, ao chegar a casa, diz aos amigos e vizinhos: “Alegrem-se comigo porque já encontrei a minha ovelha que andava perdida”. Da mesma maneira, digo-vos que haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove pessoas que não precisam de se arrepender.

—LUCAS 15:4-7; VER TAMBÉM VERSÍCULOS 8-10

Alá arranja novos crentes que o servirão melhor. Em contraste, Deus Pai procura a ovelha perdida até a descobrir e leva-a gozoso para casa. Esta é a diferença entre Deus e Alá.

Jesus e Maomé descreveram a natureza de Deus de forma muito diferente um do outro, mas ambos instruíram os seus discípulos a orar. No capítulo seguinte, iremos comparar os ensinamentos de Jesus e Maomé sobre a oração. Veremos que as suas diferentes crenças sobre a natureza de Deus afectaram em muito a sua abordagem à oração e as suas expectativas quanto ao modo como Deus responde.

Ensinos Sobre a Oração

Éspantoso como uma palavra — oração — pode ter dois significados tão diferentes. Jesus e Maomé ensinaram os seus seguidores a orar, mas o seu método e finalidade da oração eram totalmente diferentes.

Neste capítulo, vou descrever o estilo de vida de oração que vivi como muçulmano durante trinta anos. Se o leitor é muçulmano, já compreendeu com exactidão aquilo de que estou a falar. Contudo, para quem nunca praticou o Islão, muita desta informação será nova. Por causa disso, apresento alguns pormenores extra. Depois de esclarecer os ensinamentos de Maomé sobre a oração, irei descrever o que Jesus ensinou aos Seus discípulos quanto ao modo de orar e qual o impacto que esse ensino provocou em mim na primeira vez que entrei em contacto com ele.

O PADRÃO DA ORAÇÃO

A minha família começou a levar-me à mesquita, era eu ainda uma criança de colo. Quando atingi a idade dos seis ou sete anos, foi-me exigido que fosse orar à mesquita cinco vezes por dia. Crescer no meio de uma família devota era parte do nosso estilo de vida. São muito vivas as minhas recordações de infância quando me levantava por volta das três e meia da madrugada, nas frias manhãs de Inverno. A oração saturava a minha vida.

Depois de concluir o liceu Al-Azhar, aos dezoito anos de idade, estava qualificado para liderar as orações. Ocasionalmente, o meu tio dava-me a oportunidade de dirigir as orações na sua mesquita.

Depois de terminar o bacharelato em Al-Azhar, passei um ano no exército egípcio e dirigi as orações na mesquita da nossa base.

Quando acabei a licenciatura, deram-me a liderança de uma pequena

mesquita onde orientava a primeira, a quarta e a quinta oração.

Todos os dias da minha vida — da infância até ao momento em que fui preso pela polícia egípcia — orava cinco vezes por dia. Em suma, disse muitas orações muçulmanas.

No Islão, as cinco orações diárias são um evento guionado, constituído tanto por palavras como por movimentos físicos. Cada unidade de oração chama-se raka'ah. Deixe-me orientá-lo no percurso de uma raka'ah.

A ABLUÇÃO

Imagine que tem autorização para estar nas instalações da Universidade Al-Azhar na altura do chamamento para a terceira oração do dia, que ocorre por volta das 15 horas. Se lá estiver, eis o que irá experimentar.

Por todo o lado, a actividade cessa. Quem se tornou impuro (por usar os sanitários ou por tocar numa mulher ou num cão, por exemplo) deve purificar-se primeiro antes de orar. Quem precisar de praticar a lavagem cerimonial vai às instalações sanitárias do edifício académico ou dirige-se a um grande casa de banho nas traseiras da mesquita da universidade.

Antes de se lavar, diz estas palavras: “Viro a minha face para o criador verdadeiro e começo as minhas lavagens”. Depois, segue estes passos.

1. Lava as mãos. Primeiro, lava a mão direita e depois a esquerda, Cada mão é lavada apenas até ao pulso — três vezes.
2. Enxagua a boca com água. Usa o dedo direito para esfregar os dentes — três vezes.
3. Limpa o nariz com água — três vezes.
4. Lava o rosto com água, partindo da raiz dos cabelos, à volta da orelha e debaixo do queixo — três vezes.
5. Lava os braços, do punho ao cotovelo, primeiro a mão direita — três vezes.

6. Lava o cabelo, molhando a mão em água e passando-a pelo cabelo — uma vez.
7. Lava as orelhas com um dedo molhado. Há uma direcção e um movimento específicos que deve seguir.
8. Lava os pés até aos artelhos, primeiro o pé direito — três vezes cada.

Estas são as abluções que todo o Muçulmano realiza para poder aproximar-se de Alá. Foi o que Maomé fez e como ele é o exemplo dos Muçulmanos, é o que todos eles fazem.

A PRIMEIRA METADE DE UMA RAKA'AH

Depois de se lavarem, todos entram na mesquita da universidade no centro do campus e alinham-se em filas rectas virados para Meca (na Arábia Saudita). Na mesquita, encontram-se entre oitocentos e mil pessoas. O líder da oração leva as mãos em concha atrás das orelhas e declara: “Alá é grande”. Todos repetem: “Alá é grande”.

Depois, todos juntos cruzam as mãos sobre o estômago, com a mão direita por cima e recitam o primeiro capítulo do Alcorão em Árabe. Seja qual for a língua que um Muçulmano fale, este capítulo deve ser recitado em Árabe.

De seguida, o líder da oração dá tempo a cada um para citar versículos adicionais do Alcorão. Depende do indivíduo o número de versículos recitados durante o tempo permitido pelo líder de oração.

Depois, o líder volta a colocar as mãos atrás das orelhas e clama de novo: “Alá é grande”.

Em uníssono, curvam-se pela cintura, com as mãos nos joelhos e respondem: “Louvo o meu grande Senhor”.

Esta é a primeira metade da raka'ah. A segunda metade começa logo de seguida.

A SEGUNDA METADE DA RAKA'AH

Primeiro, ajoelham-se todos, tocando primeiro com o joelho no chão, depois com as mãos e finalmente curvam-se com a testa a tocar no solo. A seguir, dizem três vezes: “Louvo o meu Senhor, o Altíssimo”. Permanecem com as testas no chão até o líder mandar levantar. Depois, sentam-se e inclinam-se para trás sobre os calcanhares, com as pernas cruzadas e o pé esquerdo virado para dentro. Maomé cruzava assim os tornozelos e, portanto, é deste modo que os Muçulmanos fazem. Este padrão é repetido três vezes.

Durante este ciclo, é a sua oportunidade de apresentarem os seus pedidos a Alá. Maomé ensinou que quando a testa de um homem toca no chão, ele está mais perto de Alá. Este é o momento de orar pela família ou pelos outros. Quando tinha muitos pedidos a fazer, lembro-me de orar o mais depressa possível, mantendo a minha testa a tocar o chão.

A terminar o raka'ah, os Muçulmanos sentam-se sobre os calcanhares e recitam Sura 2:256 (conhecido como o versículo da cadeira, porque os Muçulmanos se sentam quando o recitam) e depois dizem: “A paz de Alá esteja contigo. A paz e a misericórdia de Alá estejam contigo”.

CONCLUINDO A ORAÇÃO

Acabei de descrever uma raka'ah completa. Para a terceira oração do dia, são necessárias quatro raka'ahs. Cada uma deve ser exactamente a mesma, à excepção da parte respeitante à primeira metade, em que cada pessoa recita a sua selecção pessoal de versículos do Alcorão.

Depois de concluídas as orações exigidas, muitos deixam a mesquita para prosseguirem as suas actividades na universidade. Contudo, alguns ficam e fazem orações extra para mostrar a sua devoção a Alá.

Durante trinta anos, fiz essas orações — ou seja, 54.750 vezes. Muitos Muçulmanos devotos em todo o mundo fazem essas orações durante toda a vida. Obviamente, isso exige disciplina e dedicação. O que motiva um Muçulmano a perseverar nas orações?

OS MANDAMENTOS DE MAOMÉ RESPEITANTES À ORAÇÃO

No Islão, a oração é um dever — não uma opção. Maomé ensinou que cinco orações por dia são uma exigência de Alá. Maomé disse que certa noite num sonho, o anjo Gabriel o levou a ver Alá no céu. (É a chamada Viagem Nocturna). Alá contou a Maomé que exigia que as pessoas oferecessem oração cinquenta vezes por dia. Maomé disse que negociou com Alá até o número baixar para cinco.¹ A partir desse momento, Maomé conduziu os Muçulmanos em oração cinco vezes por dia.

Essas cinco vezes baseiam-se no momento do nascer do sol, pelo que variam conforme a estação do ano.² São elas:

Oração	Hora aproximada	Nº de Raka'ahs
Primeira (<i>Sobh</i>)	04h00	2
Segunda (<i>Dhuhr</i>)	12h00	4
Terceira (<i>Asr</i>)	15h00	4
Quarta (<i>Maghrib</i>)	17h00	3
Quinta (<i>Isha</i>)	20h30	4

Maomé disse que o anjo Gabriel lhe ensinou o padrão correcto de oração, pelo que os seus seguidores observaram-no cuidadosamente e registaram cada pormenor. O próprio Maomé deu também muitos ensinamentos sobre a forma correcta de fazer oração em diversas circunstâncias. Por exemplo, quando não há água para as abluções, podemos usar areia ou pó (Sura 4:44; 5:7). Se estivermos demasiado longe de uma mesquita para chegar a tempo da oração, podemos usar uma esteira de oração. Se estivermos no meio da jihad, podemos modificar as orações para não ficarmos vulneráveis aos inimigos enquanto estivermos a orar (Sura 4:102-104).

Maomé foi muito rigoroso com os seus seguidores, certificando-se que eles faziam as suas orações. Certa vez, tinha começado a oração da noite e faltavam muitos Muçulmanos, Maomé perguntou: “Onde está Fulano, Beltrano e Sicrano?”

A resposta foi: “Ainda estão recolhidos em casa”, ao que Maomé retorquiu:

Por Aquele em cuja mão está a minha alma, estava disposto a ordenar que alguém juntasse lenha e depois ordenava que alguém pronunciasse o Adhan para a oração e que alguém dirigisse a oração, depois eu iria por trás e queimava as casas dos homens que não se apresentassem para a oração (congregacional obrigatória).³

Como seria de esperar, os Muçulmanos opuseram-se a realizar a primeira oração do dia antes do nascer do sol. Queriam dormir. Um hadith recorda:

Disseram ao Profeta que eu era um homem que dormia à noite até de manhã (depois do nascer do sol). O profeta disse: “Ele é um homem em cujos ouvidos (ou ouvido) Satanás urinou”⁴

Maomé ensinou que se uma pessoa se recusasse a fazer as orações, já não era Muçulmano. Explicou: “O concerto entre nós e eles é a oração e quem deixa a oração será convertido.”⁵

O ALVO DA ORAÇÃO ISLÂMICA

Que esperam os Muçulmanos alcançar com a oração?

Primeiro e acima de tudo, querem evitar o castigo de Alá por desobedecerem ao mandamento de orarem cinco vezes por dia. Tudo quanto é bom vem de Alá, pelo que se ele ficar desagradado connosco, pode retirar da nossa vida todas as coisas boas, como arrancar-nos a saúde, atingir as nossas finanças ou amaldiçoar-nos. Se não orarmos, Alá também nos castigará no Dia do Juízo.

Segundo, os Muçulmanos esperam agradar a Alá para que ele os aceite no Dia do Juízo e os admita no paraíso.

Os Muçulmanos crêem que Alá observa de perto as suas

orações, razão pela qual são tão cuidadosos a seguir as instruções sobre o modo de as realizar. Contudo, não podem saber se Alá ficou satisfeito com as suas orações (e outras boas obras) senão no Dia do Juízo.

ORAÇÕES EXTRA

Até agora, vimos em pormenor a oração guionada que Maomé exigia aos Muçulmanos (conhecida em árabe como oração fard). Os Muçulmanos podem também realizar orações voluntárias extra (orações nephil). Podem ser na forma de raka'ahs extra, que são permitidas durante períodos específicos do dia.⁶

É importante salientar que todas estas orações são guionadas, Devem ser realizadas segundo orientações específicas. Não se pode dizer uma raka'ah no carro ou quando se está sentado à beira rio.

As orações pessoais são uma questão diferente. Fala-se de oração pessoal quando uma pessoa expressa ideias ou pedidos individuais a Alá da forma que bem entender. As orações pessoais não são proibidas no Islão, mas não são encorajadas nem muito referidas. Apenas uma pequena seita, os Sufitas, focam a oração pessoal como uma forma de comunicação pessoal com Deus. O Muçulmano normal não espera que Deus comunique com ele pessoalmente através da oração.

No ensino islâmico, Alá não fala directamente às pessoas; é o anjo Gabriel que fala em seu nome. Ele é chamado o Espírito Santo, mas não é considerado parte de Deus e pode estar apenas num único sítio de cada vez (ver Sura 2:98-99; 26:194; 16:103). Assim, quando um Muçulmano ora, não espera que Alá comunique com ele nem que Gabriel venha falar com ele.

A única esperança de um Muçulmano ouvir Alá falar ocorre na última noite do Ramadão anual. Maomé ensinou que nessa noite Gabriel visitaria uma pessoa que fosse piedosa e o aguardasse (Sura 97:5). Todos os anos, durante essa noite, eu e outros Muçulmanos devotos ficávamos acordados toda a noite na mesquita, desejando ser visitados por Gabriel.

O ensino da Bíblia sobre o Espírito Santo é muito diferente. A Bíblia diz que o Espírito Santo é parte da divina Trindade e portanto tem a

capacidade de estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Isso significa que Deus, através do Espírito Santo, pode comunicar com muita gente ao mesmo tempo.

Vejamos agora a oração ensinada por Jesus.

JESUS ENSINA OS SEUS SEGUIDORES A ORAR

Como sabemos, na primeira vez que jamais li a Bíblia, comecei por ler Mateus 5. Não tardou muito, cheguei a Mateus 6, onde Jesus ensinou os Seus discípulos a orar. Enquanto lia, mais do que uma vez vi o contraste entre Jesus e Maomé. Vejamos juntos esta passagem:

Quando orarem, não façam como as pessoas fingidas, que gostam de orar de pé, nas casas de oração e às esquinas das ruas, para toda a gente as ver. Garanto-vos que essas pessoas já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando quiseres fazer oração, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai, que está presente sem ser visto. E o teu Pai que vê o que se passa em segredo, há-de recompensar-te.

—MATEUS 6:5-6

A primeira coisa que reparei nesta passagem foi a palavra quando. Esta palavra foi como um tornado no meu cérebro. Pensei: Isso significa que eu é que decido quando orar. Posso orar em qualquer altura!

Depois, reparei bo que Jesus disse sobre onde orar. Ele disse: “Entra no teu quarto e fecha a porta”. Pensei: Não preciso de ir à mesquita?

Jesus disse que Deus abençoa mais a pessoa que ora em segredo do que aquela que ora para que os outros a vejam. Isto era o contrário do que Maomé ensinou. Maomé queria que as pessoas saíssem das suas casas e se juntassem na mesquita para orarem. Disse que a oração individual era inferior.

Ibn Umar relatou que o Apóstolo de Alá disse: A oração de uma pessoa na congregação é vinte e sete vezes superior à oração dita em privado.⁷

Jesus continuou a dizer:

Quando orarem, não usem muitas palavras, como fazem aqueles que pensam que é por muito falarem que Deus os ouvirá.

—MATEUS 6:7

As minhas orações no Islão não passavam de “muitas palavras”. Tinha de recitar certas palavras e fazer certos movimentos muitas vezes todos os dias, todas as semanas, todos os anos. Acreditava que Alá exigia muitas palavras para ficar agradado.

Não sejam como eles! O vosso Pai sabe muito bem do que vocês precisam, antes de Lho pedirem.

—MATEUS 6:8; VER TAMBÉM VERSÍCULOS 25-29

Jesus disse aqui que Deus conhecia as minhas necessidades. Ele cuidava pessoalmente de mim.

Depois, Jesus deu um exemplo de oração. (Ver Mateus 6:9-13). Tive de parar ao fim das duas primeiras palavras:

Pai nosso...

Como Muçulmano, nunca orava dessa forma. O Alcorão ensina que Deus nunca teve filhos. Contudo, à medida que a noite avançava, decidi que o “nosso Pai” era uma coisa boa. Pensei: “Se Deus é meu pai, então sou Seu filho e entre pai e filho não existem ameaças nem manipulações. Quando falamos com o pai, não estamos com medo, imaginando se ele ficará ofendido com a forma como oramos”.

Depois, continuei a ler:

Pai nosso, que estás nos céus:
Santificado seja o Teu nome;
venha o Teu Reino;
seja feita a Tua vontade,

assim na terra como no céu.
Dá-nos hoje o pão de que precisamos.
Perdoa-nos as nossas ofensas,
como nós perdoámos aos que nos ofenderam.
E não nos deixes cair em tentação,
mas livra-nos do mal.

Este tipo de adoração pareceu-me natural. “Santificado seja o Teu nome” era uma frase que eu usava no Islão. Contudo, “venha o Teu reino” era uma expressão nova para mim. Mais tarde, pude ver que Jesus estava a estabelecer um reino espiritual e não político.

Dá-nos hoje o pão de que precisamos

Quando li esta frase, imaginei uma criança sentada diante do pai, pedindo-lhe comida. A raka'ah não incluía nada a pedir que Alá cuidasse de mim. Sou autorizado a pedir a Alá que providencie solução para as minhas necessidades, mas quando o faço, estou curvado com a minha testa colada ao chão em submissão.

Perdoa-nos as nossas ofensas
como nós perdoámos aos que nos ofenderam.

Aqui, isto foi uma pedra de tropeço para mim. Interrogava-me: Porque é que Jesus diz que devo perdoar os outros para que Ele me perdoe? Imaginei que esta frase me levaria de novo ao sistema legal islâmico para obter os favores de Deus. Mais tarde, compreendi que Deus exige que as pessoas se perdoem porque Ele perdoa primeiro. (Ver Mateus 18:21-35, a história do servo impiedoso).

E não nos deixes cair em tentação
mas livra-nos do mal.

O quadro bíblico mostrou-me que a tentação vem de Satanás e que Deus nos ajuda a resistir-lhe. No ensino islâmico, a tentação pode vir de Satanás

ou de Alá, que usa os demónios para afastar as pessoas de modo a povoar o inferno. Assim, fiquei muito impressionado com a ideia de que Deus está sempre disposto a livrar as pessoas da tentação se elas pedirem ajuda.

Este é o final do Pai Nosso, tal como vem registado em Mateus. Nesta altura, já estava todo embrenhado na leitura da Bíblia. Fiquei tão entusiasmado que continuei a ler o Novo Testamento durante a maior parte da noite. Ao fim de algumas horas, cheguei a Lucas 11 que também descreve o Pai Nosso. Lucas registou o ensino de Jesus sobre a forma como Deus responde às orações.

Algun de vocês, que seja pai, será capaz de dar ao filho uma cobra, se ele pedir peixe? Ou um escorpião se pedir um ovo? Ora, se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedirem?

—LUCAS 11:11-13

Mais uma vez, vi o quadro de Deus Pai a cuidar dos Seus filhos. Era tão diferente da atitude de Alá, que obrigava os seus escravos a esperar pelo Dia do Juízo para ficarem a saber se ele aceitara as suas orações.

O EXEMPLO DE ORAÇÃO DE JESUS

Jesus deu aos Seus discípulos um exemplo de oração e também demonstrou a oração na Sua própria vida. À medida que lia o Novo Testamento, reparei nas vezes que se diz que Jesus orou.

Jesus levantou-se muito antes de nascer o dia, saiu de casa e foi para um lugar isolado, onde ficou em oração.

—MARCOS 1:35; VER TAMBÉM MARCOS 6:46

Mas Jesus procurava lugares isolados, onde ficava em oração.

—LUCAS 5:16

Por esta altura, Jesus subiu a um monte para orar e passou lá a noite em oração.

—LUCAS 6:12

Em geral, Jesus orava sozinho, mas por vezes levava os discípulos consigo (Lucas 9:28; 23:29). Contudo, Jesus nunca exigiu aos Seus discípulos que orassem num período específico ou de uma forma especial. Nunca mencionou que Deus os puniria por não orarem o suficiente.

O propósito da oração a Deus Pai

Segundo o que li nos evangelhos, Jesus costumava orar como forma de estar em comunicação com Deus, não como um modo de agradar a Deus. Ele ensinou os Seus discípulos a adorarem Deus em oração e a apresentarem-Lhe as suas necessidades,

Podemos analisar o Livro de Actos na Bíblia e ver como os discípulos seguiram estas instruções. O Livro de Actos não diz que os Cristãos repetiam o Pai Nosso *ipsus verbis*. Mas descreve-os a oferecerem orações com regularidade e a pedirem a Deus ajuda em tempo de tribulação. Actos 4 dá-nos um bom exemplo de uma oração oferecida quando os Cristãos estavam a ser ameaçados pelos líderes dos sacerdotes e pelos anciãos.

Depois de os terem ouvido, oraram todos juntos a Deus e disseram: “Senhor, Tu, o Criador do céu, da terra, do mar e de tudo o que neles existe. Agora, Senhor, repara nas ameaças deles e dá confiança aos Teus servos, para pregarem a Tua mensagem com toda a ousadia, para mostrarem o Teu poder na cura de doentes e fazerem milagres e maravilhas pelo poder do Teu santo servo Jesus. Quando eles acabaram de orar, tremeu o lugar onde estavam reunidos. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a pregar a mensagem de Deus com ousadia.

—ACTOS 4:24, 29-31

A DIFERENÇA FUNDAMENTAL

A diferença na oração entre Jesus e Maomé baseia-se de facto na diferença entre a sua compreensão de Deus.

Maomé descreveu Alá como senhor e as pessoas como seus escravos; portanto, a oração era uma forma de ganhar o favor do senhor. Se as orações não forem executadas correctamente, o senhor fica zangado. É por isso que os Muçulmanos devotos gastam horas e horas a repetirem as mesmas palavras e gestos, dia após dia, na esperança de agradarem a Alá.

Jesus retratou Deus como um Pai e as pessoas como Seus filhos; portanto, a oração era uma forma de comunicar com aquele que nos ama e cuida de nós. Se os Cristãos não oram, privam-se da oportunidade de comunicarem com Deus.

CONCLUSÃO

Até agora nesta secção do livro, analisámos o legado que Jesus e Maomé deixaram:

- ♦ A sua mensagem ao mundo
- ♦ O seu ensino sobre o outro
- ♦ Curas e milagres
- ♦ O significado de guerra santa
- ♦ Ensinos sobre amor
- ♦ Ensinos sobre oração

Há mais um tópico de grande interesse para as pessoas actuais que devemos abordar — o tratamento das mulheres. O capítulo seguinte analisará o que Jesus e Maomé ensinaram sobre as mulheres e como trataram aquelas com quem entraram em contacto.

Atitudes para com as Mulheres

Ainda criança no Egipto, irritava-me a forma como a sociedade islâmica tratava as mulheres. Ao estudar o Alcorão e a história islâmica, podia ver quantas restrições colocadas sobre as mulheres vinham directamente do próprio Maomé. Mais uma vez, isso levava-me a interrogar se o verdadeiro Deus no céu trataria as pessoas desse modo.

A minha intenção neste capítulo é apenas mostrar a atitude de Maomé para com as mulheres e as suas relações pessoais com as mulheres na sua vida. A partir daqui, o leitor poderá ver como se desenvolveram as tradições da sociedade islâmica.

Também analisaremos a atitude de Jesus e as Suas relações pessoais relativamente às mulheres.

Este capítulo divide-se em três partes:

- ♦ O ensino de ambos sobre o carácter das mulheres
- ♦ O ensino de ambos sobre o casamento
- ♦ As relações pessoais de ambos com as mulheres.

OS ENSINOS DE MAOMÉ SOBRE O CARÁCTER DAS MULHERES

Temos imensa informação sobre as mulheres tanto no Alcorão como nos ensinamentos de Maomé registados nos hadith.

Maomé faz uma clara distinção entre as mulheres e os homens. Infelizmente, muitos dos seus comentários sobre as mulheres são pouco lisonjeiros.

As mulheres são perversas?

Quando Maomé visitou o paraíso e o inferno (durante a Jornada Nocturna), declarou:

O Profeta disse: “Olhei para o Paraíso e descobri que a maioria dos seus habitantes eram os pobres e olhei para o (Inferno) Fogo e vi que a maioria dos seus habitantes eram mulheres.”¹

Nos dias de Maomé, as mulheres tinham de ter cuidado para não se aproximarem dos homens que estivessem a orar.² E isso porque Maomé dizia que se uma mulher passasse junto de um homem que estivesse a orar, a sua oração seria cancelada e ele teria de recomeçar tudo desde o princípio. A segunda mulher de Maomé, Aisha, reportou este ensino, a par de um ligeiro protesto:

Foram mencionadas perante mim as coisas que anulam as orações. Eles disseram: “A oração é anulada por um cão, um burro e uma mulher (se eles passarem diante de quem ora)”. Eu disse: “Transformas-nos (às mulheres) em cães.”³

Numa outra ocasião, Maomé descreveu as mulheres como um “mau presságio” ou má sorte.

O mau presságio foi mencionado diante do Profeta, que disse: “Se há mau presságio em alguma coisa é na casa, na mulher e no cavalo.”⁴

As mulheres eram consideradas impuras durante a menstruação e Maomé disse que não podiam orar ou jejuar nesses dias. Maomé disse que isto também as colocava numa posição negativa aos olhos de Alá.

Uma vez, o Apóstolo de Alá foi para Musalla (para oferecer a oração)... Depois, passou pelas mulheres e disse: “Oh mulheres, dai esmolas, pois vi que a maioria dos habitantes

do Inferno-fogo éreis vós (mulheres)”. Elas responderam: “Porque é que é assim, oh Apóstolo de Alá?” Ele respondeu: “Vocês praguejam com frequência e são ingratas para os vossos maridos. Não vi ninguém mais falho de inteligência e religião que vós. Um homem sensível e cauteloso pode ser desencaminhado por algumas de vós.” As mulheres perguntaram: “Oh Apóstolo de Alá! Que há de deficiente na nossa inteligência e religião?” Ele respondeu: “Não chega a evidência de que o testemunho de duas mulheres é igual ao de um só homem?” Elas concordaram. Ele disse: “Esta é a deficiência da vossa inteligência. Não é verdade que uma mulher não pode orar nem jejuar enquanto estiver menstruada?” As mulheres responderam com uma afirmativa. “Esta é a deficiência na sua religião.”⁵

As mulheres são inferiores?

Maomé acreditava que as mulheres são inferiores aos homens? O Alcorão diz que é preciso o testemunho de duas mulheres para se equiparar ao de um só homem:

E chamai duas testemunhas de entre os vossos homens; e se não houver dois homens disponíveis, então um homem e duas mulheres, de que vós gosteis para testemunhas, de modo que se uma das duas mulheres se enganasse por falta de memória, então uma pudesse recordar à outra.

—SURA 2:283

Maomé explicou assim a razão desse ensino:

O Profeta disse: “Não é o testemunho de uma mulher igual à metade da de um homem?” As mulheres disseram: “Sim”. Ele afirmou: “Isso é por causa da deficiência da mente da mulher”⁶

As mulheres também recebiam uma parte inferior da herança do que os homens

Alá ordena-vos no que a vossos filhos respeita: um varão terá tanto como a porção de duas mulheres.

—SURA 4:12

As mulheres são obrigadas a andar tapadas

Muitos questionam-se sobre a obrigação de as mulheres muçulmanas andarem cobertas. No início do Islão, quando Maomé vivia em Meca apenas com a sua primeira esposa, não exigiu que as muçulmanas usassem véu. Depois de se mudar para Medina, algo aconteceu que desencadeou uma nova revelação relativa às mulheres.

Maomé começou por se casar várias vezes e oferecia tipicamente uma festa após cada casamento. Depois da boda com Zainab bint Jahsh (falarei dela mais tarde), várias pessoas ficaram em sua casa depois de Maomé sair.⁷

No dia seguinte, um dos mais fiéis seguidores de Maomé fez-lhe esta sugestão:

Umar: Eu disse. “Oh Apóstolo de Alá! Boas e más pessoas entram em tua casa, pelo que sugiro-te que ordenes às mães dos Crentes (i.e., as tuas esposas) que usam véu”. Então, Alá revelou os Versículos de Al-Hijab.⁸

Nesse mesmo dia, Maomé recebeu revelação através do anjo Gabriel que as Muçulmanas deveriam usar véu.

Oh Profeta, diz a tuas esposas e a tuas filhas e às mulheres dos crentes que façam pender da parte baixa do seu junto a elas uma porção das suas coberturas soltas exteriores. Isso é melhor, de modo que elas possam ser reconhecidas e não molestadas.

—SURA 33:60; VER TAMBÉM VERSÍCULO 34

E SURA 24:32, 59 EM DIANTE

Assim, as mulheres começaram a cobrir-se. A segunda esposa de Maomé, Aisha, comentou como as mulheres seguiram esta nova revelação:

Aisha costumava dizer: “Quando (o Versículo): “Devem cobrir o pescoço e o seio com os seus véus” foi revelado, (as senhoras) cortaram os seus xales nas pontas e cobriram o rosto com os retalhos cortados.”⁹

Assim, a intenção de Maomé em relação ao hijab era clara e as Muçulmanas dos seus dias cobriam o rosto. Os Muçulmanos conservadores seguem hoje literalmente o Alcorão e as mulheres também cobrem o rosto. Os Muçulmanos liberais optam por vestir roupas modernas, mas modestas em vez de uma cobertura total.

As mulheres como despojo de guerra

Sempre que uma aldeia ou tribo resistia a Maomé e ao seu exército e fosse conquistada, os Muçulmanos tinham autorização para levar escravas as mulheres e as crianças. O Capítulo 29 do livro 8 dos hadith apresenta de facto o seguinte título:

É permissível ter relações sexuais com uma cativa depois de ela estar purificada (da menstruação ou do parto). No caso de ter marido, o seu casamento é anulado depois de ser feita cativa.

O hadith prossegue e explica quando foi elaborada esta regra.

Na batalha de Hanain, o Mensageiro de Alá enviou um exército para Autas e encontrou o inimigo que combateu. Tendo-o vencido e levado cativo, os Companheiros do Mensageiro de Alá pareceram opor-se a ter relações com as cativas cujos maridos eram politeístas. Então Alá, o Altíssimo, enviou uma revelação dizendo que: “E as mulheres já casadas, excepto aquelas que as vossas mãos direitas possuem (iv. 24)” (i.e., era-lhes legítimo quando o seu período Idda chegasse ao fim).¹⁰

Não só os hadith contêm esta regra, como o próprio Alcorão também

faz referência às cativas estarem à disposição dos seus senhores, mesmo que presentemente casadas (Sura 4:25).

Os Muçulmanos têm a opção de libertar as mulheres da escravatura e recebê-las como esposas se assim o desejarem.

A preocupação de Maomé para com as mulheres

Apesar de alguns dos seus comentários e acções para com as mulheres, Maomé também tomou providências para que se cuidasse das Muçulmanas, em especial as pobres e as viúvas. (A comunidade islâmica tinha um número significativo de viúvas devido à prática da jihad). Ele sustentava-as com os despojos de guerra e a taxa de caridade (zakat) que cobrava a todos quanto estivessem sob autoridade islâmica.

O ENSINO DE JESUS SOBRE O CARÁCTER DAS MULHERES

Jesus não fez quaisquer comentários específicos sobre o carácter das mulheres ser diferente do dos homens. Contudo, podemos ficar a conhecer a sua atitude em relação às mulheres, vendo como as tratava. Os Evangelhos descrevem Jesus a louvar as mulheres pela sua fé, curando-lhes as doenças, expulsando demónios e perdoando-lhes os pecados — tal como fez com os homens.

Louvou a fé das mulheres e curou-as

Uma mulher com uma hemorragia há doze anos, viu Jesus numa multidão. Ela tocou-lhe na orla da sua capa e Ele sentiu. “Quem me tocou?” perguntou. Tremendo de medo, a mulher ajoelhou-se e disse-lhe o que fizera. Ela tinha medo, porque segundo a lei judaica, a sua hemorragia tornava-a impura e ela não podia tocar e, ninguém nesse estado. Mas Jesus disse-lhe: “Filha, a tua fé te curou. Vai em paz, estás livre do teu sofrimento” (Marcos 5:24-34).

Assim, Jesus louvou a sua fé. Os Seus comentários contrastam com o ensino de Maomé de que as mulheres são “deficientes em religião”.

Jesus também louvou a fé de uma outra mulher. Era uma gentia que Lhe pedia insistentemente que expulsasse o demónio da sua filha. Jesus disse-lhe: “Mulher, grande é a tua fé! Seja como tu queres” (Mateus 15:28).

Jesus chegou mesmo a dizer que a oferta de uma viúva poderia ser mais valiosa que a de um rico.

Jesus observava os ricos a deitarem dinheiro na caixa das ofertas do templo. Viu também uma viúva muito pobre, que lá deitou duas moedas com pouco valor. Então Jesus disse: “Garanto-vos que esta pobre viúva deitou na caixa mais do que todos os outros. É que eles deram do que lhes sobejava, mas ela, na sua pobreza, deu tudo o que tinha para viver”.

—LUCAS 21:1-4

A atitude de Jesus contrasta fortemente com a de Maomé. Recordemos que Maomé convenceu um grupo de mulheres a aceitar que eram deficitárias em inteligência e religião.

Expulsou os seus demónios

Alguns dos seguidores de Jesus eram mulheres a quem havia expulsado demónios.

Depois disto, Jesus ia de terra em terra, anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os doze apóstolos andavam com ele, bem como algumas mulheres que Ele tinha curado de espíritos maus e de doenças. Entre elas, Maria Madalena, de quem tinha expulsado sete espíritos maus, Joana, mulher de Cuza, oficial da corte de Herodes, Susana e muitas outras, que com os seus bens ajudavam Jesus e os discípulos.

—LUCAS 8:1-3

Jesus também curou uma mulher deficiente há dezoito anos por causa de um demónio (Lucas 13:10-13).

Perdoou os pecados das mulheres

Ao passarem pela Samaria, Jesus e os Seus discípulos pararam junto de um poço fora de uma idade. Jesus estava cansado e ficou ali a repousar

enquanto os discípulos foram à cidade comprar comida. Uma mulher aproximou-se para tirar água e Jesus começou a falar com ela. O facto de Jesus falar com ela foi notável de duas maneiras: (1) ela era uma mulher e (2) era Samaritana, considerada impura pelos Judeus.

Ao fim de algum tempo, Jesus surpreendeu-a, indicando amavelmente que ela vivia com um homem que não era seu marido. Espantada por Jesus conhecer a sua vida, a mulher correu para a cidade e contou a toda a gente o que lhe sucedera. Jesus ficou ali dois dias a ensiná-los e o testemunho da mulher encorajou muitos Samaritanos a crerem n'Ele (João 4:1-42).

Em vez de condenar a mulher pelo seu pecado, Jesus deu-lhe a oportunidade de O seguir.

Jesus foi abordado por uma outra mulher quando estava numa refeição em casa de alguns líderes religiosos. Uma mulher conhecida pela sua vida pecaminosa entrou em casa e lançou-se, a soluçar, aos pés de Jesus. Com as lágrimas a correr-lhe pelo rosto, lavou-lhe com elas os pés que secou depois com os cabelos. A seguir, ela pegou numa garrafa de perfume muito caro e ungiu-lhe os pés. Os líderes religiosos murmuraram: “Se este homem fosse profeta, saberia que esta mulher é uma pecadora”.

Jesus respondeu-lhes, dizendo: “Sim, esta mulher pecou muito, mas em virtude disso o seu amor por mim é grande”. Jesus disse à mulher: “Os teus pecados estão perdoados” (Lucas 7:36-50).

Jesus também interveio no caso de uma mulher apanhada em adultério e que ia ser apedrejada pelos líderes religiosos. Jesus disse aos seus acusadores: Quem estiver sem pecado lance a primeira pedra. Quando se foram todos embora, Jesus disse à mulher: “Também eu não te condeno... Vai-te embora e não tornes a pecar” (João 8:11).

CASAMENTO

O ensino de Maomé sobre as mulheres no casamento

Mantendo-se em linha com a sua atitude geral face às mulheres, Maomé descreveu uma relação matrimonial em que o homem era superior e a mulher precisava de ser submissa. Relativamente ao marido, o Alcorão diz:

Os homens são curadores das mulheres porque Alá fez com que um deles superasse o outro e porque eles despendem da sua riqueza.

—SURA 4:35

No mesmo versículo, o Alcorão diz em relação à esposa:

De modo que mulheres virtuosas são as que são obedientes [a Alá e aos seus maridos] e guardam os segredos de seus maridos com a protecção de Alá

—SURA 4:35

A segunda metade deste versículo dá ao marido liberdade para castigar a mulher por mau comportamento:

E quanto àquelas de cuja parte vós receais desobediência, admoestai-as e deixai-as a sós nas suas camas e castigai-as. Se elas então vos obedecerem, nada procureis fazer contra elas.

—SURA 4:35

As mulheres eram amaldiçoadas se recusassem dormir com os maridos:

O Profeta disse: “Se um homem convida a esposa para dormir consigo e ela recusa, então os anjos enviam-lhe maldições até de manhã”.¹¹

O divórcio era aceite como parte da vida na cultura islâmica. Um homem podia divorciar-se da esposa, dizendo três vezes: “Divorcio-me de ti”.¹² Mas ele podia optar por voltar a casar-se com ela. Contudo, se ele também dissesse: “És como a minha mãe para mim”, então este era um divórcio permanente e ele não podia voltar a casar-se com ela, a menos que ela se divorciasse de um outro homem com quem entretanto se casara. Depois desse segundo divórcio ocorrer, o primeiro marido está livre de se casar de novo com ela, se assim o quiser (Sura 2:227-233). Contudo, não

era permitido que a esposa iniciasse um divórcio nem ela podia impedir que o marido se divorciasse (Esta prática baseia-se na Sura 4:35).

No mundo islâmico de hoje, em que se aplica a lei islâmica, as mulheres ainda não são autorizadas a iniciar ou a resistir a um divórcio (em países como Arábia Saudita, Irão e Sudão). Contudo, países mais seculares estão a dar às mulheres direitos de divórcio. Por exemplo, o Egipto aprovou uma lei em 2003 permitindo que as mulheres solicitem o divórcio em condições específicas, como a infidelidade do marido.

Muitos cenários diferentes para o divórcio, compensação e período de espera antes de um novo casamento são descritos nos hadith. A lei islâmica permite o divórcio em muitas circunstâncias, mesmo em relação a coisas pequenas. Depende da atitude do marido. Ele pode divorciar-se da esposa só por lhe ser difícil viver com ela.

O Alcorão permite que um homem tenha até quatro esposas desde que seja capaz de as sustentar.

E se vós receardes que não sejais justos em tratar com os órfãos, então casai com tantas mulheres quanto vos possa ser agradável, duas ou três ou quatro.

—SURA 4:4

Maomé, porém, foi autorizado a ter mais do que quatro, como se verá mais à frente neste capítulo.

O ensino de Jesus sobre as mulheres no casamento

Em contraste com Maomé, Jesus ensinou restrições ao divórcio.

Alguns fariseus aproximaram-se dele e perguntaram-lhe para o experimentar: “Poderá um homem divorciar-se da sua mulher?” Jesus respondeu com outra pergunta: “Que é que Moisés deixou escrito?” E eles disseram: “Moisés autorizou o homem a passar uma declaração de divórcio e a mandar a mulher embora”.

Então Jesus explicou: “Moisés escreveu isso por saber que vocês tinham um coração duro. Mas desde o princípio do

mundo, Deus criou os dois como homem e mulher. Por isso, o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher e os dois serão como uma só pessoa, de modo que não são dois mas um só. Portanto, não queiram os homens separar aquilo que Deus uniu”.

Quando chegaram a casa, os discípulos voltaram a fazer perguntas a Jesus sobre este assunto. E ele disse-lhes: “Todo o homem que se divorciar da sua mulher e casar com outra, comete adultério contra a primeira. E da mesma maneira, se uma mulher se divorciar do marido e casar com um outro homem, também comete adultério”.

—MARCOS 10:2-12

Jesus deu ao casamento um estatuto elevado. Defendeu os ensinamentos do Velho Testamento que dizem que Deus ordenou a ligação entre um homem e uma mulher. Este laço é tão íntimo que é descrito como duas pessoas tornarem-se uma só (Gênesis 2:24).

Jesus não deu qualquer outro ensino específico sobre o casamento. Contudo, os Seus seguidores elaboraram mais comentários relativos ao casamento e ao divórcio, que estão registados no Novo Testamento.

Vejamos agora o papel do casamento na vida pessoal de Jesus e de Maomé.

AS MULHERES MAIS FAMOSAS DE MAOMÉ

Tal como a atitude de Maomé para com os descrentes se alterou depois de se mudar para Medina, o mesmo sucedeu à sua prática relativamente às mulheres. Vejamos quem foi a sua primeira esposa e depois as outras doze com quem se casou em Medina.

Khadija, a primeira esposa

Quando Maomé era um jovem de vinte e cinco anos de idade, casou-se pela primeira vez, com Khadija, então com quarenta anos. Ela é descrita como tendo-lhe dado grande apoio emocional quando ele recebeu as revelações e experimentou resistência por parte das pessoas de Meca. Esteve casado apenas com ela durante vinte e cinco anos até à morte dela.

Aisha, a noiva criança

Cerca de um ano depois de se mudar para Medina, Maomé escolheu uma esposa, o que era surpreendente mesmo para os padrões sociais árabes. Tinha seis anos e era filha de um dos seus mais leais seguidores, Abu Bakr.

O Profeta escreveu (o contrato de casamento) com Aisha, quando ela tinha seis anos de idade e consumou o casamento, tinha ela nove anos, permanecendo juntos durante nove anos (i.e., até à morte dele).¹³

Mais do que apenas uma história espantosa sobre uma noiva criança, Aisha tornou-se uma figura-chave na história islâmica. Ela narrou milhares de hadith descrevendo a vida e ensinamentos de Maomé. Esteve também envolvida num incidente que ameaçou seriamente a credibilidade do Islão.

Quando Maomé conduzia o seu exército numa batalha, escolhia sempre uma das esposas para o acompanhar. Em 5 d.H., levou Aisha consigo num raide contra *beni Mustaliq*, uma tribo judaica. Ela teria então cerca de onze anos de idade.

Esta é a história segundo Aisha, que ocupava um compartimento especial coberto no dorso de um camelo. À noite, o grupo atacante parou e Aisha foi fazer as suas necessidades fisiológicas no deserto. No regresso, percebeu que perdera o lenço e voltou atrás para o recuperar. Quando regressou ao acampamento, já todos haviam partido, pensando que ela se encontrava no compartimento no dorso do camelo. Esperou no deserto até que um soldado muçulmano apareceu e a reconheceu. Levou-a de volta a Medina na manhã seguinte no seu camelo.¹⁴

Alguns acusaram-na de ter tido um episódio amoroso no deserto com o jovem soldado muçulmano. Maomé foi incapaz de provar o contrário. As pessoas começaram a dizer: “Como pode este homem ser um profeta se ele não sabe o que aconteceu à sua esposa?” Este impasse prosseguiu durante mais de vinte dias. Finalmente, Maomé recebeu uma revelação de Gabriel que libava Aisha de qualquer infracção e condenava os que a acusavam (Sura 42:12-19).

As repercussões deste incidente não terminaram aqui. Um dos primos

de Maomé com quem cresceu, Ali ibn Abu Talib, incitou Maomé a divorciar-se de Aisha que o ouviu, tendo ficado ressentida contra Ali durante o resto da sua vida. Após a morte do terceiro líder do Islão (Uthman), Ali ibn Abu Talib foi escolhido para ser o califa islâmico seguinte. Mas Aisha recusou-se a reconhecê-lo como líder e reuniu um exército de apoiantes e marchou contra ele. Na batalha do Camelo, que se seguiu, morreram dez mil Muçulmanos. Ali ibn Abu Talib foi um deles e seu filho tornou-se seu sucessor até ser envenenado por muçulmanos.

Assim, Aisha, a noiva criança, é uma figura fundamental na história islâmica. Vejamos agora uma outra das mais interessantes esposas de Maomé.

Zainab, a esposa do filho adoptivo de Maomé

Maomé foi um dia a casa do seu filho adoptivo Zaid Bin Harithah. Quando chegou, verificou que o seu filho adoptivo não se encontrava em casa e que a esposa deste, Zainab, estava sozinha. Quando ela apareceu à porta, os olhos de ambos cruzaram-se e Maomé disse-lhe: “Louvado seja quem muda os corações e a vista”. No seu coração, sentiu amor por ela, que lhe percebeu os desejos. Quando o marido regressou, contou-lhe o acontecido. Havia dois problemas nesta situação. Primeiro, Zainab era casada e, segundo, o marido era o filho adoptivo de Maomé. A lei islâmica proibía que um homem se casasse com as esposas do filho.

Contudo, a partir daquele dia, Zainab maltratou o marido, mostrando-lhe já não estar interessada nele. Sempre que ela agia assim, Zaid ia ter com Maomé a queixar-se da mulher, falando-lhe dos abusos de que era alvo. E de cada vez, Maomé dizia-lhe: “Conserva a tua mulher para ti e teme a Alá” (Sura 33:38).

Na continuação desta situação, Zaid aparentemente desistiu do casamento e divorciou-se.

A história islâmica diz que Maomé decidiu então pedir a Zainab que se casasse consigo, apesar de isso desafiar a lei islâmica que proibía que um homem se casasse com as esposas do filho. Estranhamente, Maomé enviou Zaid com o seu pedido de casamento. Zaid dirigiu-se à casa da ex-mulher e encontrou-a a preparar massa para fazer pão e conta o que se passou nesse momento: “Quando a vi, nem consegui fitá-la no rosto

porque ainda a amava”. Mas obedientemente, entregou a mensagem de Maomé. A ex-esposa respondeu: “Alá tem de me dizer para me casar com ele”. Ela contou a Zaid que ia à mesquita orar. Então, Zaid regressou para junto de Maomé, contando-lhe o sucedido.¹⁵

Com Zainab ainda na mesquita, Maomé informou ter recebido uma nova revelação do anjo Gabriel.

Salve! Disseste àquele que recebeu a graça de Alá e o teu favor: “Mantiveste (nos laços matrimoniais) a tua esposa e temeste Alá”. Mas escondeste no teu coração aquilo que Alá estava prestes a tornar manifesto: receaste o povo, mas é mais conveniente temeres Alá. Assim, quando Zaid dissolveu (o seu casamento) com ela, com a necessária (formalidade), Nós juntámo-la em casamento contigo: a fim de que (no futuro) não possa haver dificuldade para os Crentes no (assunto do) casamento com as esposas dos seus filhos adoptivos, quando estes últimos tiverem dissolvido com a necessária (formalidade) (o seu casamento) com elas. E a ordem de Alá deve ser cumprida. Não pode haver dificuldade para o profeta no que Alá lhe indicou como dever.

—SURA 33:38-39; TRADUÇÃO DE ALI

Esta revelação dizia especificamente que Alá ordenou que Zainab se casasse com Maomé. O versículo também salientava que este casamento deveria ajudar outros Muçulmanos, mostrando-lhes que era permissível que um homem se casasse com a primeira esposa do seu filho adoptivo se o casamento tivesse sido devidamente dissolvido.

Maomé também recebeu uma revelação que abolia a adopção. “Alá não fez dos teus filhos adoptivos teus filhos verdadeiros” (Sura 33:5). Como resultado, Zaid já não era considerado filho de Maomé, o que também seria bastante para legalizar o seu casamento com Zainab.

No fim, Zainab concordou em casar-se com Maomé e tornou-se a sua quinta esposa (5 d.H.). O seu anterior marido morreu três anos mais tarde, a combater na jihad.

Zainab ficou muito contente com a forma como as coisas se resolveram. O hadith regista:

Zainab costumava gloriar-se perante as esposas do Profeta e dizer: “Vocês foram dadas em casamento pelas vossas famílias, enquanto eu casei-me (com o Profeta) por vontade de Alá acima dos sete Céus”.¹⁶

Vejamos agora mais um exemplo específico do modo como Maomé obteve uma das suas esposas — esta como prisioneira de guerra.

Safiya, a beldade judaica

Por volta de 7 d.H., Maomé já tinha expulso a maioria dos Judeus da Arábia. Restava uma aldeia — Khaybar. Maomé e o seu exército cercaram a aldeia de noite e atacaram-na enquanto as pessoas ainda dormiam. Matou a maioria dos jovens e adultos e as mulheres e crianças foram feitas prisioneiras.¹⁷

Maomé reparou numa das prisioneiras, uma bela rapariga chamada Safiya. O pai era o chefe de Khaybar e ela ainda estava noiva, mas o pai e o marido foram mortos nesse dia pelos Muçulmanos. Maomé perguntou aos seus homens: “De quem é prisioneira aquela mulher?” Eles responderam: “Ela pertence a Qais bin Thabet Al-Shammas”.

Maomé deu a este homem duas primas de Safiya e ficou com ela, levando-a para Medina. Durante a viagem, quando ela deixou de estar menstruada, Maomé casou-se com ela.¹⁸

Na noite em que Maomé consumou o seu casamento com Safiya, um dos seus seguidores andou durante toda a noite à volta da sua tenda, com a espada desembainhada. De manhã, Maomé perguntou-lhe por que razão o fizera. O homem respondeu: “Tive receio por ti por causa desta mulher, pois mataste-lhe o pai, o marido e o seu povo e até há bem pouco tempo era uma descrente e por isso receei por ti por causa dela”.¹⁹

A LISTA DAS MULHERES DE MAOMÉ

Cada uma das esposas de Maomé tem uma história e contei as mais

significativas e interessantes. A lista completa das esposas é a seguinte:²⁰

1. Khadija bint Khu-walid (Estiveram casados em Meca durante vinte e cinco anos até à morte dela).
2. Aisha bint Abu Bakr (era jovem, ciumenta e causou problemas, mas era a favorita, filha do amigo mais íntimo de Maomé e o primeiro a suceder-lhe nas chefia do Islão).
3. Hafza bint Umar Ibn Al-Khattab (Era a filha de um dos mais ferozes guerreiros de Maomé).
4. Umm-Habib Rumleh bint Abi Sufyan (Era a filha do líder da tribo Quraysh de Meca convertida ao Islão pouco antes de Maomé conquistar a cidade).
5. Zainab bint Jahsh (Foi primeiro esposa do filho adoptivo de Maomé. Divorciaram-se e Maomé casou-se com ela.)
6. Umm Salama Hend bint Abi Ummayah.
7. Maymuna bint el-Harith al-Hilleliah.
8. Sauda bint Zedma'a el Amawiya.
9. Juwariya bint al-Harith (Era uma rapariga judia feita prisioneira de guerra num raide contra beni Mustaliq, incidentalmente o mesmo raide durante o qual Aisha foi acusada de adultério).
10. Safiya bint Ho-yay (era uma rapariga judia feita prisioneira de guerra durante o ataque a Khaybar).
11. Ra-hana bint Shumahon.
12. Maria bint Shumahon.
13. Umm Sharik.

É de recordar que o Alcorão apenas permitia aos Muçulmanos duas, três ou quatro esposas, mas Maomé foi exceção. Ele fez referência a uma revelação que definia quantas mulheres lhe era permitido desposar:

Oh Profeta! Tornámos legítimo que tivesses as esposas por quem pagaste o dote; e aquelas que a tua mão direita possuir de entre as prisioneiras de guerra que Alá te entregou; e filhas das tuas tias e tios paternos e filhas das tuas tias e tios maternos que migraram (de Makkah) contigo; e qualquer mulher crente que dedica a sua alma ao Profeta se o Profeta desejar casar-se com ela; — isto é apenas para ti e não para os Crentes (em geral).

—SURA 33:51, TRADUÇÃO DE ALI

Quando Maomé morreu, deixou nove viúvas vivas e proibiu que qualquer uma delas voltasse a casar-se após a sua morte (Sura 33:7, 53).

As outras mulheres de Maomé

A par das suas esposas, Maomé teve um outro grupo de mulheres à sua disposição. Eram as escravas que ele comprava ou a que tinha direito como presas de guerra. Todos os escravos, homens ou mulheres, eram designados em Árabe como *milkelimen*. Os escravos serviam Maomé com tarefas domésticas como cuidar dele e das suas esposas, das suas casas e animais. Preparavam a comida e levavam a água para as abluções antes das orações. A história islâmica indica pelo nome quarenta e três destes escravos.²¹

As escravas desempenhavam também tarefas domésticas, mas a lei islâmica permitia que Maomé as utilizasse sexualmente sem lhe ser exigido que se casasse com elas. Qualquer criança resultante não receberia o nome de Maomé nem herança sua. A criança seria escrava e não filha de Maomé que reservava o direito de a conservar ou de a vender. (A lei islâmica permitia que qualquer homem muçulmano tivesse *milkelimen*). A história islâmica regista pelo nome vinte e três destas escravas.²²

A RELAÇÃO GERAL ENTRE MAOMÉ E AS SUAS ESPOSAS

A vida social de Maomé foi sempre cheia de problemas com as esposas e até estas entre si. A história islâmica regista muitos pormenores destas desavenças. Certa vez, elas não paravam de lhe pedir dinheiro, ao que ele respondeu que não tinha para lhes dar. Desesperado, separou-se delas durante um mês (vinte e nove dias). Depois, ofereceu a cada uma delas a opção de se divorciarem. Disse a Aisha, a esposa criança que ela poderia consultar os pais a este respeito. Todas as esposas concordaram em permanecer em casa.²³

Para conseguir gerir a relação com as esposas, Maomé atribuiu a cada um dia para passar consigo. Certa ocasião, quando Aisha lhe causou problemas, usou o dia de uma outra esposa e passou-o com ela. Uma esposa queixou-se desta situação e Maomé ameaçou divorciar-se dela. Como era idosa, acedeu. “Não te divorcies de mim. Ficarei contigo e desisto da minha noite em favor de Aisha.”

JESUS E AS MULHERES QUE O AJUDARAM

Nos Evangelhos ou na história cristã, não há registo de Jesus se ter casado ou de ter esposa. É descrito como tendo uma boa relação com duas irmãs, Maria e Marta, em cuja casa costumava comer (Lucas 10; João 12).

Os evangelistas também mencionam que um pequeno grupo de, mulheres viajava com Ele e com os discípulos, ajudando-os.

Depois disto, Jesus ia de terra em terra, anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os doze apóstolos andavam com ele, bem como algumas mulheres que Ele tinha curado de espíritos maus e de doenças. Entre elas, Maria Madalena, de quem tinha expulsado sete espíritos maus, Joana, mulher de Cuza, oficial da corte de Herodes, Susana e muitas outras, que com os seus bens ajudavam Jesus e os discípulos.

—LUCAS 8:1-3

Estas mulheres eram seguidoras leais e permaneceram com Jesus ao longo da crucifixão.

Também lá estavam muitas mulheres a observar de longe. Tinham acompanhado e servido Jesus desde a Galileia. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José e a mulher de Zebedeu.

—MATEUS 27:55-56

Depois da retirada do cadáver de Jesus da cruz, duas das mulheres seguiram José Arimateia e viram que ele colocou o corpo num sepulcro cuja entrada tapou com uma grande pedra (Mateus 27:57-61). Depois, foram preparar especiarias com as quais pretendiam ungir o corpo depois do dia de descanso (Sabbath).

Estas mulheres foram as primeiras a verem Jesus depois da ressurreição

Depois do sábado, quando já rompia a manhã de domingo, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo. Nisto, o próprio Jesus foi ao encontro delas e saudou-as. Então elas aproximaram-se dele, agarraram-se-lhe aos pés e adoraram-no. Jesus disse-lhes: “Não tenham medo! Vão ter com os meus irmãos e digam-lhes que vão para a Galileia e lá me hão-de ver.

—MATEUS 28:1, 9-10

Assim, podemos ver que as mulheres seguiam Jesus e ajudavam-no. Jesus chegou mesmo a dar-lhes o privilégio de serem as primeiras a verem-No depois de ressuscitar. Não temos qualquer indicação de Jesus ter mantido relações sexuais com elas. A sociedade judaica teria condenado tal comportamento.

CONCLUSÃO

Que aprendemos com as atitudes de Jesus e de Maomé em relação às mulheres?

Carácter das mulheres. Maomé descreveu-as negativamente. Jesus tratou-as da mesma maneira que os homens.

Ensino sobre o casamento. Maomé descreveu uma relação em que a mulher precisava de estar sujeita ao marido e em que era aceitável um homem divorciar-se sob muitos pretextos. Jesus falou do casamento como uma união ordenada por Deus que só deve ser quebrada com a infidelidade de um dos cônjuges.

Relações com as mulheres. Maomé teve muitas esposas e experimentou muitos problemas com elas. Jesus nunca se casou mas havia um grupo de mulheres que viajavam com Ele e O ajudavam.

Uma vez mais, vemos as diferenças na personalidade e carácter de Jesus e de Maomé. É especialmente interessante observar como estas diferenças se manifestaram quando enfrentaram desafios semelhantes. O capítulo seguinte descreve quatro eventos surpreendentemente paralelos nas suas vidas e as respectivas reacções.

Coincidências Interessantes

Ao estudar a vida de Jesus, uma das experiências mais interessantes para mim foi descobrir incidentes singulares na sua vida que lembram outros idênticos que se passaram com Maomé. Neste capítulo, veremos como ambos reagiram a:

- ♦ Uma mulher apanhada em adultério
- ♦ Um cego a pedir ajuda
- ♦ Discípulos que os abandonaram em período de dificuldade
- ♦ Famintos no deserto

MULHER CULPADA DE ADULTÉRIO É JULGADA

Maomé

Uma mulher aproximou-se de Maomé e disse-lhe: “Cometi adultério; purifica-me” [Ela queria que Maomé a castigasse para que Alá lhe perdoasse o pecado e a deixasse entrar no Paraíso.] Maomé disse-lhe: “Vai-te embora e espera que nasça a criança”.

Depois da criança nascer, ela apareceu com o filho e disse: “Eis o filho que gerei”. Maomé respondeu: “Vai e trata dele até ao desmame”.

Quando ela o desmamou, voltou a Maomé com a criança que segurava na mão um pedaço de pão. [A criança provavelmente teria cerca de dois anos porque era esse o período de tempo prescrito pelo Alcorão para o desmame.] A mulher disse-lhe: “Apóstolo de Alá, eis que desmamei a

criança e ela já come alimento sólido”.

Maomé deu a criança a um dos Muçulmanos e depois pronunciou a sentença. A mulher foi enterrada numa cova até ao peito e o povo apedrejou-a.¹

Esta história é usada popularmente na pregação islâmica como exemplo da misericórdia de Maomé!

Jesus

Entretanto, os doutores da Lei e os fariseus levaram-lhe uma mulher apanhada em adultério. Colocaram-na no meio do povo e disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher foi apanhada a cometer adultério. Moisés, na lei, mandou-nos apedrejar tais mulheres. E tu, que dizes?”

Eles puseram-lhe esta questão porque queriam apanhá-lo em falso para depois o acusarem. Jesus, porém, inclinou-se e começou a desenhar no chão com o dedo. Mas como continuassem a interrogá-lo, Jesus levantou-se e disse-lhes: “Aquele de vocês que nunca pecou, atire-lhe a primeira pedra”. Jesus inclinou-se novamente e continuou a escrever no chão. Ao ouvirem estas palavras, foram saindo dali um a um, a começar pelos mais velhos e só lá ficou Jesus. A mulher continuava de pé, no mesmo lugar. Jesus, então, levantou-se e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?” “Ninguém, Senhor!” — respondeu ela. “Também eu não te condeno” —disse Jesus. “Vai-te embora e daqui em diante não tornes a pecar”.

—JOÃO 8:3-11

CEGO PEDE AJUDA

Maomé

Alguns dos mais importantes chefes de Meca foram a uma das assembleias de Maomé que procurou convencê-los a aceitar o Islão. Neste momento, um cego aproximou-se dele querendo uma explicação para

algum ponto relativo ao Islão. Maomé não gostou da interrupção e ignorou-o.²

Depois deste incidente, Maomé informou que Alá o repreendera por esta atitude para com o cego (Sura 80:2-15).

Ele [o Profeta] franziu as sobrancelhas e afastou-se, porque a ele veio um homem cego. E quem te assegura que é possível que ele procure purificar-se ou talvez ele esteja atento a admoestação lhe possa aproveitar.

—SURA 80:2-5

O importante a ver aqui é que Maomé ignorou o cego em vez de o ajudar, como ele pedia.

Jesus

Jesus estava a chegar à cidade de Jericó e à beira do caminho encontrava-se um cego a pedir esmola. Ao perceber que passava muita gente, o cego perguntou o que era aquilo. Disseram-lhe que era Jesus, o Nazareno, que ia a passar. Então, ele gritou dali: “Jesus, Filho de David, tem pena de mim!”. Os que iam à frente, mandavam-no calar, mas ele gritava cada vez mais: “Filho de David, tem pena de mim” Jesus parou e mandou-o chamar, Quando ele chegou, perguntou-lhe: “Que queres que te faça?” E ele respondeu: “Senhor, queria voltar a ver.” Jesus disse-lhe: “Pois vê! A tua fé te salvou.” Naquele mesmo instante, o cego começou a ver e seguiu também com Jesus, louvando a Deus pelo caminho. E toda a gente, vendo aquilo, dava louvores a Deus.

—LUCAS 18:35-43

Este cego viu que Jesus estava a curar as pessoas e pediu ajuda. Jesus deu-lhe aquilo que ele desejava.

DISCÍPULOS AFASTAM-SE EM PERÍODO DE DIFICULDADE

Maomé

Depois de Maomé conquistar Meca, alguns dos restantes povos livres da Arábia juntaram-se numa tentativa para o derrotar. Montado na sua mula branca, Maomé marchou contra eles com um enorme exército de doze mil homens. Contudo, o inimigo emboscou-os de surpresa ao romper do dia e os soldados de Maomé puseram-se em fuga aterrorizados. Maomé virou-se para a direita e gritou: “Aonde vão? Venham comigo. Eu sou o apóstolo de Deus. Eu sou Maomé, filho de Abdullah”. Alguns permaneceram com ele, mas muito continuaram a fugir. Maomé pediu com “voz forte” a um homem que estava apeado que chamasse o povo. Cem combatentes regressaram para ficarem ao lado de Maomé. Em última análise o enorme exército muçulmano derrotou nesse dia o inimigo, no que ficou conhecida como a batalha de Hunayn.³

O ponto é que Maomé exigiu que os seus seguidores o protegessem.

Jesus

Ainda Jesus estava a falar, quando chegou Judas, um dos doze discípulos. Trazia com ele muita gente armada de espadas e paus. Tinham sido mandados pelos chefes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo.

Jesus disse-lhe: “Amigo, que vieste cá fazer?” Então os outros avançaram. Deitaram-lhe a mão e prenderam-no. Nisto, um dos que estavam com Jesus puxou da espada e feriu o criado do chefe dos sacerdotes, cortando-lhe uma orelha. Mas Jesus disse-lhe: “Torna a pôr a tua espada no seu lugar, porque todos os que se servem da espada, à espada morrerão. Julgas que eu não podia pedir auxílio a meu Pai? Se Lho pedisse, Ele mandava-me, agora mesmo, mais de doze divisões de anjos! Mas, nesse caso, como é que se havia de cumprir a Escritura? Não diz ela que é assim mesmo que deve acontecer?”

Mas tudo isto acontece para que se cumpra o que os profetas dizem na Escritura.

A questão é que Jesus não permitiu que os Seus discípulos combatessem por Ele e não os chamou quando fugiram.

FAMINTOS NO DESERTO

Maomé

O povo de Meca assinou um acordo a boicotar Maomé, o seu clã e os Muçulmanos, recusando vender-lhes comida.⁴ Isto durou dois a três anos. Por fim, Maomé e os Muçulmanos abandonaram a cidade para irem viver num vale desértico vizinho. Começaram a desesperar. A história islâmica conta que os partidários de Maomé ficaram tão famintos que comeram o esterco dos animais e as folhas das árvores. Ficou conhecido como o Ano da Fome.

Sobreviveram com víveres trazidos secretamente por simpatizantes e amigos. Ao fim de algum tempo, os líderes de Meca decidiram voluntariamente levantar o boicote. Durante este tempo, Maomé não conseguiu fornecer sobrenaturalmente comida aos seus.

Jesus

Jesus também enfrentou um período em que os Seus seguidores estavam com fome. Cerca de cinco mil homens seguiram-no para O ouvir ensinar. Ficaram tanto tempo que comeram todos os víveres que levavam e começaram a ficar com fome. Um rapaz deu a Jesus dois peixes e cinco pães. Jesus orou pela comida e pediu aos discípulos que a distribuíssem. Foi o suficiente para alimentar toda a gente (Ver João 6:1-14).

CONCLUSÃO

Estes incidentes paralelos constituem uma outra forma de ver as diferenças entre Jesus e Maomé. No capítulo seguinte, colocarei em paralelo alguns ensinamentos. Por outras palavras, podemos comparar directamente as palavras de Jesus e de Maomé sobre temas como julgar os outros, vingança, perdão e muitos mais.

Uma Comparação de Ensinos Práticos

Agora que temos um contexto pormenorizado para compreender Jesus e Maomé, a simples comparação versículo a versículo ajudará a clarificar muita coisa. Eis uma amostra de oito ensinos práticos.

ALIMENTOS E BEBIDAS PROIBIDAS

Maomé

Tanto o álcool como a ingestão de carne de porco eram proibidas aos Muçulmanos (entre outras coisas).

Oh tu, que crês! Intoxicantes e jogos de azar, pedras (de dedicação) e (adivinhação por) setas, são uma abominação dos artefactos de Satanás.

—SURA 5:91, TRADUÇÃO DE ALI

Diz “Não encontro na Mensagem recebida por mim por inspiração qualquer (carne) proibida para ser ingerida por alguém que a deseja comer, a não ser que seja carne morta ou sem sangue ou a carne de porco.

—SURA 6:146, TRADUÇÃO DE ALI

Maomé castigou pessoalmente alguns que beberam vinho.

Anas informou que o Apóstolo de Alá costumava espancar quarenta vezes com sapatos ou ramos de palmeira (em caso de beber) vinho.¹

Jesus

Jesus não definiu a rectidão pelo que uma pessoa come ou bebe. Disse Ele:

E ele respondeu-lhes: “Vocês também não compreenderam? Então não vêem que tudo o que uma pessoa comer ou beber, isso não a torna impura, porque *não lhe entra na alma*, mas no estômago e depois sai do seu corpo?” Jesus mostrou com sai do seu corpo?” Jesus mostrou com isto que todos os alimentos são próprios para comer, E disse mais: “Aquilo que *sai* das pessoas é que as torna impuras. Do seu íntimo vêm os maus pensamentos e tudo o que as leva à imoralidade, ao roubo, ao crime, ao adultério, à avareza, à malícia, à mentira, à devassidão, à inveja, à calúnia, ao orgulho e à loucura. Todos esses males vêm do íntimo das pessoas e é isso que as torna impuras.

—MARCOS 7:18-23, ÊNFASE NOSSA

JEJUM*Maomé*

Maomé exigia aos Muçulmanos que jejuassem entre a primeira (cerca das 4h00) e a quarta oração (cerca das 17h00) durante o sagrado mês do Ramadão.

O Ramadão é o (mês) em que foi enviado o Alcorão, como guia para a humanidade, também claros (Sinais) para orientação e julgamento (entre o certo e o errado). Assim, cada um de vós que está presente (nesta casa) durante esse mês deve passá-lo a jejuar, mas se alguém estiver doente ou em viagem, o período indicado (fica adiado) para mais Tarde. Alá deseja todas a facilidade para vós; Ele não quer pôr-vos em dificuldades, (Ele quer que) completem o período prescrito e O glorifiquem naquilo em que Ele vos guiou; e por esse modo ficareis gratos.

—SURA 2:186, TRADUÇÃO DE ALI

Jesus

Jesus não exigiu que os Seus seguidores jejuassem.

Certo dia em que os discípulos de João Baptista e dos fariseus jejuavam, houve alguém que foi perguntar a Jesus: “Porque é que os discípulos de João e os fariseus jejuam e os teus discípulos não?” Jesus respondeu: “Poderão jejuar os convidados de uma boda enquanto o noivo estiver com eles? Claro que não! Lá virá o tempo em que o noivo lhes será tirado. Nessa altura, jejuarão.”

—MARCOS 2:18-20

Jesus raramente mencionava o jejum, à excepção de uma ocasião em que disse que um certo demónio só sairia com “oração e jejum” (Mateus 17:21; Marcos 9:29).

JULGANDO OS OUTROS

Maomé

Se os Muçulmanos vissem alguém a infringir a lei islâmica, Maomé ordenava-lhes que tomassem alguma atitude em relação a isso.

Ouvi o mensageiro de Alá dizer: Quem de entre vós vir algo de abominável, deve modificá-lo com a ajuda da sua mão; e se ele não tiver força suficiente para o fazer, então deve utilizar a sua língua e se não tiver força suficiente com ela, então deve repudiar com o seu coração e isso é o mínimo da fé.²

Jesus

Jesus convidou os Seus seguidores a examinarem-se em vez de olharem para o comportamento dos outros.

Não julgueis ninguém e assim Deus não vos julgará!
É que Deus há-de julgar-vos do mesmo modo que vocês

julgam os outros e usará a mesma medida que vocês usarem para os outros. Porque reparas tu no cisco que está na vista do teu semelhante e não vês a trave que está nos teus próprios olhos? Como te atreves a dizer-lhe: “Deixa-me cá tirar-te isso da vista, quando tens uma trave nos teus olhos? Fingido! Tira primeiro a tua trave e depois já vês melhor para tirares o cisco da vista do teu semelhante.”

—MATEUS 7:1-5

VINGANÇA

Maomé

Se vós tiverdes recebido um agravo, por certo o povo descrente já deve ter recebido um agravo semelhante.

—Sura 3:141

Jesus

Ouviram o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Mas eu digo-vos mais: Não resistam a quem vos fizer mal. Se alguém te bater na face direita, apresenta-lhe também a outra. Se alguém te quiser levar a tribunal para te tirar a camisa, dá-lhe também o casaco. Se alguém te obrigar a levar alguma coisa até a um quilómetro de distância, acompanha-o dois quilómetros. Se alguém te pedir qualquer coisa, dá-lha; e a quem te pedir emprestado, não lhe voltes as costas.

—MATEUS 5:38-42

AMALDIÇOANDO OS INIMIGOS

Maomé

Por vezes, Maomé amaldiçoava pessoas durante as suas orações. Um dos Muçulmanos contou a seguinte história:

Que ele ouviu o Profeta, depois de erguer a cabeça na oração

da manhã, dizendo: “Oh Alá, nosso Senhor! Todos os louvores sejam para ti”. E na última (Rak'a), ele disse: “Oh Alá! Amaldiçoa fulano e fulano.”³

Jesus

Compare-se a atitude de Maomé com a oração de Jesus, morrendo na cruz:

E crucificaram dois ladrões juntamente com ele: um à sua direita e outro à sua esquerda. Cumpriu-se assim a Escritura que diz: Foi considerado como um criminoso. Os que passavam por ali insultavam-no e, abanando a cabeça, diziam; “Olha! Lá está o tal que deitava abaixo o templo e tornava a construí-lo em três dias! Então, agora desce da cruz e salva-te a ti mesmo”. Também os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei troçavam de Jesus, dizendo uns para os outros: “Salvou os outros e não se pode salvar a si mesmo! Ele, o Cristo, o rei de Israel! Que desça agora da cruz para nós vermos e acreditarmos nele.” Até os dois ladrões que foram crucificados com ele o insultavam.

—MARCOS 15:27-32

Jesus, porém, dizia: “Pai, perdoa-lhes, que não sabem o que fazem!”

—LUCAS 23:34

PERDÃO PARA OS QUE NOS ENGANAM

Maomé

A recompensa para uma injúria é uma injúria à cometida (em grau); mas se uma pessoa perdoa e se reconcilia, o seu galardão recebe-o de Alá: porque (Alá) não ama os que cometem o erro. Mas na verdade se defende de um erro cometido contra si, contra esse não há causa de culpa. A culpa é apenas contra os que oprimem os homens e praticam

o mal, desafiando a rectidão e a justiça: para os tais haverá um castigo doloroso. Mas na verdade, se alguém mostra paciência e perdão, isso será um exercício de corajosa vontade e resolução no tratamento dos assuntos.

—SURA 42:41-44, TRADUÇÃO DE ALI

Jesus

Ao que te bater num lado da cara, deixa-o bater também no outro. Ao que te tirar o casaco, não o impeças de levar a camisa. Dá a quem te pedir e se alguém levar o que é teu, não tornes a pedi-lo. Façam aos outros como desejam que os outros vos façam.

Se amarem apenas aqueles que vos amam, que recompensa poderão esperar de Deus? Até os maus têm amor àqueles que os amam a eles. Se fizerem bem somente aos que vos fazem bem, que recompensa poderão esperar? Até os maus procedem assim. Se emprestarem apenas àqueles de quem esperam tornar a receber, que recompensa poderão esperar? Até os maus emprestam uns aos outros para tornarem a receber. Mas pelo contrário, tenham amor aos vossos inimigos, façam-lhes bem e emprestem sem nada esperar em troca. Assim, receberão grande recompensa e serão filhos do Deus altíssimo, porque Ele é bom até para as pessoas ingratas e más.

—LUCAS 6:29-35

A ESPADA

Maomé

Oh Profeta, insta com os crentes para que combatam. Se houver vinte de vós que sejam constantes, eles vencerão duzentos e se houver uma centena de vós que sejam constantes, eles vencerão um milhar dos que descrêem, porque eles são um povo que não compreende.

—SURA 8:66

Jesus

Jesus disse-lhe: “Amigo, que vieste cá fazer?” Então, os outros avançaram, deitaram-lhe a mão e prenderam-no. Nisto, um dos que estavam com Jesus puxou da espada e feriu o criado do chefe dos sacerdotes, cortando-lhe uma orelha. Mas Jesus disse-lhe: “Torna a pôr a tua espada no seu lugar, porque todos os que se servem da espada, à espada morrerão”.

—MATEUS 26:50-52

CATIVOS

Maomé

Um Profeta não pode ter cativos enquanto se não empenhar em combate regular na terra. Vós desejais os bens do mundo, ao passo que Alá deseja para vós o Futuro.

—SURA 8:68

Jesus

O Espírito do Senhor é sobre mim,
pois que me ungiu
para evangelizar os pobres;
enviou-me a curar os quebrantados do coração.
A apregoar *liberdade aos cativos*
e dar vista aos cegos,
a pôr em liberdade os oprimidos;
a anunciar o ano aceitável do Senhor.

—LUCAS 4:18-19 (JFA, ÊNFASE NOSSA)

CONCLUSÃO

Há muitas mais comparações que poderiam ser estabelecidas mas estas constituem já bons exemplos. Se continuar o seu estudo de Jesus e Maomé, irá descobrir muitas mais.

Este capítulo conclui a secção do livro intitulada “O Legado de Ambos em Palavras e Acções”. Na última secção deste livro, apresento um capítulo que reúne toda a informação lida até agora e uso o capítulo final para concluir a minha história pessoal sobre o cotejamento de Jesus e Maomé.

SECÇÃO 4

CONCLUSÃO

Resumo dos Pontos Principais

Como prometi no início, percorremos a vida de Jesus e de Maomé. Analisámos tanta informação que penso ser importante revermos o que aprendemos. Este capítulo fará um resumo dos pontos principais de cada capítulo.

A VIDA DE CADA UM

Capítulo 4: Destinos da Infância (Do nascimento até à juventude)

Maomé

Maomé nasceu em 570 a.D., quase seiscentos anos depois de Jesus. Em criança, gastava o tempo na Caaba, o centro árabe da adoração localizado na cidade natal de Maomé, Meca. A história islâmica diz que um sacerdote cristão nestoriano profetizou a respeito dele quando tinha doze anos. Maomé começou a pôr em causa a adoração dos ídolos prestada pelo seu povo.

Jesus

Jesus nasceu por volta de 6/5 a.C. A família era judaica, pelo que visitava com regularidade o templo em Jerusalém para observar os dias santos judeus. Em bebé, recebeu uma profecia de um sacerdote e de uma profetiza no templo. Jesus abraçou a fé do seu povo.

Capítulo 5: O Início das Revelações

Maomé (idade: 40 anos)

Ainda jovem, Maomé ajudou a conduzir uma das caravanas de Meca e aos vinte e cinco anos casou-se com Khadija, a proprietária da maior caravana. Maomé visitava a Caaba, mas também passava muitos dias a meditar sozinho numa das grutas das montanhas à roda de Meca.

Aos quarenta anos, Maomé disse ter sido visitado por um ser sobrenatural quando estava a meditar. A esposa e o primo desta, um sacerdote cristão ebionita, garantiram-lhe que experimentara uma mensagem do Deus verdadeiro através do anjo Gabriel

Jesus (idade: 32 a 33 anos).

Em jovem, Jesus viveu em Nazaré e provavelmente praticou a profissão que aprendeu com José — carpintaria. Não temos registo de se ter casado. Visitava com regularidade a sinagoga local e lia as Escrituras às pessoas.

Por volta dos 30 anos de idade, Jesus apresentou-se a seu primo, João, que convidava as pessoas a arrependerem-se dos seus pecados, baptizando-as no rio Jordão. João baptizou Jesus e mais tarde declarou: “Vi e testifico que este é o Filho de Deus” (João 1:34).

Tanto Jesus como Maomé foram testados nos primeiros dias das suas revelações. Os Evangelhos dizem que Jesus venceu Satanás que tentava levá-Lo a pecar. Os hadith falam de um período em que o anjo Gabriel deixou de aparecer a Maomé, que queria por isso suicidar-se. Gabriel acabou por regressar para lhe garantir que ele era um verdadeiro profeta.

Capítulo 6: As Pessoas Reagem

Maomé — os treze primeiros anos em Meca (40 a 53 anos de idade)

Nos três primeiros anos, Maomé partilhou calmamente em Meca as suas revelações, convertendo primeiro a esposa, depois o primo de dez anos, mais alguns outros. Os líderes da sua própria tribo em Meca resistiram com vigor às suas novas ideias sobre Alá. Os convertidos ao

Islão foram perseguidos ou torturados. Em última análise, os líderes tribais decretaram um boicote contra os Muçulmanos e o clã de Maomé. Ao fim de dois ou três anos, os líderes tribais decidiram levantar voluntariamente o boicote. Apesar disso, Maomé sabia que precisava de protecção. Assinou um acordo a pedir a protecção das duas mais poderosas tribos de Medina. Ele e todos os Muçulmanos mudaram-se para Medina, tinha Maomé cinquenta anos. Aceitou doze líderes dessas tribos para serem seus assistentes especiais.

Jesus—do início do Seu ministério até ao momento em que enviou os discípulos a pregarem sozinhos (34 anos de idade)

Em contraste, poucos dias após o baptismo, Jesus foi até ao templo de Jerusalém e repreendeu o materialismo que ali encontrou, captando a atenção de todos os Judeus. Permaneceu em Jerusalém, ensinando e realizando sinais miraculosos (João 2:23). As pessoas eram atraídas pelos milagres e pela mensagem e começaram a segui-Lo. Jesus seleccionou doze homens para serem Seus discípulos mais íntimos.

Capítulo 7: Difundindo a Mensagem

Maomé — os sete primeiros anos em Medina (53 a 60 anos de idade)

A vida privada e pública de Maomé alterou-se dramaticamente depois de se mudar para Medina. Devido ao seu tratado com as duas tribos poderosas, conseguiu criar um pequeno exército e começou a lançar ataques. Obtiveram uma grande vitória de surpresa contra o exército de Meca na batalha de Badr. Depois desta vitória, Maomé transmitiu revelações do anjo Gabriel ordenando a todos os Muçulmanos que combatessem os descrentes (Sura 8:40). A maioria dos doze assistentes de Maomé tornaram-se líderes militares. Cada soldado estava autorizado a conservar uma percentagem da propriedade confiscada aos vencidos.

Em Medina, Maomé vivia perto da maior comunidade judaica da Arábia, que rejeitou a sua mensagem. Com o aumento do poderio militar de Maomé, essa comunidade passou a considerá-lo uma ameaça. Alguns Judeus cooperaram com o povo de Meca para organizar um ataque

infrutífero contra Maomé. Em troca, este atacou todas as comunidades judaicas da Arábia e confiscou as suas propriedades. Quando atacou a tribo judaica de Qurayzah, Maomé matou todos os homens (seiscentos a novecentos) e levou as mulheres e crianças como cativos.

Finalmente, a vida pessoal de Maomé em Medina tornou-se muito diferente da que levava em Meca. Casou-se com doze mulheres que se tornaram fonte de preocupação e conflito na sua vida.

Jesus—os anos finais do Seu ministério até à derradeira viagem a Jerusalém (34 a 36 anos de idade)

Quando Jesus entrou no Seu terceiro e último ano de ministério, continuou a pregar a mensagem como anteriormente, cuja difusão acelerou, enviando os discípulos a pregá-la aos pares. Instruiu-os a curarem os doentes, a ressuscitarem os mortos e a expulsarem os demónios. Não lhes era permitido levarem nem aceitarem dinheiro.

Jesus era Judeu mas foi rejeitado pela maioria dos líderes religiosos do tempo, que também planearam formas de o matar. Jesus respondeu com fortes refutações verbais, mas sem ataques físicos.

Em relação à vida pessoal de Jesus, os Evangelhos mencionam amizades íntimas, mas não descrevem que se tenha casado

Capítulo 8: Últimos Dias

Maomé — últimos três anos de vida (60 a 63 anos de idade)

Durante o seu oitavo ano em Medina, Maomé conquistou a cidade de Meca com uma força e estratégia militares superiores. Conduziu o seu cavalo pelas ruas da cidade e assumiu o controlo da Caaba em nome de Alá. Uma vez mais, declarou ter recebido revelações de Gabriel convocando os Muçulmanos a combaterem os que se recusassem sujeitar-se à autoridade islâmica. A maioria dos líderes da Arábia enviou mensageiros a Maomé dizendo-lhe que se sujeitavam a ele.

No seu décimo primeiro ano em Medina, Maomé ficou gravemente doente com febre. Depois de vinte dias de enfermidade, morreu nos braços da esposa Aisha.

Jesus — os últimos meses da Sua vida (cerca de 36 anos de idade)

Nos Seus últimos dias de vida, Jesus foi a Jerusalém para celebrar a festa judaica da Páscoa. Entrou na cidade montado num jovem jumento, com a multidão a gritar-lhe louvores. Depois de comer a refeição pascal, Jesus e os discípulos foram até um monte orar. Os líderes religiosos judeus prenderam-No ali e levaram-No a julgamento. Foi sentenciado à morte por crucificação e a sentença aplicada. Três dias depois, os Seus discípulos informaram terem-No visto outra vez vivo, faltando o corpo. Os Evangelhos registam as instruções finais de Jesus aos Seus seguidores, dizendo-lhes que pregassem a todas as nações o arrependimento e o perdão dos pecados no Seu nome

OS SEUS ENSINOS

Capítulo 10: As Suas Mensagens ao Mundo

Maomé

Maomé descreveu-se como profeta que viera apresentar o verdadeiro quadro de Alá ao mundo. Ensinou especificamente que não tinha poder para perdoar pecados. Disse que o Islão era a verdadeira religião praticada por Abraão, mas distorcida por Judeus e Cristãos. A fim de agradar a Alá e entrar no paraíso, a pessoa devia seguir os ensinamentos do Islão, em especial os cinco pilares. Se a pessoa comete um pequeno pecado, pode fazer boas obras para obter o perdão. Mas se pratica um grande pecado, apenas Alá pode decidir se lhe concederá o perdão. Depois da morte, as pessoas aguardam nos túmulos até ao Dia do Juízo. Depois, cada uma comparecerá perante Alá, que avaliará as suas obras e decidirá se a pessoa vai para o paraíso ou para o inferno.

Jesus

Jesus disse que era o Filho de Deus e que tinha autoridade para perdoar pecados. Descreveu-se como o cumprimento da Lei e dos profetas das Escrituras judaicas. Disse que voltaria no fim dos tempos para julgar os vivos e os mortos e enviar os justos para o céu e os injustos para o inferno.

Para entrar no céu, a pessoa deve crer em Jesus Cristo, evidenciado pela obediência aos Seus mandamentos.

Capítulo 11: Os Seus Ensinos Um Sobre o Outro

Maomé

Maomé costumava mencionar Jesus nos seus ensinos e expressou grande respeito por ele. Contudo, Maomé manteve sempre que Jesus foi apenas um profeta de Alá e não o Filho de Deus. Apesar de aceitar que Jesus nasceu de uma virgem, Maomé negou a Sua crucificação e ressurreição, condenando os Cristãos por adorarem Jesus como Deus.

Jesus

Como Jesus viveu seiscentos anos antes de Maomé, não falou dele directamente. Contudo, podemos extrair conclusões sobre o que Ele teria dito de Maomé, baseados nos Seus outros ensinos. Sugiro que Jesus teria desafiado o carácter profético de Maomé em três áreas: (1) o tratamento dado por Maomé a outras pessoas; (2) a descrição de Maomé das exigências para se agradar a Deus e (3) a descrição por Maomé da natureza de Deus.

Capítulo 12: Curas e Milagres

As curas e os milagres são uma parte central da história de Jesus. Mas as curas e os milagres na vida de Maomé são um ponto de debate entre Muçulmanos. Apesar de os hadith descreverem alguns milagres, o Alcorão nega que Maomé tenha praticado sinais, pelo que alguns Muçulmanos rejeitam as histórias de milagres. De uma forma ou de outra, as curas e os milagres não desempenharam um grande papel na vida de Maomé. Quando comparamos as histórias relativas a um e a outro, veremos:

1. Quanto à cura, há apenas alguns episódios anedóticos da vida de Maomé. Na vida de Jesus, verificamos que todo o Seu ministério girou em torno da cura das pessoas.

2. Quanto à expulsão de demónios, não consigo encontrar registo de Maomé ter alguma vez expulso um demónio, mas os Evangelhos descrevem Jesus a expulsar demónios com tanta frequência como curava as pessoas.
3. Quanto aos milagres da natureza, quase todas as histórias sobrenaturais contadas sobre Maomé seriam categorizadas como milagres da natureza. Contudo, não há registo de esses milagres terem uma forte influência sobre os seus seguidores. Os Evangelhos falam de Jesus a realizar milagres em apoio eficaz das Suas reivindicações pessoais.

Capítulo 13: O Significado de Guerra Santa

Tal como as curas e os milagres foram dominantes na vida de Jesus, a jihad (guerra santa) desempenhou um papel fundamental na vida de Maomé e na difusão do Islão. Durante treze anos em Meca, Maomé praticou a tolerância face à perseguição. Mas depois de ter reunido um exército em Medina, convocou a guerra santa contra os descrentes e os que o haviam perseguido. Prometeu que Alá recompensaria os Muçulmanos por entrarem na batalha. Nunca deixou de convocar a guerra santa até à sua morte. Apesar do exemplo de Maomé, os Muçulmanos moderados acreditam hoje que a guerra santa deve ser entendida como uma luta interior para se fazer o bem.

Alguns Muçulmanos apontam para alguns textos do Novo Testamento (em especial Mateus 10:34) e afirmam que Jesus convocou uma guerra santa. Contudo, o significado dessas passagens baseado no contexto não apoia essa conclusão. Pelo contrário, Jesus consistentemente recusou combater ou defender-se. Quando ameaçado, afastava-se para um lugar mais seguro. Jesus convocou os discípulos a praticarem misericórdia, paz e perdão, mesmo quando perseguidos (Mateus 5).

Capítulo 15: Ensinos Sobre o Amor

O amor deve ser compreendido no contexto de uma relação, pelo que este capítulo descreveu as relações entre Deus, o Seu mensageiro (Jesus ou Maomé), crentes e descrentes.

A relação entre Deus e o Seu mensageiro estabelece o tom para tudo quanto o mensageiro faz e ensina.

Jesus descreveu uma relação de amor entre Ele e Deus Pai. Consequentemente, Jesus amou os Seus discípulos e incitou-os a amarem os outros, mesmo os descrentes.

Maomé falou de uma relação senhor-escravo com Alá. Não falou em amar Alá nem em amar os Muçulmanos. Controlou os seus seguidores com recompensas e punições. Disse aos seus seguidores que tratassem os outros da mesma maneira — recompensar os crentes com amabilidade e punir os descrentes com a jihad.

Capítulo 16: Ensinos Sobre Oração

No Islão, a oração é um acontecimento guionado, constituído tanto por palavras como por movimentos físicos. Exigem-se orações em cinco momentos específicos do dia e concentram-se em adorar Alá e em declarar-lhe submissão. Os Muçulmanos não estão proibidos de dizerem orações adicionais para além do determinado, mas não são encorajados a fazê-lo. Não se espera que durante a oração, Alá comunique pessoalmente. (Apenas uma pequena seita, os Sufitas, crê nisso). A oração é uma forma de ganhar o favor de Alá.

Jesus rejeitou a mera repetição da oração. Na oração, ensinou os Seus discípulos a oferecerem adoração, a pedirem a Deus que cuide das suas necessidades e a pedirem perdão pelos seus pecados. Jesus usou a oração para comunicar com Deus, como uma criança faria com seu pai. Ao contrário de Maomé, Jesus disse aos Seus seguidores que orassem pelos seus inimigos.

Capítulo 17: Atitudes para com as Mulheres

Jesus e Maomé foram muito diferentes nas suas atitudes face às mulheres. Analisámos três áreas.

Carácter das mulheres: Maomé elaborou comentários negativos sobre as mulheres como grupo. Contudo, providenciou para que as necessidades materiais das Muçulmanas na comunidade fossem supridas. Jesus não fez comentários sobre o carácter das mulheres ser diferente do dos homens.

Louvou as mulheres pela sua fé, curou as que necessitavam de cura e aceitou a sua ajuda.

Ensinos sobre o casamento: No casamento, Maomé ordenou que o marido fosse o provedor e que a esposa fosse submissa. O marido podia divorciar-se da mulher alegando uma série de grandes e pequenas razões. A esposa não podia iniciar ou impedir o divórcio. Em contraste, Jesus ensinou que o divórcio devia ser permitido apenas em caso de adultério. Descreveu o casamento como uma união espiritual ordenada por Deus.

Casamento na vida pessoal: Maomé casou-se treze vezes e deixou nove viúvas. Jesus nunca se casou, mas havia um grupo de mulheres que viajava com Ele e O ajudava.

CONCLUSÃO

Espero que esta revisão o ajude a ter presente a relação entre Jesus e Maomé. Muitos procuram semelhanças entre ambos, mas ao analisar-lhes a vida em paralelo, tive de concluir que as diferenças fundamentais ultrapassam de longe as semelhanças superficiais.

Mais importante ainda, percebi que tinha de chegar a um ponto em que me era necessário tomar uma decisão pessoal. Que caminho seguir? No capítulo seguinte, vou descrever a minha escolha.

A Minha Decisão Pessoal

Durante toda a noite, a minha mente esteve concentrada como um laser na Bíblia de capa preta à minha frente. Só dei pelo tempo transcorrido quando ouvi o som de uma voz vinda do altifalante da mesquita. Era a chamada para a oração da manhã!

Olhei com surpresa para o relógio ao lado da cama — eram já 4 horas da manhã. Ouvi os membros da minha casa a andarem de um lado para o outro a prepararem-se para irem à mesquita. Mas esta manhã nem sequer ia fingir orar. Experimentei uma sensação avassaladora de paz e só queria descansar.

Depois da minha experiência na prisão, lutava com o sono todas as noites. Costumava passar horas a revirar-me na cama até finalmente cair exausto no sono. Mas esta manhã, pousei a cabeça na almofada e um minuto depois estava a dormir. Nem sequer percebi que a dor de cabeça desaparecera por completo.

Três horas depois, às 7 da manhã, acordei sentindo-me completamente refrescado. Estava pronto para tomar uma decisão. Descobrira o Deus onnipotente do céu que há tanto tempo procurava. Sem qualquer dúvida na minha mente, orei ao Deus da Bíblia e entreguei-Lhe a minha vida. Depois, virei-me de novo para a Bíblia.

Já tinha acabado de ler os Evangelhos, Actos e Romanos. Não tinha a certeza do que ler a seguir, pelo que abri ao calhas a Bíblia da farmacêutica. Caiu aberta no Salmo 91. Li todo o salmo. Voltei a lê-lo. Parecia-me uma mensagem pessoal directa à minha situação

SALMO 91

Aquele que habita
sob a protecção do Altíssimo
e mora à sombra do Omnipotente,
pode exclaimar: “Oh Senhor, Tu és o meu refúgio,
o meu castelo, o meu Deus, em quem confio!”
Na verdade, Ele há-de livrar-te de armadilhas ocultas
e proteger-te contra venenos mortais.
Ele te cobrirá com as Suas asas
e ficarás seguro sob os Seus cuidados;
com o Seu poder te protegerá e defenderá!
Não tenhas medo dos perigos da noite
nem das setas lançadas de dia,
nem da peste que alastra nas trevas,
nem dos males que matam em pleno dia:
mil cairão mortos à tua esquerda
e dez mil à tua direita,
mas tu não serás atingido.
Basta que abras os olhos,
para veres como os maus são punidos.

Porque tu fizeste do Senhor o refúgio;
o Altíssimo é a tua protecção.
Por isso, nenhum mal te acontecerá,
nenhuma doença chegará à tua casa,
porque Deus há-de enviar-te os Seus anjos,
para que te guardem em todos os teus caminhos.
Eles segurar-te-ão com as suas mãos,
para que não tropeces em pedra nenhuma.
Poderás caminhar por cima de serpentes e víboras
e calcar aos pés leões e dragões.

Deus diz: “Hei-de livrar aqueles que me amam,

Hei-de protegê-los porque reconhecem que sou o Senhor.
Quando me invocarem, hei-de responder-lhes,
quando estiverem aflitos, estarei com eles;
hei-de livrá-los e enchê-los de honras.
Hei-de recompensá-los com uma vida longa
e ficarão a conhecer a minha salvação.”

Estas palavras diziam-me que Deus conhecia os perigos que eu enfrentaria por causa da minha decisão. A minha família, os meus irmãos, o meu pai, a minha própria gente — quando soubessem da minha conversão, tentariam matar-me.

Neste salmo, ouvi Deus dizer: “Eu vou proteger-te”.

“Muito bem”, concordei. “Este salmo é a promessa de Deus e esta é a arma que vou usar durante as minhas batalhas”. Decorei todo o salmo antes de deixar o meu quarto.

CONTANDO À FARMACÊUTICA

Às 11 da manhã, estava na farmácia com os comprimidos numa das mãos e a Bíblia na outra. Dirigi-me ao balcão e devolvi os comprimidos à farmacêutica.

Ela perguntou-me: “Leu a Bíblia?”

Respondi-lhe: “Sim e decidi tornar-me cristão”.

Ela deu um salto e começou a louvar a Deus em voz alta. Depois, saiu por trás do balcão e correu a dar-me um abraço.

“Entre e sente-se”, disse ela, fazendo-me passar pela porta giratória no interior da farmácia. Com um grande sorriso, foi buscar uma cadeira para mim.

Depois de me sentar, ela disse: “Espere um pouco” e começou a discar um número no telefone. Comecei a ficar nervoso, pensando se não iria denunciar-me à polícia secreta. Talvez tudo não passasse de uma armadilha.

Mas ela estava a telefonar ao marido, um veterinário que trabalhava para o governo. “Tens de vir cá imediatamente”, disse-lhe ela.

Quando o marido chegou meia hora depois, a farmacêutica disse-me: “Queremos ouvir o que lhe aconteceu a noite passada”. Enquanto eu

falava, a farmacêutica fazia-me perguntas, mas o marido apenas me observava — em silêncio e com muita atenção.

Por fim, eu disse: “Quero recitar-lhes uma coisa”. Depois, recitei todo o Salmo 91. Pude ver lágrimas nos olhos do marido.

Ela disse: “É meio-dia. Vou fechar a farmácia e queremos convidá-lo para almoçar connosco. Depois do almoço, levamo-lo à nossa igreja”.

Durante o almoço, encheram-me de perguntas sobre a minha experiência com a Bíblia na noite anterior. Perguntei-lhe se queria que lhe devolvesse a Bíblia. “Não”, respondeu ela. “Pode ficar com ela”.

Depois, começaram a dar-me alguns conselhos sobre como deveria comportar-me. “Não diga a muita gente o que fez”, avisaram-me. “Não entre abertamente numa igreja. Muita gente irá vê-lo. Mas pode ir um grupo familiar connosco para estudar a Bíblia”. Mesmo assim, mostraram-se muito interessados em apresentar-me ao seu pastor.

Depois de falarmos com o pastor no seu gabinete, ele chegou a uma conclusão que nos chocou a todos. Basicamente disse-me: “Meu filho, pode voltar para casa. Não precisamos de acrescentar um membro à nossa congregação. E se for para casa, não perderemos nenhum membro da congregação. Não estamos interessados.”

Ele tinha receio que os Muçulmanos radicais atacassem a sua igreja se soubessem que um muçulmano apóstata estava a frequentar os seus cultos. Ao deixarmos o seu gabinete, disse-lhe: “Ouça, não estou preocupado com o que me fez agora. Aquele que me salvou ajudar-me-á e cuidará de mim. Mesmo que você me rejeite, Ele estará fielmente comigo, para onde quer que eu for. Mas você precisa de ajuda”.

A farmacêutica e o marido ficaram muito desapontados e embaraçados. Só pediam desculpas pelo sucedido. Eu também ficara aborrecido, mas podia também ver que a atitude do pastor não correspondia ao que acabara de ler na Bíblia. Estava a começar a aprender o importante princípio de separar os líderes dos seguidores. Era um princípio que precisava de aplicar tanto ao Islão como ao Cristianismo.

CRISTÃO EM SEGREDO

No ano seguinte, vivi como um “Cristão secreto” no Egipto. Não

contei à minha família o que eu fizera, mas de vez em quando passava pelo gabinete da farmacêutica quando precisava de falar. Colocava-lhe muitas perguntas sobre a Bíblia e o Cristianismo. Mas nunca precisei de lhe voltar a pedir comprimidos para as dores de cabeça. As cefaleias haviam desaparecido.

Foi um pouco difícil encontrar uma igreja que me permitisse assistir aos cultos. Fui privadamente a três diferentes pastores que me disseram não ser bem-vindo nas suas igrejas. Por fim, fui de táxi a um mosteiro no deserto nos arredores do Cairo. Era tão remoto que pensei que não teriam receio da polícia secreta da cidade. Um monge veio ao meu encontro no exterior do mosteiro e contou-me a mesma coisa: “Não podemos ajudá-lo”. Mas deu-me o nome de mais um pastor que poderia ajudar-me. No dia seguinte, fui a essa igreja. O pastor foi muito rigoroso a princípio, procurando ver se eu estava a ser honesto. Aceitou-me e durante um ano frequentei cautelosamente essa igreja até abandonar o Egipto. Digo cautelosamente porque tive o cuidado de não atrair as atenções para mim.

Seguia de autocarro até à igreja, em vez de conduzir o meu carro, para evitar ser seguido por Muçulmanos radicais. Não contei o meu testemunho aos membros da igreja. As grandes igrejas no Egipto costumam ter um polícia a servir de segurança à porta. Até ele se habituar a ver-me, escondia-me num grande grupo de pessoas quando entrava e saía. Tive de me certificar que ele não me mandava parar para saber quem eu era.

Durante o dia, continuei a trabalhar com o meu pai como director de vendas na sua fábrica de roupa.

DEIXANDO O EGIPTO

Foi apenas uma questão de tempo até a minha família descobrir. Um dia, de modo inesperado, contei a verdade ao meu pai, que de imediato puxou do seu revólver e disparou cinco balas contra mim. Dias depois, deixava permanentemente a minha casa e o Egipto. Foi o princípio de uma longa viagem que me levou do Egipto à África do Sul e, finalmente, até aos Estados Unidos, onde este livro foi escrito.

Levei comigo a Bíblia da farmacêutica e ainda hoje a trago comigo.

Ela pagou um preço por me ajudar. Depois de abandonar o Egipto, Muçulmanos radicais queimaram-lhe a farmácia, tentando matá-la. Cristãos coptas do Egipto contaram-me que ela e o marido tiveram de abandonar o país e emigrar para o Canadá.

A MINHA VIDA HOJE

Nos últimos onze anos, tenho vivido como cristão, devotando-me a dar aos Muçulmanos e a toda a gente a oportunidade de aprenderem quem é Jesus, tal como eu fiz.

Ninguém deve ser obrigado a aceitar qualquer sistema religioso. Mas todos devem ter acesso a qualquer informação que quiserem e ter a oportunidade de tomar uma decisão sem o receio do que os outros lhes posam fazer.

Oro para que as minhas palavras possam produzir a luz que guiem o leitor à paz, à alegria e ao perdão do Deus Onnipotente.

Epílogo

Se alguém contar uma história e quisermos saber a verdade, o que fazemos? Vamos às fontes.

Essa foi a intenção deste livro: ajudar o leitor a compreender o Islão e o Cristianismo, levando-o aos seus fundadores. Recordemos que não podemos compreender o Cristianismo pelo que os Cristãos fazem nem podemos entender o Islão pelo que os Muçulmanos fazem. Temos de ir às fontes originais.

Este livro é singular em diversos aspectos:

- ♦ Há apenas uma mão cheia de livros em inglês centrados na comparação entre Jesus e Maomé.
- ♦ Poucos livros em inglês sobre o Islão se baseiam num conhecimento pormenorizado do Alcorão, dos hadith e da história islâmica estudada no árabe original.
- ♦ Muitos livros em inglês sobre o Islão procuram aspectos comuns entre o Islão e o Cristianismo. Este livro permite que as diferenças entre Jesus e Maomé falem por si sós. [N. do T. — O que nestes três pontos se diz da situação em língua inglesa, aplica-se igualmente ao panorama em língua portuguesa]

Cada leitor irá reagir diferentemente a este livro:

- ♦ Uns queixar-se-ão que estou a tentar levar os Muçulmanos a

sentirem-se mal. Essa não é a minha intenção. Sei que muitos Muçulmanos são maravilhosos, amáveis, generosos, que querem viver em paz com o mundo. Eu vim da cultura muçulmana e ainda amo o povo muçulmano.

- ♦ Alguns ficarão ofendidos com a ideia de desafiar Maomé. Esse é o quadro mental da comunidade muçulmana conservadora em que cresci. Espero que sejam capazes de ultrapassar esta atitude e analisar a informação com uma mente aberta.
- ♦ Alguns ficarão cépticos, duvidando se retive alguma informação ou apresentei um quadro distorcido. Encorajo essas pessoas a confirmarem as fontes originais.
- ♦ Alguns Cristãos decidirão alterar a sua convicção de que o Cristianismo e o Islão se baseiam no mesmo Deus. Espero que permitam que outros Cristãos saibam o que aprenderam. Oro para que isso motive os Cristãos a esforçarem-se ainda mais para partilharem o evangelho com os Muçulmanos.
- ♦ Alguns sentir-se-ão atraídos por Jesus e pela Sua mensagem. Este é o melhor resultado possível da leitura deste livro.

Não posso saber qual vai ser a sua reacção pessoal, mas se vir a verdade em Jesus, encorajo-o a ler a Bíblia e a falar com Cristãos sinceros sobre esta maravilhosa forma de vida. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32).

Jesus declarou:

Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode chegar ao Pai sem ser por mim.

—JOÃO 14:6

Jesus oferece um tipo de amor que nenhum outro profeta da história jamais ofereceu:

Venham ter comigo todos os que andam cansados e oprimidos e eu vos darei descanso. Juntem-se a mim e aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração. Assim o vosso coração encontrará descanso, pois os deveres que eu vos imponho são agradáveis e os meus fardos são leves.

—MATEUS 11:28-30

Oro para que conheça o Seu amor.

Apêndice A

As Fontes de Informação Sobre Jesus e Maomé

Nunca aconteceu conversar com um amigo que começa a falar de algo e fica sem ideia do que ele está a dizer? Compreende as palavras, mas o amigo esqueceu-se de referir o tema da conversa.

Muitos leitores ocidentais que procuram ler o Alcorão ou os hadith sentem o mesmo. Conseguem ler a tradução mas precisam de mais informação para que as palavras façam sentido.

Ao longo deste livro, baseei-me muito nas citações do Alcorão, dos hadith e dos Evangelhos para explicar as histórias de Jesus e de Maomé. Este apêndice fornece a chave histórica para interpretar o Alcorão e outros escritos islâmicos.

Também aborda uma questão fundamental para Muçulmanos e Cristãos — a fiabilidade dos Evangelhos. Os Muçulmanos acreditam que Cristãos e Judeus corromperam as suas Escrituras, alterando algumas palavras ou removendo algumas partes (Sura 5:12-16). Iremos ver se esta ideia tem algum fundamento.

Este apêndice é um dos mais importantes capítulos deste livro. Não só o ajuda a compreender o que está a ler neste livro, como também a interpretar o que os outros dizem sobre o Islão e o Cristianismo.

FONTE DE INFORMAÇÃO SOBRE MAOMÉ

A informação sobre Maomé provém de quatro fontes fundamentais:

1. O Alcorão
2. Os hadith
3. As biografias de Maomé
4. A história islâmica

Analisemos cada uma delas.

O ALCORÃO

A fé islâmica baseia-se no Alcorão, que é um livro um pouco menor que o Novo Testamento cristão. Maomé ditou o Alcorão aos seus seguidores baseado nas revelações que disse ter recebido do anjo Gabriel. Maomé disse que Gabriel levou-lhe essas revelações directamente a partir de Alá.

Assim, a linguagem do Alcorão baseia-se na ideia de que Alá está a falar a Maomé. É por isso que muitos versículos começam com a frase “Diz, oh Maomé...” O formato do Alcorão consiste em Alá dizer a Maomé o que dizer. Muitos versículos também começam com a palavra *Recorda*. Uma vez mais, este formato refere-se a Alá a dizer a Maomé que recorde alguma coisa.

Sempre que vemos uma referência na primeira pessoa no Alcorão refere-se a Alá. Por vezes, surge o pronome Nós. É também uma referência a Alá. A pluralidade é usada para mostrar a grandeza de Alá, não para ensinar que há mais do que um Deus onnipotente.

Em relação à informação sobre Maomé, o Alcorão é a nossa fonte mais fiável Maomé esteve no controlo total do que ficou registado como revelação corânica. Foi o único capaz de declarar que uma palavra vinha de Alá e que devia ser reunida ao Alcorão.

Maomé declarou ter recebido revelações do anjo Gabriel durante um período de vinte e três anos. Muitas dessas revelações eram respostas a eventos históricos, como uma batalha ou uma questão sobre o

comportamento na sociedade islâmica. O Alcorão pode ser confuso, a não ser que tenhamos conhecimento desses eventos correspondentes. Alguns exemplares do Alcorão dão informação sobre o contexto de certas passagens. Os Muçulmanos também dependem dos comentários corânicos para os guiarem nesta questão.

Um comentário em Inglês de fácil acesso é *The Meaning of the Quran*, de Syed Maududi.

Neste livro, apresento o contexto histórico pertinente das citações que faço do Alcorão.

O problema da língua

Os Muçulmanos tradicionais acreditam que o Alcorão só pode ser compreendido na sua língua original — o Árabe clássico. Quando era criança, o meu tio esforçava-se muito a treinar-me no Árabe clássico. Sem uma preparação especial, os falantes árabes não conseguem compreender o Árabe clássico, usado não apenas no Alcorão mas também nos hadith e noutra literatura primitiva. Para compreender esses textos, muitos Muçulmanos dependem de comentários e do que lhes é ensinado na mesquita ou através da comunicação social muçulmana.

Os Muçulmanos que conseguem entender o Árabe clássico hesitam muito em traduzir os textos para Inglês porque a tradição islâmica diz que o Árabe clássico é a língua do céu. Portanto, as traduções inglesas do Alcorão e dos hadith são quase sempre produzidas por pessoas que não são falantes do Árabe. As suas traduções veiculam a ideia do texto, mas por vezes a sua compreensão do Árabe não é clara e, em resultado, a sua escolha das palavras em Inglês por vezes não se torna também clara.

Quando fiz as minhas pesquisas, li as fontes no Árabe original. Depois de obter a informação nos meus livros em Árabe, pude comparar com as traduções inglesas. A maioria delas está correcta, mas ocasionalmente usei a minha própria tradução por questões de clareza. A informação tanto das referências árabes como inglesas está incluída nas notas e na bibliografia.

HADITH

Muitos ocidentais bem formados não têm uma compreensão do

segundo corpo mais importante de literatura da teologia islâmica — os *hadith*.

Em vez de apresentar uma definição académica dos *hadith*, começo por dizer como foram criados.

Deixem-me dar um exemplo da vida de Maomé. Está em sua casa em Medina com um dos seus servos (Abu Haraira) quando lhe é apresentado um homem que bebeu vinho, em violação da lei islâmica. Maomé ordena ao Muçulmano que o castigue, batendo-lhe. O servo observa tudo isto e guarda o episódio na memória. Na próxima vez que uma situação semelhante ocorre, o servo conta: “Ouvi o profeta dizer isto e isto nesta e naquela situação”.¹

Depois da morte de Maomé, a informação sobre a sua vida e ensinamentos tornou-se muito preciosa. O servo começa a preocupar-se com a hipótese de adoecer e morrer, perdendo-se assim a história. Então, pede a alguém que a escreva num pergaminho. O pergaminho torna-se precioso e é passado cuidadosamente de geração em geração.

Esta história é um exemplo de um *hadith*. A palavra *hadith* significa “um relato de algo que Maomé fez ou ensinou”. Podemos falar de um *hadith* ou de colecções de *hadith*.

O servo da história anterior é um exemplo de uma narrativa de *hadith*. Quase todos eles apresentam o seu narrador, a quem é creditada a primeira narração da história. Este servo é considerado narrador de milhares de *hadith*. Os outros servos de Maomé, os seus companheiros íntimos e as esposas (em especial Aisha) são também considerados autores de *hadith*. Quando listei as fontes dos *hadith*, incluí por vezes o nome do narrador porque fornece boa informação sobre a fiabilidade do *hadith*.

Vejamos como foram reunidos e conservados os *hadith* até ao presente. Duzentos anos depois da morte de Maomé, desenvolveu-se uma rica tradição de erudição na comunidade islâmica. Eruditos de diferentes áreas estudavam os *hadith* a que tinham acesso. Estes mestres religiosos começaram a ver a necessidade de reunir os *hadith* de diferentes lugares e de os juntar num único corpo. Assim, viajaram e falaram com todos os familiares e descendentes dos que tiveram contacto directo com Maomé. Estas pessoas contaram os *hadith* que haviam conservado em rolos ou transmitidos oralmente. Os dois editores mais respeitados de *hadith* são

Al-Bukhari (194-256 d.H.) e Muslim (202-261 d.H.), que coleccionaram hadith durante o mesmo período de tempo.

Al-Bukhari e Muslim não aceitaram todas as histórias que as pessoas lhes contaram de Maomé. Primeiro, procuraram a fonte original da história, ou o narrador, para ver se essa pessoa seria uma fonte fiável de informação no hadith. Também compararam a história com outros relatos sobre Maomé, para ver se eram consistentes. Só então o hadith era acrescentado à colecção.

Bukhari escolheu 9.082 hadith para a sua colecção. Contudo, o número reflectia múltiplas narrações da mesma história. Quando essas repetições foram levadas em conta, houve cerca de 2.602 relatos separados referentes à vida de Maomé. A colecção de Muslim contém um total de cerca de 4.000 hadith, incluindo repetições.²

Há alguma história inexacta nos hadith? Sim, naturalmente. Os próprios eruditos Muçulmanos reconhecem que este processo não podia ser perfeito. Há centenas de anos, os eruditos começaram a avaliar a fiabilidade das diferentes colecções de hadith. Destes, os eruditos escolheram seis colecções que são consideradas as mais fiáveis e são conhecidas como os "livros correctos" dos hadith (*sahih*). A mais respeitada é a *Sahih al-Bukhari* seguida por *Sahih Muslim*.

Nos tempos modernos, mesmo os livros correctos dos hadith têm sido questionados. Há uma complexa “ciência de hadith” que avalia cada história na base da sua fiabilidade. O mais famoso erudito muçulmano da ciência dos hadith é al-Elbani, que dividiu os hadith de todo os seus dois livros correctos de hadith em dois conjuntos — um catalogado como deficiente e o outro como correcto.

Para um ocidental, este assemelha-se a um debate académico, mas para quem trabalha no Médio Oriente como imã ou professor, esta é uma informação necessária numa base diária. Como imã, lembro-me de um homem que me viu a lavar-me antes da oração e pôs em causa a forma como eu limpava o cabelo. “Porque te lavas dessa forma?” perguntou ele. “O hadith de Muwatta diz para o fazer de uma maneira diferente”.

Respondi-lhe: “Sim, sei o que Muwatta diz, mas Bukhari diz desta maneira e Bukhari é mais correcto que Muwatta”.

Qual a diferença entre hadith e o Alcorão?

Com o fito de obter informação sobre Maomé, há uma diferença fundamental que precisa de ser reconhecida em relação ao Alcorão e aos hadith. Maomé esteve completamente envolvido no que foi acrescentado à colecção das revelações corânicas. Em contraste, não teve qualquer controlo directo sobre o que foi conservado como hadith. Por vezes, as pessoas limitavam-se a observá-lo e a registar o que viram. Por vezes, Maomé contava histórias às pessoas que as repetiam. Mas ele não podia controlar a informação que repetiam ou o seu rigor.

Esta diferença torna-se pertinente quando consideramos uma questão como milagres. O Alcorão diz que Maomé não passava de um homem que não fez sinais para provar ser um profeta de Alá. Contudo, os hadith contêm diversas histórias sobre Maomé a realizar milagres. (Ver capítulo 12, “Curas e Milagres”). Como lidar com esta contradição? Como o Alcorão veio directamente pela boca de Maomé, temos de considerar a informação corânica como mais fidedigna daquilo que de facto Maomé fez. Portanto, os eruditos islâmicos tendem a dizer que muitas das histórias miraculosas dos hadith foram inventadas pelos seguidores de Maomé.

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE MAOMÉ

A par dos hadith, os eruditos islâmicos também se socorrem de outros dois tipos de livros — biografias de Maomé e histórias islâmicas. No livro que estão a ler, utilizei as duas fontes seguintes:

A biografia mais popular e de mais confiança de Maomé foi escrita por Ibn Ishaq (83-132 d.H.). Os seus escritos antecedem Bukhari e Muslim em cerca de setenta anos, mas são considerados um pouco menos fiáveis. Contudo, teria baseado a sua biografia no mesmo hadith que Bukhari e Muslim reuniram setenta anos depois. A obra de Ibn Ishaq foi editada e popularizada cerca de setenta anos depois por ibn Hisham. O meu exemplar árabe está publicado em três volumes, com um total de 1.020 páginas. Ironicamente, o avô de Ibn Ishaq era um Cristão do Iraque forçado a converter-se ao Islão pelo primeiro califa após a morte de Maomé.³

Também utilizei informação de um dos mais pormenorizados livros de história islâmicos, *O Princípio e o Fim*, escrito por Ibn Kathir (700-774 d.H.). Ibn Kathir produziu uma obra maciça que descreve a história do mundo do ponto de vista islâmico, partindo da criação e terminando pouco antes da morte do autor em 774 d.H. Li esta obra mais de uma vez porque é um livro que estudamos em pormenor em Al-Azhar. Este conjunto de nove volumes não está disponível em Inglês.

Embora estes livros não sejam tão reverenciados como os livros correctos de hadith, são úteis na medida em que fornecem informação sobre Maomé.

Agora, consideremos um grande desafio que os Muçulmanos apresentam em relação à Bíblia.

A BÍBLIA FOI CORROMPIDA?

Maomé ensinou que Cristãos e Judeus corromperam a Bíblia. Por outras palavras, disse que a Bíblia era rigorosa quando foi escrita pela primeira vez mas que Judeus e Cristãos mais tarde a alteraram para se adaptar às suas próprias intenções.

Em relação aos Judeus, o Alcorão diz:

Eles [os filhos de Israel] pervertem as palavras dos seus próprios lugares e esqueceram uma boa parte daquilo com que foram exortados.

—SURA 5:14

Em relação aos Cristãos, o Alcorão diz:

E da parte dos que dizem “Nós somos Cristãos”, Nós aceitámos-lhes um pacto, mas eles também se esqueceram de uma boa parte daquilo com que foram exortados,

—SURA 5:15; VER TAMBÉM O VERSÍCULO 15

Maomé afirmava que se as Escrituras não tivessem sido corrompidas, então ainda conteriam as profecias relativas à sua vinda.

Maomé explicou quando ou como as Escrituras foram corrompidas, ou quem o fez? Não. Apresentou alguma prova destas alterações, fornecendo um exemplar correcto das Escrituras? Não.

As descobertas arqueológicas do passado século, contudo, refutam o ensino de Maomé. Há dois livros cristãos populares disponíveis que descrevem como o Novo Testamento foi conservado com rigor. São eles: *The Case for Christ* de Lee Strobel (Harper Collins/Zondervan), em especial o capítulo 3, e *Jesus: The Great Debate*, de Grant R. Jeffrey (Word), Analisemos as suas provas relativas à fiabilidade dos Evangelhos.

Ao determinar a fiabilidade de um documento antigo, precisamos de prestar atenção a três coisas:

1. A quantidade de tempo que medeia entre o original e a mais antiga cópia conhecida.
2. O número de cópias descobertas de antigas fontes
3. A consistência entre cópias antigas e cópias modernas.

Ponto nº 1: idade dos manuscritos mais antigos

A evidência histórica da fiabilidade do Novo Testamento coloca à distância a quantidade de provas em favor da fiabilidade de qualquer outro manuscrito antigo.

O fragmento mais antigo descoberto do Novo Testamento foram os cinco versículos do Livro de João descobertos num fragmento de papiro do Egipto. Com base no estilo da escrita, o fragmento foi datado entre 100 e 150 a.D., o que significa apenas quinze a sessenta e cinco anos após a altura em que o livro de João terá sido escrito.

Esta é uma prova poderosa, em especial quando comparada com as provas disponíveis relativas a outros manuscritos dessa época. Por exemplo, o fragmento mais antigo do registo histórico de Tácito, escrito cerca de 116 a.D., data de 850 a.D.

A mais significativa descoberta de textos do Novo Testamento são papiros datados de cerca de 300 a.D., que contêm porções dos quatro

Evangelhos e do Livro de Actos e papiros datados de cerca de 200 a.D., que contêm porções das Epístolas e do Livro de Hebreus.

Uma outra descoberta importante foi uma cópia completa do Novo Testamento (*Codex Sinaiticus*) datado de 350 a.D.

Ponto n° 2: quantidade de manuscritos

No total, há 5.644 manuscritos registando porções do Novo Testamento em Grego, a sua língua original. Outras 19.000 cópias adicionais estão disponíveis noutras línguas como Latim, Etíope, Eslávico e Arménio.

Comparado com o número de cópias disponíveis de outros manuscritos antigos, esse número é enorme. A seguir ao Novo Testamento, o manuscrito com o maior número de cópias é a Ilíada de Homero, com apenas 650 manuscritos gregos hoje sobreviventes.

Ponto n° 3: consistência dos manuscritos

Havia discrepâncias entre os diversos manuscritos do Novo Testamento? Para além de erros menores de cópia, a resposta é não. Nenhuma das doutrinas cristãs é afectada por essas diferenças menores.⁴

Esta evidência é uma forte prova de que o Novo Testamento em uso ao tempo de Maomé e o Novo Testamento usado hoje são cópias fiéis dos livros originais. Agora que estabelecemos a fiabilidade das cópias do Novo Testamento, vejamos como os Evangelhos foram escritos.

FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE JESUS

Para informação sobre Jesus, dependi dos quatro Evangelhos registados no Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas e João. Semelhantes aos hadith, são relatos do que Jesus fez e ensinou, tal como os Seus seguidores registaram.

Novas provas mostram que estes Evangelhos foram escritos menos de sessenta anos depois da morte de Jesus pelos autores que ou foram testemunhas oculares do que aconteceu ou pessoas que estiveram em contacto com testemunhas oculares.

Eis uma breve biografia de cada evangelista.⁵

Biografia de Mateus

Antes de Jesus o chamar para ser um dos Seus doze discípulos, Mateus era um cobrador de impostos. Como judeu, Mateus escreveu este livro especialmente para o povo judeu, citando com frequência profecias do Velho Testamento em referência a Jesus. Escreveu este livro entre 60 e 65 a.D., o que significa cerca de trinta anos após a morte de Jesus. Podemos imaginar que Mateus teria a mesma idade de Jesus quando se tornou discípulo, o que significa que provavelmente era um sexagenário quando escreveu este livro. A história da Igreja sugere que viveu até aos noventa e que morreu de causas naturais ou à espada.

Biografia de Marcos

Marcos não foi um dos doze apóstolos, mas crê-se que foi um dos setenta discípulos que Jesus enviou a pregar e a mostrar sinais ao povo. É mencionado no Livro de Actos como João Marcos. A sua apresentação da vida de Jesus mostra a personalidade de Jesus através dos Seus milagres e ensinamentos. Marcos escreveu o seu evangelho quando se encontrava com os crentes em Roma, entre 55 e 65 a.D. É considerado o primeiro Evangelho a ser escrito. Marcos foi martirizado em Alexandria. Foi preso a um cavalo por um corda e arrastado pelas ruas da cidade até morrer.

Biografia de Lucas

Lucas é um escritor singular dos Evangelhos em vários aspectos. É um médico grego, o único gentio a escrever um Evangelho. Foi também o único autor que não viajou pessoalmente com Jesus. Foi companheiro do apóstolo Paulo na maioria das suas viagens missionárias e aprendeu a história de Jesus nos seus contactos com Paulo e outros Cristãos. Lucas escreveu tendo em mente o leitor grego. A sua intenção era apresentar uma descrição pormenorizada da vida de Jesus e mostrá-Lo como o homem e o salvador perfeito. Os eruditos bíblicos crêem que escreveu este livro por volta de 60 a.D., em Roma ou Cesareia.

Biografia de João

João era já um idoso quando escreveu este livro — provavelmente com cerca de oitenta anos. Escrito após a destruição de Jerusalém, algures

entre 85 e 90 a.D., este foi o último dos evangelhos bíblicos a ser escrito. João escreveu de um ponto de vista teológico; a sua intenção era declarar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que oferece vida eterna aos que crêem. Depois de escrever este evangelho, João foi enviado para morrer à fome na ilha de Patmos, mas pouco depois foi libertado e morreu de morte natural.

DIFERENÇAS ENTRE OS EVANGELHOS E OS HADITH

O leitor provavelmente já reparou que há muitas diferenças circunstanciais entre os hadith e os Evangelhos. Analisemos estas diferenças e vejamos se afectam o nosso estudo de Jesus e de Maomé.

A primeira grande diferença tem a ver com a data em que os livros foram escritos. Os hadith só foram formalmente coligidos duzentos anos depois da morte de Maomé, enquanto três dos quatro Evangelhos foram escritos por pessoas que andaram pessoalmente com Jesus. Apesar de haver mais possibilidade de os hadith ficarem sujeitos ao erro, creio que o retrato geral de Maomé continua a ser rigoroso.

Uma segunda diferença consiste na organização do material. Os hadith não são apresentados numa ordem de ocorrência na vida de Maomé. Precisamos de recolher pedaços de informação, a fim de elaborar um quadro completo. Por causa do formato dos hadith, é difícil a uma pessoa sem formação especial compreendê-los plenamente. Em contraste, os Evangelhos começam com o nascimento de Jesus e descrevem a Sua vida até à Sua morte e ressurreição. São fáceis de compreender sem informação adicional.

Terceiro, a quantidade de informação é a mesma. Há cerca de meio milhão de hadith, comparados com um total de noventa capítulos nos Evangelhos. Contudo, apesar de o registo dos Evangelhos ser curto, apresenta mesmo assim um retrato completo da vida de Jesus.

Em conclusão, apesar de haver diferenças circunstanciais entre os hadith e os Evangelhos, creio que fornecem ambos uma informação rigorosa.

CONCLUSÃO

Estamos agora preparados para uma boa compreensão das citações apresentadas neste livro retiradas das cinco fontes principais sobre a vida de Jesus e de Maomé:

- ♦ O Alcorão
- ♦ Os hadith
- ♦ Biografias de Maomé
- ♦ História islâmica
- ♦ Os Evangelhos

Apêndice B

Os Ensinos Islâmicos Respeitantes às Profecias Bíblicas Sobre Maomé

Sabia que, de acordo com o Alcorão, a vinda de Maomé foi profetizada na Bíblia?

Os que seguem o Mensageiro, o Profeta... a quem eles acham mencionado na Torah e no Evangelho...

—SURA 7:158

Então, porque não vemos claramente essas profecias? O Alcorão ensina que Judeus e Cristãos alteraram quase todas as partes das suas Escrituras que falavam de Maomé:

Eles pervertem as palavras dos seus próprios lugares e esqueceram uma boa parte daquilo com que foram exortados.

—SURA 5:14

Contudo, os eruditos muçulmanos dizem: “Existem na Taurat [Torá] e no Injeel [Evangelho], mesmo depois de o texto original ter sido distorcido, claras profecias indicando a vinda do Profeta Maomé”¹

Vejamos agora os versículos bíblicos citados por estes estudiosos muçulmanos. Analisaremos cronologicamente a Bíblia.

O PROFETA

Na seguinte passagem, Deus está a falar a Moisés:

Hei-de fazer surgir sempre, no meio deles e dentre os seus compatriotas, um profeta semelhante a ti. Hei-de dar-lhe a conhecer a minha palavra e ele há-de dar-vos a conhecer tudo o que eu lhe mandar.

—DEUTERONÓMIO 18:18

Deus estava a dizer a Moisés que daria aos filhos de Israel um profeta para que o povo não tivesse de ouvir directamente a sua voz. Isto cumpriu-se na história dos filhos de Israel, pois receberam muitos profetas.

A PEDRA DE ESQUINA

A pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se a pedra principal. Isto foi feito pelo Senhor; é uma maravilha que nós podemos ver!

—SALMO 118:22-23

Jesus citou esta profecia em Mateus 21:42-43, indicando ter sido ele a cumpri-la.

A LUZ VINDOURA

Eis o meu servo, que eu seguro pela mão, aquele que eu decidi escolher. Sou eu mesmo que o inspiro, para que leve às nações o que é direito. Ele não grita, não levanta a voz, nem se farão ouvir nas ruas os seus discursos. Eu, o Senhor, chamei-te e levo-te pela mão, para seres instrumento de justiça; formei-te para garante da minha aliança com o povo, para seres luz das nações, para dares aos cegos a luz dos olhos, para tirares da cadeia os prisioneiros e da masmorra os que habitam nas trevas.

—Isaías 42:1-2, 6-7

Uma vez mais, os Cristãos acreditam fortemente que esta profecia se refere a Jesus, que viveu seiscentos anos antes de Maomé.

O SANTO DO MONTE PARAN

Deus vem da região de Teman; o Deus santo vem do monte Paran. A sua luz estende-se por todo o céu e a terra está cheia do seu esplendor.

—Habacuque 3:3

A parte deste versículo que os Muçulmanos focam é “o Santo do Monte Paran”. Dizem que o Monte Paran se situa em Meca, local de nascimento de Maomé. Mas na realidade, o monte Paran não se situa na Arábia, mas no deserto do Sinai. Assim, esta profecia não faz referência ao local de nascimento de Maomé.

O CONSELHEIRO

E eu hei-de pedir ao Pai que vos envie um outro para vos ajudar, o Espírito de verdade, que há-de viver para sempre convosco. Os que são do mundo não o podem receber, porque não o vêem nem o conhecem. Mas vocês conhecem-no porque ele está ao vosso lado e dentro de vós mesmos.

—João 14:16-17

Os Cristãos concordam que esta é uma referência ao Espírito Santo vivendo no íntimo do crente cristão. A par disso, este versículo diz várias coisas que não são verdade sobre Maomé. Por exemplo, diz que o conselheiro estaria com eles “para sempre”. Maomé não ficou com os seus seguidores para sempre. Morreu. Também diz que o mundo não o veria nem o conheceria. Mas Maomé foi visto e conhecido por muita gente. Finalmente, diz que o Conselheiro viveria no íntimo das pessoas. Maomé não podia viver no íntimo de ninguém porque não era um espírito.

O Espírito Santo, que o Pai vos enviará a meu pedido, há-de ensinar-vos tudo e fará com que vocês se recordem de tudo o que eu vos ensinei.

—JOÃO 14:26

Este versículo diz claramente que o Conselheiro é o Espírito Santo.

Mas fiquem sabendo que é melhor para vocês que eu vá. Se eu não for, o Espírito não virá para vocês. Mas se eu for, sou eu mesmo que o envio.

—JOÃO 16:7

Uma vez mais, a profecia de Jesus respeitante ao Espírito Santo como o Consolador vindouro é considerado como referido a Maomé.

Recordemos que, mais tarde, Jesus falou mais sobre esta profecia. Quando estava a ascender ao céu, disse: “Não se afastem de Jerusalém. Esperam que se cumpra a promessa que meu Pai fez e de que eu já vos falei. De facto, João baptizou com água, mas, dentro de alguns dias, vocês vão ser baptizados com o Espírito Santo” (Actos 1:4-5). Mais tarde, essa promessa cumpriu-se no Dia de Pentecostes, quando ouviram o som de um vento violento, viram línguas de fogo e foram cheios com o Espírito Santo (Actos 2:1-4).

CONCLUSÃO

Como podemos ver, estas profecias tiveram o seu cumprimento fora de Maomé. Essa é uma outra indicação da fraqueza da doutrina islâmica sobre a corrupção das Escrituras.

Apêndice C

Profecias do Velho Testamento Sobre Jesus

Uma das mais importantes provas de que Jesus contou a verdade é que muitas profecias do Velho Testamento se cumpriram na Sua vida. A seguir, indico uma lista de algumas dessas profecias, com referências tanto do Velho como do Novo Testamento.

1. JESUS CRISTO É A SEMENTE DE ABRAÃO

Velho Testamento

Gênesis 22:18
Gênesis 49:10
Isaías 11:1

Novo Testamento

Mateus 1:1-16

2. JESUS É DA CASA DE JESSÉ

Velho Testamento

Isaías 11:1, 10

Novo Testamento

Mateus 1:5-16

3. JESUS CRISTO NASCEU EM BELÉM

Velho Testamento

Miqueias 5:2

Novo Testamento

Mateus 2:1

4. JESUS CRISTO TEVE UM NASCIMENTO VIRGINAL

Velho Testamento

Isaías 7:14

Novo Testamento

Lucas 1:26-33

5. JESUS CRISTO FOI CHAMADO DO EGITO

Velho Testamento

Oseias 11:1

Novo Testamento

Mateus 2:14-15

6. O MINISTÉRIO, HUMILDADE E MILAGRES

Velho Testamento

Isaías 35:4-6

Isaías 42:1-4

Novo Testamento

Mateus 11:28-30

Mateus 11:2-5

7. JESUS É O SALVADOR DO MUNDO

Velho Testamento

Gênesis 3:15

Lucas 19:10

Novo Testamento

Mateus 18:11

João 12:47

8. JESUS ENTRA EM JERUSALÉM MONTADO NUMA MULA

Velho Testamento

Zacarias 9:9

Novo Testamento

Mateus 21:7-11

9. JESUS CRISTO FOI TRAÍDO

Velho Testamento

Zacarias 11:12-13

Novo Testamento

Mateus 27:3-8

10. JESUS FOI ABANDONADO PELOS DISCÍPULOS EM FUGA

Velho Testamento

Isaías 53:1-3

Novo Testamento

Mateus 26:56

11. JESUS PERMANECE SILENCIOSO DURANTE O SEU JULGAMENTO E MORRE PELA SALVAÇÃO DO MUNDO

Velho Testamento

Isaías 53:4-8

Mateus 27:14

Novo Testamento

Mateus 26:63

João 18:14

12. JESUS DURANTE OS EVENTOS DA CRUCIFIXÃO

Velho Testamento

Isaías 50:6

Salmo 22:1-18

Salmo 69:21

Novo Testamento

Mateus 26:67

Mateus 27:26, 35, 39, 43,

46,48

13. JESUS É CRUCIFICADO ENTRE DOIS LADRÕES E SEPULTADO NO TÚMULO DE UM RICO

Velho Testamento

Isaías 53:9

Novo Testamento

Mateus 27:38, 57-60

14. JESUS RESSUSCITA E LIBERTA AS ALMAS DOS QUE MORRERAM NA ESPERANÇA DA RESSURREIÇÃO

Velho Testamento

Salmo 16:10

Salmo 24:7-10

Novo Testamento

Mateus 28:5-7

1 Pedro 3:9

Apêndice D

Jesus no Alcorão e na Bíblia

Este quadro foca especificamente os ensinamentos do Alcorão sobre Jesus confirmados na Bíblia. Logo, não inclui ensinamentos do Alcorão que discordam da Bíblia. Este quadro fornece uma riqueza de informação para se compreender o quadro mental dos Muçulmanos relativamente a Jesus.

TÍTULOS	ALCORÃO	BÍBLIA
Um Homem de Paz (<i>Salam</i>)	19:34-35	Isaías 9:6; Daniel 19:25
Um Homem Perfeito (<i>Sawiyan</i>)	19:18	1 Coríntios 13:10
Apóstolo (Mensageiro) (<i>Rasul</i>)	2:82-88, 253-255; 3:43-50	Hebreus 3:1; Mateus 10:40
Um Espírito de Deus (<i>Ruh</i>)	4:169-172	Mateus 12:28; Lucas 1:35
Uma Palavra de Deus. A Sua (de Deus) Palavra (<i>Kalimah</i>)	3:34-40, 40-46; 4:169-172	João 1:1. 14
Uma Palavra de Verdade (<i>qaud Al-haqq</i>)	19:35-35	João 14:6; Efésios 1:13
Um Exemplo (modelo) (<i>Mathal</i>)	43:57-60	João 13:1-11
Portador de Sabedoria (Hikmah)	43:64	Lucas 2:40-52
O Casto (<i>Hasuwur</i>)	3:40	2 Coríntios 5:21; 1 Pedro 2:21
Sumamente Honrado (Eminente) neste Mundo e no Outro (<i>Wajihan</i>)	3:40-46	Filipenses 2:2-10
Dador de Boas Dádivas	61:7	Lucas 4:18; Actos 10:38
Conhecimento da Hora (Ilm)	43:62	Mateus 24:36-44; João 4:25

Conhecível nas Escrituras	3:43-49; 5:109-111	Mateus 12:25; João 4:25
Como Adão (Mathal Adam)	3:52-60	1 Coríntios 15:45-47
Messias (Al-Masih)	3:40-46; 4:156-158	Mateus 16:16; João 1:41
Misericórdia para Nós (Boa)	19:22	Mateus 9:27-30
Operador de milagres	3:50	Marcos 1:34; 5:41-42; 6:33
Nobre (Senhor) (<i>Sayyid</i>)	3:40-47	Mateus 21:8-10
Um dos Justos (<i>min al Salihin</i>)	3:40-42; 7:111-115	Mateus 27:19; 2 Timóteo 4
Um dos Íntimos de Deus	2:130-137; 4:161-164	João 14:9-10; Hebreus 2
Profeta (<i>Nabiyy</i>)	19:22	Mateus 21:11; Lucas 4:24
Revelação à Humanidade (<i>Ayah</i>)	4:170-173; 19:32	Lucas 2:10, 30-32
Servo de Deus (<i>Abd Allah</i>)	4:170-172; 19:31	Mateus 12:18; João 4:34
Sinal para Todos os Seres (<i>Ayah</i>)	3:44-51; 19:22; 21:92	Mateus 2:2-9
Sinal da Hora (<i>Dia do Juízo</i>)	23:51	Mateus 24:37-38; Actos 1:11
Filho de Maria (<i>Ibn Maryam</i>)	3:40-46; 4:157-172	Lucas 2:48
O Bem-Aventurado (Mubarak)	19:31-33	Mateus 21:9; Lucas 1:42
O Filho Imaculado (Santo, Puríssimo) (<i>Zakiyyin</i>)	19:20	Lucas 23:4, 14, 41; Actos 2:14
O Confirmado (Fortalecido com o Espírito Santo (Ruh Al-Quds)	2:81-88, 253-255	Marcos 1:112; Lucas 4:14
O Que Deve ser Seguido	43:62	João 1:37; 10:27
O Que Deve ser Obedecido	3:44-51	Mateus 8:27; 17:5; Marcos 1:3
A Verdade do Teu Senhor (<i>All-haqq</i>)	3:53-61	João 8:32-36; 14:6
Testemunha do Dia da Ressurreição (<i>Shahid</i>)	4:45 e seg.; 5:118	Mateus 24
Testemunha para os Povos	5:110-118	João 5:30

Notas

Nota do editor: A menos que haja indicação em contrário, toda a tradução do material árabe foi realizada pelo Autor.

CAPÍTULO 1 EDUCADO NO ISLÃO

1. Islam for Today, s.v. Universidade Al-Azhar, Cairo, “Historical Background”, <http://www.islamfortoday.com/alazhar.htm> (consultado em 17 de Dezembro de 2003)

CAPÍTULO 4 DESTINOS DA INFÂNCIA

1. Ibn Hisham, *The Life of Muhammad*, 3ªed., vol. 1, pt. 1 (Beirute, Líbano: Dar-al-Jil, 1998), p. 295. Narrado por Othman Ibn Abi El-Aaas. Ver também Ibn Kathir, *The Beginning and the End*, vol. 1, pt. 2 (Beirute, Líbano; The Revival of the Arabic Tradition Publishing House, 2001), p. 290. Mencionei esta anedota da mãe de Maomé por ser familiar à maioria dos Muçulmanos; contudo, há alguma dúvida quanto à sua autenticidade. O próprio Maomé nunca a contou. Só trinta anos depois da morte de Maomé é que Othman indicou ter recebido esta história da mãe dele. Há então a possibilidade de Othman ter introduzido a história para ajudar a convencer as pessoas de que Maomé era um verdadeiro profeta. O comentário de Othman sobre as estrelas pode ter sido inspirado pela história de José, recontada pelo Alcorão, em que este diz ao pai ter visto o Sol, a Lua e as estrelas curvarem-se perante si (Sura 12).
2. Sahih Muslim (*The Correct Books of Muslim* [Os Livros Correc-tos de Muslim]), tradução inglesa de Abdul Hamid Siddiqui, (Nova Delhi, Índia, Kitab Bhaven, 2000; Chicago, IL: Kazu Publications, 1976), lv. 1, nº 311. o material foi consultado no website da University of Southern Califórnia, 2003. Narrado por Anas ibn Malik. Outros hadith também registam esta história com as versões mais populares a descreverem dois anjos na cena.
3. Dr. A. Shalaby, *Encyclopedia of Islamic History* (Cairo, Egipto: Dar al-Nahadah, 1973).

4. Ibn Kathir, *The Beginning and the End*, I vol. 1, pt. 2, p. 297. Ver também Ibn Hisham, vol. 1, pt. 1, p. 321 e Ibn Ishaq, *The Life of Muhammad: A Translation of Ibn Ishaq's Sirat Rasul Allah*, traduzido por A. Guillaume, 16ª edição (Karachi, Paquistão: Oxford University Press, 2003), pp. 79-81.

CAPÍTULO 5

O INÍCIO DAS REVELAÇÕES

1. Ibn Ishaq, p. 82.
2. Abu Musa al-Hariri, *Priest and Prophet; Research in the Rise of Islam*, 13ª ed. (Líbano; House for the Advancement of Scholarship, 1991), 231 p. 37. Al-Hariri indicou diversas fontes para a sua informação sobre Waraqa, incluindo; *Tabakat ibn Saad*, vol. 1, pp. 19, 129, 131, 156, 168; *As Sirah al Halabiyah*, vol., 1, pp. 147, 152-153; *Al Sirab Al Mecciyah*, vol. 1, p. 188; *The History of the Prophet and the Kings*, conhecido como *Tarif Al-Tabari*, vol. 2, p. 281; Ibn Hisham, vol. 1, p. 174. Descobri este livro depois de me tornar cristão e de estar a viver na África do Sul. Abu Musa é o pseudónimo de um monge maronita do Líbano que escreve sobre a relação entre o Islão e o Cristianismo. Este monge passou a vida num mosteiro, pesquisando a relação entre a Bíblia e o Alcorão e entre o Cristianismo e a relevância de Maomé. O livro é bem conhecido nos círculos cristãos arabófonos do Médio Oriente. O que me chocou foi que este monge estava a escrever num árabe clássico admirável. Nunca pensei que qualquer cristão tivesse a capacidade de usar essa língua. Este monge usou com muita mestria o Alcorão, os hadith e outras fontes históricas. Por exemplo, soube de Waraqa pelos meus estudos em Al-Azhar, mas não sabia muito das crenças da sua seita, os Ebionitas. Em Al-Azhar nunca recebemos qualquer informação ou sinal de Maomé ter sido influenciado por fontes externas. Este livro foi-me dado por um missionário do Líbano que recebeu lições do autor num seminário católico no Líbano. Sempre que o monge citava informação do Alcorão ou dos hadith, eu reconfirmava e ele estava correcto. Não consegui confirmar algumas das suas fontes porque não tinha os livros à minha disposição. Este livro ainda não foi traduzido para Inglês.
3. www.Jesus-Institute.org. *History and Timeline of Jesus*, “First

Century Context of Palestine (Israel)”, educational setting, www.jesus-institute.org (consultado a 2 de Janeiro de 2004)

4. *Sahih al-Bukhari (The Correct Books of Bukhari)*, vol. 9, lv. 93, nº 588, tradução inglesa do Dr. Muhammad Muhasin Khan. O material foi consultado no website da University of Southern California, 2003.
5. Al Hariri, *Priest and Prophet*.
6. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 6, lv. 60, nº 478 e vol. 4, lv. 55, nº 605. Este hadith está também registado com uma ligeira variação dizendo que Waraqa escreveu em Hebraico e não em Árabe. (Ver *The Correct Books of Bukhari*, vol. 1, lv. 1, nº 3).
7. Ibn Kathir, *The Beginning and the End*.
8. Esta história foi contada por Aisha, a segunda esposa de Maomé, que disse tê-la ouvido do próprio. Tanto Os Livros Correctos de Muslim como os Livros Correctos de Bukhari incluem-na nas suas colecções com diferenças menores entre si. Ver Os Livros Correctos de Bukhari, vol. 8, lv. 87, nº 111 e vol. 1, lv. 1, nº 3; Os Livros Correctos de Muslim, lv. 1, nº 301.
9. Este aspecto da história foi narrado por Abdullah bin al Zubair, filho de um dos amigos mais íntimos de Maomé. Está registada em Ibn Hisham, vol. 1, pt. 2, p. 73.
10. Ibn Hisham, vol. 1, pt 2, p. 73.
11. *The Correct Books of Bukhari*, vol, 1, lv. 1, nº 3 e vol. 6, lv. 60, nº 478.
12. *Ibid.*, vol. 9, lv. 87, nº 111. Narrado por Aisha.
13. *The Correct Books of Muslim*, lv. 1, nº 307. Contado por Jabir.
14. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 1, lv. 1, nº 3.

CAPÍTULO 6
A REACÇÃO DAS PESSOAS ÀS MENSAGENS

1. Ibn Ishaq, pp. 111, 114.
2. Ibn Hisham, vol. 1, pt. 2, p. 91.
3. Ibn Ishaq, pp. 115.
4. Ibid. P. 112.
5. Ibid. P. 118.
6. Ibid. P. 119.
7. Ibid. P. 131.
8. Ibid. P. 145.
9. Ibn Hisham, vol. 1, parte 2, p. 222-. Ibn Ishaq, *The Life of Muhammad*, p. 159-.
10. Ibn Ishaq, p. 160.
11. Ibid., p. 191.
12. Ibid., pp. 194-195.
13. Ibid., p. 194.
14. Ibid., p. 203. Na história islâmica, este acontecimento é referido como a “segunda dedicação da Caaba”.
15. Ibid., p. 204.

CAPÍTULO 7
DIFUNDINDO A MENSAGEM

1. Ibn Kathir, *The Beginning and the End*, vol. 2, pt. 3, p. 215.
2. Ibn Ishaq, p. 324-.

3. Ibid., p. 280.
4. Ibid., pp. 2281-286.
5. Ibid., p. 297.
6. Ibid., pp. 659-660.
7. Ibid., p. 368.
8. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 5, lv. 59, nº 447.
9. *The Correct Books of Muslim*, lv. 19, nº 4347.
10. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 7, lv. 62, nº 88. Contado por Ursa.

CAPÍTULO 8 OS ÚLTIMOS DIAS

1. Ibn Ishaq, p. 557.
2. Ibn Khatir, *The Beginning and the End*, vol. 2, pt. 3, p. 53.
3. Ibn Ishaq, p. 548.
4. Ibn Khatir, *The Beginning and the End*, vol. 2, pt. 4, p. 302.
5. Ibid., vol. 2. pt. 4, p. 289.
6. Ibid., vol. 2. pt. 3, p. 288.
7. *The Correct Books of Muslim*, lv. 19, nº 4395.
8. Ibn Ishaq, pp. 627-652. Ver também *Al-Tijab al-Najar* (*A Biografia do Profeta*) em Árabe (Caqiro, 1979).
9. Ibn Hisham, vol. 3, pt. 6, pp. 13-14. Ver também Ibn Ishaq, *The Life of Muhammad*, p. 652-.
10. Ibn Hisham, vol. 3, pt. 6, pp. 13-14; tradução do autor. Ver

também *The Correct Books of Muslim*, lv. 019, nº 4380. A narração em Muslim é ligeiramente diferente da de Ibn Hisham.

11. *The Correct Books of Muslim*, lv. 7, nº 2802.
12. Ibn Hisham, pt, 6, vol. 3, p. 8; tradução do autor.
13. Ibn Ishaq, p. 516. Ver também Ibn Hisham, vol. 2, pt. 4, p. 309.
14. Ibn Ishaq, p. 679-.

CAPÍTULO 9 CRONOLOGIAS

1. As datas destas cronologias foram extraídas de *Life Application Bible* (Netherlands: Tyndale House Publishers, 1999). O ano exacto do nascimento de Jesus é tema de debate entre eruditos cristãos. Nas décadas passadas, acreditava-se que Jesus nascera em 3 ou 2 a.C. e, portanto, teria sido crucificado e teria ressuscitado com cerca de 33 anos. A actual erudição do Novo Testamento coloca o Seu nascimento em 4 a.C. (Ben Witherington III, *New Testament History*) ou 6 ou 5 a.C. (*Life Application Bible*). A ordem dos itens indicados na cronologia provém de “Summary of the Travels and Acts of Jesus”, de Gordon Smith de Plenarth, Reino Unido. Este material ainda não foi publicado, mas pode ser consultado na Internet como em Christian Classics Ethereal Library, em www.ccel.org/bible/phillips/JBPhillips.htm. O leitor deve tomar conhecimento da metodologia usada por Gordon na sua cronologia. Escreveu ele:
As muitas viagens diferentes e actos de Jesus foram reunidos e dispostos para seguir o que é conhecido como “harmonias dos evangelhos”, que procuram colocar os eventos da vida de Jesus numa ordem cronológica.
Como os Evangelhos foram escritos não como biografias históricas, mas como colecções de material de ensino destinado a diferentes audiências — Judeus, Romanos, Gregos, todo o mundo — nunca haverá um acordo completo entre as harmonias.
Ao dispor os Evangelhos deste modo, quaisquer diferenças entre as diversas harmonias foram esbatidas assumindo as seguintes regras gerais:

O Evangelho de Marcos está por ordem de data;
 O Evangelho de Lucas está em geral por ordem cronológica,
 mas há discrepâncias. Estas podem dever-se ao facto de ter de
 reconciliar diversos relatos escritos e de testemunhas oculares;
 Mateus agrupou algum do seu material para satisfazer os seus
 alvos de ensino. Assim, a sua ordem nem sempre é
 cronológica;

A relação do material de João com os três Evangelhos
 Sinópticos foi desenvolvida pela pesquisa ao longo dos dois
 últimos séculos. Embora haja ainda desacordos, estas relações
 são assumidas como sendo genericamente fiáveis.

Gordon Smith, engenheiro reformado, é agora historiador naval,
 escritor e conferencista, que passou três anos a examinar os
 Evangelhos, a fim de compilar esta informação.

CAPÍTULO 10 AS SUAS MENSAGENS AO MUNDO

1. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 4, lv., 56, nº 735.
2. Ibn Hisham, vol. 1, pt. 1, p. 302.
3. Ibn Hisham, vol. 3, pt. 6, p. 8.
4. *The Correct Books of Muslim*, lv. 1, nº 413.
5. *Sahih Muslim*, nº 2259.
6. *Sahih Muslim*, nº 1321. Ver também *The Correct Books of Muslim*, lv. 4, nº 1214.
7. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 9, lv. 87, nº 145. Contado por Kharija bin Zaid bin Thabit.
8. Dr. Haykyl, *Men Around the Messenger* (Cairo, Egipto; Dar Al-Nahadah Publishers, 1972).
9. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 5, lv. 58, nº 245.
10. Haykyl, *Men Around the Messenger*.

11. *Sahih al-Bukhari*, nº 372, vol. 2, p. 208. Ver também *The Correct Books of Bukhari*, vol. 2, lv. 23, nº 372.
12. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 4, lv. 55, nº 549. Narrado por Abdullah.

CAPÍTULO 11

OS SEUS ENSINOS UM SOBRE O OUTRO

1. *The Correct Books of Muslim*, lv., 30, nº 5836. Ver também *The Correct Books of Bukhari*, vol. 4, lv. 55, nº 652. Narrado por Abu Haraira.
2. Ver também *The Correct Books of Bukhari*, vol. 4, lv. 55, nº 644, em que Maomé descreve Jesus como servo de Alá.
3. Ver também *The Correct Books of Bukhari*, vol. 6, lv. 60, nº 105.
4. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 4, lv. 55, nº 654. Narrado por Umar.
5. Estas pesquisas foram realizadas no website da University of Southern California. O seu motor de busca incorpora três versões populares do Alcorão.
6. *The Correct Books of Muslim*, lv. 26, nº 5428.

CAPÍTULO 12

CURAS E MILAGRES

1. No Alcorão, a palavra *Nós* costuma ser usada em referência a Alá. Ela é usada para veicular um sentido de grandeza, não para sugerir que haja mais do que um deus.
2. Ibn Khatir, *The Beginning and the End*, vol. 2, pt. 3, p. 190.
3. *The Correct Books of Muslim*, lv. 26, nº 5432.
4. Ibn Ishaq, p. 280, Ver também Ibn Hisham, vol. 2., pt 3, pp. 132-133.

5. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 2, lv. 23, nº 390. Narrado por Anas bin Malik.
6. Ibn Khatir em Árabe, *The Beginning and the End*, vol. 3, pt. 6, p. 154. Narrado por Ibn Abass.
7. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 6, lv. 60, nº 390. narrado por Anas.
8. *Ibid.*, vol. 4, lv. 56, nº 780.
9. *Ibid.*, vol. 4, lv. 56, nº 779.
10. *Ibid.*, vol. 4, lv. 56, nº 777.
11. *Ibid.*, vol. 1, lv. 7, nº 340.
12. *Ibid.*, vol. 8, lv. 73, nº 115.
13. *Ibid.*, vol. 1, lv. 8, nº 454.
14. *Ibid.*, vol. 4, lv. 56, nº 783.
15. *Ibid.*, vol. 4, lv. 56, nº 814.
16. *Ibid.*, vol. 3, lv. 39, nº 517.
17. *Ibid.*, vol 5, lv. 58, nº 227.

CAPÍTULO 13

O SIGNIFICADO DE GUERRA SANTA

1. Al-Ghazali, *The Revival of Religious Science* (Beirute, Líbano; *Dar al-Maharifa*), vol., 1, p. 172. Al-Ghazali viveu no século doze e foi o fundador do movimento do sufismo islâmico. O seu livro não indica a fonte principal desta anedota.
2. Syed Maududi, *The Meaning of the Quran* [O Significado do Alcorão], introdução à Sura 9, consultado no website da University of Southern California,

<http://www.usc.edu/dept/MSA/quran/maududi/mau9.html>
(consultado a 2 de Fevereiro de 2004).

3. Al-Nisai, vol. 3, pt. 6, p. 5. hadith nº 3.087. Narrado por Abu Hariara. Al-Nisai é um dos seis livros correctos de hadith.
4. *The Correct Books of Muslim*, lv. 20, nº 4681. A tradução foi narrada sob a autoridade de Abdullah b. Qais. Ouviu-a do pai.
5. Ibn Hisham, vol. 2, pt. 4, p. 51.
6. Joey Green, *Jesus and Muhammad: The Parallel Sayings* (Berkeley, CA: Ulysses Press, 2003).

CAPÍTULO 14 ENSINOS SOBRE O AMOR

1. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 8, lv. 81, nº 768. Narrado por Abu Salama.
2. *Ibid.*, vol. 8, lv. 81, nº 778. Narrado por Aisha.

CAPÍTULO 15 ENSINOS SOBRE A ORAÇÃO

1. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 1, lv. 8, nº 345.
2. Os tempos são calculados segundo diferentes sistemas, pelo que podem variar de uma mesquita para outra.
3. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 1, lv. 11, nº 617. Narrado por Abu Haraira.
4. *Ibid.*, vol. 4, lv. 492. narrado por Abdullah.
5. Sunan ibn Majah, vol. 1, p. 412. Este é um dos seis livros correctos de hadith.
6. A oração nephil pode ser oferecida antes ou depois do primeiro tempo de oração, mas não de novo antes da chamada para a segunda oração. Pode realizar-se uma raka'ah extra entre a

segunda e a terceira oração, mas não entre a terceira e a quarta. Finalmente, raka'ahs extras são permitidas entre as quarta e quinta orações e durante toda a noite entre a quinta oração e a primeira.

7. *The Correct Books of Muslim.*, lv. 4, nº 1366.

CAPÍTULO 16

ATTITUDES PARA COM AS MULHERES

1. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 1, lv. 8, nº 345.
2. *The Correct Books of Muslim*, lv. 4, nº 1032. Narrado por Abu Dharr.
3. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 1, lv. 9, nº 490. narrado por Aisha.
4. *Ibid.*, vol. 7, lv. 62, nº 31. Narrado por Ibn Umar.
5. *Ibid.*, vol. 1, lv. 62 nº 301. Narrado por Abu Said Al-Khudri.
6. *Ibid.*, vol. 3, lv. 48, nº 826. Narrado por Abu Said Al-Khudri.
7. *Ibid.*, vol. 6, lv. 60, nº 317.
8. *Ibid.*, vol. 6, lv. 60, nº 313.
9. *Ibid.*, vol. 6, lv. 60, nº 282. Narrado por Safiya bint Shaiba.
10. *The Correct Books of Muslim*, lv. 8, nº 3432. Narrado por Abu Sa'id al-Khudri. Ver também *Sahih Muslim*, vol, 2, pt. 2, nº 3608.
11. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 7, lv. 62, nº 121. Narrado por Abu Huraira. Ver também *Sahih al-Bukhari*, nº 3608.
12. Por exemplo, ver *The Correct Books of Muslim*, lv. 9, nº 3527.
13. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 7, lv. 62, nº 88. Narrado por Ursa.

14. *Ibid.*, vol. 6, lv. 60, nº 274. Narrado por Aisha.
15. Ibn Kathir, *The Quran Commentary* (Mansura, Egípto: Faith Library, 1996), vol. 3, pt. 6, p. 239.
16. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 9, lv. 93, nº 516. Narrado por Anas.
17. Ibn Jarir, *The History of Messengers and Kings*, vol. 3, p. 251. Ver também *The Correct Books of Bukhari*, vol. 2, lv. 14, nº 8.
18. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 4, lv. 52, nº 143 e Ibn Ishaq em Inglês, p. 511.
19. Ibn Ishaq, p. 517.
20. Ibn Kathir, *The Beginning and the End*.
21. *Ibid.*
22. *Ibid.*
23. *The Correct Books of Muslim*, lv. 9, nº 3498 e 3506. Ver também *The Correct Books of Bukhari*, vol. 6, lv. 60, nº 309.

CAPÍTULO 17

COINCIDÊNCIAS INTERESSANTES

1. *The Correct Books of Bukhari*, lv. 17, nº 4206, paráfrase do autor.
2. Abu Mawdudi, *Introduction to the Surahs*, Sura 80.
3. Ibn Ishaq, pp. 569-570. Ver também Sura 9:25-27.
4. Ibn Hisham, vol. 1, pt. 2, p. 222.

CAPÍTULO 18

UMA COMPARAÇÃO DE ENSINOS PRÁTICOS

1. *The Correct Books of Muslim*, lv. 17, nº 4230; ver também *Sahih Muslim*, vol. 3.

2. Ibid., lv. 1, nº 79. Narrado sob a autoridade de Tariq b. Shihab.
3. *The Correct Books of Bukhari*, vol. 9, lv. 92, nº 445. narrado por Ibn Umar. Ver também *Sahih al-Bukhari*, vol. 4, nº 6614.

APÊNDICE A

AS FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE JESUS E MAOMÉ

1. Ver *The Correct Books of Bukhari*, vol. 8, lv. 81, nº 768 para esta história.
2. Introduções às traduções de *The Correct Books of Bukhari* e *The Correct Books of Muslim* no website da University of Southern California (consultado a 17 de Dezembro de 2003).
3. Al-Tabari, *The History of the Kings and the Prophets*.
4. Lee Strobel, *The Case for Christ* (Zondervan: Grand Rapids, MI, 1998), p. 58. A informação fornecida baseia-se na entrevista com o afamado erudito do Novo Testamento, Bruce Metzger.
5. *Life Application Bible* (Wheaton, IL.: Tyndale House, 1998). Ver a introdução a cada Evangelho.

APÊNDICE B

OS ENSINOS ISLÂMICOS RESPEITANTES ÀS PROFECIAS BÍBLICAS SOBRE MAOMÉ

1. *The Noble Quran*, nota de rodapé da Sura 7:158.

Bibliografia

Em Inglês

Ibn Ishaq. *The Life of Muhammad: A Translation of Ibn Ishaq's Sirat Rasul Allah*. Traduzido por A. Guillaume. Karachi, Paquistão, Oxford University Press, 16ª edição, 2003. Esta é a tradução inglesa do livro referido na secção árabe desta bibliografia como Ibn Hisham. Ibn Hisham foi um homem que surgiu alguns anos depois de Ibn Ishaq a cujo livro acrescentou algumas notas. Os Muçulmanos referem-se a esta obras dizendo quer Ibn Ishaq, quer Ibn Hisham.

Jeffrey, Grant R. *Jesus: The Great Debate*. Nashville, TN: Word, 1999.

Life Application Bible. Versão árabe. Países Baixos: Tyndale House Publishers, 1999.

Sahih al-Bukhari (The Correct Books of Bukhari). Tradução inglesa do Dr. Muhammad Muhasin Khan. O material foi consultado no website da University of Southern California, em 2003.

Sahih Muslim (The Correct Books of Muslim). Tradução inglesa de Abdul Hamid Siddiqui. Dois recentes editores: Kitab Bhaven, Nova Delhi, Índia, 2000 e Kazi Publications in Chicago, IL, 1976. O material foi consultado no website da University of Southern California, em 2003.

Strobel, Lee, *The Case for Christ*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998.

The Holy Bible, New International Version, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1973, 1978, 1984.

EM ÁRABE

Ibn Hisham, *The Life of Muhammad*, 3ª ed., Beirute, Líbano: *Dar-al-Jil*, 1998. Este é o mesmo livro que o referido pelo nome de Ibn Ishaq na secção da língua inglesa desta bibliografia.

Ibn Kathir, *The Beginning and the End*, Beirute, Líbano: The Revival of the Arabic Tradition Publishing House, 2001.

Sahih al-Bukhari. Traduzido por Muhammad Muhsin Khan. Meca, Arábia Saudita: The House of Revival of the Tradition of the Prophethood, 1398 d.H (1978). Este livro está escrito tanto em árabe como em Inglês.

Shih Muslim, Riade, Arábia Saudita: Peace Publishing House, 1999.

Shalaby, Dr. A. *Encyclopedia of Islamic History*, Cairo, Egipto: dar al-Nahadah, 1973.

Credenciais Académicas do Autor

As credenciais académicas do Dr. Gabriel em estudos islâmicos incluem:

- ♦ Bacharelato, licenciatura e doutoramento em História e Cultura Islâmicas pela Universidade Al-Azhar, Cairo, Egipto.
- ♦ Segundo classificado no seu curso de bacharelato de seis mil alunos. Esta classificação baseou-se na pontuação acumulada de exames orais e escritos realizados no final de cada ano escolar.
- ♦ Um dos mais jovens professores jamais contratado pela Universidade Al-Azhar. Começou a leccionar depois de terminar a licenciatura e já a trabalhar na conclusão do seu doutoramento.
- ♦ Conferencista itinerante. A universidade enviou-o a países do Médio Oriente como conferencista de história islâmica.

A Universidade Al-Azhar é a mais respeitada e conceituada universidade islâmica do mundo. Tem estado em actividade contínua durante mais de mil anos.

A par da sua formação académica, o Dr. Gabriel possui experiência prática, servindo como imã numa mesquita dos subúrbios do Cairo.

Depois de o Dr. Gabriel se tornar Cristão, prosseguiu uma educação cristã. As suas credenciais em educação cristã incluem:

- ♦ Escola de Formação de Discipulado com Juventude com uma Missão, na cidade do Cabo, África do Sul.
- ♦ Licenciatura em Religiões do Mundo pela Universidade Cristã da Florida, em Orlando, Florida (2001).
- ♦ Doutoramento em Educação Cristã pela Universidade Cristã da Florida em Orlando, Florida (2002).
- ♦ Aceite como membro da Oxford Society of Scholars, Setembro de 2003.